

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Alexandre Blankl Batista

“Mentores da Nacionalidade”:
a apropriação das obras de Euclides da Cunha,
Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado

Porto Alegre
2006

Alexandre Blankl Batista

“Mentores da Nacionalidade”:
a apropriação das obras de Euclides da Cunha,
Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientação:
Prof^a. Dr^a. Carla Simone Rodeghero

Porto Alegre
2006

Alexandre Blankl Batista

“Mentores da Nacionalidade”:
a apropriação das obras de Euclides da Cunha,
Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Porto Alegre _____ de 2006

Prof. Dr. René E. Gertz

Prof. Dr. Temístocles Cezar

Prof. Dr. João Fábio Bertonha

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em História, respectivamente, pela minha formação acadêmica e pela acolhida ao projeto de pesquisa. Ao CNPq pelo auxílio financeiro concedido, sem o qual esse trabalho não poderia ter sido realizado. Também sou grato à FAPERGS, a qual concedeu a bolsa de iniciação científica que me permitiu trilhar os primeiros passos no caminho que levou a este estudo.

Ao professor René Gertz pela sua orientação no tempo de graduação e mesmo nesta fase de Mestrado, emprestando sempre sua erudição e sua atenção incondicional aos alunos. Aos professores do Pós-Graduação que, de uma maneira ou de outra, colaboraram, através de sugestões, com o desenvolvimento da pesquisa. Em especial a Cesar Guazzelli, a Benito Schmidt, a Regina Xavier e a Carla Brandalise.

A Carla Rodeghero, pela amizade, orientação segura e por ter me estimulado a pensar, sistematizar, problematizar, corrigir e teorizar o conteúdo da dissertação, marcando não apenas a feitura desta empreitada, mas também a minha própria formação em História.

Um agradecimento especial aos amigos que revisaram o texto, Alessandra Gasparotto (que também me ajudou a preparar o resumo em língua estrangeira), Ângela Flach, Daniel Milke e Vinícius Rambor. A todos os colegas que ingressaram no Programa de Mestrado em 2004 e que dividiram comigo as angústias e as alegrias da “escrita da história”. Também me valeu a ajuda dos funcionários do Arquivo Municipal de Rio Claro e dos membros da Lista *Geint*, na *Internet*.

Aos colegas que fazem ou fizeram parte do *Centro de Documentação sobre a AIB e o PRP*: Ângela Flach, Carla Silva, Claudira Cardoso, Daniel Milke, Fabienne Cruz, Gilberto Calil, Gustavo Coelho, Irma Bueno, Márcia Stormowski, Rodrigo Oliveira e Tiago Vanin. A todos sou grato pelo apoio, ajuda, incentivo e aprendizado em conjunto. Como diz a Carla Silva, “espero que continuemos aprendendo juntos”.

A Cristina, pela paciência e incentivo.

Aos meus pais, a quem devo tudo.

Resumo

O trabalho trata da apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado, líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), na década de 1930. Tais autores eram citados em conjunto pelo líder da AIB para justificar uma referência eminentemente nacional do integralismo. Procurou-se analisar a leitura particular que Salgado fez do pensamento e da biografia desses pensadores, tendo como referência outras apropriações feitas por intelectuais da geração de Salgado, bem como os estudos mais recentes que se ocuparam em interpretar as idéias daqueles autores.

Palavras-chave: Plínio Salgado; Intelectuais; Integralismo; Apropriação.

Abstract

This paper deals with the appropriation of Euclides da Cunha's, Alberto Torres's and Farias Brito's work by Plínio Salgado, the *Ação Integralista Brasileira (AIB)* leader, in the 1930's. These authors were quoted as a whole by the AIB leader to justify an exclusively national reference to *integralismo*. We tried to analyse the personal reading that Salgado made of these authors thoughts and biography, having as a reference other appropriations made by intellectuals of Salgado's generation, as well as the latest studies that tried to interpret these authors ideas.

Keywords: Plínio Salgado, Intellectuals; Brazilian Integralism; Appropriation.

LISTA DE SIGLAS

AIB: Ação Integralista Brasileira

CD-AIB/PRP: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular

FAPERGS: Fundo de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul

GEINT: Grupo de Estudos sobre o Integralismo

PRP: Partido de Representação Popular

SEP: Sociedade de Estudos Políticos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. OS ESTUDOS REALIZADOS SOBRE PLÍNIO SALGADO	15
1.2. PLÍNIO SALGADO E OS INTELLECTUAIS: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	20
2. CAPÍTULO 1 – PLÍNIO SALGADO: ENTRE OS HERÓIS E OS INTELLECTUAIS	29
2.1. O NACIONALISMO E O ESPIRITUALISMO DE SALGADO: HERANÇAS DA EFERVESCÊNCIA CULTURAL DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX NO BRASIL	29
2.2. A CONJUNTURA INTERNACIONAL E A RELAÇÃO COM O FASCISMO	38
2.3. DADOS DA BIOGRAFIA DE PLÍNIO SALGADO: A NOÇÃO DE “HERÓIS DA PÁTRIA”	42
2.4. PLÍNIO SALGADO: O ESCRITOR MODERNISTA	47
2.5. OS HERÓIS NACIONAIS E O PERFIL DE PLÍNIO SALGADO	50
2.6. O CONTRASTE SERTÃO X LITORAL EM EUCLIDES DA CUNHA	57
3. CAPÍTULO 2 – A LEITURA DAS OBRAS DE ALBERTO TORRES POR PLÍNIO SALGADO	67
3.1. AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS ÀS OBRAS DE ALBERTO TORRES NOS ESCRITOS DE SALGADO	67
3.2. A APROPRIAÇÃO DAS NOÇÕES DE NACIONALIDADE E DE RAÇA	72
3.3. A GERAÇÃO DE 1930: OS “DISCÍPULOS” DO PENSAMENTO TORREANO	77
3.4. OS ESTUDOS RECENTES: INCOMPATIBILIDADE ENTRE OS PENSAMENTOS DE SALGADO E TORRES	86
3.5. O MODELO DE ESTADO: AUTORITARISMO X TOTALITARISMO	90
3.6. O MODELO DE ESTADO: PLÍNIO SALGADO, MIGUEL REALE, ALBERTO TORRES	100
4. CAPÍTULO 3 - PLÍNIO SALGADO E O ESPIRITUALISMO EM FARIAS BRITO	107
4.1. CONTROVÉRSIA NA INTERPRETAÇÃO DO PENSAMENTO BRITIANO	107
4.2. A FILOSOFIA DE FARIAS BRITO: UMA ATIVIDADE PERMANENTE DO ESPÍRITO	114
4.3. PLÍNIO SALGADO E O ESPIRITUALISMO DE FARIAS BRITO	119
4.4. A GERAÇÃO CATÓLICA E A APROPRIAÇÃO DAS OBRAS DE FARIAS BRITO	124
4.5. A INTUIÇÃO EM BERGSON	131
4.6. A INTUIÇÃO EM PLÍNIO SALGADO	133
5. APONTAMENTOS FINAIS	137
6. APÊNDICE	142
A APROPRIAÇÃO DOS INTELLECTUAIS BRASILEIROS NO MOVIMENTO INTEGRALISTA	142
7. BIBLIOGRAFIA	152
8. FONTES IMPRESSAS	161
8.1. OBRAS DE PLÍNIO SALGADO	161
8.2. OBRAS DE MIGUEL REALE E GUSTAVO BARROSO	161
8.3. OBRAS E ESTUDOS SOBRE OS INTELLECTUAIS	162

8.4. JORNAIS	164
8.5. REVISTAS.....	164
9. ANEXOS.....	166
9.1. ANEXO 1.....	166
9.2. ANEXO 2.....	167
9.3. ANEXO 3.....	168
9.4. ANEXO 4.....	169
9.5. ANEXO 5.....	170

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das referências nacionais do líder integralista Plínio Salgado apropriadas nas obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito. O caminho que levou à escolha desta temática iniciou com o contato feito junto ao acervo documental do *Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP)*, resultado de dois anos e meio de bolsa de iniciação científica financiada pela FAPERGS. O CD-AIB/PRP dispõe de significativa quantidade de documentação ligada ao integralismo, constituindo-se em um acervo de referência para aqueles que hoje se dedicam ao estudo do tema, não só no Rio Grande do Sul como também fora do Estado. Por essa razão, o acervo, ao longo do tempo, atraiu o interesse de pesquisadores acadêmicos, em sua maioria mestrandos e doutorandos, que divulgaram a existência do Centro fora do Rio Grande do Sul.

Em razão desses contatos, a equipe do CD-AIB/PRP foi convidada a participar de uma lista de discussões na *Internet*, a qual reuniria os acadêmicos interessados na pesquisa do integralismo. A lista foi idealizada em 2000, na época, por um jovem mestrando da USP, Renato Dotta, com o intuito de aproximar os pesquisadores do país inteiro que se dedicavam ao estudo desse tema. Ainda hoje a lista, que tem o nome de GEINT (Grupo de Estudos sobre o Integralismo), é uma importante ferramenta de discussão, de divulgação e de troca de informações sobre os trabalhos que se realizaram e que se realizam nas principais instituições acadêmicas do país relacionados a esta temática.

Por meio dessa lista, foi divulgada a realização do I Encontro de Pesquisadores do Integralismo, na cidade de Rio Claro (SP), em outubro de 2002.¹ O encontro contou com a participação de pesquisadores de diversos Estados como Sergipe, Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. A apresentação dos trabalhos no

¹ O II Encontro de Pesquisadores do Integralismo foi realizado em Porto Alegre, na PUCRS, em outubro de 2003. O III Encontro foi realizado em novembro de 2005, em Ponta Grossa (PR).

encontro motivou também a publicação de anais, no formato de artigos, em livro editado pelo Arquivo Público Municipal de Rio Claro, levando o sugestivo título de *Integralismo: Novos estudos e reinterpretações*.²

Nossa presença no encontro de Rio Claro serviu para a escolha definitiva do tema de pesquisa em questão, principalmente pelo apoio e sugestão dos colegas em relação ao estudo dos intelectuais brasileiros apropriados por Plínio Salgado. A estadia na cidade foi importante também, não apenas pela troca de experiências acadêmicas, mas pelo contato que tivemos com o Arquivo Municipal. Essa cidade, na época de atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB), havia sido reconhecida pelo “Chefe Nacional” como segunda cidade integralista, título dado em função do número crescente de militantes naquele momento. Não sabemos se por esta ou outra razão o acervo particular de Plínio Salgado ficou sob a guarda do Arquivo do município de Rio Claro. Mas o fato é que esse acervo se constitui, atualmente, como um dos mais ricos que guardam documentos referentes ao integralismo.

Em viagem recente, feita em março de 2005, fomos a Rio Claro com o intuito de encontrar edições do jornal *A Razão*, de 1931, um esforço para pesquisar os escritos de Salgado imediatamente anteriores à criação da AIB e os originais de livros do dirigente integralista da década de 1930. A utilização das fontes do acervo em Rio Claro foi necessária em virtude da escassez de material no Rio Grande do Sul referente ao integralismo na década de 1930.

O Encontro de Rio Claro proporcionou ainda outras percepções em relação à temática em questão, a respeito do estudo das referências nacionais do integralismo de Plínio Salgado presentes nas idéias da tríade de intelectuais citada. Daquela ocasião, lembramos dos depoimentos prestados no encontro por ex-militantes integralistas que “exigiam” o reconhecimento, por parte dos pesquisadores e da sociedade brasileira, da referência nacional do integralismo. Uma das palestras, ministrada pelo ex-militante João Batista de Carvalho, chamou a atenção pelos seus dizeres: “Nós não líamos nada a respeito do fascismo. Líamos os livros de pensadores nacionais como Alberto Torres e Oliveira Vianna”.³

² DOTTA, Renato; POSSAS, Lúcia; CAVALARI, Rosa (Orgs.). *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004.

³ A participação de integralistas no Encontro de Pesquisadores, como depoentes, motivou discussões constrangedoras do público pesquisador com os ex-militantes do movimento. Alguns detalhes desse episódio estão contados no artigo do professor João Fábio Bertonha, presente no livro produzido a partir do Encontro

Os depoentes, nessa oportunidade, estavam agindo de forma similar a de Salgado quando tentava defender sua doutrina, dando-lhe os fundamentos de uma referência local. É interessante contemplar o que os militantes percebem ainda da natureza de seu movimento, principalmente depois de mais de 70 anos da criação do integralismo. Certamente, muitos deles não se consideram fascistas, ou negam que a AIB tenha sido fascista. Mas estariam eles agindo coerentemente com as ações da AIB nos anos trinta? Não é neste trabalho que pretendemos analisar as percepções dos militantes e de outros integralistas, de modo a abranger o estudo do movimento. Cabe-nos, aqui, investigar parte do discurso e das ações de Plínio Salgado e os condicionantes que construíram a sua visão oficial em relação à doutrina do sigma. Mesmo assim, embora não tenhamos focado o estudo no integralismo em si, como um complemento, no Apêndice, acrescentamos algumas considerações de como foi o reflexo, de modo geral, dessa visão oficial do líder integralista para o movimento camisa-verde.

A Ação Integralista Brasileira, primeiro movimento de massas do Brasil, criada em 1932, é conhecida e identificada como fascista, ou, pelo menos, identificada como um movimento de extrema direita, comparada, dessa forma, às correntes políticas autoritárias de origem européia. Apesar disso, verificamos na AIB a presença de um pensamento com referência nacional, que tem como fonte certos intelectuais brasileiros, importantes para a orientação doutrinária dos integralistas. Tal pensamento, que buscava uma origem nacional, foi transmitido ao movimento por Plínio Salgado, líder da AIB, e era atribuído, principalmente, às “influências” das obras de Euclídes da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito.

É importante ressaltar que, mesmo com o acréscimo desse “pensamento local”, a AIB não deixa de ser caracterizada como “fascista”. Esse é um fundamental avanço às observações feitas por Renzo De Felice, autor que entendia o fascismo como um fenômeno eminentemente europeu.⁴ Como destaca Juan Linz: “Ao mesmo tempo em que discordamos de De Felice, que afirma serem os fascismos fora da Itália pouco mais que imitações apagadas, ridículas e mal sucedidas, sustentamos que ele está certo quando salienta as diferenças importantes entre esses movimentos”.⁵ Da mesma forma, Hélió Trindade afirma que o fascismo brasileiro “parece responder à objeção de De Felice sobre os limites

de Pesquisadores do Integralismo: BERTONHA, João Fábio. Integralistas e pesquisadores do integralismo: o embate entre Memória e História. In: *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*, op. cit, pp. 155-166.

⁴ DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1976.

européus do fenômeno fascista. O Integralismo consegue reproduzir os traços característicos dos movimentos fascistas europeus, mas, ao mesmo tempo, não se limita a ser uma mera imitação político-ideológica”.⁶ Assim, esses elementos locais do integralismo, antes de serem caracteres que o afastem de seu congênere europeu, explicam a gênese e as particularidades de sua ideologia.

Em função disso, e em razão de nos parecer um tema instigante de pesquisa, principalmente para entender o significado dessas referências e elementos locais, é que nos debruçamos sobre as leituras brasileiras de Plínio Salgado. Esperamos que as fontes de pesquisa aqui estudadas (livros e artigos do dirigente integralista, além dos livros dos intelectuais e estudos a respeito de suas obras) possam responder às nossas problematizações e, desta forma, desvendar características relevantes do pensamento de Salgado em relação a esse pensamento de referência local manifesto no integralismo.

Para Plínio Salgado, cada um desses intelectuais carregava virtudes grandiosas, motivo pelo qual suas biografias e suas contribuições escritas foram inúmeras vezes mencionadas por ele como sendo a fonte de inspiração para a criação do integralismo. A referência que Plínio Salgado buscou nesses autores brasileiros foi anterior ao ato de criação deste movimento de extrema direita. Diante disso, podemos notar nos escritos de vários momentos da trajetória intelectual de Salgado a menção às idéias desses intelectuais, o que evidencia, antes de uma referência para o integralismo, um elemento importante para a constituição de seu próprio pensamento.

Este raciocínio, apesar de parecer uma obviedade, pode propiciar uma problemática interessante, principalmente se considerarmos o contraste entre as idéias de Plínio Salgado e as idéias de outros dirigentes integralistas. Mesmo se, em um primeiro momento, aceitarmos que as concepções de Salgado a respeito de Estado, nação, raça e história foram apropriadas de intelectuais brasileiros como Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito, não podemos generalizar e classificar o integralismo como um movimento homogêneo em relação às idéias e às propostas políticas, supondo, assim, uma possível unidade interna. Um exemplo disso é a distinção que encontramos entre Gustavo Barroso, um dos dirigentes integralistas, que pregava abertamente o anti-semitismo, e o próprio Plínio Salgado, para quem o anti-semitismo não era um motivo preponderante de

⁵ LINZ, Juan. Prefácio à segunda edição. In: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979, p. X.

⁶ TRINDADE, Héglio. *O Nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 65.

preocupação.⁷ O dirigente maior do integralismo preferia ressaltar o encontro de etnias e a valorização das diversas raças presentes no Brasil, posição, aliás, semelhante à adotada por Alberto Torres em seu livro *O problema nacional brasileiro*.⁸

Por essa razão - a falta de homogeneidade no pensamento das lideranças - preferimos analisar a apropriação de Plínio Salgado em relação aos intelectuais anteriormente mencionados, considerando suas idéias e suas biografias como referência para o dirigente máximo do integralismo antes do que, propriamente, para a AIB, movimento que envolveu um manancial mais amplo de conceitos e idéias. Isso não significa, no entanto, que o integralismo ficará à margem dos objetivos de investigação deste trabalho. A personalidade, em diversos momentos, conciliadora de Salgado, que dizia desejar ser apenas um ideólogo, mas que, ao mesmo tempo, conquistou o carisma de “Chefe” desse movimento, indica um caráter ambíguo que acompanha toda sua trajetória intelectual.

Plínio Salgado, antes da constituição da AIB na década de trinta, já tinha em mente muitas das concepções que o integralismo iria adotar. Ele sempre fez questão de ressaltar as origens da AIB, movimento, segundo Salgado, de referências nacionais e preocupado com os problemas brasileiros, exaltando o caráter nacionalista do integralismo. Essa visão, a qual denominaremos de “visão oficial”, não foi questionada apenas em âmbito acadêmico, com os estudos que apontaram a AIB como um movimento fascizante. Alguns jornais de época e os discursos dos inimigos políticos dos integralistas impuseram o cunho de fascista para referirem-se ao movimento.

Não era difícil identificar traços semelhantes entre o fascismo italiano e o integralismo brasileiro. Ambos pregaram acirradamente a bandeira do nacionalismo; posicionaram-se como uma via alternativa frente ao liberalismo e ao comunismo; tinham milícias organizadas e um Chefe que centralizava o comando. Além disso, havia a

⁷ “Entre os ideólogos do partido, o anti-semitismo foi um tópico central apenas na obra de Barroso. Era menos explícito nos textos doutrinários de Miguel Reale e Plínio Salgado, que não atacavam os imigrantes judeus no Brasil, mas o ‘capitalismo e o comunismo judaicos internacionais’. No caso de Barroso, tratava-se de um anti-semitismo influenciado pelo catolicismo de extrema direita francesa do século XIX, que responsabilizava o judaísmo pela ruptura com o idealizado mundo medieval e pré-moderno. Salgado chegou a censurar a difusão do anti-semitismo de Barroso na Imprensa integralista. Afinal, o anti-semitismo, entre outros aspectos, era utilizado pelo chefe das milícias integralistas como um instrumento de competição política com Plínio Salgado. A disputa pela liderança do movimento integralista caminhou *pari passu* com a radicalidade do discurso anti-semita de Barroso”. MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICS, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 56.

semelhança na ritualística e no uso de uniformes. Em suas vestimentas destacava-se a cor verde, sendo que os integralistas eram conhecidos como camisas-verdes, congêneres à designação da *camiccia nera* dos fascistas de Mussolini, que tinham a cor preta como predominante no uniforme, ou da camisa parda adotada pelos nazistas. Apesar disso, Salgado negava a influência fascista, admitindo ser o seu movimento um co-irmão do partido europeu, porém apenas concernente à proposta de organização estatal.⁹

Já na década de 1930, havia duas visões a respeito do movimento: a daqueles que o observavam de fora e a daqueles que absorviam o discurso oficial através da imprensa integralista e dos livros de Plínio Salgado. Essa última, a visão oficial, legitimaria a referência nacional da AIB e daria voz aos pensadores nacionais no seio do discurso do principal dirigente integralista. Cabe, então, investigar como esses pensadores eram utilizados no discurso de Salgado, através de escritos do mesmo, para assim melhor analisar a sua versão da doutrina, segundo a qual o integralismo foi um movimento de referências eminentemente nacionais. Da mesma maneira, é preciso levar em conta a identificação já comentada de características fascistas no movimento, não nos deixando induzir, assim, pela “visão oficial”.

Um ponto de partida para identificar a presença dessa referência nacional, sem dúvida, pode ser a recuperação de alguns aspectos da trajetória pessoal e intelectual de Salgado antes do lançamento do manifesto de 1932 que oficializou a criação da AIB. A trajetória pessoal indica alguns traços interessantes que mostram indícios de suas concepções políticas e intelectuais. Desde o início de seus estudos políticos, Plínio Salgado mostrou uma certa ambigüidade: quando começou a interessar-se pelo materialismo não abandonou o catolicismo; mesmo quando se dedicou aos romances não abandonou o ideal político, por vezes dispensável em obras de literatura; se interessou pelo herói mas hesitou em internalizar o posto de condutor das massas; negou o fascismo mas o reconheceu como um partido que tendia a se transformar naquilo que era o seu ideal de movimento político. Todas essas posturas ambíguas apontam para uma certa tendência de mediador por parte de Salgado, fator que se refletiu enquanto ele dirigiu a AIB.

⁸ TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933 [1ª ed. de 1914]

⁹ SALGADO, Plínio. *O sofrimento universal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1934, pp. 105-110.

1.1. Os estudos realizados sobre Plínio Salgado

Vários estudos já foram feitos sobre a Ação Integralista Brasileira. Para nosso trabalho, no entanto, destacaremos quatro que julgamos de interesse específico, pois se debruçam sobre o pensamento de Plínio Salgado, tendo sido elaborados durante as décadas de 1970 e 1980. O precursor desses estudos foi Héglio Trindade, que apresentou sua tese de doutorado na Universidade de Paris em 1971, publicada no Brasil com o título: *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*.¹⁰ Além de constituir uma ótima análise sobre a doutrina integralista e sobre o contexto histórico que permitiu a criação da AIB, o estudo avança bastante em relação ao desenvolvimento intelectual do líder integralista. Trindade trata de explicar a “emergência do Chefe” (Plínio Salgado) na sociedade brasileira da década de 1920, sua “mutação ideológica” ao longo da década de trinta e sua “formação política”. Uma importante contribuição de Trindade é identificar a “metamorfose ideológica” de Salgado após o futuro Chefe integralista ter visitado o Oriente e a Itália fascista em 1930.

Além disso, o autor atribui um peso maior à experiência literária de Salgado em relação à sua experiência política: “Pode-se, pois, legitimamente concluir que o engajamento literário representou uma experiência mais crucial para Salgado do que sua participação em atividades políticas”.¹¹ Para o autor, o integralismo é a espécie de junção entre uma concepção autoritária e espiritual brasileira e o fascismo europeu. Para mostrar a “influência” de pensadores nacionais para o integralismo, o autor remonta uma espécie de panorama intelectual brasileiro do pós-guerra. Mostra que, dentro desse “panorama intelectual”, surgiram pensadores como Alberto Torres, Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Alberto de Faria, Tristão de Athayde, Oliveira Viana, entre outros, que repercutiram no pensamento do líder integralista. Trindade, no entanto, não aprofunda a análise de quais seriam as aproximações e distanciamentos das concepções teóricas dos intelectuais citados por ele e Plínio Salgado.

Mais tarde, no final da década de 1970, mais dois significativos estudos se seguiram à obra de Trindade: o de Gilberto Vasconcelos e o de José Chasin. Gilberto Vasconcelos interpreta a ideologia integralista sob a perspectiva de um fascismo mimético, mas com características particulares.¹² Para o autor, os principais pressupostos da AIB já estavam

¹⁰ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

¹¹ *Idem*, p. 55.

¹² VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

presentes nas manifestações do modernismo, através da participação de Salgado nas correntes nacionalistas do *verde-amarelismo* e da *Anta*. O autor conclui que em um país periférico e dependente das influências econômicas externas como o Brasil, país submetido ao capitalismo internacional, foi impossível para a AIB ter se mantido com um discurso independente do fascismo europeu. Dessa forma, apesar do discurso de independência ideológica, o fator periférico determinou o caráter mimético do movimento. Para o autor, apesar das referências literárias nacionais de Plínio Salgado e da constituição autóctone da AIB, o movimento teve de mesclar seu discurso nacional com o fascismo.

Vasconcelos não se preocupou em analisar as referências de Salgado em relação aos pensadores autoritários como Alberto Torres e Oliveira Viana ou aos intelectuais espiritualistas como Farias Brito e Jackson de Figueiredo. O autor preferiu privilegiar em sua análise as referências modernistas do dirigente integralista, na época em que Salgado participou das correntes *Verde-Amarelo* e *Anta*, ressaltando que as características nacionalistas do modernismo estiveram sempre presentes em seu pensamento.

Chasin, por outro lado, fez um estudo muito controverso do integralismo, argumentando que a doutrina integralista tinha menos pontos em comum com o fascismo europeu do que tradicionalmente se havia mencionado.¹³ Dessa maneira, o integralismo se valeria muito mais de suas origens autóctones do que qualquer influência estrangeira. O autor se valeu dos escritos do líder Plínio Salgado para formular a sua argumentação e literalmente transpôs a visão oficial do Chefe dos camisas-verdes a respeito da natureza do integralismo. Tentou, assim, mostrar que a doutrina da AIB foi uma ideologia reacionária que nasceu em uma fase de regressão referente ao capitalismo brasileiro, totalmente desvinculada do fascismo europeu.

Por ter apresentado essa interpretação, Chasin foi muito criticado em âmbito acadêmico, especialmente por ter utilizado apenas as idéias e os escritos de Plínio Salgado a respeito do movimento, fazendo uma análise pouco crítica e não procurando fontes de outros dirigentes integralistas. Para o autor, o integralismo não teve ligação direta com ideologias estrangeiras e manteve seu discurso fiel aos postulados de Plínio Salgado. O autor critica Trindade por dar um peso muito grande à suposta índole fascista da AIB. No entanto, não explora muito o estudo das referências nacionais de Salgado, preferindo a análise das “incompatibilidades” entre o fascismo e o integralismo, bem como a exposição

¹³ CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

das concepções do mesmo a respeito da doutrina da AIB, incorporando, dessa forma, a visão oficial do dirigente integralista a respeito de seu movimento.

Estes três trabalhos proporcionaram debates interessantes em relação à natureza da doutrina em questão. Apesar de ter sido escrita antes das demais, a obra e a versão de Trindade é a que encontra ainda maior aceitação nos meios acadêmicos, sendo sempre a mais referenciada. Apesar das interpretações distintas, houve um consenso, nas três obras mencionadas, em identificar os primeiros passos da doutrina integralista nas referências intelectuais de Plínio Salgado, tanto em relação à sua atuação literária no modernismo quanto ao seu interesse pelas obras de intelectuais brasileiros como Oliveira Viana, Alberto Torres, Farias Brito, Jackson de Figueiredo e Euclides da Cunha.

Ainda no final da década de 1970, Jarbas Medeiros reuniu em livro os artigos que escreveu para a *Revista de Ciência Política* (1974-75), tratando de estudar alguns autores que foram relevantes para o pensamento político autoritário brasileiro.¹⁴ Apesar de não ter a intenção de focar o integralismo como tema principal, o capítulo sobre Plínio Salgado faz um bom apanhado de seu pensamento político e literário-político, mostrando suas preocupações principais através dos temas mais recorrentes em seus escritos. Medeiros não entra em nenhuma grande polêmica historiográfica, limitando-se a descrever passagens dos escritos de Salgado exemplificando-os como noções de autoritarismo do autor, destacando a proximidade com os pensamentos de Alberto Torres e Oliveira Vianna.

Apesar de ser bem documentado, o trabalho de Medeiros não expõe uma análise crítica, limitando-se a ser “uma obra de suporte e referência”, como ele mesmo propõe. O autor, a exemplo de Hélió Trindade, preocupou-se com os diferentes momentos históricos relacionados com os escritos de Salgado. Diante disso, divide o pensamento do líder integralista em cinco fases distintas, abrangendo desde a época meramente literária de Salgado até a criação do Partido de Representação Popular, no período pós-guerra.

Outro estudo que se ocupou do pensamento de Plínio Salgado e dos fatores que o conduzem ao manifesto integralista é o de Ricardo Benzaquen de Araújo.¹⁵ O autor utiliza interpretações de intelectuais como Hannah Arendt, Raymond Aron e Claude Lefort para justificar que o integralismo de Salgado caracteriza-se muito mais pelo totalitarismo do que por qualquer outro movimento de cunho autoritário e conservador. Segundo Araújo, as noções igualitárias e de união das raças, pregadas por Salgado, corroboram a explicação em

¹⁴ MEDEIROS, Jarbas. *A ideologia Autoritária no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

torno da característica totalitária de se eliminar todas as diferenças sociais. O autor se utiliza também dos livros de Salgado para diferenciar tendências dentro do integralismo, marcando divergências entre os pensamentos de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso.¹⁶ Araújo também enfatiza a questão literária como importante referência para a trajetória política de Salgado, mas, partindo dessa premissa, como um elemento dado em estudos anteriores, não elabora nenhuma análise específica sobre a mesma.

Diante dessas análises, nosso trabalho tenta contribuir com a linha de pesquisa sobre o pensamento de Plínio Salgado, aprofundando mais o estudo desta referência literária, calcada nos intelectuais brasileiros. Nossa pesquisa pôde verificar que houve uma curiosa tríade de autores mais citados por ele, na qual Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito se apresentavam como os “mortos mais ilustres” do pensamento nacional. Diante do fato dessas referências literárias terem sido pouco exploradas para o estudo da constituição do pensamento político de Salgado, propomos, através de nosso trabalho, aprofundar a análise sobre as mesmas.

A respeito da produção teórica que analisa o pensamento de Plínio Salgado cabe uma última ressalva, especificamente em relação aos estudos de Trindade, Vasconcelos e Chasin. Ao retomar o tema que deu origem à sua obra pioneira, Héglio Trindade escreveu em artigo para a coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, em 1981, sobre os estudos que, na época, foram elaborados após a publicação de seu livro a respeito do integralismo. Em seu texto, o autor apontou as colaborações dadas por Gilberto Vasconcelos e José Chasin, nas obras que já comentamos acima.

Segundo Trindade, em síntese, Vasconcelos dera importante contribuição em relação ao estudo da fase modernista de Plínio Salgado, mas pecara, exatamente, em resumir o pensamento integralista de Salgado em apenas um dos vários momentos que o líder dos camisas-verdes atravessou em sua trajetória intelectual, ou seja, *Ideologia Curupira* fica aquém, “uma vez que a análise do discurso deixa a desejar”, porque é “centrado em textos preponderantemente do pensamento pré-integralista (anteriores à

¹⁵ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

¹⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. *In médio virtus: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1988; e *As classificações de Plínio: Uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938*. In: *Revista de Ciência Política*. Rio de Janeiro: 21 (3): 161-180, jul./set., 1978.

criação da AIB em 1932) não sendo, pois, representativo da ideologia considerada globalmente”.¹⁷

Por outro lado, a crítica de Trindade em relação à obra de Chasin foi mais contundente:

Teoricamente monolítico e apoiando-se exclusivamente em textos de Plínio Salgado, o fio condutor de sua análise é um esforço exaustivo e monocórdio em negar o caráter fascista do integralismo a fim de preservar sua premissa básica que só admite a existência de fascismo como “um fenômeno de expansão da fase superior do capitalismo”.¹⁸

Segundo Trindade, Chasin preocupou-se, desde o início de seu trabalho, em responder ao apelo de Plínio Salgado a respeito da originalidade de seu pensamento, da raiz brasileira das idéias propagadas pela AIB e da distinção desta em relação ao fascismo europeu. Nesse sentido, a tese do autor incorporou a visão oficial do Chefe integralista sobre a índole positiva do movimento. Trindade apontou também os equívocos de Chasin em utilizar vários textos de Salgado escritos após o término da Segunda Guerra, época em que o líder integralista mais tentou desvincular a sua doutrina dos regimes de extrema direita então derrotados, e, da mesma maneira que Vasconcelos, desconsiderou as diferentes fases dos escritos do principal dirigente integralista.

Embora as críticas de Trindade sejam procedentes, o autor não escapa de algumas omissões e imprecisões que transparecem em sua obra precursora. A esse respeito, Wanderley Guilherme dos Santos tece críticas pertinentes, as quais nos colocam questões relevantes quanto à análise das categorias teóricas impostas ao estudo do integralismo e de Plínio Salgado:

Hélgio Trindade promove completa confusão, em seu trabalho, dos conceitos de autoritarismo, corporativismo, fascismo, extrema-direita e eventualmente até monarquia, o que o leva a atribuir a movimentos ou personagens de direita comportamentos, características e opiniões que podem ser atributos autoritários, porém não necessariamente de direita. Considere-se por exemplo uma das passagens em que procura caracterizar a orientação fascista do líder do movimento integralista brasileiro, Plínio Salgado. Plínio Salgado, diz Trindade, enquadra-se na corrente fascista porque sustentava a opinião de que “só os governos fortes, que disponham da verdadeira autoridade, poderão realizar um dia os entendimentos necessários para

¹⁷ TRINDADE, Hélgio. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (coord.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 3^o volume (tomo III). Rio de Janeiro: Difel, 1981, p. 305.

¹⁸ *Ibidem*, p. 310.

impor ao mundo contemporâneo um ritmo seguro”. Ora, opinião semelhante não é apenas insuficiente para caracterizar qualquer fascismo, ele não permite nem mesmo a diferenciação de autoritarismo *pois pode e tem sido sustentada por inúmeros liberais*.¹⁹

Frente a esse problema, nos parece indispensável a utilização da noção de Ricardo Benzaquen de Araújo, sugerindo o enquadramento das características de certos intelectuais em um padrão autoritário ou totalitário. Isso permitirá uma análise mais precisa da proposta de estudo em questão. E diante da preocupação anteriormente levantada por Hélió Trindade, a respeito dos trabalhos de Chasin e Vasconcelos, procuramos em nossa abordagem investigar tanto fontes pré-integralistas como as da época de atuação da AIB. As fontes pesquisadas que representam o período pré-integralista são os livros *O estrangeiro*, de 1926, e *Literatura e Política*, de 1927, além das colunas políticas de Plínio Salgado escritas para o jornal *A razão*, de São Paulo, em 1931. Para o período de atuação da AIB (1932-1937), utilizamos os livros de Salgado produzidos naquele ínterim. Além disso, tentamos considerar a problemática pertinente na utilização de algumas fontes (ocasionais) de origem posterior ao término da Segunda Grande Guerra, época de reelaboração da doutrina integralista.

1.2. Plínio Salgado e os intelectuais: questões teórico-metodológicas

É difícil descrever, em poucas linhas, quais foram as várias analogias feitas por Plínio Salgado em relação a intelectuais como Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito. No instante, o que podemos mencionar é que esses autores, de maneira geral, foram os mais mencionados por Salgado. Inclusive, ele mesmo costumava, em diversas ocasiões, citá-los, excluindo ora um e ora outro autor, como síntese do pensamento integralista. Dessa forma, para demonstrar alguns elementos das apropriações feitas por ele e exemplificar a maneira de citá-los em conjunto, escolhemos esse trecho de um texto de Salgado da década de 1930:

A revolução literária determinou a revolução política. De Alberto Torres, excluíamos os prejuízos do tempo e servíamos-nos do seu processo de observação. De Euclides da Cunha, rejeitávamos o que havia de exibicionismo científico, e tomamos a formidável expressão da terra e do homem onde residem “as grandes

¹⁹ SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem Burguesa e Liberalismo Político*. São Paulo: Duas Cidades, 1978, p. 30.

reservas nacionais”, na expressão de Oliveira Vianna. Farias Brito trazia-nos a inquietação espiritual.²⁰

Diante dessas “fontes abastecedoras”, de maneira geral, o líder integralista aludia às idéias de Alberto Torres, o intelectual mais referenciado por ele, como as mais inspiradoras para se pensar as condições de uma nacionalidade, em que se observava uma proposta, pioneira no Brasil, de fortalecimento do Estado, semelhante ao Estado Integral, defendido pelos camisas-verdes, e ao Estado corporativo fascista, em ascensão na Europa, além de vislumbrar uma valorização da raça mestiça brasileira; de Euclides da Cunha, pelo impacto que a obra *Os Sertões* causou no entendimento da geografia e na situação dos brasileiros que viviam afastados das cidades; e de Farias Brito, como o maior filósofo brasileiro, contrário ao materialismo e instigador da espiritualidade. Vemos que Plínio Salgado não absorvia as idéias desses intelectuais completamente, pois revelava a exclusão do prejuízo do tempo em Alberto Torres e a rejeição do exibicionismo científico em Euclides da Cunha.

Diante disso, a pretensão, em uma análise geral, neste estudo, é tentar verificar quais foram as idéias destes intelectuais mais aludidas por Salgado e, da mesma forma, identificar como eram apresentadas ou ocultadas as idéias rejeitadas. Em outras palavras, faremos uma análise das apropriações de Plínio Salgado em relação ao pensamento de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito.

Desde já, enfatizamos que esses intelectuais eram tratados como verdadeiros heróis pelo dirigente integralista. Nas fontes de que dispomos para a análise, os referidos pensadores começaram a aparecer nos escritos de Plínio Salgado ainda na década de 1920, na obra *Literatura e Política*. Mais tarde, em 1931, nas notas do jornal *A razão*, as idéias desses autores também foram objeto de reflexões. E, na década de 1930, temos os diversos livros de Salgado dispondo das referências a eles.

Diante dessas fontes, em que é possível verificar quais eram as idéias que Salgado mencionava a respeito dos intelectuais, utilizaremos o conceito de “apropriação” indicado por Roger Chartier:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.²¹

²⁰ SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936 [1ª edição de 1934].

²¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990, p. 26.

A apropriação, descrita por Chartier, está relacionada às formas de leitura possíveis dos indivíduos sobre os textos escritos. Em outras palavras, o ato de ler, muitas vezes, transforma o texto original, trazendo elementos novos típicos das práticas particulares de leitura. Dessa forma, a recepção de textos escritos através da prática de leitura dos mesmos por determinados sujeitos históricos faz parte do processo de constituição dos sentidos e seu estudo permite detectar as nuances da interpretação.

A utilização do conceito de “apropriação” se fez necessária como ferramenta teórica, principalmente para evitar uma noção de transmissão de pensamento relacionada à idéia, pouco precisa, que poderia acarretar o termo “influência” e para proporcionar um leque mais amplo no estudo das referências literárias de Plínio Salgado. Temos consciência de que o pensamento nunca é reproduzido de forma idêntica nos processos de transferências ideológicas. Dessa forma, a transmissão de pensamentos, ou o legado de idéias, seja através de um discurso absorvido ou de uma leitura feita pelo receptor de um texto, acarreta a construção de um sentido particular da idéia apropriada.

Para justificar a escolha desse conceito, acusamos que o termo “influência”, utilizado de maneira despreocupada com a problemática da apropriação, parece ainda estar condicionado a um elemento fixo e a um sentido uniforme, que não representa um movimento, uma transformação, no ato da comunicação. A noção de influência está ligada a uma relação de predominância, de que algo ou alguém exerce efeito sobre alguma coisa ou sobre alguma pessoa. Esse termo remete à idéia de passividade, seja do leitor, seja do receptor do discurso. Por essa razão, utilizaremos o conceito de apropriação justamente para contrastar com a idéia de passividade do leitor, idéia equivocada por considerar o sujeito que sofre ação daquilo que leu como um mero reprodutor do conteúdo da leitura.

A exemplo de Chartier, os processos de recepção de textos, e as transformações de sentido que neles podem se operar, são analisados por muitos outros autores. Para permanecer apenas entre os franceses, citamos os nomes de Roland Barthes, Paul Ricoeur e Michel de Certeau. Segundo Roland Barthes não há, de maneira nenhuma, uma leitura ingênua que reproduza fielmente o conteúdo de um texto. O indivíduo que lê se transporta à leitura e interage com ela, construindo um laço de correspondência entre o que está lendo e o que constituiu suas experiências particulares, reconhecendo no escrito que vai consumindo os elementos de suas lembranças anteriores. Dessa forma, o leitor constrói um

novo texto a partir do discurso apreendido.²² Sendo assim, o sentido do texto só irá emergir no próprio ato da leitura.

Na mesma direção, Paul Ricoeur acredita que o sentido do texto não pode ser separado do sentido que a ele é dado pelo leitor, pois “sem leitor que o acompanhe, não há ato configurante em ação no texto; e sem leitor que se aproprie dele, não há mundo desdobrado diante do texto”.²³ Nesse caso, o receptor do discurso escrito tem uma função tão importante quanto o próprio texto para a construção de seu significado.

Essa preocupação em relação ao receptor remete-se à desconstrução da noção de uma suposta passividade do leitor em relação ao texto. Michel de Certeau ao argumentar sobre a impossibilidade de tal passividade e relacionando a idéia de produção e consumo, respectivamente, com escrita e leitura, questiona se o público é modelado pelos produtos que lhe são impostos: “Supõe-se que ‘assimilar’ significa necessariamente ‘tornar-se semelhante’ àquilo que se absorve, e não ‘torná-lo semelhante’ ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele”.²⁴

Segundo Certeau, desde o século XVIII vem se vinculando uma produção da sociedade ao sistema “escriturístico” acumulado por ela. Assim, segundo esse raciocínio que conduz ao equívoco, o público estaria, desde essa época, sendo moldado pela produção escrita. Em contraposição a isso, Certeau nega que a produção conduza ao consumo receptáculo e diz que se deve “descobrir uma atividade criadora ali onde foi negada”.²⁵

Nesse sentido, a negação em relação à passividade da leitura tem a seu favor o argumento de que a recepção do texto e os seus condicionamentos endógenos seriam elementos que se afastam do próprio texto. Em algumas situações, o leitor dá à forma o seu sentido; ou seja, sua leitura inventa nos escritos uma forma diferente daquilo que era o sentido original, o sentido que o autor queria passar através do texto. Esse fenômeno é caracterizado como uma reação do receptor frente à leitura e, por essa razão, não podemos cair no erro de dizer que essa leitura é uma atividade livre e que o leitor absorve o texto como quer, sem ser acometido por ele. Então, há sempre um leque possível de interpretações e apropriações do que se está lendo.

Considerando assim a relevância da diversidade das leituras, a apropriação de idéias deve ser entendida como um processo de absorção de conteúdo para a finalidade da

²² BARTHES, Roland. Leitura. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987, p. 192.

²³ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997, p. 283.

²⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I. Artes de fazer*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 261.

construção de um sentido. Diante desse processo, não temos um sentido único, mas, sim, o reconhecimento de formas diferentes de interpretação das idéias. É a partir dessa noção que partiremos para a análise das idéias dos intelectuais apropriadas por Plínio Salgado.

Segundo as fontes pesquisadas, verificamos que Salgado fez uma leitura particular em relação aos intelectuais citados, ora distinta em alguns elementos, ora mais próxima daquela que estudiosos recentemente fizeram a respeito das obras desses pensadores. Além disso, foi possível detectar uma similaridade muito grande de sua leitura da tríade de autores com a leitura feita por certos homens de sua geração.

Podemos indicar também algumas formas variadas de apropriação dos intelectuais brasileiros por Plínio Salgado. A primeira é a citação direta, comentando a idéia do pensador para explicar determinada posição política; a segunda é a utilização da biografia do autor como exemplo de uma grande personalidade que os brasileiros deveriam seguir e admirar, possivelmente ligada à noção de “herói nacional” (a qual analisaremos no capítulo primeiro); e, a última, a transcrição de trechos inteiros dos livros desses intelectuais, adaptados às finalidades específicas que os mesmos tiveram nos textos de Plínio Salgado.

Verificamos que nos casos de interpretação dos textos de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito, Salgado alterou, em diversas ocasiões, o sentido do pensamento original dos mesmos. Nos escritos do líder integralista, as idéias desses pensadores apareciam sobremaneira descontextualizadas, e como frutos de uma prévia seleção que valorizava certos aspectos em detrimento de outros. Embora essas leituras também o tenham conduzido a determinadas reações e pensamentos que iam ao encontro dos preceitos dos autores, é possível identificar como e quando há a ruptura com as idéias originais.

Tendo em vista essa problemática, duas questões pertinentes aparecem quando propomos a perspectiva de análise em torno da apropriação feita por Plínio Salgado em relação aos textos de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito. Como analisar as interpretações particulares que ele dava aos textos que lia tendo por referência apenas os escritos dos pensadores e do líder integralista? Como buscar uma referência para o estudo das idéias desses intelectuais quando se pretende aproximá-los ou afastá-los das idéias de Plínio Salgado?

Dissemos acima que houve uma proximidade muito grande entre a interpretação dada aos textos dos intelectuais brasileiros por Plínio Salgado e a interpretação dos mesmos

²⁵ *Idem*, p. 262.

por certos homens de sua geração. As questões anteriores podem ser respondidas com o auxílio da intertextualidade ligada às gerações intelectuais.²⁶ Segundo Maria Izabel Oliveira, é importante “tentar entender um texto relacionando-o com outros textos. Dessa forma, é possível perceber em quais dimensões de seu trabalho os teóricos políticos foram originais ou convencionais, e como se torna possível, ainda, captar as particularidades de seu pensamento”.²⁷ Entendemos que a melhor maneira de visualizar a referência intertextual é por meio do conceito de geração.

O conceito de geração revelou-se usual no estudo dos movimentos intelectuais, principalmente ao que se refere à noção de herança e ruptura. De modo geral, quando uma determinada faixa etária se depara com acontecimentos como golpes de Estado, guerras, revoltas, esses aceleram um sentimento comum, provocando, por vezes, a mesma percepção em relação aos acontecimentos. Autores como Wilhelm Dilthey, Karl Mannheim e Paul Ricoeur foram precursores e colaboraram com esse tipo de noção.

Em caminho semelhante, Jean-François Sirinelli, autor de um trabalho sobre gerações nos anos 1930 e 1940,²⁸ preocupado com a utilização da noção de geração na história política, amplia seu campo de pesquisas propondo a leitura dos escritos que mobilizaram os intelectuais em determinada época. Segundo o autor, em razão da circulação desses escritos e das conseqüentes influências, os mesmos provocaram a produção de uma série de outros textos e de manifestos, nos quais é possível perceber as paixões intelectuais e as divisões políticas.²⁹ O autor empreende um estudo que dá conta do coletivo, mas que toma os diversos casos individuais, considerando suas ligações e os condicionantes de suas idéias. A contribuição de Sirinelli está justamente na análise da repercussão de escritos de época que mobilizaram grupos individuais em um determinado período histórico em que o autor tenta captar as redes de sociabilidade intelectual.

Essas redes de sociabilidade são feitas através da descrição dos textos dos pensadores que se destacaram em meio a um evento histórico. Assim, Sirinelli apresenta os escritos dos intelectuais, revelando suas gêneses e a repercussão dos mesmos no âmbito

²⁶ Essa noção que se remete ao método de relação intertextual é utilizada por Skinner: “Todo meu trabalho é intertextual, isto é, trata de saber como e até que ponto o entendimento de um texto pressupõe o entendimento de sua relação com outros textos”. SKINNER, Quentin. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lucia (org.). *As muitas faces da História*. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 335.

²⁷ OLIVEIRA, Maria Izabel de Moraes. História Intelectual e Teoria Política: Confluências. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 62.

²⁸ SIRINELLI, Jean-François. *Génération intellectuelle, Khâgneux et normaliens dans l'entre-deux-guerres*. Paris: Fayard, 1998.

social e político que forma as solidariedades entre os autores. Essas redes são captadas, muitas vezes, de maneira sutil, por meio de uma “palavra chave” ou da semelhança de idéias percebida na intertextualidade. O sentido do termo “geração”, construído por Sirinelli, vislumbra um grupo de pessoas que não está restrito aos marcos cronológicos, abrigando todos aqueles que foram “marcados” por acontecimentos relevantes e que conservam os mesmos estruturados na memória. Dessa forma, uma rede de sociabilidade pode formar-se a partir de elementos em comum partilhados por um grupo de pensadores que são “provocados” por acontecimentos do momento histórico, bem como pelos textos que circulam e que refletem a interação com esse momento.

Diante dessa perspectiva, propomos para a análise da repercussão da obra de Alberto Torres, no contexto da década de 1930, a utilização de algumas obras bibliográficas escritas a respeito do autor por intelectuais da época, como Alcides Gentil, Cândido Motta Filho e Oliveira Vianna, além da leitura de bibliografia atualizada sobre o pensamento torreano. Dessa forma, utilizaremos como parâmetro de análise os diversos estudos feitos em relação a Alberto Torres e os estudos, notas ou comentários de época.

Da mesma maneira, utilizaremos para a análise de Farias Brito as obras de autores como Jackson de Figueiredo, Alceu de Amoroso Lima, Silvio Rabello, entre outros, para tentar compreender as leituras que foram feitas do filósofo brasileiro, pela geração de Salgado e pelos estudos posteriores. Já para Euclides da Cunha, um intelectual que vinha tendo repercussão em gerações anteriores à década de 1930, sendo referenciado muito além da geração do líder integralista, teremos a referência de Cassiano Ricardo, intelectual que atuou junto com Plínio Salgado na corrente *verde-amarela* do modernismo. Além desse autor, utilizaremos também o parâmetro dos estudos recentes que se ocuparam do pensamento euclidiano para compreender de que maneira a figura de Euclides foi idealizada nas primeiras décadas do século XX.

As contribuições teóricas dos autores mencionados, os quais auxiliaram no manejo dos conceitos de apropriação e geração, foram utilizadas de maneira que pudéssemos interpretar as idéias de Plínio Salgado com a possibilidade de visualizar as particularidades de sua trajetória intelectual, em especial quando se refere à sua leitura dos intelectuais brasileiros. Nessa direção, procuramos entender essa leitura frente à perspectiva de que as

²⁹ SIRINELLI, Jean-François. *Intellectuels et passions françaises. Manifestes et pétitions au XX^e siècle*. Paris: Fayard, 1990.

idéias de Plínio Salgado ora se afastem, em determinados aspectos, ora se aproximem das idéias desses pensadores nacionais.

Desse modo, o objetivo é examinar a “apropriação” dos conceitos e da biografia dos intelectuais por Salgado, apontando as alterações dos textos lidos em função dos significados atribuídos por ele, o receptor da leitura. A interpretação particular, quando sintomática de um grupo específico, será pensada dentro da problemática descrita dentro do conceito de “geração”. Os autores apropriados por Plínio Salgado foram resgatados dentro de grupos intelectuais heterogêneos, mas que mantinham certos vínculos e idéias em comum, como a semelhança através do conservadorismo político.

Vários homens pertencentes à geração de Salgado estiveram, de uma forma ou de outra, preocupados com os problemas da realidade nacional, os quais envolviam as insatisfações e as decepções com a política praticada na consolidação do regime republicano e com o “falso nacionalismo ufanista” exaltado por alguns. Outros, como os intelectuais católicos, estavam preocupados com a espiritualidade, tentando qualificar e aumentar o alcance do catolicismo, em contraste, especialmente, com um suposto prejuízo oriundo das idéias científicas e materialistas. Essas tendências de pensamento contribuíram para determinadas leituras dos intelectuais em questão por certos homens dessa geração, fazendo-se sentir, também, nas interpretações de Plínio Salgado.

Assim, explorando a contribuição de Sirinelli, tentaremos identificar os aspectos e os elementos evidenciados na exposição dos pensamentos nos textos, procurando apresentar as redes de sociabilidade intelectuais, inseridas nas gêneses dos escritos e nas idéias em comum, que, de alguma forma, tinham relação com a forma de pensar de Plínio Salgado. Em vista disso, elaboraremos uma análise preocupada com as aproximações, os distanciamentos e a utilização das idéias desses intelectuais pelo líder integralista, tendo como referência, ou parâmetro, outras noções e interpretações a respeito do pensamento desses autores. Então, tentaremos perceber a espécie desse legado dos intelectuais para o pensamento de Plínio Salgado e mesmo em que medida ele se choca com a sua concepção de integralismo.

Para dar conta destes propósitos, a dissertação foi assim organizada: no capítulo primeiro, inicialmente, focalizaremos as atenções para o perfil de Plínio Salgado, avaliando algumas características de sua trajetória de político e escritor. Também traçaremos um panorama geral das idéias que repercutiram no pensamento do líder integralista, partindo das primeiras décadas do século XX, enfatizando a efervescência cultural dos anos 1920. E,

por fim, destacaremos a forma como foram apropriadas as idéias de Euclides da Cunha, momento em que será privilegiada a análise de contraposição entre sertão e litoral e a “questão da raça”. Compararemos, assim, a leitura que Salgado fez de *Os Sertões* com a leitura feita por Cassiano Ricardo. Além disso, também utilizaremos os estudos contemporâneos a respeito dessa obra como um parâmetro de referência.

Especificamente em relação a Plínio Salgado, algumas questões que nortearam esse capítulo foram: como Salgado avaliava sua posição de Chefe do integralismo tendo em vista uma dubiedade de sua personalidade: o doutrinador (ou teórico) versus o homem de ação (o Chefe)? E, em relação aos pensadores que foram referências para o líder da AIB (Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito), qual foi o estatuto dado a eles por Salgado? E como os relacionava com o posto de Chefe do integralismo e com suas facetas de intelectual e de condutor das massas? Essas questões podem nos ajudar a compreender melhor a presença e o alcance das contribuições desses intelectuais no pensamento de Plínio Salgado, na constituição de seu modelo doutrinário e na sua prática política.

No segundo capítulo, que versará sobre as referências às idéias de Alberto Torres em seu pensamento, analisaremos os elementos relacionados ao nacionalismo e ao ideal de Estado do intelectual fluminense. Veremos como essas noções foram vislumbradas por alguns homens da geração de Salgado e como elas se afastam ou se aproximam da visão que delas tinha o líder dos camisas-verdes. Por fim, destacaremos a problemática de classificar ambos os intelectuais (Salgado e Torres) em uma vertente do chamado “pensamento autoritário brasileiro”.

No terceiro e último capítulo, trataremos de estudar a apropriação feita por Salgado das idéias de Farias Brito. Daremos ênfase à referência intuitiva e anti-materialista presente no pensamento do filósofo brasileiro. Iremos comparar a leitura de Salgado e de sua geração (principalmente dos chamados intelectuais católicos) sobre os escritos de Brito com a interpretação feita de suas obras pelos estudos mais recentes.

Para fechar este estudo, nas notas conclusivas, faremos um balanço da apropriação desses autores para Plínio Salgado e apresentaremos uma breve análise de como o pensamento dos mesmos foi articulado e utilizado dentro do movimento integralista.

2. CAPÍTULO 1 – PLÍNIO SALGADO: ENTRE OS HERÓIS E OS INTELECTUAIS

Neste capítulo faremos um preâmbulo em que daremos atenção a alguns traços da biografia de Salgado que se remetem aos intelectuais em questão e que nos ajudarão a pensar a forma como ele se apropriou dos autores nacionais. Tentaremos localizar esses intelectuais no tempo e identificar no contexto histórico, relativo ao estudo das idéias, os dados relevantes que trouxeram seus nomes à tona. Por último, destacaremos como se deu a apropriação das idéias de Euclides da Cunha por Plínio Salgado, principalmente com ênfase na referência do contraste entre o sertão e o litoral.

2.1. O nacionalismo e o espiritualismo de Salgado: heranças da efervescência cultural das primeiras décadas do século XX no Brasil

O nacionalismo cristão dos integralistas tem sua origem nos primeiros decênios do século XX. Por isso, antes de analisar a apropriação de Plínio Salgado em relação às obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito, necessitamos conhecer alguns aspectos do ambiente onde se constituíram as idéias principais desses autores. Esse nacionalismo cristão, presente na doutrina da AIB, foi expresso tanto no âmbito das idéias quanto na referência às personalidades literárias e históricas brasileiras. Muito desta característica nacional baseava-se no culto ao elemento autóctone, na simbologia e na mística em relação ao destino do país.

Os integralistas formalizavam uma série de rituais que deveriam ser seguidos por seus militantes. Certos ritos, como o casamento integralista, faziam com que o movimento fosse vivenciado no cotidiano de seus adeptos. Outros rituais, como a saudação integralista “Anauê!”, oriunda do idioma tupi-guarani, era feita pelos integrantes do movimento, com o braço direito erguido, semelhante à saudação feita pelos integrantes do partido nazista alemão. Esses rituais serviam para o disciplinamento e a identificação com o movimento. Da mesma forma, o uniforme, com as camisas-verdes, calças brancas e sapatos pretos, era

um dos elementos de distinção dos membros da AIB. Fazer parte do integralismo dava ao militante, em última instância, o sentimento de identidade comum a esse grupo.

Essa busca de unidade interna e a idolatria pelo sentimento nacional foram amplamente propagandeadas, com o intuito de conquistar a simpatia de novos membros, e expressos também na simbologia, com a iconografia material pintada em verde e amarelo, presente nas bandeiras, uniformes, armas e utilitários em geral, como pratos, xícaras, facas, canivetes, broches, etc. Essa simbologia integralista também era representada pela letra grega sigma (Σ), significando a soma ou integralidade, fazendo alusão ao nome do movimento. O sigma representava também, aliado às pretensões dos integralistas, a tentativa de superar as “politicagens” locais e integrar as forças sociais do país na tomada de consciência pela nacionalidade. Do mesmo modo, notamos na saudação “Anauê!” a busca das origens dessa nacionalidade na raça indígena; e na cor verde do uniforme uma referência à cor predominante da bandeira brasileira, alusiva também à natureza, representada pelo ambiente natural do Brasil.

Por essa razão, esse “espírito” de brasilidade era mostrado em todas as esferas da AIB, tanto simbólicas quanto na divulgação dos textos escritos. O tema da construção da nacionalidade brasileira, portanto, ocupou um espaço destacado na produção teórica dos integralistas. Se tentarmos identificar elementos comuns entre as características do nacionalismo integralista e de movimentos intelectuais que o precederam, certamente encontraremos esses elementos na década de 1920 e mesmo em anos anteriores.

Adiante discutiremos mais a fundo a relação e a apropriação feita por Salgado dos intelectuais brasileiros. Neste momento traçaremos alguns aspectos que nos ajudarão a localizar esses pensadores em seu tempo e tentar identificar, ainda que de maneira sumária, a repercussão de seus pensamentos nas primeiras décadas do século XX.

Se considerarmos real o fato de que a intelectualidade passou a pensar o Brasil nos anos 1920, no sentido de propor reformas e reivindicar a construção de uma nação moderna, temos de ter o cuidado de não exagerar no tom de determinismo do papel científico. De modo geral, o clamor pela racionalidade técnica era, naquele tempo, no Brasil, ainda muito incipiente, mesmo que a ciência fosse, gradativamente, ganhando adeptos em âmbito ideológico, especialmente entre as vanguardas intelectuais.³⁰

³⁰ LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: Moderno, Modernista, Modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (Orgs.). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 96.

A alavanca para o pensamento sociológico de cunho científico se deu com a entrada de idéias oriundas do positivismo na corrente de Spencer ou de caráter evolucionista de Darwin, o que acarretava uma visão progressista a respeito do enfoque sociológico.³¹ A preocupação com o rigor das análises científicas veio acompanhada do amadurecimento de um nacionalismo crítico em relação à realidade brasileira. Apesar de se perceber desde o final do século XIX um paulatino crescimento do sentimento nacional, esse teve uma natureza distinta do conteúdo nacionalista explicitado por determinados setores intelectuais, sobretudo, no segundo decênio do século XX.

O nacionalismo de fins do século XIX foi marcado por um ufanismo em torno do ambiente natural, exemplificado no conteúdo do livro *Por que me ufano de meu País*, de Afonso Celso, quando a geografia, os elementos físicos da paisagem eram o tema principal em voga.³² A questão nacional que estimulou os homens das décadas de 1920 e 1930, por sua vez, esteve intimamente ligada à tomada de consciência referente aos problemas relacionados aos temas políticos e sociais da realidade brasileira.

Um marco simbólico para essa tomada de consciência foi, em 1902, a publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. O impacto do livro elucidou a evidência de esquecimento e abandono das regiões interioranas brasileiras. Podemos dizer que esse “renascimento” do nacionalismo, agora com feições claras a favor de se encarar os defeitos do país em vez de se exaltar as suas belezas naturais, esteve ligado diretamente às ações da intelectualidade dos primeiros decênios do século XX. Nesse sentido, temos de, forçosamente, compreender como se deu o engendramento desse elemento nacional que repercutiu no movimento modernista, no pensamento nacionalista autoritário e na renovação espiritual através dos intelectuais católicos.

Todas essas referências são importantes para compreendermos o ambiente em que se formou o pensamento do jovem líder integralista, porque foi nesse período, transcorrido

³¹ CRUZ COSTA, João de. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 355.

³² “No debate intelectual brasileiro contemporâneo o [nome de Afonso Celso] costuma ser pronunciado com certas reservas. Via de regra, associado a uma contribuição sem maiores pretensões historiográficas, destinada ao público infantil, que ele mesmo qualificou de *ligeiro trabalho de vulgarização*, preparado para celebrar a passagem do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Refiro-me ao livrinho *Porque me ufano do meu país*, cujo título deu origem ao substantivo *ufanismo*, expressão que passou a ser empregada para criticar o comportamento ou a atitude de quem se vangloria desmedidamente do potencial das riquezas e belezas naturais brasileiras”. GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Por uma história ultramontana: Afonso Celso. In: *Intellectus*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003, Ano II, nº 1. Disponível em: <www2.uerj.br/~intellectus/textos/TEXT0_LUCIA.pdf> Acesso em: 31 de agosto de 2005.

do segundo decênio do século XX até a década de 1930, que Plínio Salgado colheu as principais idéias que, mais tarde, fizeram parte da doutrina integralista.

O modernismo, o pensamento autoritário e os pensadores espirituais-católicos colaboraram para a herança intelectual de Salgado. Por esse motivo devemos compreender essas ações intelectuais articuladas com o tempo de maturação das idéias do futuro líder da Ação Integralista Brasileira.

Retomando a menção ao livro célebre de Euclides da Cunha, *Os Sertões* foi a obra que impulsionou a preocupação de se pensar com mais empenho as feições desiguais apresentadas nas diferentes populações espalhadas pelo Brasil. É a obra que, sem dúvida, marcou uma espécie de transição na forma de ver a realidade nacional e repercutiu, em determinados meios, como uma denúncia ao abandono dos brasileiros em difíceis condições de vida. Contudo, essa maneira engajada de pensar o nacionalismo somente ganhou seus contornos mais definidos nos anos transcorridos durante e após a Primeira Guerra Mundial. Entre os principais nomes que defenderam o nacionalismo tentando evidenciar os problemas brasileiros, antes dos homens da geração de Plínio Salgado, podemos citar Monteiro Lobato, Alberto Torres e Olavo Bilac.

Às vezes, compreendemos como determinadas situações são representadas por personagens da literatura. Nesse intuito, talvez o personagem sintetizador do sentimento nacionalista do pós-guerra tenha sido o “Jeca Tatu”, de Monteiro Lobato, caricaturando também o sentimento disseminado com o impacto de *Os Sertões*, ao descrever o “Jeca” como um homem subnutrido, apático e abandonado pelos brasileiros. Lobato, ainda, não limitou suas preocupações com os problemas nacionais apenas na literatura, mas em ações práticas como na iniciativa em favor do petróleo do Brasil.

Outro precursor do nacionalismo que resultou nessa tomada de consciência relativa aos problemas do país foi Olavo Bilac. Defensor da República e da causa abolicionista, Bilac preocupou-se ainda em formar cidadãos com consciência cívica, atuando como propagandista da Liga de Defesa Nacional, criada em 1916, por Pedro Lessa, Miguel Calmon, pelo próprio Bilac e sob a presidência de Rui Barbosa.

A campanha incitada pela Liga mobilizou a população das principais cidades do País, empolgando principalmente os jovens estudantes. Uma conquista importante da Liga, ainda em 1916, foi a realização do primeiro sorteio público militar, sendo que, dois anos mais tarde, se exigia a carteira de reservista aos candidatos a cargos públicos. Bilac se lançou em várias conferências sobre civismo e patriotismo, publicadas em uma coletânea de

1917, chamada *A defesa nacional*.³³ O tema mais enfatizado foi a defesa do serviço militar obrigatório, na tentativa de preservar a nação e combater o analfabetismo. Por essa razão, desde o início, a Liga teve o apoio das forças armadas.

As motivações para o crescimento desse pensamento nacionalista podem também ser explicadas pelo impacto mundial causado pela Primeira Guerra. O reflexo dos acontecimentos externos marcou muito os grupos de gerações das décadas de 1920 e 1930, bem como as novas idéias vindas da Europa, apesar de as gerações dos intelectuais brasileiros desses anos se ocupassem demasiadamente da tentativa de construção de um pensamento autônomo. No Brasil, as manifestações, presentes nos movimentos intelectuais, estiveram mais relacionadas a um descontentamento com as práticas políticas e culturais do que, propriamente, aos problemas e às crises econômicas. Isso não impedia, contudo, que os erros apontados na política brasileira fossem interligados, também, à conjuntura internacional e aos efeitos causados pelo capitalismo. Um sintoma que, sem dúvida, repercutiu no Brasil foi o descrédito paulatino do sistema liberal na Europa, mesmo antes da crise desencadeada com o grande *crack* de 1929.

No Brasil, esse descrédito foi vinculado à atuação das oligarquias regionais, principalmente em virtude das constantes fraudes e conchavos nas eleições dos políticos nos diferentes Estados brasileiros. As soluções pensadas para esse problema, entre os intelectuais, começaram a ser discutidas em torno da necessidade de construir uma unidade nacional e dissolver as “politicagens locais”.

Nesse contexto, surgiu um importante pensador, político e ensaísta social do Rio de Janeiro que vinculou suas principais preocupações com o “problema nacional”, sugerindo que a solução para ultrapassar os obstáculos que impediam o pleno desenvolvimento brasileiro passaria pela discussão da questão da unidade da nação. Considerado o precursor do que hoje podemos denominar de “pensamento nacionalista autoritário” Alberto Torres foi, durante algum tempo, uma voz solitária ao criticar a Constituição de 1891, justamente o elemento em comum do conjunto de obras que compõem o elenco dos mais significativos pensadores autoritários.³⁴

Torres se preocupava com as falhas do sistema político eleitoral brasileiro e alertava também para uma atenção exagerada aos povos residentes no litoral em detrimento dos

³³ BILAC, Olavo. *A defesa nacional (discursos)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965 [1ª edição de 1917].

³⁴ LAMOUNIER, Bolívar. “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República”. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 2. São Paulo: Difel, 1977, p. 345.

povos residentes no interior, retomando o elemento justificado desse novo nacionalismo percebido na obra célebre de Euclides da Cunha.

A sua preocupação com o Estado forte esteve relacionada ao temor de expansionismo das grandes potências, ao imperialismo e ao colonialismo que deram início à Primeira Grande Guerra. Um problema ligado à proteção e ao resguardo da nacionalidade, portanto. Esse problema também foi motivo de preocupação para os integralistas e será discutido com maiores detalhes adiante, quando trataremos da apropriação das idéias de Alberto Torres por Plínio Salgado.

As idéias organicistas, ligadas à administração política, e o crédito à autoridade, relacionado ao fortalecimento do poder executivo, foram levados às últimas conseqüências na década de 1930 sob a égide do Estado, principalmente em virtude da maturação dessas noções nas décadas anteriores, acentuadas pela crise da ordem oligárquica e com a noção ou perspectiva de que somente com um Estado forte se poderia realizar a construção da nação. Além disso, no panorama internacional se construía os exemplos totalitários de organizar a nação. A influência mais nítida dos emergentes regimes europeus na vida institucional brasileira esteve presente na Constituição de 1937, a qual foi inspirada na Carta Magna polonesa.

O desencadeamento do movimento modernista foi outro elemento fundamental no somatório de fatores que resultaram no imbróglio cultural da década de 1920. Apesar de ter tido referência no *Manifesto Futurista* de Marinetti, portanto advindo de idéias estrangeiras, o modernismo brasileiro trouxe uma inspiração fortemente nacionalista e refletiu o movimento de tomada de consciência daquela geração frente aos problemas e realidades do País.

Sem dúvida, o ano de 1922 foi o momento simbólico para o desencadeamento do processo de inovação da estética através do modernismo. Veiculado às transformações nas artes e literatura, o movimento foi incorporando uma crescente preocupação com a política, e seu rompimento gradativo com as velhas oligarquias deu o tom de uma vanguarda que desejava também romper com a ordem social.

Nos primeiros tempos, o modernismo foi liderado por Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia e, depois de 1922, o movimento em torno das lideranças tornou-se mais complexo, especialmente pelos contornos de ordem política, manifestando-se em correntes de esquerda e de direita. No entanto, todos tinham em comum a preocupação de promover

mudanças em relação à cultura artística anterior. Plínio Salgado também esteve presente na Semana de Arte Moderna, mas, segundo Héglio Trindade, participou discretamente e “sem o prestígio dos grandes nomes do movimento (...) Seu papel será mais importante nas correntes pós-modernistas”.³⁵

Salgado se identificou ao longo do movimento modernista com a tendência nacionalista próxima de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, a qual defendia a brasilidade nos temas folclóricos e indígenas. Atuou, primeiramente, na corrente do *verde-amarelismo* e, posteriormente, na corrente da *Anta*, em virtude de uma cisão da corrente anterior.

Outra vertente dessa efervescência cultural, representada pelos intelectuais católicos, exprimiu a tentativa de uma verdadeira renovação espiritual. A necessidade de renovação foi um fator compreensível frente às novas questões surgidas com o evolucionismo e o darwinismo social, ligado às interpretações das idéias positivistas no âmbito das ciências sociais. Segundo Cruz Costa, “a elite burguesa brasileira encontraria no evolucionismo uma síntese filosófica que justificava a sua atitude política, social e até religiosa, pois que, como diz Engels, o próprio agnosticismo era uma maneira de aceitar ocultamente o materialismo e renegá-lo publicamente”.³⁶

O movimento de renovação espiritual brasileiro que se constituiu em torno do Centro Dom Vital, sob a tutela de Jackson de Figueiredo, teve raízes na reação a essa tendência de enfraquecimento da Igreja e da descrença em relação às questões espirituais. Aproveitou-se ainda de algumas ações precursoras, como a trajetória do Padre Júlio Maria (1850-1916) que se entregou a diversas atividades, na tentativa de catolicizar o Brasil, realizando conferências, discursos, numerosos artigos em jornais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo; e de ações feitas pela cúpula da Igreja, como a publicação em 1916 da carta pastoral de D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e Recife. Essa carta denunciava a apatia do catolicismo naquele momento e conclamava uma união de forças para alavancar uma reação contra aquele estado de letargia dos intelectuais da Igreja, em que se reafirmariam os apelos à ordem e à autoridade.

Também é muito mencionada, pela geração de novos intelectuais católicos, a referência de Farias Brito, especialmente por Jackson de Figueiredo (1891-1928). A relação entre Figueiredo e Brito se deu quase que na convivência entre, respectivamente, discípulo

³⁵ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: fascismo brasileiro na década de 30*, op. cit., p. 50.

³⁶ CRUZ COSTA, João de, op. cit., p. 281.

e mestre. Nascido em Salvador, Figueiredo mudou-se para o Rio de Janeiro em 1915, após concluir o curso de Ciências Jurídicas. Daí em diante participou de atividades cívicas e literárias e travou relações pessoais com Farias Brito, filósofo que pregava o espiritualismo para contrapor-se à filosofia inspirada no positivismo, em que a introspecção seria uma ferramenta usual no comportamento do homem suscetível às causas espirituais.³⁷ Brito teve também suas obras admiradas pelos integralistas e o seu pensamento foi, várias vezes, evocado por Plínio Salgado.

Segundo Moura, “a morte de Farias Brito, em 1917, tem grande repercussão em Jackson. Vivera num certo momento mergulhado no ceticismo, mas aos poucos fora-se empolgando pelo espiritualismo subjetivista de Farias Brito, que o orientava no caminho da crença religiosa”.³⁸ Após a morte de Farias Brito, Figueiredo aderiu ao catolicismo. Em 1921 fundou a revista *A ordem* e, em 1922, o Centro Dom Vital, o ponto de encontro dos intelectuais católicos e o organismo que deu início ao processo de revitalização do catolicismo. A maior preocupação dos integrantes do Centro Dom Vital, em que se reuniram ao longo das décadas de 1920 e 1930 nomes como Nestor Vítor, Tasso da Silveira, Xavier Marques, Almeida Magalhães, Alceu de Amoroso Lima e o próprio Jackson de Figueiredo, era a propagação do catolicismo, mas se empenharam também nas discussões a respeito da ordem, da autoridade, do nacionalismo pungente da época e, especialmente, da moralidade. Exemplo disso foi a simpatia de setores da Igreja Católica pelo Integralismo.³⁹

Figueiredo foi o homem de ação que impulsionou a renovação espiritual através de suas publicações e do Centro Dom Vital, importante local de encontro com o grupo que o seguia. Jackson de Figueiredo se insere intelectualmente num momento propício para a discussão em torno das questões espirituais, pois o Estado oligárquico estava em crise e a antiga ordem perdia credibilidade ideológica no discurso em favor da implantação de uma

³⁷ BRITO, R. Farias. *O mundo interior (ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito)*. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

³⁸ MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José M. Gouvêa. “A Igreja na Primeira República”. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 2. São Paulo: Difel, 1977, p. 337.

³⁹ “A AIB propagou-se celeremente nos meios católicos, atingindo várias regiões do Brasil e deixando realmente hesitantes muitos membros da hierarquia católica. Para a Igreja, o integralismo assemelhava-se aos poços artesianos, que ‘nascem no mesmo lençol oculto no seio da terra, sobe irresistível, em altos jatos do subsolo em todos os Estados do Brasil’. Tentando mostrar que o integralismo poderia trazer felicidade ao país se o teor de seu programa fosse bom, salientava o exemplo da Itália, com Mussolini, e de Hitler, na Alemanha, esse como o grande salvador da pátria”. TONINI, Veridiana M. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1957)*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 47. Ver também: LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A Igreja e o integralismo no Brasil (1932-1939). *Revista de História*, São Paulo, v. 54, nº. 108, out./dez. 1976, p. 513.

pretensa modernidade. Assim, ele e o grupo de intelectuais católicos que o seguiram tomaram para si as causas da Igreja hierárquica, a qual desejava maior prestígio frente ao Estado no Brasil. As principais preocupações estavam em torno do afastamento da Igreja nas questões que envolviam o ensino, que ficara, fundamentalmente, sob a responsabilidade dos educadores laicos.⁴⁰

A revista *A ordem* e o Centro Dom Vital, ainda, ajudaram Jackson de Figueiredo na tentativa de propiciar ao catolicismo uma posição de destaque perante a sociedade, numa clara postura de discutir os problemas tanto na esfera política como religiosa. Segundo Mônica Velloso, já no primeiro ano de publicação, a revista *A ordem* enfatizava seu conteúdo no caráter reacionário contra o liberalismo, o socialismo e a revolução, tentando se opor ainda contra quaisquer correntes de pensamento, crenças ou políticas que fossem de encontro com os ideais da Igreja católica. Além disso, proclamava “obediência absoluta à autoridade eclesiástica, colocando as atividades do centro Dom Vital como destinadas a apoiar o episcopado na sua obra de recatolização da intelectualidade brasileira”.⁴¹

Esse mesmo grupo católico dava destaque à publicação da carta de D. Leme que apoiou os estatutos e a iniciativa do Centro Dom Vital e o recomendou à comunidade católica. Da mesma forma destacava-se a carta pastoral de 1916, de Olinda, como documento fundador da reação católica. Após a morte de Jackson de Figueiredo, o Centro Dom Vital e a revista *A ordem* ficaram sob a responsabilidade maior de Alceu de Amoroso Lima, seguidor dos ensinamentos de Figueiredo.

Alceu de Amoroso Lima, muito próximo a Jackson de Figueiredo, deu continuidade ao trabalho de seu precursor a partir de 1928. Amoroso Lima conduziu o pensamento católico dos anos 1930, criando, em 1934, a Liga Eleitoral Católica e expandindo a influência do Centro Dom Vital durante a Era Vargas. Esse intelectual esteve muito próximo dos integralistas, chegando a ver até com simpatia a adesão dos católicos ao movimento dos camisas-verdes.⁴²

⁴⁰ “Consumada a separação entre a Igreja e o Estado, a Igreja não cessará de denunciar o divórcio entre o Estado leigo, para não dizer laicista, e a nação católica, em sua grande maioria. O ensino principalmente era visto como uma grande violência imposta à consciência católica. Seu caráter leigo conflitava com a fé da maioria dos alunos e com a fé professada pela nação”. Vide: BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização*. In: PIERUCCI, Antônio F. Oliveira [et al]. 3ª edição. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, V. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 280.

⁴¹ VELLOSO, Mônica Pimenta. *A ordem: uma revista de doutrina política e cultura católica*. In: *Revista de Ciência Política*. Rio de Janeiro: FGV, 21 (3):117-160, jul./set., 1978.

⁴² “No artigo *Catolicismo e integralismo* [na revista *A Ordem*], Tristão de Athayde [ou Alceu de Amoroso Lima, como era seu verdadeiro nome] aponta qual a atitude a ser tomada pelos católicos em face do

Esse terreno fértil de idéias, impulsionado pelo modernismo, tendenciando ao autoritarismo e à renovação espiritual, tinha em comum, mesmo que com elementos próprios, a perspectiva de romper com a cultura e com a política manifestas no início da República, ainda que com um viés conservador, pois não desejavam grandes transformações no sistema político-econômico. Somado a isso, esse quadro de idéias foi fomentado por um nacionalismo, expresso pela preocupação com a realidade nacional e com os reais problemas brasileiros. Esse foi o ambiente no qual estiveram presentes as idéias de alguns dos intelectuais que foram marcantes na formação de Salgado, em que a década de 1920 representou o ápice de efervescência intelectual.

Todo esse ambiente intelectual efervescente moldou as idéias, não apenas de Salgado, mas de todo um grupo geracional que possuía elementos em comum, como Alceu de Amoroso Lima, Cândido de Motta Filho, Alcides Gentil, Oliveira Vianna, entre outros. Assim, não é uma tarefa fácil buscar, nesse fecundo ambiente, as referências literárias do líder integralista. O leque de opções ideológicas e políticas presentes nessa geração é igualmente fecundo. Por essa razão as referências intelectuais ora se cruzam e aproximam-se umas das outras, ora rompem ou modificam o significado das heranças literárias anteriores.

Atentamos, dessa maneira, para o significado, ou os significados, que essa geração de 1930 deu para a produção escrita e a ação da geração das duas décadas precedentes. Por esse caminho, poderemos identificar com maior precisão a apropriação de Plínio Salgado das idéias de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito, comparando a leitura feita por Salgado, da obra desses autores, com a leitura feita por alguns homens de sua própria geração.

2.2. A conjuntura internacional e a relação com o fascismo

Além do aspecto nacional também devemos observar o contexto internacional e quais os principais fatores que propiciaram o resgate e a releitura do autoritarismo manifesto nas organizações de direita. O crescimento dos movimentos intelectuais, científicos e tecnológicos que permearam a Europa na virada dos séculos XIX para o XX deu o impulso necessário para a origem dos movimentos de extrema direita e das idéias

movimento. Coloca a compreensão e a participação como as atitudes ideais, observando que o integralismo possui os mesmos inimigos (comunismo), e amigos (Deus, Pátria e Família) que a Igreja. Apresenta três condições indispensáveis à filiação dos católicos ao movimento: predomínio da consciência católica sobre a política, real vocação política e nenhuma vinculação com a Ação Católica". *Idem*, p. 142.

ditas autoritárias. Nesse cenário, a disseminação e o impacto das idéias trazidas por Marx se confrontava com a crise das teorias liberais. A guerra de 1914 agravou ainda mais esse sentimento de crise e no decorrer do conflito, em 1917, os bolcheviques, com o apoio dos populares, puseram em prática a Revolução e assumiram o poder na Rússia. Além disso, a ascendência de movimentos nacionalistas se alimentava de um sentimento contrário ao liberalismo.

Nos anos vinte, após a Europa ter sido castigada pela Primeira Guerra Mundial e ter conhecido o sucesso da Revolução Russa, um novo quadro era apresentado frente às expectativas e perspectivas políticas. Após o conflito, surge na Europa uma nova direita, que poderíamos chamar de revolucionária ou contra-revolucionária. François Furet em *Le passé d'une Illusion* aponta para essa nova configuração política, em que a nova direita diferia bastante da direita tradicional conservadora.⁴³ Seria o sintoma da ascensão das idéias fascistas, baseadas na mobilização social em torno da força do Estado.

Os primeiros indícios dessa nova direita apareceram na França,⁴⁴ quando se afirma a *Action Française*, movimento que despontou antes do início da Primeira Guerra. Identificamos a ruptura no pensamento da direita européia nas ações intelectuais de Maurras, Bonald, Joseph de Maistre, Barrès, Drumont, Sorel, entre outros. Charles Maurras foi o principal articulador da *Action Française*, criada em 1889. O movimento foi marcado por um nacionalismo contrário ao individualismo. Além de Maurras, outros intelectuais como Barrès e Drumont também adotaram a mesma linha nacionalista. Todos tinham uma visão orgânica da sociedade, indo de encontro aos preceitos burgueses da Revolução Francesa. O ideal de vida burguês, da liberdade individual presente na economia e na vida social era contrastado com a idéia de se agrupar os indivíduos e absorvê-los sob o ponto de vista de um único corpo.

A releitura do marxismo também foi uma característica dessa nova configuração da direita. A revisão do marxismo, na França, foi impulsionada por Georges Sorel, e seus escritos “traçam o espaço conceitual no qual vão evoluir os teóricos do sindicalismo revolucionário”.⁴⁵ Sorel não acreditava na igualdade e nem na justiça social e defendia a manutenção da propriedade privada. Na Itália, berço do fascismo, Arturo Labriola, fundador do “sorelismo italiano”, pregava uma espécie de liberalismo de classe, em que seriam preservados a propriedade privada, o lucro individual e a economia de mercado. Em

⁴³ FURET, François. *Le passé d'une Illusion*. Paris: Robert Laffont, 1995.

⁴⁴ STERNHELL, Zeev. *La droite révolutionnaire (1885-1914)*. Paris, Seuil, 1978.

síntese, esse revisionismo sorelista trocava o racionalismo hegeliano pela nova interpretação da natureza humana preconizada por Le Bon e servia-se da intuição de Bergson para criticar o cientificismo, declarando-se contra a razão.

O nacionalismo europeu, depois do revisionismo marxista e das novas interpretações feitas em relação aos ideais da Revolução Francesa, havia se transformado frente ao nacionalismo contrário ao absolutismo monárquico de meados do século XIX. Os interesses nacionais passaram, então, para o plano organizacional da cultura; ou seja, a rearticulação dos princípios ligados à liberdade dos indivíduos e sua atuação em âmbito social para reforçar o *corpus* da nação.

É como diz Lúcia Lippi de Oliveira:

A geração de 1890, agente e paciente das mudanças na forma de pensar o mundo, incluiu figuras como Gustave Le Bon, Drumont, Barrès, Sorel, Vacher de Lapouge, para citar apenas autores franceses. Para eles, o indivíduo não tinha valor próprio e a coletividade não era concebida como a soma de indivíduos. Ao rejeitar a sociedade como agregação de indivíduos, consagravam uma nova forma, orgânica, de unidade social, baseada na nação.⁴⁶

Sob a influência de Sorel, os sindicatos se recusaram a aceitar a democracia e a consideraram prejudicial para a vida proletária. Mussolini aproveitou-se das lições de economia-política tomadas durante a primeira década do século XX em meio à influência dos sindicalistas revolucionários que realizavam uma releitura do marxismo e inaugurou o movimento fascista na Europa. Em síntese, os movimentos de extrema-direita europeus que chegaram ao poder foram favorecidos por um ambiente propício à propagação de suas idéias, em que o nacionalismo, a partir da França, ganhou contornos radicais e extremos, apresentando seus porta-vozes em outros países da Europa, como Itália e Alemanha.⁴⁷

Alguns desses intelectuais europeus, como Marinetti e Sorel, através de sua repercussão nos meios político e ideológico, contribuíram na formação intelectual de Salgado e no ideário da geração modernista. Como dizia o líder integralista: “De 1922 a 1926, eram tão absorventes as leituras que fazíamos de Marinetti, Soffici, Govoni, Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Cendrars, como de 1926 a 1930, tendo nós mudado de tema, foram as leituras de Marx, Sorel, Lenini, Trotzki, Riazanov, Pleckanov, Fuerbach”.⁴⁸

⁴⁵ STERNHELL, Zeev. *Nascimento da ideologia fascista*. Lisboa: Bertrand, 1996, p. 35.

⁴⁶ OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 66.

⁴⁷ Vide: STERNHELL, Zeev. *La droite révolutionnaire (1885-1914)*, *op. cit.*, e *Nascimento da ideologia fascista*, *op. cit.*

⁴⁸ SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, pp. 7-8.

Mas é um erro dizer que intelectuais como Sorel tiveram uma apropriação semelhante à dos intelectuais brasileiros por Salgado. Para o líder integralista “é o ‘materialismo dogmático’, extremo oposto da teologia, ele próprio uma nova teologia, uma nova religião, a religião do ateísmo, cuja liturgia é a violência de Sorel”.⁴⁹ Assim, ao passo que os intelectuais brasileiros carregavam grandes virtudes e seriam exemplos a serem seguidos, Sorel era lido para se entender o funcionamento e a lógica do materialismo e da filosofia comunista.⁵⁰

O quadro intelectual europeu que motivou o desenvolvimento do fascismo surgia como fundamental para a compreensão da aceitação do partido de Mussolini em âmbito político na Itália. No Brasil, apesar de parcela da intelectualidade se mover em tendência autoritária, em que se manteve o caráter conservador, as idéias que impulsionaram a direita contra-revolucionária européia não tiveram aqui uma grande repercussão em um primeiro momento. No entanto, com a ascensão e as constantes notícias vindas de fora a respeito do fascismo, esses intelectuais foram lidos e tornaram-se mais conhecidos entre a intelectualidade brasileira.

Com um esclarecimento maior sobre a natureza totalitária de alguns regimes europeus, foi inevitável, em âmbito nacional, comparar os integralistas com tais modelos totalitários. Por esse motivo, era compreensível que o movimento de Plínio Salgado fosse objeto de analogismos com os congêneres europeus e, na medida que esses modelos ganharam mais e mais prestígio, o integralismo foi visto pelos seus inimigos como uma alternativa política perigosa, com reais chances de chegar ao poder.

O interesse dos integralistas pelo pensamento de Sorel se explica também pela intenção de entender o fascismo e explicar a posição da AIB frente aos movimentos de extrema-direita europeus. No discurso, pelo menos, os camisas-verdes se diziam independentes dos regimes fascistas, admitindo semelhanças ideológicas e negando outras. Em suma, se mantinha uma forte postura nacionalista voltada para os problemas da realidade brasileira.

Porém, hoje se sabe que a relação entre o integralismo e o fascismo italiano não se restringia à similitude entre os movimentos. As fontes italianas pesquisadas por Ricardo Seitenfus mostram claramente uma cooperação entre os integralistas e os fascistas através do contato da embaixada italiana no Rio de Janeiro com Plínio Salgado. Esse caso foi

⁴⁹ SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934, p. 47.

⁵⁰ “É a religião do ateísmo, intransigente como os maiores fanatismos. Aliás, Sorel procura desculpar o socialismo marxista, escrevendo: ‘A religião não é a única ocupante das profundezas da consciência: os mitos

marcado por uma “dupla diplomacia” italiana, já que se tentava preservar relações amistosas com o governo brasileiro, ao mesmo tempo em que eram feitos contatos com os integralistas.⁵¹

O motivo para tal aproximação era o constante crescimento da AIB que, a partir de 1935, se apresentou como um partido político promissor no âmbito nacional brasileiro. Além disso, havia o receio por parte dos fascistas da aproximação e cooptação dos integralistas pelos nazistas. No entanto, essa precaução contra os adeptos do hitlerismo foi reavaliada no princípio de 1936, momento em que se inicia a gradativa colaboração entre Roma e Berlim.

Os emissários de Roma chegaram mesmo a intermediar uma subvenção considerável para os integralistas, pois entendiam que a AIB poderia ter um desempenho satisfatório nas eleições brasileiras marcadas para 1938, tendo Plínio Salgado como candidato à presidência da República. Houve também indícios de planos para tentar alcançar o poder através de um golpe armado, visto que os documentos italianos mostram as tratativas de envio de armas pela Itália fascista à AIB.⁵² Contudo, Getúlio Vargas havia se antecipado às tentativas subversivas e impôs um golpe em 1937 que prorrogou seu poder à frente do Estado até 1945. Era o fim da “dupla diplomacia” italiana no Brasil e da tentativa de ascensão ao poder dos integralistas.⁵³

2.3. Dados da biografia de Plínio Salgado: a noção de “heróis da pátria”

Plínio Salgado nasceu na cidade de São Bento de Sapucaí, em 1895, interior de São Paulo. Em meio à agitação cultural da década de 1920 e ao clima de reformulação política e social da década de 1930 é que se forjou o seu pensamento político. Autodidata, Salgado

revolucionários assentam-se ali com as mesmas prerrogativas’. Essa frase de Sorel mostra como os marxistas acreditam pouco na sua ciência...”. SALGADO, Plínio. *Idem*, p. 101.

⁵¹ SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000; Ver também: SEITENFUS, Ricardo. *As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939*. In: Boni, Luis de (org.). *A presença italiana no Brasil*. Vol. II. Porto Alegre/Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. A partir dos dados trazidos por Seitenfus, a discussão sobre a cooperação entre a Itália fascista e os integralistas foi confirmada e complementada por João Fábio Bertanha: BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, pp. 367-390.

⁵² SEITENFUS, Ricardo. *As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939*, *op. cit.*, pp. 50-51.

⁵³ Como se sabe, os integralistas ainda tentaram um fracassado *putsh* em 1938, investindo sobre o palácio da Guanabara. No episódio, os rebeldes foram contidos e reprimidos pelo governo Vargas. Depois disso, Plínio Salgado, apesar de negar seu envolvimento com os infortúnios golpistas, foi exilado em Portugal, só voltando ao Brasil após a queda do Estado Novo, em 1945. Detalhes sobre o *putsh* integralista podem ser vistos em Hélio Silva: SILVA, Hélio. *1938 - Terrorismo em campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Recentemente, Rogério Lustosa Victor publicou um trabalho que trata da relação entre memória e a intencionalidade integralista: VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

era leitor voraz. Apesar de apreciar os clássicos estrangeiros da literatura, insistia que a intelectualidade brasileira deveria se voltar para os autores nacionais. Esse apreço por pensadores brasileiros pode ser incluído como um elemento fundamental de seu nacionalismo. Dessa maneira, se tentarmos identificar a relação que há entre a referência aos autores brasileiros e o nacionalismo do líder integralista, poderemos compreender melhor a apropriação que Salgado fez das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito.

A admiração de Plínio Salgado pelas questões da pátria, pelos heróis nacionais, pelo civismo e pela política, de acordo com as reminiscências do próprio, começou ainda em âmbito familiar. Sua formação moral e cívica foi tutorada pelo avô, pela mãe e, principalmente, pelo pai, Francisco das Chagas Esteves Salgado, autoridade política de São Bento de Sapucaí. A convivência com seu pai, no entanto, foi curta, pois o mesmo faleceu quando Salgado tinha apenas quinze anos. Apesar disso, foi o suficiente para que o futuro líder integralista internalizasse as lições a respeito dos “heróis da pátria” e “do sentimento de brasilidade”. Somado aos ensinamentos do pai, às lições da mãe, Salgado lembrava dos ensinamentos provenientes da literatura. Assim, Salgado foi educado pelas vias do civismo e do culto aos “heróis nacionais”:

Desde a escola primária e, posteriormente, nas férias do ginásio, habituei-me, todas as noites, a sentar-me numa cadeira, com perguntas engatilhadas, e a ouvir-lhe as respostas, que ele [o pai] me dava passeando de um lado para outro da sala. Ouvi de seus lábios as descrições das batalhas da guerra do Paraguai e do Prata. Aos meus olhos perpassavam as figuras de Tamandaré e de Barroso, de Caxias, de Osório, de Argolo, Falava-me dos grandes vultos do Império: Paranhos, Cotegipe, Zacarias, Nabuco, e tantos outros. (...) À minha mãe, mais versada em literatura do que ele, deixava as lições sobre os poetas e escritores. Ela trazia de cor os versos de Gonçalves Dias, de Castro Alves, de Fagundes Varela e de Casimiro, e não se limitava a recitá-los, pois também me contava as biografias de tão ilustres brasileiros.⁵⁴

Esse relato, a despeito de ter sido escrito no período pós 1945 e, portanto, correr o risco de estar “contaminado” com as adaptações e reconstruções da ideologia integralista do pós-guerra, encontra proximidade com textos de Salgado escritos na década de 1930, assim interpretados por Hélió Trindade:

A formação intelectual de Salgado sempre foi marcada por um sentimento nacionalista e religioso. Sua mãe, professora da Escola Normal, ensina-lhe “as primeiras lições de História do Brasil, de

⁵⁴ SALGADO, Plínio. Sentimentais. In: *Obras Completas*. Volume XX. São Paulo: Editora das Américas, 1954, p. 304-305.

História Sagrada, de Geografia, de Aritmética e de Francês”; seu pai, que “era profundamente nacionalista e admirador de Floriano”, “tinha o hábito de, à noite, reunir seus filhos para lhes contar as proezas de Caxias, Osório e os episódios da vida dos grandes homens de Estado do Império”, sem jamais revelar aos filhos o Estado de origem desses personagens, a fim de os formar em um sentido nacionalista e não regionalista.⁵⁵

Esse estímulo ao conhecimento e ao engrandecimento dos “heróis” e dos escritores certamente repercutiu em sua trajetória intelectual. Se buscarmos as diversas referências que Plínio Salgado fazia em seus escritos sobre personalidades como Osório, Caxias e Tamandaré, além dos poetas como Casemiro de Abreu ou Castro Alves, perceberemos que ele considerava as “personalidades” da história e da literatura como exemplos concretos dos valores herdados pelos brasileiros ou, em síntese, verdadeiros “heróis nacionais”. Podemos identificar, em um primeiro momento, que o herói era o responsável pelos grandes feitos, aquele que daria uma contribuição para o crescimento da pátria. As referências aos líderes militares como Caxias e Osório serviram para o Brasil em um tempo mais distante do presente. A renovação desses valores deveria ser feita, principalmente no início dos anos trinta, quando o Brasil, segundo Salgado, necessitava de referências para guiar os brasileiros e criar uma idéia de nação.

Curiosamente, Salgado alimentou essa admiração pelos heróis desde criança até o nascimento da AIB, somando esse elemento à sua trajetória intelectual. No mesmo relato em que falava dos heróis e dos escritores, destacava também que, nessa época, quando criança, em que não havia rádio e nem televisão, ouvia dos lábios de sua mãe as conferências de Rui Barbosa em sua campanha civilista e palavras sobre a importância que a religião tinha para os homens.⁵⁶ Dessa forma, a influência familiar parece ter incitado Salgado ao gosto pelas fontes brasileiras, ao interesse pela política e, finalmente, à valorização da religião. Além disso, considerar essa “bagagem cultural” oriunda do ambiente de família, algo que fez parte dos princípios de Salgado, é admitir que a referência nacional de seu pensamento foi um fator intrínseco de sua personalidade. É interessante mencionar, desde já, que ele aceitava a noção de história dos grandes vultos construídos no incipiente resgate historiográfico brasileiro do tempo do Império, criticando apenas a política dos anos mais recentes, percebida nas práticas oligárquicas implantadas depois do surgimento da República.

⁵⁵ TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, op. cit., p. 43. O autor cita: Obra coletiva, *Plínio Salgado*, São Paulo, Ed. Revista Panorama, 1936, pp. 7-8.

⁵⁶ *Ibidem*.

Ao longo da infância, com o passar do tempo, se confrontou com a morte do pai e foi obrigado a abandonar os estudos aos 16 anos.⁵⁷ Assim, não demorou muito para trabalhar em São Bento de Sapucaí. Entre outras atividades destacou-se como professor e jornalista local. Ainda na cidade natal, em 1918, casou-se com Maria Amélia Pereira, sendo que um ano depois a esposa faleceu, deixando-lhe a sua única filha, Ana Amélia Salgado. O incidente parece ter provocado em Salgado uma profunda crise espiritual, pois ele se voltou intensamente para a religião, procurando nas obras de Farias Brito e de Jackson de Figueiredo uma nova posição em relação à sua espiritualidade.

Nesse período, Salgado havia descoberto o materialismo científico, fato que causou inquietude ao “jovem Plínio”. Segundo Ricardo Benzaquen de Araújo, a descoberta de Farias Brito através de Jackson de Figueiredo, por sua vez, provavelmente indicaria um contraponto de Salgado em relação às concepções materialistas, principalmente pelas posições antipositivistas e espiritualistas destes autores. O autor sugere que ambas as influências, evidentemente, encaminhariam Salgado em direções opostas. Contudo, ele acredita que um estudo mais acurado sobre essa questão poderia indicar uma complementaridade para a síntese ideológica que Plínio Salgado desenvolveria nos anos trinta.⁵⁸

Após ter atuado como jornalista e político local no Partido Municipalista, agremiação que ajudou a criar, Salgado partiu para São Paulo, onde conseguiu emprego no *Correio Paulistano*, órgão do Partido Republicano Paulista (PRP). Neste novo ambiente tornou-se membro do PRP e travou amizade com Menotti Del Picchia, o redator-chefe do jornal. Mais tarde, junto com Cassiano Ricardo e Del Picchia, Salgado integrou a corrente *verde-amarelista* do movimento modernista. Em 1922, durante a Semana de Arte Moderna, teve discreta participação, tornando-se conhecido apenas depois da publicação de *O estrangeiro*, em 1926, época em que ingressou na corrente nacionalista do modernismo.

Apesar de ter sido eleito deputado estadual em 1928, pelo PRP, e de ter apoiado Júlio Prestes à Presidência da República logo em seguida, Salgado se decepcionou com a legenda e acabou se desligando do Partido e do Jornal. Em 1930 viajou para o Oriente e para a Europa, onde conheceu Mussolini e se impressionou com o fascismo. Por motivo da

⁵⁷ Os detalhes da trajetória de Salgado mencionados neste capítulo foram retirados de: TRINDADE, Hélió, *idem*; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, *op. cit.*; e BRANDI, Paulo. Verbete: Plínio Salgado. In: ABREU, Alzira e BELOCH, Israel et al. (coords.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (Pós-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, vol. V, pp. 5195-5206.

⁵⁸ ARAÚJO, R. Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução*, *op. cit.*, p. 23.

viagem, não teve muito envolvimento com a Revolução de 1930. Após retornar ao Brasil, Plínio Salgado se mostrou disposto a criar um movimento baseado em suas convicções políticas e espirituais. Muitas dessas convicções ele descreveu nos artigos dedicados ao jornal *A Razão*,⁵⁹ de São Paulo. Depois de alternadas notas de desconfiança e de apoio ao governo provisório, Salgado partiu para a ofensiva contra o novo governo, redigindo notas de desagrado frente às decisões de Vargas na presidência.

Por meio de suas notas políticas no jornal, conclamava jovens do país inteiro para a união de forças em torno de um ideal nacionalista. Como resultado deste esforço, em fevereiro e março de 1932 foi organizada a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) com o intuito de disseminar novas idéias para a organização de um novo movimento. A SEP foi o embrião para o lançamento da AIB. A entidade tinha a tarefa de facultar uma obra educativa dos problemas brasileiros e discutir os pontos principais para a formulação do novo movimento. Nos meses seguintes, Salgado, ao mesmo tempo em que realizava uma série de conferências junto a estudantes e intelectuais, se articulava com homens influentes de diversos Estados, como Olbiano de Mello (Minas Gerais), Altamirano Pereira e Petrônio Chaves (Rio de Janeiro), João Santos (Bahia) e Severino Sombra (Ceará).

A despeito de já estar pronto o manifesto integralista em junho de 1932, o mesmo só foi lançado por Salgado em outubro, em função do ato ter sido interrompido pela Revolução Constitucionalista de São Paulo. Dessa forma, a AIB é oficialmente criada por Plínio Salgado em outubro de 1932. Antes de se tornar partido, em 1935, a AIB foi oficializada como uma associação nacional de direito privado. De acordo com o seu primeiro congresso em março de 1934, em Vitória, no Espírito Santo, sua finalidade era:

- a) Funcionar como centro de estudos e cultura sociológica;
- b) Desenvolver uma grande propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro;
- c) Implementar no Brasil o Estado Integral.⁶⁰

Plínio Salgado atuou inicialmente como o organizador do movimento, e a Ação Integralista Brasileira funcionou no início como um grande centro de estudos sociológicos. Tendo como objetivo instaurar um novo regime, o movimento propunha que as massas o fizessem. Para fazê-lo, no entanto, seria necessário um sentimento comum e uma mentalidade nova. Nesse sentido, os integralistas tomariam a iniciativa de divulgar e

⁵⁹ Este periódico será uma de nossas fontes de análise, especialmente para investigar suas referências aos intelectuais citados por Plínio Salgado antes da criação da AIB.

⁶⁰ Estatutos da AIB, *Monitor integralista*, março de 1934.

incentivar essa nova mentalidade. Eis a tarefa inicial da AIB, movimento que, na data de criação, ainda não dispunha oficialmente de um “Chefe Nacional”.

Assim, durante os primeiros tempos de sua trajetória intelectual, Plínio Salgado foi guiado pelo nacionalismo familiar, quando tomou gosto pela leitura e pelo sentimento de exaltação aos “heróis”, se instigou com as teorias materialistas, ganhou experiência profissional como jornalista e escritor. Esteve sempre perto dos acontecimentos marcantes na área cultural, como exemplificam seus interesses nos intelectuais brasileiros e nos movimentos contemporâneos à sua geração, como o movimento modernista. O seu engajamento literário, antes de ser um interesse meramente cultural ou de autopromoção, refletiu sempre suas preocupações com o destino e o futuro da pátria nacional. Em outras palavras, seu engajamento literário esteve sempre mesclado com seu engajamento político. Em última instância, essa característica literária também foi herdada para a sua doutrina, expressa na AIB, especialmente no início do movimento, quando foram promovidos, até mesmo, cursos de formação política e sociológica para os membros aderentes do integralismo.⁶¹

2.4. Plínio Salgado: o escritor modernista

Os verde-amarelos formaram, no cerne do movimento modernista, um grupo eminentemente de paulistas, composto por Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Cândido Mota Filho. Durante a década de 1920, o grupo se opôs à corrente modernista majoritária do *Pau-Brasil*. Para eles, os brasileiros deveriam se desvincular da herança cultural européia, entrando na modernidade com a originalidade das referências nativas. Por essa razão, o grupo tinha como lema “Originalidade ou Morte!”. Como afirma Gilberto Vasconcelos, a “xenofobia verdeamarela é inseparável do pressuposto de promover uma cultura nacional autônoma”.⁶² Nesse sentido, a independência político-cultural do país passava necessariamente pela reconstituição dessas raízes brasileiras. Foi através do jornal do Partido Republicano Paulista, o *Correio Paulistano*, o qual tinha Menotti del Picchia como redator-chefe, que o grupo defendeu suas principais idéias. Os artigos escritos no jornal foram reunidos em uma coletânea, em 1927, sob o título *O*

⁶¹ No *Monitor Integralista* de maio de 1934, sob o título “A preparação das elites Integralistas”, anunciava os cursos e os ministrantes para aquele ano, dados pelo Departamento de Estudos Integralista do Distrito Federal. São eles: Direito Corporativo (prof. San Tiago Dantas), Introdução à Sociologia Geral (prof. Thiers Martins Moreira), História Militar Brasileira (prof. Gustavo Barroso), História Social e Política do Brasil (prof. Hélio Vianna) e História das Doutrinas Econômicas (prof. Antônio Gallotti).

⁶² VASCONCELOS, Gilberto, *op. cit.*, p. 88.

Curupira e o Carão, obra conjunta de Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia.

Na década de 1930, o grupo modernista se dividiu. Enquanto Plínio Salgado criou o integralismo, os demais criaram o bandeirismo, liderado por Cassiano Ricardo. Com a adesão de mais alguns intelectuais paulistas o movimento das bandeiras ganhou prestígio em São Paulo. Esse novo grupo pregava o fortalecimento do Estado, posicionando-se, simultaneamente, contra o comunismo e o fascismo, especialmente com o intuito de defender a cultura brasileira contra a penetração no solo nacional de ideologias consideradas “alienígenas” e desagregadoras da nação. A respeito desse rompimento entre “bandeiras” e integralismo destacamos esse trecho escrito por Cassiano Ricardo em seu livro de memórias:

Havíamos conversado, Plínio e eu, até altas horas da noite, em minha casa, no Alto da Lapa, sobre o integralismo e o partido que ele ainda iria fundar (...) Fiz minhas objeções a Plínio: não devia a sua organização ter como subtítulo “Fascismo brasileiro”, pelas complicações e confusões que isso iria provocar no futuro. Ademais, tínhamos combatido os “ismos” literários de importação, como Parnasianismo, Futurismo, Expressionismo, e por que importarmos naquela hora um outro “ismo” mais grave porque político-ideológico? O certo, a meu ver, seria “bandeirismo” ou qualquer outro “ismo” histórico, mas brasileiro.⁶³

Embora tenha seguido caminho diferente ao de Cassiano Ricardo, Salgado manteve muitas características de sua “fase modernista” até quando traçava os detalhes doutrinários da AIB na década de 1930. O mais difícil, nesse caso, é saber o que teria lhe impulsionado a se desligar de seus companheiros verde-amarelos e lhe motivado a seguir um caminho diferente. Além do mais, é impraticável desvendar as intenções de Salgado analisando paralelamente o que o diferenciava dos intelectuais que não aceitaram o integralismo e nem simpatizavam com o fascismo.

Plínio Salgado, em meio ao movimento verde-amarelo, publicou a primeira edição de *O estrangeiro* em 1926, iniciando sua trajetória de escritor. O intuito de mostrar os elementos extremos existentes entre a cidade e o *hinterland*, os quais estavam explícitos no prefácio da obra, ditam os contornos do romance, em que o autor descreve o percurso de seus personagens em função das características encontradas no confronto com a terra e o meio:

⁶³ RICARDO, Cassiano. *Viagem no Tempo e no Espaço: Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. 114.

Este livro procura fixar aspectos da vida paulista nos últimos dez anos. Vida rural, vida provinciana e vida na grande urbe. Ciclo ascendente do colono (os Moldolfis); ciclo descendente das raças antigas (os Pantojos). Marcha do caboclo para o sertão e novo bandeirismo (Zé Candinho); deslocamento do imigrante nas suas pegadas e novo período agrícola (Humberto); regresso dos antigos fazendeiros para a Capital e novos elementos para o funcionalismo público e classes liberais (ainda os Pantojos).⁶⁴

Os personagens de Salgado são claramente rotulados perante as convicções ideológicas do autor. Assim encontramos no contraste entre Ivã e Juvêncio a pretensão de determinar os destinos dos mesmos em função de suas mentalidades, respectivamente, cosmopolita e interiorana. Ivã, um exilado russo em terras tupiniquins, não se adapta à fazenda e acaba instalando sua própria indústria, transformando-se em burguês. Personalidade, por vezes, contraditória, hesita em impor o individualismo burguês acima de sua condição humana, sentindo-se um “estrangeiro” frente à terra que ocupava. Observava duas perspectivas distintas: a de um solo, que em muitos aspectos, estava livre da “perversa influência cosmopolita”, mas que, ao mesmo tempo, em outros, começava a apresentar os vícios dos grandes centros europeus, onde predominariam a frieza e o egoísmo. Diante dessas observações, Ivã sofre angustiado com a sua consciência. Embora tivesse obtido lucro nos negócios da fábrica, aos poucos se convencera de sua inutilidade para a humanidade e acabou fracassando, desistindo da vida, pois não conseguiu dar um significado satisfatório a sua experiência existencial.

Opondo-se a essa personalidade fracassada, a qual representava a inviabilidade de conciliar uma humanidade livre dos vícios do capital aos males existentes nas grandes cidades, Plínio Salgado trazia ao romance o personagem do sertão, caracterizado em Juvêncio. Embora o enredo do romance gire em torno de Ivã, Juvêncio é o personagem mais identificado com o autor. Salgado descreve que “a terra é pueril; e os que a procuram, com sinceridade, sofrem a sua atração deliciosa. Transformam-se ao seu contato”.⁶⁵ Juvêncio encontrou, nesse contato com a terra, o verdadeiro significado da nacionalidade, comunicando-se com a natureza, não correndo o risco de se degradar no meio urbanizado e cosmopolita. Assim, o tema nacional em *O estrangeiro* se encontrava na noção de anticosmopolitismo, na valorização do elemento autóctone, e, além disso, na formação da nacionalidade, representada também em diferentes personagens secundários, os quais sugerem uma composição do brasileiro na soma de etnias, do imigrante e do caboclo,

⁶⁴ SALGADO, Plínio. *O estrangeiro*. São Paulo: Hélios, 1926, p. 7.

⁶⁵ *Idem*, p. 251.

expressas em personalidades como Zé Candinho, “o caboclo forte” e Humberto, “o filho de imigrante”.

Salgado reproduz no romance muitos elementos presentes no verde-amarelismo, expondo sua feição engajada com o movimento. O escritor Plínio Salgado apresentava no romance uma preocupação social acima de tudo. Um ano depois, em 1927, o autor de *O estrangeiro* publicaria o livro *Literatura e Política*, uma obra em que se tornava mais nítido o pensamento em relação ao contraste entre a cidade e o *Hinterland*, referência confessa à obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Todavia, embora haja semelhanças entre algumas concepções de Salgado e de Euclides, como na relação entre o “homem” e a “terra”, não podemos afirmar que há uma homogeneidade entre ambos os pensamentos. Para o autor de *Os Sertões*, havia um maior grau de determinismo que imperava na relação entre o homem e o meio, enquanto que, para Plínio Salgado, as regiões afastadas dos grandes centros eram as mais propícias ao desenvolvimento do indivíduo, pois este não estaria à mercê das idéias supostamente nefastas que estariam abrigadas nas grandes cidades. Em sua primeira obra literária, a preferência de Salgado pelo sertão era atestada por um sentimento intuitivo presente no personagem Juvêncio, o qual revelava uma percepção interior que o diferenciava positivamente de Ivã. Essa espécie de irracionalismo, visível através do elemento intuitivo “benéfico”, e contrário à orientação mais *trágico-agônica*⁶⁶ do pensamento de Euclides da Cunha, foi uma característica dos verde-amarelos, apresentando seus contornos também no ideário pós-modernista de Plínio Salgado.

2.5. Os heróis nacionais e o perfil de Plínio Salgado

Apesar de a AIB ter sido criada em 1932, foi somente depois de fevereiro de 1934, após o Congresso Integralista de Vitória (ES) que se definiram as diretrizes do movimento, o Estatuto e o plano de ação com diversas tarefas distribuídas em vários departamentos, e os mesmos repartidos nos respectivos núcleos municipais integralistas. Tais tarefas, no início, eram realizadas pelos departamentos de doutrina, de propaganda, de milícia, de

⁶⁶ Antônio Cândido, por ocasião do Cinquentenário de *Os Sertões*, em 1952, analisava o pensamento de Euclides da Cunha: “Há nele uma visão por assim dizer trágica dos movimentos sociais e da relação da personalidade com o meio – físico e social. *Trágica, no sentido clássico, de visão agônica, em que o destino humano aparece dirigido de cima.* (...) Semelhante visão não se confunde com o mecanicismo de muitos deterministas de seu tempo, ou anteriores a ele. Em Ratzel, ou em Buckle, não há tragédia: há jogo mútuo quase mecânico entre o homem e o meio”. CÂNDIDO, Antônio. “Euclides da Cunha sociólogo”, in: O Cinquentenário de 1952: *Os Sertões*”, página especial de *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 de dezembro de 1952, Apud LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 238.

cultura artística, de finanças e de organização política. No Congresso também foi definido o Estatuto do Chefe Nacional, que delegava plenos poderes a Plínio Salgado, estabelecia que os atos desferidos de seu comando eram inquestionáveis no exercício de suas funções. Segundo esse Estatuto, expresso no órgão oficial de divulgação da AIB, o *Monitor Integralista*,⁶⁷ o cargo da chefia era considerado perpétuo e a centralização era tal que todos os departamentos funcionariam sob o seu poder e tomariam as posições, em última instância, segundo a decisão do homem designado para essa função.

A centralização do poder sobre o movimento integralista colocou Salgado, de certo modo, em situação desconfortável. Antes de liderar a AIB, ele sempre manteve a postura de um ideólogo e não de um homem de ação. O fato de ser líder do movimento não lhe convinha de início, mas, ao longo do desenvolvimento do integralismo, sua postura como Chefe provisório foi se consolidando na posição de Chefe permanente e, após o Congresso de Vitória, o lugar de Plínio Salgado como dirigente absoluto dos camisas-verdes foi assegurado e mantido até a extinção da AIB em 1937 com o golpe do Estado Novo.

Os dados até aqui levantados sobre a trajetória de Salgado, a sua atuação como escritor e político e a sua tentativa de construir um movimento, mas em princípio não liderá-lo, indicam uma posição mais de teórico do que de líder. Sua admiração pelos heróis brasileiros fazia com que ele os utilizasse como exemplos a serem seguidos. Mas qual seria a comparação entre as qualidades desses heróis e as de Plínio Salgado, feita, possivelmente, por ele mesmo? Interpretando essa natureza dos heróis, vista por Plínio Salgado, talvez consigamos elencar mais dados a respeito da personalidade do Chefe integralista.

Para Plínio Salgado, a interpretação da história do Brasil, do passado e da então realidade nacional se remetia a um “tipo ideal”, aos exemplos positivos e negativos que, segundo Salgado e os integralistas, interferiram em solo nacional. Os exemplos negativos ficavam por conta da aceitação e reprodução, pelos políticos, do sistema liberal vigente, o qual não se enquadraria para sanar os problemas da realidade brasileira.⁶⁸ Para o Brasil deveriam se preservar as raízes nacionais, voltadas para o homem simples, do interior, em

⁶⁷ *Monitor integralista*, “Estatutos da AIB”, Rio de Janeiro, maio de 1934. O monitor integralista publicava mensalmente todos os atos, resoluções e ordens de Plínio Salgado, além dos regulamentos, diretivas, tabelas e as informações das Secretarias Nacionais da AIB.

⁶⁸ “O capitalismo é uma consequência do liberalismo. O liberalismo é o império do Individualismo. O individualismo é o rompimento com todas as disciplinas morais capazes de compor equilíbrios na sociedade, de acordo com os interesses superiores do espírito. Por consequência, o individualismo é o materialismo. E a prova de que o individualismo é o materialismo é o fato dessa concepção de vida ter tido como fonte os postulados epicuristas, stoicistas ou naturalistas que constituíram toda a trama do pensamento dos fins do

contraposição ao homem das grandes capitais. Dessa forma, Plínio Salgado e os integralistas elegeram o capitalismo e o comunismo como os inimigos principais a combater.

Os exemplos positivos ficavam por conta dos “heróis nacionais”. Esses heróis eram cultuados como os verdadeiros exemplos a serem seguidos pelos brasileiros. Assim, os integralistas reconheciam as figuras de Osório, Caxias e Tamandaré como as grandes referências militares; José Bonifácio, Dom Pedro I e os bandeirantes como personalidades históricas altamente relevantes. Os bandeirantes, por exemplo, levavam o crédito pelo desbravamento e reconhecimento das regiões centrais brasileiras, enquanto Dom Pedro e José Bonifácio ganhavam os méritos pela conquista das bases da unidade nacional. Evidentemente, uma admiração, por essas personalidades, muito semelhante com a de Salgado quando ouvia as narrativas de história de seu pai.

As formas de cultuar essas personalidades eram variadas, mas sempre mencionadas a partir de um discurso que enfatizava a necessidade de dar impulso à formação da consciência da nacionalidade. Eram citados e homenageados e, em algumas oportunidades, fazia-se, até mesmo, concursos para quem melhor promovesse a memória desses “heróis”, como este, em que a premiação consistia de um valor em livros fornecidos pelos integralistas e escolhidos pelo vencedor:

O Integralismo no prosseguimento de sua obra educativa de formação da consciência da Nacionalidade, vai, este ano, promover, excepcionais comemorações à Caxias e Tamandaré (...) Desde já são convocados todos os intelectuais do Brasil (sociólogos, historiadores, críticos militares, escritores, poetas, pintores, escultores e músicos) para produzirem trabalhos que, sob todos os aspectos, possam pôr em evidência os vultos desses dois heróis nacionais. Os ensaios dos sociólogos, dos historiadores e dos críticos, assim como as obras de arte dos romancistas, dos poetas, dos escultores, pintores e músicos, relativas às lendárias figuras e dos episódios em que foram vultos centrais deverão ser desde já iniciados. O prazo para a recepção será até 1º de maio de 1936.⁶⁹

Em torno das figuras de Caxias e Tamandaré foi criado um mito de heroísmo legitimado pela Historiografia oficial do Império e da Historiografia Militar. Os integralistas apenas retomaram a maneira como esses “heróis” eram apresentados. Provavelmente, uma tentativa de reforçar a idéia de nação a partir das bases edificadas no

século XVIII, da Enciclopédia e da Revolução Francesa”: SALGADO, Plínio. *A doutrina do sigma*, op. cit., p. 106.

⁶⁹ *Monitor Integralista*, Rio de Janeiro, agosto de 1935.

tempo de D. Pedro II, quando se tentou instituir uma unidade através da construção de uma identidade histórica.

Ao culto às personalidades históricas, como Caxias e Tamandaré, somava-se o culto aos poetas e intelectuais brasileiros. Principalmente por intermédio de Plínio Salgado, os integralistas acostumaram-se a aclamar os nomes de Castro Alves, Casemiro de Abreu, Euclides da Cunha, Alberto Torres, entre outros. Esses últimos, objetos desse estudo, intelectuais importantes para o entendimento das idéias do líder integralista.

É interessante notar uma diferença de “status” para o culto dos intelectuais. Não obstante alguns nomes de relevo terem sido citados pelos integralistas, como Oliveira Vianna e Tristão de Athaíde, como importantes referências para a orientação da AIB e inspiradores para o integralismo, a eles não era atribuído o mesmo estatuto dado a Alberto Torres, Farias Brito e Euclides da Cunha. Nesse caso, observamos que havia um insistente discurso a favor dos intelectuais e dos jovens pensadores que se preocupavam com o destino da Pátria brasileira. Contudo nota-se uma distinção entre os vivos e os mortos. Os intelectuais vivos eram também mencionados, mas não eram colocados no mesmo posto daqueles que já haviam morrido. Era tal essa preocupação que, em determinado momento, Plínio Salgado proclamou a proibição dos nomes de pessoas vivas ao batizar instituições integralistas:

O Chefe Nacional da AIB, usando dos poderes que lhe foram reconhecidos e proclamados pelo 1º Congresso Integralista Brasileiro de Vitória e reafirmados no 2º de Petrópolis e nas Cortes do Sigma (...) Considerando que só os mortos ilustres, os heróis nacionais e os que por qualquer motivo se tornaram em vida, dignos da admiração dos brasileiros, devem ter seus nomes em evidência para servir de exemplo às gerações presente e futuras; (...) Resolve: Proibir [que] sejam dados nomes de pessoas vivas, integralistas ou não, inclusive o Chefe Nacional, às escolas, campos de esporte, ambulatórios, lactários, bibliotecas, enfermarias ou a outras quaisquer instituições da AIB.⁷⁰

Mesmo bem antes dessa resolução, a menção aos intelectuais brasileiros mortos era feita através de lembranças e homenagens, realizadas em suas memórias, como o batizado de escolas integralistas com o nome de Euclides da Cunha, Jackson de Figueiredo, Alberto Torres e outros; além de notas em jornais e em revistas integralistas exaltando as biografias dos mesmos.⁷¹

⁷⁰ *O monitor integralista*, , nº 17, ano V, 20 de fevereiro de 1937, p. 5.

⁷¹ Exemplo disso era o espaço reservado na revista *Panorama* para os “Mentores da Nacionalidade”, onde apareciam textos de intelectuais já falecidos. Na descrição deste espaço era colocado o seguinte: “páginas dedicadas às grandes figuras de pensadores brasileiros, há muito desaparecidos do cenário nacional e que

Esse estatuto diferenciado mostra que, em algumas situações, os integralistas se colocavam abaixo desses intelectuais. Como evidencia essa resolução de Salgado, citada anteriormente, nem mesmo o Chefe integralista poderia ser homenageado, pois somente os mortos ilustres e os heróis nacionais seriam dignos de terem seus nomes em evidência. Mesmo assim, veremos mais adiante, Plínio Salgado servia-se sempre das palavras e das biografias desses pensadores (talvez, justamente, por estarem mortos e não poderem dizer o contrário) e, por vezes, discordava de suas idéias. Isso também não impedia o discurso messiânico do líder da AIB, considerando-se clarividente em relação ao momento político e histórico e percebendo em si uma capacitação diferenciada frente aos demais, justificada pelo elemento intuitivo.⁷²

No entanto, é curioso notar que Plínio Salgado enfatizava a necessidade de se espelhar nesses heróis, mas nunca se comparava a eles. De fato, o líder integralista hesitava em assumir a postura de um “herói”, exemplificado por ele nessas personalidades históricas. Mas, ao mesmo tempo, assumia a tarefa de líder e se julgava capaz de guiar o movimento integralista. Há indícios de que não é simples coincidência essa dubiedade de *status*. Afinal qual era o estatuto que Salgado dava a ele próprio e qual o estatuto que ele dava a esses heróis da pátria? A resposta, provavelmente, é que Salgado escrevia sobre os heróis sob o ponto de vista de quem desejava instruir o povo brasileiro e não fazer qualquer tipo de equiparação entre ele e os intelectuais como Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito, o que não o impedia de utilizá-los a seu favor.

Ainda há a questão referente à ambigüidade de Salgado sobre sua posição de líder, ao mesmo tempo que se considerava escritor. O fato de Salgado ter tido uma expressiva acolhida literária em 1926, com a publicação de *O estrangeiro*, e de ser reconhecido antes escritor do que um político, líder do movimento integralista, intrigava a ele próprio: “Minha vida tem sido, assim, cheia de paradoxos. A incoerência dos homens tem sido tão grande em torno de mim, que hoje não me admira que muitos deixem de reconhecer no organizador do Integralismo o mesmo escritor daquele tempo [época da publicação de *O estrangeiro*]”.⁷³ Nicolau Gut, apesar de, visivelmente, admirador da personalidade de

devem ser lembrados pelos ensinamentos e previsões que nos deixaram”. Vide *Panorama*, São Paulo, Janeiro de 1936, nº 1 (Nesse 1º número, aparece um trecho de texto de Alberto Torres, retirado de A organização nacional).

⁷² “Uma intuição secreta me dizia que eu possuía a chave para decifrar a psicologia de um povo e que era preciso conhecê-lo antes de dirigi-lo”. SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*, op. cit., p. 12.

⁷³ SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*, op. cit., p.6.

Salgado, também sugere que o líder integralista viveu, na década de 1930, com a dupla face, de escritor e político:

Alma sensível e avessa às violências, Plínio Salgado, procurou sempre corrigir os governos, aconselhando, persuadindo, pedindo quase e suplicando, em vez de opor-se como adversário irreconciliável. A sensibilidade do poeta impediu a realidade do político: no que não vai uma crítica pejorativa, pelo contrário, um elogio da humanidade de Plínio Salgado.⁷⁴

A dubiedade entre o escritor e o político se traduzia na prática entre, respectivamente, o teórico e o homem de ação. Isso evidencia que o seu comando era legitimado pela sua trajetória de intelectual, de homem de idéias. Essa constatação também se confirma em várias passagens de seus livros, em entrelinhas, quando sugere que os movimentos políticos devem ser guiados por uma ação coletiva (em detrimento de ações individuais), como fica claro nesta passagem de *A doutrina do sigma*, quando Salgado escrevia sobre o papel dos heróis naquele instante:

As massas populares já estão desiludidas dos taumaturgos e caudilhos e dos messianismos estúpidos que exprimem estados de barbaria (...) Quem falar ao povo de um modo mais claro criará a grande unidade (...) Há um novo sentido de heroísmo: do sacrifício, da luta, da tenacidade, da cultura. A força criadora de Pátrias. A força da Idéia que, só ela, altera o curso da História.⁷⁵

Confirmando esse raciocínio de que Plínio Salgado vivia o dilema entre ser teórico e ser líder do Integralismo, Héglio Trindade mostra que, nas discussões mais polêmicas dentro da AIB, Salgado cumpria, muitas vezes, um papel de intermediador dos debates mais acirrados. Ele assumia, desta forma, uma postura mais flexível nas decisões a serem tomadas em relação ao cumprimento de determinadas tarefas:

Salgado define *seu papel* segundo um duplo critério. Defende a rigidez da chefia em matéria doutrinária, ao mesmo tempo que postula a flexibilidade nas decisões dirigidas à ação. Esta concepção significa, na realidade, uma racionalização do papel do chefe adaptada à sua personalidade mais de doutrinador e agitador político do que de homem de ação.⁷⁶

Em virtude do desenvolvimento do movimento integralista, Salgado racionalizou sua tarefa de Chefe, em função de sua personalidade de doutrinador, cumprindo esse duplo critério que assegurava seu comando no plano doutrinário, mas que lhe tirava poderes de decisão no plano da ação, fazendo isso de maneira consciente. Essa postura de Salgado, de

⁷⁴ GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o criador do integralismo na literatura brasileira*. Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940. Dissertação de Mestrado defendida em Munique, na Alemanha.

⁷⁵ SALGADO, Plínio. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Verde-amarelo, 1935, p. 143.

⁷⁶ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30, op. cit.*, p. 175.

se eximir de decisões práticas no comando da AIB, não deixa de ter semelhança com a postura de um dos mais conhecidos líderes de partidos de cunho fascista.

Como se sabe, Hitler se eximia das decisões práticas na direção do nazismo e do governo alemão, responsabilizando seus secretários mais próximos para cumprirem as tarefas, mas mantinha uma postura de *condottiere*, segundo a designação fascista italiana, ou de *führer*, na designação alemã, mantendo, pelo menos, o perfil e a imposição do comando. Nesse sentido, apesar dessa semelhança inicial, o que faltava para que Salgado se aproximasse da figura de um *condottiere* era a imposição, a imagem de líder e do heroísmo ativo. Esse foi, segundo relatos consulares, mostrados por Ricardo Seitenfus, um dos motivos para que a Itália fascista fosse, aos poucos, desconfiando do êxito integralista no Brasil. Segundo o autor, após estreitar as relações com os integralistas, em 1936, a embaixada da Itália, representada por Vincenzo Lojacono, em 1937, expressou um desapontamento com o integralismo e com o seu Chefe Nacional:

Lojacono pensa que é impossível conceber o fascismo sem “um conteúdo heróico, e sobretudo sem um herói”. Salgado, “pensador profundo, consciência mística, não tem a dimensão do condottiere”; nem a imagem, nem a “coragem física”. Salgado pode ter um “herói passivo, mas não tem um herói ativo daquele que sai das trincheiras para ir ao assalto”.⁷⁷

Mesmo sem o “perfil” de condutor e líder de um movimento de massas, a tarefa de Salgado como ideólogo e dirigente integralista colocou-o como “guru” dos camisas-verdes e, ao longo do tempo, ele assumiu uma espécie de postura messiânica na chefia do movimento. A sua imagem foi estimulada pela propaganda interna da AIB, edificando um homem capaz de guiar as massas rumo à revolução integralista, transformando-o em verdadeiro herói dentro do movimento, apesar de ser visto pelo viés contrário fora dele. Além disso, a despeito dessa imagem revitalizada, de ideólogo a salvador da pátria, ele insistia que a alavanca do movimento deveria ser dada pela constituição de uma nação brasileira. O nacionalismo, segundo o líder dos integralistas, era a verdadeira força de que o Brasil necessitava. Dessa forma, essa dubiedade possivelmente fazia com que Salgado se eximisse de uma responsabilidade maior em relação às decisões mais polêmicas a serem tomadas no cerne da AIB.

Mantendo essa postura de Chefe e ideólogo, Salgado encontrava um subterfúgio no nacionalismo, em que o herói era procurado e exemplificado no valor das grandes

⁷⁷ SEITENFUS, Ricardo. As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939. In: Boni, Luis de (org.). *A presença italiana no Brasil*, op. cit., pp. 49-50.

personalidades da pátria. Isso podemos notar em várias cartilhas integralistas, em que o nacionalismo dos camisas-verdes se traduzia, segundo eles, no culto aos heróis nacionais, ou seja, aos vultos históricos, poetas e escritores que contribuíram para o engrandecimento do país. Isso vai ao encontro da noção de herói traduzida por Salgado e, pelo que conhecemos de sua biografia, implica afirmar que o nacionalismo do principal dirigente integralista se refletia também nesses pensadores, poetas e heróis nacionais. Além disso, o nacionalismo era representado também pela preocupação com os problemas brasileiros, vinculado à questão “sertão-litoral”, e de proteção à pátria contra as ideologias consideradas nefastas à constituição da nacionalidade.

2.6. O contraste sertão x litoral em Euclides da Cunha

Euclides da Cunha nasceu em Cantagalo, no Rio de Janeiro, em 1866. Iniciou seus estudos na Escola Politécnica, na capital do Estado, depois se transferiu para a Escola Militar, onde foi expulso em 1888 por ter desacatado o Ministro da Guerra.⁷⁸ Voltaria ainda para a Escola Militar para se formar em Engenharia Militar e Ciências Naturais. Finalmente em 1896 ele rompeu definitivamente com o Exército. Defensor do regime republicano, nessa época, Euclides estava já desapontado com os rumos tomados pela República.

Decidiu então se mudar para São Paulo, onde aceitou o convite do jornal *O Estado de São Paulo* para atuar como repórter e cobrir a Campanha de Canudos. Em outubro de 1897, quando acabou a guerra, Euclides tinha um vasto material, baseado em suas anotações de campo, do qual iria se servir para escrever sua maior obra. Depois de ter se desligado do jornal, Euclides da Cunha teve uma longa estadia em São José do Rio Pardo, pois havia sido contratado para planejar a construção de uma ponte. Ali teve tempo para escrever nas horas de folga. Do final da Guerra de Canudos até a publicação do livro contaram-se cinco anos. Em 1^o de dezembro de 1902 foi publicada a 1^a edição de *Os Sertões*. Quando retornou ao Rio de Janeiro, pouco antes de sua morte, disputou vaga para ministrar a disciplina de Lógica no Colégio Pedro II, ficando em segundo lugar, atrás do filósofo Farias Brito. Mesmo assim acabou sendo nomeado para o cargo. Em 1909 morreu baleado na Estação de Piedade, próximo de onde residia.

⁷⁸ Na escola militar “se passa o incidente em que pela primeira vez na vida Euclides chama a atenção pública, quando, em sinal de protesto contra a monarquia, atira ao chão seu sabre no momento em que o Ministro da Guerra visitava a [escola]”. GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 65-66.

Tradicionalmente, a publicação de *Os Sertões* é um marco no estudo da literatura brasileira, pois dá início ao período denominado “Pré-Modernista”, em que se caracterizam os elementos da realidade natural, representada, às vezes, por um certo pessimismo e crueldade percebidos na vida real e na condição humana. Assim, tais elementos são chamados de “naturalistas”. A obra de Euclides da Cunha inaugurou, na literatura, um movimento de reação ao romantismo, em que se acentuou a preocupação com a fidelidade à expressão natural. Como os movimentos literários não se dão por acaso, as abstrações para efeito de estudo obrigatoriamente se remetem aos acontecimentos práticos da realidade social do país.

Nesse sentido, as referências culturais mudaram no momento em que Euclides deu o tom de denúncia da realidade brasileira ao retratar o contraste cultural de dois “Brasis”, o do sertão e o do litoral. A transição dos valores que caracterizavam o Brasil como belo e majestoso, que se referiam a um tipo ideal de homem, como o índio e o gaúcho, agora mostrava as condições reais do sertanejo, do jagunço, uma espécie de “sub-raça” que habitava o nordeste brasileiro, mas que, apesar de tudo, resistia às tragédias impostas pelo seu destino: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”. E continuava Euclides, observando a estética do mestiço: “A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas”.⁷⁹ Euclides fez a crítica à população litorânea (residente nas grandes cidades e capitais) por ter dado as costas à população do sertão, agindo de forma cruel e com um horizonte cego, cometendo um crime contra si própria. Esse modo nefasto de agir começa a ser denunciado, em *Os Sertões*, através da própria Campanha de Canudos: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”.⁸⁰

A divisão de sua narrativa – Terra, Homem e Luta – corresponde ao método de Taine – meio, raça e momento histórico – e está imbuída de um determinismo histórico e geográfico. Descreve, primeiramente, as condições climáticas e geográficas do sertão, partindo, em seguida, para a descrição do sertanejo, do jagunço e de Antônio Conselheiro, o líder espiritual de Canudos. Só então parte para a narração do conflito, em que destaca a luta entre a sociedade do sertão e a sociedade urbana. A precisão de seus termos e a

⁷⁹ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2002, p. 77.

⁸⁰ *Idem*, p. 9.

preocupação com os detalhes do evento descrito mostram o caráter científico e historicista de Euclides da Cunha.

Para ele, os determinismos do clima e da terra constituíram a organização social, ao passo que a raça daria o perfil psicológico e a tendência no comportamento do sertanejo. Dessa maneira, teria se obtido no sertão, resultado dos cruzamentos raciais entre brancos e índios, o mestiço. Esse homem teria sido influenciado por todo tipo de superstições e, a despeito de sua grande luta contra a natureza, não teve chances de superar as condições naturais contrárias ao pleno desenvolvimento de sua cultura.

Embora observemos a valorização do caboclo brasileiro em *Os Sertões*, quando Euclides da Cunha descreve a bravura do sertanejo sobrevivendo em condições precárias de vida, diante do abandono da região, suportando os castigos naturais do clima, da terra e da resistência “heróica” empreendida por eles frente ao Exército, a autora Walnice Galvão matiza essa perspectiva única e observa a possibilidade de se ler “dois livros em um só”:

A repetição incessante de afirmações contraditórias oferece a possibilidade de se ler dois livros num só. Num deles, os rebeldes são heróicos, fortes, superiores, inventivos, resistentes, impávidos. No outro, eles são ignorantes, degenerados, racialmente inferiores, anormais, atributos que impregnam também, por extensão, seu líder Antônio Conselheiro e o próprio arraial onde viveram.⁸¹

Trazendo a discussão para o pensamento de Plínio Salgado, embora haja essa dupla perspectiva de leitura da obra, o líder integralista adotava, de *Os Sertões*, a visão do sertanejo forte, interpretando uma valorização do brasileiro representado pelo caboclo:

Como Euclides da Cunha amava sua Pátria! Seu grande livro, chamado “Os Sertões”, exalta a grandeza da nossa terra e da nossa gente. Naquelas páginas de um estilo forte, luminoso e rico, ele revela seus conhecimentos científicos e sua energia moral. Euclides descreve o caboclo do Brasil, em pinceladas impressionantes, mostrando o seu valor. O sertanejo descrito por Euclides da Cunha é uma figura extraordinária: na aparência, dá a impressão de um fraco, mas na hora da luta, é um verdadeiro gigante.⁸²

Plínio Salgado contava que descobriu *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, após algumas tentativas de procurar os costumes do povo brasileiro na leitura da obra de Machado de Assis. A obra de Euclides teria sido indicada por um amigo que se impacientava com a leitura em voz alta de Salgado de um trecho de um dos livros de Machado:

– Pára! Pára! – gritou angustiada a voz do meu amigo. – Isto só com uma bala no ouvido! Olhei-o e não pude deixar de sorrir. Ele

⁸¹ GALVÃO, Walnice Nogueira, *op. cit.*, p. 81.

⁸² SALGADO, Plínio. *Nosso Brasil*. Rio de Janeiro: Editora A. Coelho Branco Filho, 1937, pp. 63-64.

contava vinte e quatro anos, era já um conceituado pintor da nossa terra, cheio de sonhos para o futuro. Nas confabulações em que uma turma de jovens brasileiros gastava longas horas noturnas, a discutir os problemas do Brasil, a idear uma grande revolução, aquele rapaz era um dos mais entusiastas. Agora, ele se levantava irritado, aflito, entregando-me um volume que apanhara de sobre a mesa. “Leia isto”. Era o volume de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.⁸³

Para Salgado, a geração anterior à sua teria sido instruída pela obra machadiana, influenciada por elementos do naturalismo. Sua geração, contudo, não encontrava o conteúdo adequado na obra de Machado. Essa geração estaria desencantada e desiludida com a geração anterior, por essa estar “preocupada com as formas verbais da literatura e satisfeita com as formas simétricas de um regime político absolutamente alheio à vida e ao espírito da Nação”.⁸⁴ Segundo Salgado, ainda que se pudesse encontrar traços dos costumes de época em Machado de Assis, sua obra estava repleta de conceitos eurocêntricos, mostrava com superficialidade os problemas fundamentais do país e, principalmente, esse literato “julgava tudo inútil, com um sorriso amarelo que lhe vinha da amarga filosofia do escritor máximo da sua época”.⁸⁵

Machado representava, portanto, a figura do escritor que vivera em um período de artificialismo verbal, em que predominava a inconsciência política e o ceticismo filosófico. Euclides da Cunha, ao contrário, teria em sua obra a necessária expressão humana, o sentimento incutido na terra e na raça. Assim, o autor de *Os Sertões* teria um valor mais qualificado, pois não havia se ocultado diante dos problemas nacionais. Já Machado, segundo Salgado, “sempre [foi] alheio aos debates filosóficos, às polêmicas no terreno do direito e da sociologia, e até mesmo a política jamais o interessou”.⁸⁶ Machado de Assis, que antes era o grande escritor brasileiro, não estaria à altura de Euclides da Cunha.

Mesmo com esse descrédito pelo autor e de uma valorização maior da obra de Euclides, devemos estar cientes de que Plínio Salgado não desprezava por completo as obras de Machado de Assis. Ele ressaltava que num período de revisão de valores o autor havia sido esquecido, mas “na fase construtiva” que a sua geração empreendeu, “avultou de novo, como um espírito atual”.⁸⁷ O líder integralista, ao se referir a Euclides e a Machado,

⁸³ SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*, op. cit., pp. 156-157.

⁸⁴ *Idem*, p. 157.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 158.

⁸⁷ “Machado de Assis, que até então, no período agudo da iconoclastia, da revisão violenta de valores, estivera, não propriamente condenado, porque não tínhamos força para condenar um gênio, mas pelo menos

nesse texto, sempre alude à leitura desses autores a sua geração, mas não cita nomes e nem a época. Podemos entrever, porém, que, provavelmente, isso se dá em meio ao movimento modernista, possivelmente, na corrente do *verde-amarelismo*, período em que Salgado estava procurando os subsídios nacionais nos escritores brasileiros. Essa seria a fase de “revisão dos valores”. A “fase construtiva” poderia ser o período de maturação do integralismo até a constituição formal do movimento, momento em que as personalidades nacionais foram objeto de manipulação na doutrina da AIB.

Seja como for, havia essa diferença de estatuto entre a trilogia dos autores mais citados por Salgado – Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito – e a dos intelectuais que, segundo ele, não se preocupavam com os problemas reais do país e ainda seguiam um pensamento vinculado às tradições européias:

Vê-se bem a nossa condição de pupilo da França, depois de ser filho de Portugal. E, no panorama vasto do nosso pensamento, a tragédia de Gonçalves Dias e José de Alencar, defronte outra em que se agiria a trilogia precursora de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito.⁸⁸

Entre outras virtudes, como a atenção prestada aos problemas nacionais, que o líder integralista encontrou também em Alberto Torres e Farias Brito, Euclides da Cunha havia chamado a atenção de Salgado, fundamentalmente, pela descrição que fez do sertanejo, em *Os Sertões*, e pelo contraste entre o sertão e o litoral:

Temos, ainda hoje, dominando os círculos culturais do país, uma mentalidade teórica, que se cristalizou nos gabinetes, que não acompanhou, que não quer acompanhar o movimento da sociedade moderna; que não quer compreender os imperativos do instante universal; que não quer se desgarrar da crosta de uma civilização litorânea, ganglionar, posta já em choque com as forças bárbaras da terra, como Euclides da Cunha evidencia na epopéia dos “Sertões”.⁸⁹

A alusão ao autor era feita, principalmente, no âmbito das idéias, mas eram comuns também os elogios feitos em relação ao seu valor moral. Lembrado também quando atuou em suas tarefas relativas à profissão de Engenheiro, Euclides da Cunha era referenciado como o grande desbravador do interior do Brasil (uma espécie de bandeirante), precisamente quando Rio Branco, em 1904, o convidou para chefiar a comissão brasileira ao Alto Purus. Esse episódio chamou a atenção de Salgado, que louvava as atitudes de Euclides:

esquecido, Machado de Assis, na segunda fase, na fase construtiva que a nossa geração empreendeu, avultou de novo, como um espírito atual”. *Ibidem*, p. 164.

⁸⁸ SALGADO, Plínio. Despertemos a nação, *op. cit.*, pp. 59-60.

Euclides, em todos os momentos, mostrava ser patriota. Uma vez, estando numa comissão de limites do Brasil e da Bolívia, no dia de plantar um marco divisório, os engenheiros e oficiais de ambos os países promoveram uma pequena festa. Era um jantar, num rancho. Pelas paredes havia as bandeiras de muitos países sul-americanos, mas a do Brasil não estava lá. Euclides olhou para as paredes cobertas de folhas e flores e notou que as cores predominantes eram o verde e o amarelo, cores da nossa Bandeira Nacional. E quando chegou a hora dos brindes, Euclides disse: “O Brasil não tem aqui uma bandeira de pano, mas tem uma mais bela e gloriosa, mais tocante na sua simplicidade”. E apontando para as folhagens verdes com flores amarelas disse: “Ali está a bandeira do Brasil!”.⁹⁰

Em algumas vezes, como no exemplo acima, a obra literária ficava à margem das atitudes práticas, em que a índole pessoal do escritor era exacerbada com a romanceação de seu ideal nacionalista e patriota. Assim, a utilização de Euclides não se restringia apenas à menção do seu pensamento, mas também ao uso de sua biografia.

Essas apropriações em torno da figura de Euclides e de sua obra, referenciando-o como um grande escritor e um “grande homem”, não foram restritas a Salgado. O intelectual já era há muito tempo consolidado como um dos maiores pensadores do Brasil e sua obra considerada um *best-seller*. Mas a construção da grande personalidade em que Euclides se tornou foi construída gradualmente.

O engrandecimento de Euclides da Cunha e de sua obra não se deu de imediato. Euclides morreu já como grande escritor, mas foi ao longo do tempo que o intelectual ganhou o *status* de grande autor nacional, resultado de uma construção posterior à sua morte. *Os Sertões* foi considerado o primeiro clássico brasileiro por ter se tornado um “*best-seller* de longa duração”, como afirma Regina Abreu, ganhando notoriedade pela mobilização da opinião pública que respondia com simpatia e era unânime em confirmar o valor da obra, e que, em razão disso, teve inúmeras reedições, sendo também inserida como estudo obrigatório nos currículos escolares.⁹¹

A mobilização de escritores e admiradores que divulgaram a sua obra, imediatamente após a morte de Euclides, deu o passo inicial para o resgate e a preservação da memória do autor. Desde muito cedo, esses homens trataram de lembrar Euclides como uma grande singularidade, misturando o conteúdo literário, o valor moral do intelectual e as fatalidades de sua biografia trágica relacionadas à luta incansável do escritor diante das

⁸⁹ Notas Políticas, *A razão*, São Paulo, 2 de julho de 1931.

⁹⁰ SALGADO, Plínio. *Nosso Brasil*, *op. cit.*, pp. 63-64.

⁹¹ ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998, p. 276.

dificuldades impostas pelo seu destino.⁹² Em outras palavras, os funerais de Euclides marcaram o início do culto ao escritor. Após sua morte não tardaram as biografias e os elogios dos jornais. Entre as biografias de destaque estão as de Francisco Venâncio Filho, Elói Pontes, Oswaldo Galotti, Sylvio Rabelo e Olímpio de Souza Andrade.

Um ano após a morte de Euclides da Cunha, em seu aniversário de falecimento, um grupo reunido em volta de seu túmulo decidiu se organizar para divulgar a obra do escritor. Entre eles estavam Alberto Rangel e Coelho Neto que, juntamente com outros admiradores de Euclides, fundaram o *Grêmio Euclides da Cunha*, no Rio de Janeiro. O movimento se ampliou quando, em 1917, outro “euclidiano”, Edgar de Mendonça idealizou uma campanha mais incisiva para o incipiente movimento que pretendia difundir a obra de Euclides. Nesse sentido, os membros do Grêmio teriam a tarefa de promover a realização de conferências que versassem sobre Euclides e sua obra, a promoção de biografias, estudos e até de um monumento em homenagem ao autor.

Em 1918 aderiram ao movimento alguns intelectuais paulistas. Ao mesmo tempo se tinha notícias de celebrações à memória de Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo, local em que foi escrita a célebre obra *Os Sertões*. Em 1921, diversos intelectuais de São Paulo, como Vicente de Carvalho, Affonso Taunay, Plínio Barreto, Monteiro Lobato, Alberto de Souza e Arthur Motta, assinaram moção de apoio ao trabalho do Grêmio Euclides da Cunha. A partir do apoio dos intelectuais paulistas, pôde-se erigir um grande arquivo do escritor brasileiro, em que se reuniu um acervo de tudo o que a ele se referia.

⁹² Descrevendo a crise conjugal com a esposa do escritor, D. Saninha, Walnice Galvão expõe muito bem o final trágico da vida de Euclides da Cunha: “O desenlace só se dá quando a esposa, levando os filhos, abandona o lar e vai para a casa de Dilermando de Assis, o outro homem em sua vida. No dia 15 de agosto de 1909, Euclides invade aquela casa, armado, e começa a atirar. Dilermando e seu irmão Dinorah adiantaram-se para enfrentar Euclides (...) Ora, os dois irmãos eram militares, Dilermando cadete do Exército e Dinorah aspirante de Marinha. Euclides atingiu Dinorah na espinha, em consequência do que ficou inválido, teve sua carreira interrompida e anos mais tarde suicidou-se. Mas Dilermando atirou certamente, matando Euclides. Mais tarde, depois de julgado e inocentado como autor de morte em legítima defesa, Dilermando de Assis se casou com D. Saninha, e tiveram mais filhos. Parece que sua carreira foi dificultada, tendo ele sido sempre enviado a postos longínquos e preteridos nas promoções. O certo é que a todo momento, durante toda a sua vida, era obrigado a vir a público para se defender de calúnias que continuaram a lhe dirigir, tendo inclusive escrito livros de justificação. Ora, isto tudo foi um *affaire* entre militares, já que Euclides era tenente reformado do Exército e sua esposa filha de General. Os poderes constituídos e a opinião pública desejavam com tal ardor o sangue do homicida, que a menor dúvida sobre sua inocência afetaria o veredito. Se nessas condições altamente desfavoráveis, ainda assim não foi possível declarar Dilermando culpado, é porque realmente não se encontrou fundamentação legal. Euclides foi velado na Academia Brasileira de Letras e enterrado com todas as honras públicas. A nação ficou de luto”. Sete anos mais tarde, “o filho segundo de Euclides, que tinha o mesmo nome que ele e também se encaminhava para a carreira militar, (...) agride a tiros, dentro do Fórum do Rio de Janeiro, o mesmo Dilermando de Assis. Este, que mais tarde seria campeão nacional de tiro ao alvo, novamente é atingido várias vezes, e com um tiro certo mata Euclides da Cunha Filho. Novo processo, nova inocentação por legítima defesa. Várias décadas mais tarde, Dilermando ainda

Em São José do Rio Pardo se deu o auge do movimento euclidiano que a partir de 1935 mobilizou intelectuais de renome para conferências na recém criada “Semana Euclidiana”, tradicional evento da cidade que se mantém até hoje. A idéia era realizar uma semana com atividades totalmente voltadas para celebrar a obra do escritor. O ponto alto seria a Conferência, em que, a cada ano, convidar-se-ia um intelectual respaldado para ministrá-la. Em 1936, o historiador Pedro Calmon foi o convidado, nos anos seguintes, foram conferencistas, entre outros, Roquete Pinto, Afonso Arinos, Alberto Rangel, Afrânio Peixoto, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado.⁹³

Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, integrantes da corrente *verde-amarela*, no movimento modernista, apresentavam apropriações semelhantes da obra de Euclides da Cunha. Segundo Regina de Abreu, os dois primeiros, junto com Cândido de Motta Filho, outro *verde-amarelo*, atuaram no “movimento das bandeiras”, na década de 1930, comparando o antigo ideal bandeirante ao desbravamento dos sertões, a suposta descoberta do interior do Brasil feita por Euclides. A maioria das apropriações sobre a obra euclidiana estava ligada à valorização da civilização interiorana do sertão, mas variava em torno das temáticas, como a Geografia, a Antropologia, a História Militar, o Folclore, o Nacionalismo, etc.

Regina Abreu descreve com detalhes a conferência de Cassiano Ricardo em 1947, intitulada *O bandeirante Euclides*.⁹⁴ Ela relata que “o conferencista estabelecia uma classificação entre os intelectuais brasileiros, dividindo-os em dois grupos: o primeiro, ‘preocupado com os problemas do nosso *hinterland*’”, se aproximaria das preocupações de Euclides, e “o segundo, que sofria da ‘hemiplegia do litoral’”, se aproximaria de Machado de Assis: “Euclides da Cunha e Machado de Assis seriam ‘os representantes típicos dessas duas tendências contrárias’”.⁹⁵

declarava ao escritor Francisco de Assis Barbosa que carregava no corpo quatro balas que não puderam ser extraídas, duas do pai e duas do filho”. GALVÃO, Walnice Nogueira, *op. cit.*, pp. 63-65.

⁹³ Plínio Salgado ministrou a conferência, durante a semana euclidiana, em 1953, versando sobre o “grande homem” que foi Euclides. O tema intitulava-se “A qualidade e as virtudes de Euclides da Cunha”. A Conferência, na íntegra, foi publicada junto ao texto de Tasso da Silveira: SALGADO, Plínio & SILVEIRA, Tasso. *Euclides da Cunha*. Coleção Águia Branca. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1954.

⁹⁴ Cassiano Ricardo, em sua obra *Marcha para o Oeste*, também destaca o “bandeirismo” de Euclides: “(...) Episódios de igual colorido são as demarcações de Cunha Gomes e Luís Cruls. Mas basta o relatório de Euclides da Cunha, relativo à região do Alto Purus, na exploração demarcatória que lhe foi confiada. Que nos diz então o imortal estilista dos *Sertões*, a quem Lúcia Miguel Pereira chama tão agudamente “escritor bandeirante”? RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste*. Volume II. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 326.

⁹⁵ ABREU, Regina, *op. cit.*, p. 342.

Segundo Cassiano Ricardo, em sua conferência, Machado de Assis representava a tradição dos “escritores do litoral” que seriam “europeus, cosmopolitas, litorâneos”. Ele sofreria do “negativismo próprio do litoral”, ficando alheio aos “problemas brasileiros”. Cassiano Ricardo sugeria, nessa ocasião, que se fizesse uma comparação entre *Brás Cubas* e *Os Sertões*.⁹⁶ Essa interpretação, de contrastar duas tendências opostas entre Euclides e Machado, como vimos anteriormente, é idêntica à interpretação feita por Plínio Salgado. Esse dado, para nós, é significativo, pois Salgado e Cassiano Ricardo foram da mesma geração, foram companheiros no movimento modernista dentro da corrente *verde-amarela*, partilharam idéias que tinham em comum. Uma verdadeira sociabilidade entre intelectuais, como indica Sirinelli, que representa a maneira como são construídas e circulam certas noções entre os pensadores de uma mesma geração.

De qualquer forma, a notoriedade adquirida pela obra *Os Sertões* foi ímpar na cultura brasileira, primeira obra realmente impactante em termos de significação e reconhecimento das gerações posteriores. Euclides da Cunha não foi um autor, comparado a Alberto Torres e Farias Brito, os quais tiveram suas obras acolhidas por apenas uma parcela da intelectualidade. Ele foi uma unanimidade nas primeiras décadas do século XX, todavia sua admiração pelo cientificismo, com forte referência positivista, foi contestada por certos pensadores, inclusive alguns intelectuais da década de 1930, entre eles, o próprio Plínio Salgado. O líder integralista dizia, a respeito de sua geração e sobre a leitura da obra euclidiana: “De Euclides da Cunha, rejeitávamos o que havia de exibicionismo científico, e tomávamos a formidável expressão da terra e do homem onde residem ‘as grandes reservas nacionais’”.⁹⁷ Mais tarde, quando passou um pouco a euforia do lançamento de sua obra, também os estudos contemporâneos criticaram o determinismo do meio e da raça na conjuntura explicativa da obra euclidiana.

Mas de todas as apropriações, talvez a de Salgado, em determinado momento, tenha ultrapassado os limites da mera simpatia pelo autor, chegando ao tom do exagero e do delírio, pois ele achava que, se Euclides da Cunha fosse vivo, seria integralista. O relato curioso está em *Carta aos Camisas Verdes*, de Plínio Salgado. O líder integralista, em uma oportunidade, teria visitado Cantagalo, terra natal de Euclides: “Há 15 anos nutro esse desejo de conhecer a terra natal de Euclides da Cunha. Se Euclides da Cunha vivesse, seria

⁹⁶ *Idem*, p. 343.

⁹⁷ SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*, op. cit., p. 164.

integralista? Essa idéia me perturba”. E explicando com mais detalhes essa sua intuição, dizia ele:

Euclides amava o Brasil. Ninguém cantou como ele a epopéia da nossa Raça e ninguém penetrou melhor os misteriosos segredos da Terra. Quase tenho a certeza de que ele, Alberto Torres, Farias Brito e Olavo Bilac seriam integralistas... Euclides não me saía do pensamento.⁹⁸

O desfecho desse passeio foi uma reunião em torno do busto de Euclides da Cunha, em que o morto “respondeu a chamada”, mesmo sem ter nada a ver com o episódio criado em torno de sua figura. E mais ainda, Salgado convencera-se: Euclides era integralista! Por isso a evocação do “grande integralista”:

Ao cair da noite, sem que eu dissesse nada; alguém me pergunta: “Quer ir a Cantagalo? Dista 15 min de automóvel...” De um salto, pus-me de pé. “Vamos!”. A pergunta veio de novo no íntimo do meu espírito: - Euclides seria integralista se vivesse? Recordei-me então que uma vez, num dia 7 de setembro, em Paris, eu festejara a data da Pátria lendo a página de “O Sertanejo” a um grupo de brasileiros num “quartier” cinzento e cosmopolita. Não há dúvida. Euclides é integralista (...) Na praça central de Cantagalo há um busto de Euclides da Cunha. Reunimo-nos ali (...) No alto, as estrelas silenciosas. Nós estivemos também, em silêncio, alguns minutos. Em seguida, ordenei que o brigadeiro Thompson fizesse a chamada do “grande integralista”. Ele não o pôde fazer, porque se comovera e não podia falar. Então Jaime Ferreira fez a chamada. Nossas vozes responderam no silêncio: “presente!”. Eu cumprira meu desejo de 15 anos...⁹⁹

Entre narrativas, delírios e romantizações, Salgado traçava o perfil dos intelectuais brasileiros, expunha suas idéias, rejeitava, de determinados intelectuais, alguns pensamentos que não o agradavam, o que não impedia o engrandecimento dos mesmos em seus escritos.

Para se ter uma idéia mais precisa da relação entre a apropriação das idéias e a “sociabilidade dos intelectuais”, partiremos agora para a análise da leitura de Plínio Salgado sobre as obras de Alberto Torres. Esse intelectual pode nos fornecer mais dados do que Euclides em relação à questão geracional, pois foi sintomático o repentino interesse da geração de Salgado pela obra de Torres diante do momento político e cultural que o país atravessava.

⁹⁸ SALGADO, Plínio. *Carta aos camisas-verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1935, pp. 40-41.

⁹⁹ *Idem*, p. 17.

3. CAPÍTULO 2 – A LEITURA DAS OBRAS DE ALBERTO TORRES POR PLÍNIO SALGADO

Já mencionamos anteriormente que as idéias de Alberto Torres foram bastante citadas nos escritos de Plínio Salgado. A partir de agora, procuraremos identificá-las e apresentá-las sob a interpretação do líder integralista. Tentaremos, inicialmente, localizar no tempo o interesse de Salgado pelas obras de Torres e, a partir daí, verificar quais foram as primeiras idéias por ele apropriadas. Ao longo do capítulo, destacaremos os elementos enfatizados por Plínio Salgado no pensamento torreano. São eles: o ideal de raça, o nacionalismo e a noção de Estado. Veremos ainda alguns detalhes pertinentes à forma e ao conteúdo das citações feitas pelo líder integralista referentes aos intelectuais brasileiros, em especial ao conjunto de pensadores de sua geração.

Além disso, utilizaremos alguns autores do grupo geracional de Salgado para perceber de que maneira certas idéias do intelectual fluminense foram por eles apropriadas. Também serão utilizadas as referências de estudos contemporâneos que se ocuparam do pensamento de Alberto Torres e de que maneira eles o relacionam com o pensamento de Plínio Salgado. Por fim, avaliaremos as características conservadoras de Torres e Miguel Reale em contraste com as características revolucionárias de Salgado, a fim de enquadrá-los nos preceitos que remetem aos conceitos de autoritarismo e totalitarismo. Assim, a questão inicial poderia ser a seguinte: a partir de que momento percebemos as referências do pensador fluminense nos escritos de Salgado?

3.1. As primeiras referências às obras de Alberto Torres nos escritos de Salgado

Encontramos as pistas para responder a essa pergunta aceitando a cronologia dos dados biográficos de Salgado proposta por ele mesmo em seu livro *Despertemos a Nação*, bem como em outros trechos de suas obras em que ele narrou os acontecimentos de sua trajetória intelectual, como em *A doutrina do Sigma* e *Carta aos Camisas-Verdes*. Muitos fatos relevantes sobre a constituição da AIB e da biografia de Plínio Salgado são contados por ele próprio em seus livros. Exemplo disso é o conhecimento que temos a respeito dos

dados sobre o desenvolvimento da Sociedade de Estudos Políticos até o lançamento da AIB, a sua experiência como político, escritor e jornalista, entre outros detalhes.

Esses dados foram muito utilizados pelos diversos estudiosos que analisaram o movimento integralista, como Héglio Trindade, José Chasin e Gilberto Vasconcelos, como fonte para o pensamento “pré-integralista”, ou seja, foram informações utilizadas para explicar os fatores que antecederam o fenômeno integralista. Partiremos então dessas informações de Salgado a respeito de sua descoberta em relação aos intelectuais brasileiros, em especial Alberto Torres, confrontando-as com o conteúdo do primeiro livro de caráter explicitamente político do autor, ou seja, sua obra de 1927: *Literatura e Política*.

Vejamos antes, em *Despertemos a Nação*, o que Salgado dizia a respeito do impacto das obras dos intelectuais brasileiros sobre o seu pensamento:

Com Raul Bopp, atravessei muitas noites estudando a língua tupi (...). Em conseqüência do estudo do índio, o mistério da Unidade Nacional absorveu-me. Minhas leituras eram, nesses dias, Alberto Torres, Euclides, Oliveira Vianna. O político despertava no escritor.¹⁰⁰

A época em que Salgado se referiu nesse trecho, por volta de 1927, foi marcada anteriormente pela ruptura literária de 1922, e refletiu, durante a trajetória intelectual de Salgado, a sua experiência nacionalista nas correntes, impulsionados pelo movimento modernista, do *Verde-amarelismo* e da *Anta*. A partir de 1927, Salgado abandonou o movimento da *Anta*, coincidindo com o seu rompimento com Raul Bopp. Segundo o dirigente integralista, Bopp, que havia estudado junto com Salgado a língua Tupi e havia partilhado muitas de suas opiniões nacionalistas, preferiu ficar ao lado dos modernistas. Segundo ele, foi o momento em que descobriu a obra dos intelectuais brasileiros.

Se aceitarmos essa cronologia, temos uma fase de sua trajetória intelectual que durou de 1922 a 1927, na qual Salgado se guiou por correntes nacionalistas no interior do movimento modernista. A partir de 1927, segundo ele próprio referiu, “o político despertava no escritor” depois de ter lido as obras dos pensadores por ele referidos.

Diante disso, poderíamos apontar uma segunda fase de seu pensamento, que se inicia em 1927, e que seria conduzida pela mescla entre a política e as fontes literárias. Um forte indício dessa perspectiva é a publicação, nesse mesmo ano, de um livro com o sugestivo título de *Literatura e Política*. Nesse livro, encontramos a primeira evidência empírica das referências dos intelectuais brasileiros no pensamento de Plínio Salgado:

¹⁰⁰ SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*, op. cit., p. 12.

Sentir-se-á nestas páginas a impressão que me tem ficado da obra de Alberto Torres, das ponderações de Tavares Bastos, do novo pensamento nacional que, com feições diferentes, por vezes contrastantes, espelha-se na literatura social e política de Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Licínio Cardoso, Roquete Pinto, Tristão de Athaíde, Jackson de Figueiredo, e outros de igual merecimento. Também será observada a influência dos depoimentos e comentários de Euclides da Cunha, visionador alcantilado dos problemas brasileiros. E ver-se-á, finalmente, que tomei o Brasil dentro do seu tempo e das contingências internacionais, sob a impressão fortíssima da situação nacional em face da luta de idéias que derivou, nos velhos países, da Grande Guerra e da Revolução Russa.¹⁰¹

Com esse trecho, Salgado iniciou o seu estilo de citar um conjunto de intelectuais para justificar, reforçar ou expor as suas idéias. Como podemos observar, ele propunha uma espécie de síntese de pensamentos, na qual buscava amparo para compreender os problemas de sua época, tanto os de âmbito nacional quanto internacional. Segundo ele, alguns desses intelectuais, como Euclides da Cunha, valiam pelo seu olhar profundo (visionador) diante dos obstáculos que o país estaria enfrentando. Parte desses problemas nacionais também estariam relacionados diretamente com a Guerra Mundial, terminada em 1918, e a Revolução Russa, deflagrada em 1917. Leia-se, também, uma preocupação com o liberalismo e o comunismo e qual deveria ser a atitude política brasileira frente às contingências internacionais.

Somado a isso, é evidente a identificação de Plínio Salgado com um grupo de autores brasileiros aos quais se refere com estima e esperança em seus potenciais intelectuais. A forma de citar apresentava-se sempre com uma enumeração de autores, em que se fazia uma breve menção às suas contribuições intelectuais. Salgado utilizava adjetivos positivos e enfatizava a maneira como ele próprio era tocado pelas leituras realizadas, a despeito de perceber que as obras eram, por vezes, “contrastantes”. Além disso, os autores, oriundos de uma jovem geração, traziam idéias novas que constituíam uma literatura meritória. Ele tomava essa geração visando uma síntese de pensamentos. Esse intuito de união, de integração dos elementos que Salgado julgava favoráveis para erguer a nacionalidade, foi uma característica que sempre esteve presente nos seus escritos.

Os dizeres de Salgado apresentavam a noção de uma mentalidade nova que ele atribuía à sua própria geração. Uma geração que compreendia jovens intelectuais ou escritores que Plínio Salgado não cansou de enumerar e citar, dizendo que portavam “um espírito novo de crítica (...), um esboço de unidade de cultura, fundindo-se, num mesmo

¹⁰¹ SALGADO, Plínio. *Literatura e Política*, op. cit., p. 9.

corpo de pensamento, a geografia, a história, a etnologia, a geologia, numa palavra, o conjunto de fatores que entram na formação do homem brasileiro”.¹⁰² Era o desejo de síntese que, ao mesmo tempo, não impedia a consciência da divergência. Conforme ele:

É a época de Oliveira Vianna, Licínio Cardoso, Pontes de Miranda, Roquete Pinto, Rondon, Alarico Silveira, A. Taunay, Paulo Prado, Gilberto Amado, Tristão de Athayde, Jackson de Figueiredo, Hamilton Nogueira, Carneiro Leão, Celso Vieira, que embora às vezes divergentes entre si, formam o núcleo que vai se alargando da nova opinião nacional. Compreende-se a ecologia de Euclides, posta em destaque pelo espírito de Roquete Pinto. Alarga-se a faculdade da generalização, do mesmo modo que se impõe a necessidade de sínteses precisas (...) As conseqüências desses fenômenos nos domínios da sociologia são extraordinários, pois eles preparam a consciência nacional para a aceitação de novos rumos.¹⁰³

Segundo Salgado, pela primeira vez no Brasil, tinha-se uma geração que era capaz de perceber o ritmo dos tempos modernos e de assinalar uma postura autônoma frente aos problemas mundiais. Mesmo com o esforço de integrar os autores ele tinha a consciência de que havia “feições diferentes”, “por vezes contrastantes” nas obras dos intelectuais, os quais formariam um núcleo crescente de uma opinião nova, “embora às vezes divergentes entre si”. Essa utilização consciente das idéias dos diferentes pensadores revela indícios de uma apropriação particular de Plínio Salgado em relação à produção intelectual de sua época, em que ele aceitava certas idéias e rejeitava outras.

Além da consciência frente a essas divergências, ele tinha a noção de uma construção orgânica das idéias novas. Nesse sentido, quando citou acima a questão dos estudos sociológicos que “preparam a consciência nacional para a aceitação de novos rumos”, ele viu essa evidente organicidade que tornaria possível a transmissão e, principalmente, a aceitação de idéias, as quais não seriam disseminadas de maneira isolada, mas acompanhadas de um processo construído gradativamente para consolidar a legitimidade de um pensamento uniforme.

Isso significa dizer que os intelectuais que precederam a década de 1930, como Euclides da Cunha e Alberto Torres, e os que estavam vivendo e atuando naquela época, como Oliveira Vianna, estavam todos eles falando, de certa forma, de mudanças de atitudes no cenário político-social em que viviam. A “preparação da consciência nacional”, nas palavras de Salgado, dependeria da legitimação das idéias novas, as quais teriam de ser aceitas pela direção ideológica e cultural da sociedade. Esses escritores, ou mais

¹⁰² *Idem*, p. 32.

precisamente, essa geração a qual Salgado se referia, representava, portanto, não apenas a perspectiva de mudança nos quadros intelectuais, mas também a perspectiva de mudanças entre as elites políticas. Eles, e muitos outros, elaboraram as idéias que se tornaram dominantes e aceitas no conjunto social daquela época.

E é neste sentido, de uma nova mentalidade que toma a iniciativa para mudanças nas atitudes político-sociais, que Plínio Salgado evoca, pela primeira vez, em *Literatura e Política*, a obra de Alberto Torres:

Vê-se agora que é a literatura que dá o primeiro passo para a compreensão de realidades as quais apenas tinham sido vislumbradas por meia dúzia de cérebros privilegiados. A mentalidade brasileira, livre de todas as peias, interessa-se já pela obra de Alberto Torres, cujo espírito parece ter só agora encontrado os seus verdadeiros contemporâneos.¹⁰⁴

A retomada das obras de Torres pela geração de Salgado foi sintomática de uma conjuntura de fatores, internos e externos, que preocupava os homens daquela época. Os rumos políticos internacionais refletidos no cenário pós-guerra europeu, em que os países procuravam políticas alternativas frente ao liberalismo econômico, criaram condições propícias para a ascensão do fascismo e o crescimento das idéias comunistas, principalmente com o sucesso da Revolução Russa. Além disso, crescia muito rapidamente a decepção com o quadro político republicano brasileiro, fazendo com que os intelectuais e críticos políticos procurassem alternativas frente aos problemas diagnosticados. Portanto, apesar de ter sido um grupo heterogêneo que retomou os estudos do intelectual fluminense, havia um sentimento comum entre aqueles indivíduos, que acarretou uma percepção semelhante a todos em relação às obras de Alberto Torres.¹⁰⁵

De maneira geral, podemos dizer que Alberto Torres teve o cuidado de teorizar os possíveis caminhos políticos que poderiam guiar a administração do Estado brasileiro frente ao liberalismo internacional. Da mesma forma, pensou em uma reformulação política interna, tentando chamar a atenção para a importância de se criar uma idéia de nacionalidade, noção que auxiliaria a integração do povo em diferentes regiões e seria o primeiro passo para diminuir as diferenças sociais existentes em função da extensão do território nacional.

¹⁰³ *Ibidem.*

¹⁰⁴ *Ibidem.*

¹⁰⁵ Mannheim dizia que “a unidade de uma geração não consiste primariamente em um vínculo social do tipo que leva à formação de um grupo concreto, embora algumas vezes possa acontecer de um sentimento pela unidade de uma geração ser conscientemente desenvolvido como base para a formação de grupos concretos”. FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). *Karl Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982, p. 69.

Diante disso, Salgado, lendo as obras dos intelectuais brasileiros, especialmente *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *A Organização Nacional* e *O Problema Nacional Brasileiro*, de Alberto Torres, interpretou a disparidade que havia entre a cidade e o campo como sendo o principal obstáculo para o desenvolvimento social do Brasil, ou como ele mesmo preferia descrever, o problema da desigualdade social que havia entre os habitantes que viviam próximos do litoral e a população que vivia no interior do sertão.

Para Salgado, o homem do campo, em função de seu modo de vida isolado, longe das novidades vindas do exterior, diferiria do homem da cidade em relação à sua índole pessoal. Essa idéia é reforçada quando ele cita Torres: “O homem do campo é individualista, já dizia Alberto Torres...”.¹⁰⁶ O individualismo do homem do campo seria manifestado por razão de sua independência em relação às influências externas. Nesse sentido, o homem da cidade ficaria muito dependente dos elementos modernos trazidos do exterior, o que, em última instância, moldaria a psicologia dos habitantes do litoral. Salgado acreditava que era a partir desse homem, residente no sertão, que deveria ser iniciada a construção de uma unidade nacional.

Essa noção da diferenciação entre o sertão e o litoral seria, mais tarde, desenvolvida com maiores detalhes por Salgado em suas obras da década de 1930, quando relacionou o que considerava como os males externos, o liberalismo e o comunismo, como sintomas típicos das grandes metrópoles. Aqui, chamamos a atenção para a origem da idéia, que, segundo ele, teve nas obras de Torres e nos *Sertões* de Euclides da Cunha as suas maiores referências. Euclides seria o “visionário alcantilado” dos problemas do sertão, enquanto Torres seria o sistematizador das possíveis soluções para esses problemas.

3.2. A apropriação das noções de nacionalidade e de raça

Outro aspecto relevante da referência de Torres tomada por Salgado em *Literatura e Política* é o desenvolvimento da idéia de nacionalidade, intimamente ligada à procura das origens da raça brasileira. Ali, Salgado, citando a personalidade de Júlio Prestes e atestando uma simpatia pelos seus discursos patrióticos, escreveu: “Júlio Prestes não pertence ao número daqueles líricos patriotas a que se refere Alberto Torres, que não se cansam de falar senão de nossas grandezas. É patriota prático e sincero”.¹⁰⁷ Nessa passagem há uma

¹⁰⁶ SALGADO, Plínio. *Literatura e Política*, op.cit., p. 37.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 42.

referência à demagogia dos políticos e do nacionalismo falso. A citação de Torres remete à idéia de patriotismo do autor de *O Problema Nacional Brasileiro*:

Nós não exprimimos o interesse pela conservação nacional, senão com a forma dramática do culto da bandeira e do ardor militar (...) Não é, não pode ser este o símbolo ideal da nossa nacionalidade. Este símbolo deve ser mais humano e mais nobre: não pode conter um voto de renúncia, a aceitação do sacrifício.¹⁰⁸

A virtude de Torres estaria no fato de ele não ser um nacionalista lírico, mas um nacionalista prático. Realmente, o pensador fluminense destacava em suas obras a necessidade de se prestar atenção na realidade dos fatos da vida social brasileira e deixar o nacionalismo ufanista de lado. Este “nacionalismo prático”, em contraposição ao nacionalismo romântico, que cantava as belezas naturais brasileiras, seria necessário para defender o Brasil e torná-lo soberano frente aos demais países.¹⁰⁹

Nas obras de Salgado da década de 1930, podemos observar uma preocupação mais explícita desse “nacionalismo prático”, em que o autor se volta para os detalhes do meio e da raça. Opinando sobre a capacidade de desenvolvimento humano no clima da América do Sul, Salgado retoma *A Organização Nacional*, de Alberto Torres, dizendo que,

do ponto de vista do meio físico, é a América Latina o teatro onde se verificará, da maneira mais promissora, o nascimento de um tipo novo de humanidade. ‘A zona intertropical’ – escreve Alberto Torres – ‘é o berço do animal humano: foi em climas médios, ou cálidos, que se fixou o tipo mais perfeito do reino animal, aí floresceram as primeiras e mais luxuriantes civilizações; para aí convergem, naturalmente, as aspirações e desejos dos homens de todas as regiões. Só o esgotamento do solo, a proliferação das populações, as incursões bárbaras e as guerras conseguiram arremessar grandes massas de populações para zonas frias. É natural que o homem tente voltar para seu berço, sempre que aí encontre terras férteis e climas propícios à vida’.¹¹⁰

¹⁰⁸ TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933, pp. 134-135.

¹⁰⁹ Segundo Adalberto Marson, Alberto Torres estava preocupado com os rumos tomados na política internacional, principalmente com as práticas imperialistas que culminaram na Primeira Grande Guerra. “O reformador nacionalista monta um engenhoso *sistema de controle das mudanças*, se necessário com a paralisação do processo que levava à anti-Nação. A ocupação de um espaço autônomo na ordem internacional do imperialismo exigia a fundação de um novo ciclo orgânico, que seria, na sua linguagem, *o ciclo nacional*, construído mediante o aproveitamento do *potencial interno* e, só a título de *colaboração*, dos recursos tradicionais (capital, imigrantes, comércio) do exterior”. MARSON, Adalberto. *A ideologia nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo: Duas cidades, 1979, p. 198.

¹¹⁰ SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*, op. cit., p. 75. Vide: TORRES, Alberto. *A organização Nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933, p. 60. Nesta mesma página, antes do recorte feito por Salgado, o intelectual fluminense destacava o ambiente nacional como um dos mais propícios para a prosperidade do homem: “O Brasil é (...) um dos países que apresentam mais sólidos elementos de prosperidade e mostram condições para um mais nobre e brilhante destino”.

Como atestam o estudo de Ricardo Benzaquen Araújo e a leitura de *Psicologia da Revolução* e *A Quarta Humanidade*, de Plínio Salgado, o líder integralista seguia de perto Alberto Torres na interpretação de nosso meio físico e da adaptação da raça brasileira ao ambiente tropical. Isso porque Salgado, a exemplo de Torres, acreditava nas virtudes das diferentes raças que, segundo ele, compunham o perfil do brasileiro de sua época.¹¹¹ Segundo Salgado, a sociedade brasileira havia criado laços determinados pelo espiritualismo que propiciaram o desmanche de diferenças substanciais entre os homens. Além disso, seguindo a idéia de que a composição de nosso povo se daria pela união da raça indígena, negra e branca, Salgado explicava que, num futuro próximo, essa mistura extinguiria as desigualdades sociais pela formação do caboclo, resultado final do processo de cruzamento entre as diferentes raças.

Da mesma forma que o meio físico não era um obstáculo para os latinos e, conseqüentemente, para os brasileiros, Alberto Torres, escrevia a favor da raça negra e índia em *O problema nacional brasileiro*:

(...) temos verificado em cinco séculos de vida, que as diversas variedades humanas, habitantes de nosso solo, são capazes de atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento moral e intelectual alcançado por qualquer outra raça (...) Podemos afirmar que o negro puro e o índio puro são suscetíveis de se elevarem à mais alta cultura.¹¹²

Essa postura de crença no desenvolvimento e prosperidade das raças não arianas em solo brasileiro era um dos elementos mais admirados por Salgado no pensamento de Torres. Tanto que o líder integralista deu uma ênfase especial a esse aspecto na pequena biografia dedicada a Torres no livro *Nosso Brasil*:

(...) O que torna Alberto Torres digno da gratidão de todos os seus patrícios é a atitude que ele assumiu de reação contra certas teorias, que os inimigos do Brasil faziam circular, de que o nosso povo era inferior aos outros. Grande parte dos intelectuais brasileiros criminosamente adotou essas teorias, escravizando-se aos preconceitos raciais dos que nos amesquinham. Alberto Torres, em estudos irrefutáveis, eleva a nossa gente e prova que as instituições, isto é, as leis é que deviam ser modificadas, pois o

¹¹¹ “Nós somos um povo que começou a existir desde a morte de todos os preconceitos, quando as três raças se fundiram, irmanadas, no exército selvagem de negros, de índios e de brancos (...) Então, a meiga ingenuidade do índio, raça infantil em permanente comunhão cósmica, raça constituída de homens árvores, virginais nas suas impressões e nos seus raciocínios porque vinham agora mesmo da terra, misturava-se à onda negra trazida das florestas da África no bojo dos navios, para reiniciar o diálogo de Cham com seus irmãos, interrompido na Ásia, depois do dilúvio. E o branco arremedou de si todos os preconceitos para abraçar seus irmãos”. SALGADO, Plínio, *Idem*, p. 140-141.

¹¹² TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*, op. cit., p. 142.

nosso Povo digno, inteligente, trabalhador é capaz como nenhum outro.¹¹³

As teorias às quais Salgado se refere eram aquelas adaptadas de teóricos europeus que empreenderam seus estudos a partir do que foi chamado de “darwinismo social” e que identificaram o maior ou o menor potencial de desenvolvimento de um povo ligado ao grau de adaptação ao meio e condicionado, especialmente, pela virtude da raça.¹¹⁴ De qualquer forma, identificamos mais um elemento ligado ao nacionalismo de Torres, exemplificado na valorização das raças brasileiras, pois, assim como Salgado, ele achava que, somados ao branco, o índio e o negro estariam perfeitamente adaptados à terra, o que proporcionaria um efeito positivo de rendimento de suas aptidões pessoais. A mistura das raças também era vista com simpatia e qualificada como benéfica por Torres. Dessa forma, o intelectual fluminense destacava que nossa raça mestiça não perdia em termos de virtudes pessoais para a raça ariana. Sendo assim, o que se deveria preservar eram as relações de solidariedade entre as raças para não se gerar a desigualdade social:

Nas sociedades mistas de varias raças, a solidariedade política, jurídica e econômica envolve o interesse atual e futuro de todas as raças num mesmo interesse e num mesmo compromisso de apoio mútuo (...) Admitir uma desigualdade social entre as raças, importa decretar a guerra entre elas, pois que a subordinação não é mais possível.¹¹⁵

Assim, Torres tinha uma clara idéia sobre a desigualdade baseada em teorias deterministas: a imposição de uma raça em relação à outra com a justificativa de uma suposta superioridade não poderia ser consentida, senão pela guerra. Era mais um argumento a favor da unidade do território e contra o imperialismo das grandes nações. Em função de se voltar contra os interesses estrangeiros, a favor das raças não arianas, Torres acabou dando grande ênfase para a idéia de o país concentrar suas atenções nas riquezas internas, como as geradas a partir do cultivo da terra. Segundo ele, a terra era a fonte do desenvolvimento social, principalmente em relação à subsistência e à prosperidade do

¹¹³ SALGADO, Plínio. *Nosso Brasil*, op. cit., pp. 123-124.

¹¹⁴ As teorias científicas que penetraram nos círculos culturais do país na passagem do século XIX para o século XX tinham uma raiz comum no evolucionismo de Charles Darwin, associadas a um ideal positivista que se tornou dominante no Brasil. Do evolucionismo europeu herdaram-se as teorias que priorizavam a análise do determinismo do meio e da raça. Gobineau, amigo pessoal de D. Pedro II e destacado ensaísta que escrevia sobre as desigualdades das raças humanas, foi um dos autores estrangeiros que encontrou bastante receptividade em nossos meios intelectuais. Autores brasileiros, adeptos da teoria a respeito da desigualdade entre as raças, como Sílvio Romero (1851-1914) e Nina Rodrigues (1862-1906), atribuíam, ao negro e ao índio, estereótipos comportamentais que serviram para a legitimação da dominação da raça branca em relação às raças não-brancas no Brasil. Maiores detalhes, vide: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1982.

¹¹⁵ TORRES, Alberto. *A organização nacional*, op. cit., p. 147.

homem. Esse dado foi apontado também por Lucia Lippi de Oliveira que ressaltou o papel de Alberto Torres “como formulador de um pensamento agrarista no Brasil”.¹¹⁶

A questão da terra é bastante enfatizada por Torres em *A Organização Nacional*, pois o autor estava preocupado em convencer os leitores da fecundidade do solo e das condições propícias do meio para o desenvolvimento social. Segundo Torres, a terra poderia suprir tudo aquilo de que o brasileiro careceria para viver.¹¹⁷ O autor, guiado pela certeza de que o desenvolvimento de um povo passava, necessariamente, pela construção da nação, recomendava uma política de conscientização nacional que, entre outras coisas, deveria preconizar o reconhecimento dos recursos naturais brasileiros. Nesse viés, Alberto Torres identificava a pobreza e a falta de recursos como um problema político, diagnosticado pelo desconhecimento e não aproveitamento dos potenciais nacionais, tanto físicos como humanos.

A exemplo de Torres, Plínio Salgado também destacava o ambiente natural como uma fonte de riquezas ainda inexploradas. Segundo o líder integralista, o produto agrário teria um valor mais substantivo frente ao produto industrial num futuro próximo.¹¹⁸ É o raciocínio trazido de suas reflexões a respeito da obra de Euclides da Cunha, de que o homem inocente, geralmente o caboclo, que tinha apenas a terra como sustento, não era o homem corruptível das grandes cidades.¹¹⁹ A idéia de voltar a atenção para o sertão em vez do litoral é o mais forte indício dessa perspectiva. Tal idéia estava relacionada, assim como em Torres, com a busca de unidade nacional, de encontrar uma solução para as desigualdades sociais.¹²⁰

¹¹⁶ “Entendemos por agrarismo a formulação que exalta a agricultura como a ‘verdadeira essência’ da sociedade brasileira e que vê a terra como o verdadeiro gerador das riquezas”. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*, op. cit., p. 123.

¹¹⁷ TORRES, Alberto. *A organização nacional*, op. cit., ver especialmente as páginas 149 a 210.

¹¹⁸ “Dentro das próprias leis da Economia Clássica, a predominância do produto agrário sobre os produtos industriais vai ser uma fatalidade neste século. Uma fatalidade que virá do próprio progresso técnico. Eis porque este novo século, ainda nisso se parece com os tempos primitivos das sociedades humanas: ele retornará à grandeza da agricultura. Neste dia, que não está longe, os países de vastos latifúndios terão hegemonia econômica. Não deve assaltar-nos a menor dúvida em afirmar, que antes do crepúsculo do século XX, a América do Sul, e particularmente o Brasil, terão uma importância econômica decisiva no mundo”. SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*, op. cit., p. 78.

¹¹⁹ A respeito das idéias estrangeiras que entravam no Brasil, Salgado tinha a convicção de que elas somente tinham efeito nos homens do litoral: “A influência que sobre nós exerceu a cultura do século XIX e o experimentalismo científico, longe de apagar os traços caracterizadores da nossa personalidade espiritual, filtrou-se através das cátedras divulgadoras, abrindo imensas possibilidades ao nosso poder de pesquisas e ao nosso gênio inventivo, sem abalar o alicerce de nossa índole moral. O materialismo grosseiro ficou, apenas, no litoral, em alguns aspectos das grandes metrópoles”. SALGADO, Plínio, *Idem*, pp. 73-74.

¹²⁰ Guiado por esses indícios, J. Chasin relacionou o integralismo de Plínio Salgado a uma espécie de “regressividade no capitalismo”, justamente por negar os valores das grandes cidades e valorizar as riquezas das terras do interior, visão muito criticada por diversos acadêmicos, contudo é um estudo que tem boas

3.3. A geração de 1930: os “discípulos” do pensamento torreano

Essa busca de unidade não preocupava apenas Salgado, mas a maioria dos intelectuais que revisitaram o pensamento torreano na década de 1930. Tal elemento, calcado na preocupação de construir uma “consciência nacional”, foi muito mencionado como uma das principais virtudes de Torres por intelectuais como Tristão de Athayde, Alcides Gentil, Cândido de Motta Filho, Sabóia Lima, entre outros.¹²¹ É possível que tenha emergido destes autores, cujas idéias foram muitas vezes intercambiáveis, a conexão entre o pensamento de Torres e a situação política em que o Brasil se encontrava naquele momento.

Como nos mostra Cruz Costa, reproduzindo o relato de Ronald de Carvalho, os primeiros anos após a Revolução de 30 foram marcados pela conscientização, daquela geração, dos problemas nacionais:

A nossa geração, com essa floração magnífica de escritores, sociólogos, jornalistas, orientados todos no sentido da suprema política de que depende a vida dos povos, é a geração que Alberto Torres sonhou. Ela aí está e sabe que o Brasil reclama o conagraçamento de todos os contingentes humanos num grande partido, cuja razão de ser não decorra da política vulgar mas do estudo e da resolução dos problemas administrativos, econômicos, financeiros e sociais, movimento este que reúna todas as forças da nação.¹²²

O momento que o país atravessava, antes mesmo da chamada “Revolução de 30”, na transição da década de 1920 para a de 1930, mas, principalmente no período de 1931 a 1933, propiciou a alguns indivíduos do grupo geracional de Salgado retomar esse nacionalismo de Torres e torná-lo “o tema de uma geração”. Apesar de o nome de Torres já ter sido citado nas obras de Oliveira Vianna, na década de 1920, foi em 1931, com o livro *Alberto Torres e o tema de nossa geração*, de Cândido Motta Filho, que o intelectual fluminense foi revisitado de maneira mais contundente.

Parte do conteúdo do livro, que se remete ao título, mostra claramente a idéia de que uma geração nova estava surgindo naquela época, distinta das gerações anteriores, por ter sido “sacrificada”, nas palavras do autor, com a expectativa frustrante dos primeiros tempos

reflexões a respeito do pensamento literário e político de Salgado: CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*, op. cit.

¹²¹ ATHAYDE, Tristão. *Política*. Rio de Janeiro: Edição da livraria católica, 1932; GENTIL, Alcides. *As idéias de Alberto Torres*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932; MOTTA FILHO, Cândido. *Alberto Torres e tema de nossa geração*. Rio de Janeiro: Schimidt, 1931.

¹²² CRUZ COSTA, João. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. op. cit., pp. 396-397. Apud Geraldo Silos, “Meia hora com Miguel Reale”, In: *Cadernos da Hora Presente*, junho de 1940, p. 158.

da República, não possuindo um caminho claro e seguro a ser trilhado a partir de então.¹²³ Assim como Salgado, Motta Filho mostrava uma descrença na política partidária e via a possibilidade de retomada da consciência nacional através da ação da nova geração, a qual estava determinada a acreditar em idéias novas em detrimento de um decadente idealismo da classe política que estava no poder.

O livro de Motta Filho parece ter estimulado Salgado a se debruçar mais intensamente sobre o intelectual fluminense, principalmente pelas evidências presentes em suas notas políticas no jornal *A razão*, nas quais foram aparecendo mais sistematicamente o perfil de Alberto Torres. Se as facetas políticas e literárias de Salgado, reunidas no texto de *Literatura e Política*, foram escritas como um ensaio intelectual em que suas posições ideológicas não estavam ainda visivelmente definidas, a atividade jornalística em *A razão*, pelo contrário, se orientou em posicionamentos mais sólidos. Já se podia identificar com maior articulação e precisão uma insistência no argumento a favor do nacionalismo engajado, da moral baseada nos costumes familiares, além da total descrença em relação ao sistema político vigente e ao liberalismo internacional. Dessa forma, o futuro líder da AIB utilizou o jornal como um meio de divulgação para o advento do integralismo.¹²⁴

Observamos que o livro em questão - *Alberto Torres e tema de nossa geração* - é prefaciado por Salgado, no qual ele confirma uma “harmonia de vistas”, provavelmente substanciada por pontos de vista em comum em relação à admiração pela obra de Alberto Torres e pelo “tema de sua geração”:

Meu caro Motta Filho (...), compreendo, entretanto, a significação deste nosso encontro no limiar do volume em que V. estuda a obra de Alberto Torres em face do tema que ora se propõe à mocidade da nossa terra. É um ato público, consagrando uma harmonia de vistas, que se vem acentuando com o tempo e através da amizade fundada numa compreensão mútua e num objetivo comum.¹²⁵

O prefácio, escrito por Salgado, está datado no livro de Motta Filho em 7 de outubro de 1931. Lendo suas notas políticas, em *A razão*, notamos que, imediatamente após a data do prefácio, Plínio Salgado escreveu sucessivos textos expondo as idéias do intelectual

¹²³ “A nossa geração passa por uma situação única na história do país e que a torna, sem dúvida, uma geração sacrificada. Tivemos gerações construtoras e libertadoras. Todas elas convictas de sua missão. Uma conduziram o Brasil à Independência. Outras fizeram movimentos políticos e literários. Os moços que, em 89 [1889], fizeram a república, estavam certos de que iam definitivamente salvar o Brasil.” MOTTA FILHO, Cândido. *Alberto Torres e tema de nossa geração*, op. cit., p. 10.

¹²⁴ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: fascismo brasileiro na década de 30*, op.cit., p. 88.

¹²⁵ SALGADO, Plínio. Prefácio. In: MOTTA FILHO. *Alberto Torres e o tema de nossa geração*. Idem., p. I. É importante lembrar que Cândido de Motta Filho participou, junto de Salgado, das correntes modernistas do verde-amarelismo e da Anta.

fluminense nesse jornal. Embora tenha feito referência à obra de Alberto Torres em algumas notas no início desta sua atividade jornalística, para justificar ou reforçar algumas de suas idéias, a partir dessa data, no jornal, a referência tornou-se mais contundente, expressando a relevância que mereceriam as obras do intelectual fluminense. Em sua coluna do dia 13 de outubro, Plínio Salgado exhibe o título: *Uma página do mestre*, e escreve:

Em 1912, Alberto Torres, nosso grande gênio político, escrevia as linhas seguintes, que cabem, admiravelmente, dentro desta “nota política”, porque constituem a crítica dos dias que estamos agora vivendo.¹²⁶

Essas quatro linhas são seguidas de uma *ipsis literis* de sessenta e oito linhas de uma citação de Torres, que é finalizada com o comentário de Salgado: “Era assim que falava Alberto Torres”. O texto retirado de *O problema Nacional Brasileiro* trata dos erros cometidos na política governamental e aponta para possíveis soluções:

O caráter nacional, a formar, entre nós, não é o caráter dramático, das obras de regeneração, nem um rijo caráter punitivo; mas um caráter consciente e sereno, capaz da sinceridade de reconhecer, sobre os espelhos das nossas flagrantes realidades, que não sabíamos nada das coisas da nossa terra, que temos vivido a pretender executar, sobre este solo único, um repertório de teorias exóticas. Tendo caminhado para o oceano, precisamos regressar ao centro: voamos abandonando a terra, que implorava os nossos cuidados. Quisemos formar cabeças antes de possuir um corpo; plantamos sementes importadas, e ainda não sabemos produzir sementes; importamos e cultivamos frutos alheios, abandonando os frutos do nosso clima.¹²⁷

Nesse dia, Salgado cedeu o espaço de sua coluna para o texto de Torres, fazendo suas as palavras do intelectual fluminense. E, nesse trecho, observamos claramente que o nacionalismo, representado na preocupação com os problemas nacionais, está unido à idéia de se olhar para o interior do Brasil em vez de concentrar a atenção para o litoral. Uma noção que era fundamental para Salgado e que explica a sua constante preocupação pelo sertão, pelas regiões afastadas dos grandes centros. O nacionalismo, buscado por ele em Alberto Torres, traduzia a psicologia de grande parte dos brasileiros como homens de mentalidade rural, representada em uma pureza que não devia ser contaminada pelo contato com os homens das grandes cidades.

Pouco mais de uma semana depois dessa última nota, em 22 de outubro, Salgado voltou a citar *ipsis literis* outra passagem de *O problema Nacional Brasileiro*, a qual

¹²⁶ Notas Políticas, *A razão*, São Paulo, 13 de outubro de 1931.

¹²⁷ Idem, Apud TORRES, Alberto. *O problema Nacional Brasileiro*, op. cit., pp. 109-111.

ocupou todo o espaço de sua coluna no jornal. Dessa vez com o título de *Os profetas da Nação*, Salgado apresentou Torres como um visionário, que previu todos os problemas nacionais a que os brasileiros estariam condicionados no futuro.¹²⁸ O *status* do pensador nacional passou de “mestre” a “profeta”, nas duas notas do jornal aqui mencionadas, especialmente porque alguns escritos de Torres diziam exatamente o que Salgado gostaria de opinar naquele momento a respeito da noção que se deveria ter de nacionalidade.

Nos dois meses seguintes, Salgado dedicou ainda mais duas colunas inteiras de seu espaço no jornal ao pensador nacional. Uma em homenagem ao aniversário da República, em 15 de novembro de 1931, com o título *A inteligência brasileira* e outra para relacionar o estudo de Torres com o momento político vivenciado naqueles dias, quando ainda se comemorava o primeiro ano da ascensão do novo governo, com o título *A obra de Alberto Torres*, em 11 de dezembro de 1931.

No primeiro desses dois artigos, Plínio Salgado exaltava uma vez mais as virtudes de Torres dizendo que “as palavras do mestre, possivelmente do único estadista e político da nossa terra, que elaborou constantes reflexões sobre as realidades e as possibilidades deste país, são palavras que merecem ser divulgadas, neste instante em que está se formando uma nova mentalidade”.¹²⁹ No entanto, percebe-se a preocupação com algumas ressalvas que deveriam ser feitas:

Alberto Torres é sempre oportuno. Mesmo quando muito de seus alvitreiros hajam de ser hoje em dia refutados, ou considerados com alguma reserva, ou restrição, o que se não pode negar é o alto valor dos processos de suas apreciações e algumas afirmativas de ordem geral, assim como de numerosas observações de caráter particular, concernente ao problema brasileiro.¹³⁰

Parece que Salgado não estava preocupado em compreender o pensador nacional dentro do tempo dele. Embora tenha dito que as premissas de Torres caberiam para aquele momento político, ele considerou que algumas idéias deveriam ser estudadas com reservas. E percebendo que outros intelectuais também estavam com o olhar atento para as obras de Alberto Torres, Salgado alertou, em sua coluna de 11 de dezembro, para o seguinte:

Registra-se atualmente, nos meios intelectuais e entre os políticos verdadeiramente interessados na grande tarefa da reconstrução do país, um movimento de bom senso digno de atenção. A obra de Alberto Torres está sendo estudada, está sendo meditada. As idéias

¹²⁸ Notas Políticas, *A razão*, São Paulo, 22 de outubro de 1931. Em sua coluna, nesse dia, Salgado novamente, retirou um trecho de *O problema nacional brasileiro* de, aproximadamente, duas páginas: TORRES, Alberto. *O Problema Nacional Brasileiro*, op. cit., pp. 175-177.

¹²⁹ Notas Políticas, *A razão*, São Paulo, 15 de novembro de 1931.

¹³⁰ *Ibidem*.

gerais do grande pensador da República estão sendo apreciadas e pesadas. E, possivelmente, elas irão influir poderosamente nos nossos destinos. Quando dizemos que a obra do autor da “Organização Nacional” e do “Problema Nacional” vai ganhando terreno, evidentemente não nos referimos ao que já tem sido feito por duas ou três dezenas de estudiosos da presente geração, mas à marcha acelerada, à rápida carreira que o pensamento de Alberto vem fazendo, da revolução de outubro para cá, empolgando os espíritos sinceros, na hora da confusão geral. Agora, os estudiosos, os sinceros, os verdadeiros patriotas se voltam para o estudo da obra de Alberto Torres. E isso é um sinal de bom senso. Cumpre, entretanto, evitar os erros dos entusiasmos demasiados.¹³¹

Essa cautela frente ao entusiasmo pelos estudos feitos nas obras de Torres encontra semelhante posição no livro que prefaciou para Motta Filho. O autor desse livro, posicionando-se próximo à opinião de Salgado, afirmava:

[Alberto Torres] nem sempre acertou. Lidando com um material ingrato e de difícil manejo, e vivendo ainda num tempo em que o conceito montesquieuneano do Estado imperava, e em que florescia um certo entusiasmo pelo liberalismo, e não tendo essa espantosa oportunidade que a civilização ofereceu, após guerra, Alberto Torres contaminou-se de certos prejuízos e propugnou por certas idéias impraticáveis.¹³²

Salgado, provavelmente concordando com essa opinião de Motta Filho, acharia que as idéias de Torres deveriam ser estudadas com cuidado, pois a reforma proposta por ele nas obras de 1914 destacava a organização nacional dentro da ordem liberal, sem dúvida, um elemento que era dispensado por Plínio Salgado em todos os seus escritos. Além disso, a passagem mostra que Plínio Salgado esteve preocupado com essa retomada súbita das obras do intelectual fluminense, talvez pelo perigo que ofereceria caso os textos de Torres fossem interpretados de maneira distinta daquela que ele gostaria.

Nesse sentido, é peculiar o que nos conta Barbosa Lima Sobrinho a respeito da constituição da *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres*. A sociedade foi fundada em 10 de novembro de 1932 no Rio de Janeiro. Entre seus fundadores estavam Oliveira Vianna, Alcides Gentil, Sabóia Lima, Carlos Pontes, Porfírio Neto e Mendonça Pinto. Parte das atividades dessa sociedade era destinada aos estudos e divulgação da obra de Alberto Torres, fato que instigou a atenção dos integralistas:

Desencadeado o movimento integralista, que baseava seu nacionalismo na imitação do estrangeiro, adotando fórmulas e idéias vitoriosas na Itália e na Alemanha, Plínio Salgado imaginou uma espécie de fusão entre o partido que criara ou dirigia e a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Tentou infiltrar-se na

¹³¹ Notas Políticas, *A razão*, São Paulo, 11 de dezembro de 1931.

¹³² MOTTA FILHO, Cândido. *Alberto Torres e tema de nossa geração*, op. cit., p. 161.

Sociedade de todos os modos. Deve ter intensificado esse trabalho no período que correspondeu à presidência de Rafael Xavier, na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, de 1935 a 1936, em que o integralismo obteve uma ascensão, de que Getúlio Vargas se iria servir, para chegar ao 10 de novembro.¹³³

Segundo Lima Sobrinho, essa informação foi dada a ele por Rafael Xavier, que percebeu a tentativa de infiltração integralista. No entanto, acreditamos que os integralistas não eram impedidos de freqüentá-la. O próprio Lima Sobrinho citou Plínio Salgado como um dos diversos palestrantes que colaboraram com as atividades da Sociedade.

Não temos maiores informações a respeito da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, mas pelo que sabemos, tentou desempenhar o papel de divulgadora da obra de Torres e de suas principais preocupações em relação aos problemas econômicos e sociais brasileiros. Isso se daria por meio de seus “discípulos”, os quais realizavam conferências, promoviam estudos e, ao mesmo tempo, com os recursos que mantinham a Sociedade, patrocinavam publicações, tudo com o objetivo de despertar a consciência de todos para os problemas brasileiros detectados por Alberto Torres.¹³⁴

Dos relatos de época, Sabóia Lima nos dá uma idéia da extensão das atividades da Sociedade:

A Sociedade já realizou um curso para professores de Escolas Regionais (...). A Sociedade promoveu comemorações em todo o Brasil do nome de Saturnino de Brito (...) Recentemente realizou na Bahia com êxito o 1º Congresso de Ensino Rural. Tem promovido a criação de centenas de clubes agrícolas e reduzido as semanas ruralistas. Procurando irradiar a sua ação de norte a sul do país, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres vem patrocinando a criação de núcleos estaduais. Estes focos de difusão foram logo surgindo: em Minas Gerais, Espírito Santo, Estado do Rio (Campos), Bahia, Pernambuco, Goiás e recentemente São Paulo.¹³⁵

Vemos que a Sociedade, de acordo com Sabóia Lima, tentava interagir no meio social através de congressos, comemorações e eventos diversos. Além disso, ela não limitava sua área de atuação ao Rio de Janeiro, mas procurava expandir-se para outros estados. Parece uma organização relevante de ser estudada. É uma pena não dispormos de fontes para compreendê-la mais a fundo. Os relatos a respeito dessa Sociedade também podem ser imprecisos, especialmente se levarmos em consideração o discurso ideológico e o exagero de possível grandiloquência em relação às atividades desempenhadas por ela.

¹³³ SOBRINHO, Barbosa Lima. *Presença de Alberto Torres: Sua vida e pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 513.

¹³⁴ SABÓIA LIMA, A. *Alberto Torres e sua obra*. São Paulo: Editora Nacional, 1935, p. 312.

¹³⁵ . *Idem*, p. 314.

Além disso, as “denúncias” de Barbosa Lima Sobrinho em relação aos grupos que, porventura, tenham participado das atividades da Sociedade, como os integralistas, por exemplo, e tenham gerado um “incômodo” a certos indivíduos que não desejavam o envolvimento da organização em atividades políticas, devem também ser considerados com reserva.¹³⁶ Assim, devemos ter em conta que o ponto de vista de Sobrinho é o de um adversário dos camisas-verdes, já que ele mesmo deixa clara a depreciação em relação ao movimento.¹³⁷

Pode ter acontecido também uma conscientização por parte de Salgado em relação ao momento propício para a discussão do pensamento de Alberto Torres, mais no sentido de intercâmbio de idéias do que tentar dirigir a Sociedade. De qualquer forma, não temos muitos relatos sobre o funcionamento da mesma em seus primeiros anos, mas, mesmo assim, é provável que muitos dos seus freqüentadores também tenham circulado nas sessões de estudos da SEP ou da própria AIB.

Exemplo disso foi Oliveira Vianna, intelectual que foi um dos fundadores e freqüentadores da *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres* e, ao mesmo tempo, manteve relações com os integralistas, por sinal, outro autor mencionado por Plínio Salgado como uma referência para o seu pensamento. Vianna, assim como Alberto Torres, era natural do Rio de Janeiro. Quando jovem, mantinha boas relações de amizade com Torres e foi um dos primeiros a declarar-se seu discípulo. Além disso, foi o primeiro intelectual a citar sistematicamente as obras de Alberto Torres na década de 1920. Assim como outros intelectuais interessados na *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres*, participou intensamente de suas atividades.

O periódico oficial da AIB, o jornal *O monitor integralista*, que circulou nacionalmente entre 1934 e 1937, mostrava Oliveira Vianna como assíduo colaborador do núcleo integralista no Rio Janeiro. No espaço do periódico reservado à divulgação das “províncias integralistas” constava o nome de Vianna como membro do Departamento de

¹³⁶ Sabóia Lima ainda acrescenta, em carta enviada ao recém criado núcleo mineiro da Sociedade, que o grupo reunido em torno das idéias de Torres, apresentadas em *O Problema Nacional* e *A organização Nacional*, nunca imaginaria “fazer dessa obra a rígida moldura, onde se enquadrassem as convicções em sistema fechado a novas pesquisas ou novos conceitos, mesmo porque, sendo espíritos militantes, eram espíritos independentes, associados em torno de um nome e de um ideal sem prejuízos ortodoxos (...). Não foi um círculo inviolável, traçado pelo dogmatismo, o que se gerou da nossa ideação, mas uma escola nacionalista, a escola da vontade enérgica e do pensamento afinado, na qual os amigos intelectuais de Alberto Torres examinam, debatem, verificam os princípios e as conclusões dos seus estudos para divulgar os que ressaltam, como imperativos de brasilidade ou signos orientadores, através da ordem natural e da ordem social tendendo à conservação da terra e à educação do homem”. *Idem*, p. 315.

¹³⁷ SOBRINHO, Barbosa Lima. *Presença de Alberto Torres: Sua vida e pensamento*, op. cit., p. 513.

Estudos da Ação Integralista Brasileira no Estado do Rio.¹³⁸ Da mesma forma, o nome do intelectual estava relacionado na primeira lista da comissão que iria para o primeiro congresso integralista em Vitória-ES.¹³⁹

Além disso, ele foi um dos pensadores brasileiros mais citados pelos integralistas, talvez o intelectual “vivo” mais citado, representando uma simpatia mútua, que determinava uma cumplicidade de ambos os lados. Tanto isso é patente que os textos de Vianna eram publicados em periódicos da AIB e, nos mesmos, por vezes, apareciam elogios do intelectual à produção material dos camisas-verdes.¹⁴⁰ Em função disso, esses dados evidenciam um flerte, na época, entre Oliveira Vianna e os integralistas. A obra de Torres, nesse sentido, pode ter servido como um elo de ligação entre os adeptos da *doutrina do sigma* e os demais interessados nas obras do intelectual fluminense.

Os intelectuais da geração de Salgado que se dedicaram ao estudo da obra de Torres, como dissemos, constituíam um grupo heterogêneo. Oliveira Vianna, por exemplo, apesar de se dizer discípulo de Alberto Torres, apresentava divergências significativas em relação às idéias de seu mestre. Torres acreditava que havia potencial na raça cabocla brasileira, que era tão capaz quanto qualquer outra.¹⁴¹ Já Vianna acreditava que a miscigenação faria com que o peso das raças inferiores diminuísse e que essa medida seria uma das soluções para os problemas nacionais, muitos dos quais figuravam não apenas num determinismo racial como geográfico.¹⁴² Esse aspecto, da valorização do meio e da raça, era um elemento mencionado por Salgado como sendo uma virtude do pensamento de Torres, idéia que o afastava de Oliveira Vianna.

¹³⁸ “Províncias Integralistas, Estado do Rio: Chefe Provincial: Dr. Thiers Martins Moreira; Secretário Geral: Dr. Alberto Lamêgo Filho; Tesoureiro Geral: Dr. Ataliba Lepage; Departamento de Estudos: Dr. Oliveira Vianna, Dr. Leopoldino Alcântara, Dr. Alberto Lamêgo, Dr. Belfort Vieira e Cap. Castro Afilhado”. *Monitor Integralista*, dezembro de 1933, nº 2.

¹³⁹ Com o título de “Grande comissão do Congresso da AIB”, Salgado convocava os nomes que dela faziam parte: “A *Grande Comissão*, que nesta data nomeei, encarregada de promover, organizar, orientar e ordenar os trabalhos do Congresso, é constituída de companheiros nossos residentes no Distrito Federal, Niterói e Vitória (...) Escolhi para a *Grande Comissão* os srs. Dr. Gustavo Barroso, Dr. Madeira de Freitas, Sr. Sérgio Silva, Dr. Everardo Leite, sr. Arnaldo Magalhães, Dr. T. Martins Moreira, Dr. Rodolfo Jovetti, Capitão Jeovah Motta, Tenente Severino Sombra, Cap. A. Ribeiro do Valle, Dr. Lacerda Nogueira, Dr. Ataliba Lepage, Dr. Alberto Lamêgo F., Dr. Lealdino Alcântara, Dr. San Tiago Dantas, Dr. C. de Miranda, Dr. Carvalho Cardoso, Dr. Ribeiro Conto, Dr. Oliveira Vianna, Dr. Manuel Ferreira”. *Monitor Integralista*, dezembro de 1933, nº 2.

¹⁴⁰ Exemplo disso foi o elogio de Oliveira Vianna à revista integralista *Panorama*, publicado na mesma revista: “...bela revista, que consegue conter tanta coisa em tão pequeno volume”. *Panorama*, nº 7, ano I, julho de 1936.

¹⁴¹ TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*, op. cit., especialmente o capítulo “Em prol das nossas raças”, pp. 115-171.

¹⁴² Ver: VIANNA, Oliveira. *Raça e Assimilação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

Tanto Torres como Vianna defendiam a prerrogativa de um poder coordenador e a vigência de uma hierarquia estatal. Aproximaram-se também na crítica, feita por ambos, aos interesses estaduais que se sobrepunham aos interesses gerais do País, o que evidenciaria uma inexistência de unidade nacional. Alberto Torres discordava do texto da Constituição de 1891 e, por isso, culpava a ortodoxia democrática e as falhas do sufrágio universal, mas não os condenava completamente. Assim, tentava unir a prerrogativa do sufrágio universal com a utilização do corporativismo para a escolha das funções políticas. Já Oliveira Vianna discordava e mesmo criticava Torres por ele ter posto o sufrágio em seu projeto de Constituição.

Por esse mesmo caminho, Tristão de Athayde, ou Alceu de Amoroso Lima, como era seu verdadeiro nome, também destacava alguns elementos negativos em Alberto Torres:

Nenhum sociólogo pátrio goza hoje de maior prestígio do que ele (...). Creio portanto, que a indicação de alguns pontos essenciais da obra de Alberto Torres, em confronto com a posição doutrinária que penso devermos assumir em face do problema da nacionalidade, será mais útil ao estudo da estrutura política do Brasil, do que a apresentação direta de qualquer programa de reconstrução (...). Não vou fazer aqui nenhum estudo direto da obra de Alberto Torres. Desejo tomá-la apenas como alvo de referência, para melhor ressaltar os nossos pontos de contato e os de dissídio.¹⁴³

Athayde, como pensador preocupado em unir a política aos postulados espirituais católicos, era contrário à idéia de separação entre Estado e religião. Além disso, segundo o pensador católico, apesar de Alberto Torres propor uma organização estatal forte, elogiada por Tristão de Athayde, o intelectual fluminense repudiava o passado, apresentando a pátria como um elemento de presente e de futuro. Isso ia contra o modelo de nacionalidade de Athayde que idealizava uma pátria que prezasse as tradições. Nesse sentido, esse argumento de Torres deveria ser abandonado, pois, segundo o intelectual católico, ao se seguir aquela premissa, “a pátria, em vez de ser a terra de nossos pais e de nossos filhos, passa a ser apenas a destes últimos”.¹⁴⁴

Vimos que a apropriação da idéia de pátria por Salgado, tomando a referência de Torres, foi distinta da de Athayde. Apesar de Salgado também considerar importante o elemento espiritual no que ele chamava o “conceito integral de nacionalidade”, ele percebeu apenas a concepção de “nacionalismo prático”, como já havíamos mencionado.

¹⁴³ ATHAYDE, Tristão. *Política*, op. cit., pp. 179-180.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 182.

Talvez um dos poucos dessa geração de 1930 que retomou Torres e que não enumerou exceções ou reservas ao seu pensamento foi Alcides Gentil. O autor preferiu elaborar um livro das idéias de Torres organizado com as principais temáticas abordadas pelo intelectual fluminense. Gentil escreveu que teve predileção por uma obra nesses moldes a elaborar um estudo crítico. E Oliveira Vianna descrevia o autor como sendo um dos poucos que se mantiveram fiéis aos postulados de Alberto Torres:

Dos discípulos de Torres ele é o que mais de perto conviveu com o mestre, na sua intimidade de filósofo e de evangelista, aquele que mais completamente lhe assimilou o pensamento, mais perfeita e integralmente se conservou fiel ao espírito da sua filosofia social e política. Todos os outros se desviaram; menos Gentil, que ficou sendo o ortodoxo do grupo.¹⁴⁵

Tirando uma ou outra exceção, como Alcides Gentil, e observando algumas características apresentadas por alguns intelectuais dessa geração de Salgado podemos notar que, além de sua heterogeneidade, eles faziam ressalvas às obras de Alberto Torres. Essas ressalvas podem estar ligadas ao que Sirinelli chamou de *memória ideológica* de uma geração, o que vai ao encontro de nossa proposta de estudo a respeito da apropriação de idéias: “Ela [a memória ideológica de uma geração] é adquirida e não formada de maneira natural, pois mais do que uma transmissão, há uma transmutação sob formas complexas e que podem variar da herança ideológica transmitida pela geração precedente”.¹⁴⁶

Portanto, apesar de Torres ter representado uma importante referência para Salgado, depois de uma análise inicial, é possível identificar pontos de distanciamento entre ambos. Não só há diferenças identificáveis entre Salgado e Torres, como há diferenças entre o pensamento torreano e o pensamento dos homens pertencentes à geração de Salgado que retomaram suas idéias. Esse pode ser um sinal e uma característica dessa geração. Um elemento a mais a ser considerado em nossa análise.

3.4. Os estudos recentes: Incompatibilidade entre os pensamentos de Salgado e Torres

De qualquer forma, voltemos para as interpretações particulares que o líder integralista dava ao pensamento torreano. Barbosa Lima Sobrinho, em sua obra dedicada à

¹⁴⁵ VIANNA, Oliveira. Prefácio. In: GENTIL, Alcides. *As idéias de Alberto Torres*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932, p. VI.

¹⁴⁶ “Elle est acquise et non innée puisque, plus que transmission, il y a transmutation, sous des formes complexes et qui peuvent varier, de l’héritage idéologique transmis par la generation précédente.” SIRINELLI, Jean-François. Génération et histoire politique. In: *Vingtième siècle: revue d’histoire*, n. 22, avril-juin 1989, p. 72.

biografia, ao pensamento e à repercussão das obras de Alberto Torres, atenta também para esse cuidado:

Se não foi ainda maior sua influência, ou a repercussão de suas palavras [de Alberto Torres], há que considerar uma circunstância relevante: a confusão que se procurou estabelecer entre suas teses e algumas ideologias que foram surgindo, à margem das crises mundiais. A confusão com o integralismo, por exemplo.¹⁴⁷

Nessa mesma perspectiva, de atentar para o cuidado de não confundir as idéias de Torres com as idéias integralistas, Teotônio Simões, em *Repensando Alberto Torres*, afirmou o seguinte:

É verdade que o próprio Plínio Salgado seguidamente mostrou sua admiração pela obra torreana, como diz em prefácio a livro de Cândido Motta Filho. Mas concluir daí que tivesse ido *buscar* em Torres o ideário integralista é simplificar demasiadamente a gênese das idéias, a própria história. É o mesmo que aconteceu com a crítica socialista ao liberalismo, que influenciou o próprio fascismo, mas nem por isso lhe deu origem. Melhor seria dizer que o fascismo *utilizou politicamente* [grifo do autor] a crítica socialista.¹⁴⁸

No mesmo livro, Teotônio Simões comenta sobre uma preocupação, anterior a dele e a de Barbosa Lima Sobrinho, do filósofo Cruz Costa, o qual apontou também suas impressões sobre as relações entre as idéias de Torres e dos integralistas. Assim, o filósofo, de acordo com os autores anteriores, afirmava:

Alberto Torres teria assim encontrado o grupo integralista que, por volta de 1932 a 1937, imitou, no Brasil, as atitudes fascistas e nazistas, com o apoio da política de Mussolini e de Hitler e a benevolência do Presidente Getúlio Vargas, que se aproveitaria da conivência ou ingenuidade daquele grupo para dar o golpe de estado de 10 de novembro de 1937. Embora Alberto Torres tenha sido citado algumas vezes pelos integralistas (Miguel Reale, *O Estado Moderno*, pgs. 9, 176 e 240) o movimento que pretendeu, sem sucesso, empolgar o poder em 1937, servindo-se dele, sofreu mais a influência das idéias políticas dos movimentos de direita então em ascensão na Europa do que propriamente do pensador brasileiro.¹⁴⁹

Indo ao encontro do pensamento desses autores, Loiva Otero Félix, também concorda que devemos diferir os pensamentos torreano e integralista, enfatizando a necessidade de um estudo mais sistemático que aponte essas diferenças:

As relações entre o pensamento de Alberto Torres e o integralismo ainda é (*sic*) uma questão a ser estudada mais sistematicamente, porque, embora os teóricos integralistas refiram-se frequentemente

¹⁴⁷ SOBRINHO, Barbosa Lima, *op. cit.*, p. 512.

¹⁴⁸ SIMÕES, Teotônio. *Repensando Alberto Torres*. São Paulo: Ed. Semente, 1981, p.80.

¹⁴⁹ CRUZ COSTA, João. *Contribuição à História das idéias no Brasil*, *op. cit.*, p. 397.

ao pensamento de Alberto Torres, parece que não pode se estabelecer uma conexão direta entre os dois pensamentos.¹⁵⁰

A posição desses estudiosos em relação às aproximações das idéias de Torres com as de Salgado é cautelosa. Tanto Barbosa Lima Sobrinho quanto Teotônio Simões insistem em afastar a possibilidade de confluência entre o pensamento de Alberto Torres e a doutrina integralista. Ambos se referem ao integralismo como um movimento congênere ao fascismo europeu e que as idéias de Torres nada tinham de ver com as idéias fascistas. O estudo de Cruz Costa aponta também para essa interpretação, acrescentando que foram os movimentos de direita, em ascensão na Europa, em meados da década de 1930, as principais referências do integralismo, dando uma importância secundária para o intelectual fluminense.

Tais autores estão corretos quanto à preocupação com o caráter fascista da AIB. No entanto, já mencionamos que os principais ideólogos integralistas apresentavam pontos de vista distintos em relação às suas posições políticas. Plínio Salgado, por exemplo, o principal dirigente dos camisas-verdes, teve uma referência muito significativa dos intelectuais brasileiros referidos neste trabalho, um fato que exige uma preocupação de pesquisa mais atenta e que tem de levar em conta elementos que vão além da referência fascista. O correto seria considerar também a faceta do argumento nacional caracterizado no discurso integralista.

Diante disso, discordamos da posição de Teotônio Simões que afirma não haver a referência do pensamento torreano na gênese da doutrina integralista. Acreditamos que ela claramente existe, pelo menos nas idéias de Plínio Salgado. Nesse sentido, reafirmamos que a melhor maneira de analisar essa referência é por meio da noção de apropriação.

Dessa forma, estamos atentos para perceber que no trabalho de interpretação dos escritos intelectuais é importante tentar captar quais as propostas escondidas no texto dos autores. Deve-se ler o texto como um produto histórico, buscando-se, dessa forma, procurar a explicação do motivo pelo qual um texto assume a forma que assumiu. Como afirmam Teotônio Simões e Barbosa Lima Sobrinho, a simples menção das idéias de Alberto Torres por Plínio Salgado não significa que seus pensamentos tiveram em todos os pontos traços em comum. No entanto, não podemos negar que essa referência existiu. O que temos de fazer é verificar mais atentamente como o pensamento de Alberto Torres difere do pensamento de Plínio Salgado.

¹⁵⁰ FÉLIX, Loiva Otero. *O modelo político de Alberto Torres*. Porto Alegre: UFRGS, 1977, p. 82, Dissertação

Nesse sentido, indo diretamente às fontes para verificar o que o líder dos camisas-verdes tem a dizer sobre o pensamento torreano, encontramos no livro *Despertemos a nação*, de Plínio Salgado, de 1935, este trecho interessante em que o próprio Salgado comenta o conjunto das obras do pensador fluminense:

Alberto Torres é nosso contemporâneo. Precisamos rever e anotar a sua obra. Escoima-la do que já hoje perdeu oportunidade; limpá-la do pecado da unilateralidade com que ele considera certos aspectos dos problemas nacionais; perdoar-lhe algum excesso; retificá-lo no que a experiência rude do mundo contemporâneo o está exigindo; pô-la, enfim, em dia com o problema universal que Torres, aliás, encarou com segurança em seus livros *Le Problème Mondial e Vers la Paix*. Os trabalhos do autor de *A Organização Nacional* valem, sobretudo, como processo, como orientação geral, como método. É a antecipação do conceito integral de Nacionalidade que serve hoje de base ao nacionalismo alemão, ao italiano, ao português. É a profecia sobre o drama pelo qual passa a autoridade do Estado democrático, entre os dois perigos iminentes: o do estatismo absoluto e o do liberalismo depauperante, aniquilador. Esse interesse que se observa hoje em dia pelo notável pensador brasileiro, é um bom sintoma. Parece que o Brasil está despertando do letargo liberal em que se conservava sob a ação narcótica do embevecimento geográfico.¹⁵¹

O líder integralista argumentou sobre a relevância da obra de Torres, na qual estaria inserido o princípio do “conceito integral de nacionalidade”. No entanto, o próprio Plínio Salgado admitia querer “escoimar” algumas das idéias do pensamento torreano. O fato de ele querer “corrigir” e “perdoar-lhe os excessos” já indica, por si só, uma independência do pensamento de Salgado em relação ao pensamento de Torres. Quando ele se refere aos “prejuízos do tempo”, mostrando que, em alguns pontos, Torres está desatualizado, o líder integralista evidencia as divergências de opinião, balizado pelos problemas de sua época, fontes de preocupação de sua geração. Além disso, o “pecado da unilateralidade” indica que havia a necessidade de somar outras questões aos dados levantados pelo intelectual fluminense. Temos então de questionar, de acordo com a referência anterior de Salgado, o que teria perdido de atualidade no ideário de Torres? Quais seriam os excessos e os erros que o líder integralista identificou, os quais teriam de ser retificados?

Até agora, comparando os pensamentos de Alberto Torres e do líder integralista, encontramos as diferenças quanto ao regime liberal, o qual era insustentável para Salgado, e mostrando essa discordância de pontos de vista, tanto os intérpretes da geração de Salgado quanto os recentes estudiosos sobre o intelectual fluminense afirmam que Torres não

(Mestrado em Ciência Política).

¹⁵¹ SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*, op. cit., p. 13.

pretendia derrubar o regime liberal. No que se refere às suas reflexões sobre o liberalismo, apenas admitia que o mesmo estava enfraquecido, propondo alternativas para reorganizar as instituições no interior daquele regime que considerava fragmentário.

A interpretação particular de Salgado em relação a *Vers la paix e Lê Problème Mondial* também é um ponto a ser ressaltado. Estudiosos como Teotônio Simões¹⁵² interpretam essas duas obras como as menos nacionalistas de Torres, em que o autor fluminense defendia a evolução para um governo mundial baseado no modelo do império inglês, que engloba nações distintas sob sua tutela. Essas obras, portanto, não estavam enfatizando os problemas específicos do Brasil diante da política internacional, e sim, havia uma preocupação com a situação mundial e com a diplomacia entre os países.

O mesmo se pode dizer quanto ao caráter religioso de cunho cristão e intuitivo, mais próximo da filosofia de Farias Brito, que impregnou todos os escritos de Salgado, e que, contudo, não encontrava nexo no pensamento de Torres. O intelectual brasileiro enfatizava a necessidade de separar Estado e religião, vendo na dualidade do militarismo e das doutrinas religiosas os elementos que determinaram a evolução política e social dos povos.¹⁵³

Na época da publicação de *Despertemos a Nação*, em 1935, em que os modelos autoritários europeus ganhavam prestígio, Salgado tentava interpretar Torres em consonância com sua geração e, especialmente, aproximar seu pensamento do modelo integralista de nacionalidade, baseado em *Deus, Pátria, Família* e refletido no que seria a representação do Estado Integral. Este argumento revela que Salgado endossava a sua doutrina com as idéias desse pensador e o referenciava como um precursor dos movimentos europeus, semelhantes ao integralismo, que buscavam uma alternativa frente aos “perigos” do comunismo e do liberalismo.

3.5. O modelo de Estado: Autoritarismo x Totalitarismo

O Estado forte, defendido por Salgado, deveria apresentar as características do Estado forte defendido por Torres, como a condução da nacionalidade por um líder que tivesse plenos poderes sobre a estrutura estatal. Em outro de seus livros da década de 1930, Salgado expõe quais seriam os ditames que deveriam gerir a organização estatal em

¹⁵² SIMÕES, Teotônio, *op. cit.*

¹⁵³ SOBRINHO, Barbosa Lima, *op. cit.*, p. 514.

consonância com a revolução integralista. A reformulação do Estado seria a “mudança de atitude” defendida por Torres:

No plano espiritual, o objetivo é *mediato*, porque para atingi-lo teremos de levar muitos anos de doutrinação, de educação constante da massa, de esforço individual de cada um. No plano cultural, o objetivo é *imediate*, porque o Brasil necessita, desde logo, de uma transformação do Estado, mediante a qual poderemos, como queria Alberto Torres, assumir nova atitude em face dos problemas.¹⁵⁴

E a mudança de atitude estaria intimamente ligada à revolução integralista:

Uma vez que o Estado se identifica com a alma de uma nação e haure desta o poder revolucionário, ele, o Estado, tem o direito e a autoridade suficientes para interferir com energia no campo econômico e social, político e financeiro, recompondo equilíbrios, sempre que alguns elementos da sociedade se hipertrofiaram em detrimento de outros. É a atitude nova em face dos problemas. Revolução, em verdade, é mudança de atitude.¹⁵⁵

Portanto, o modelo estatal de Salgado é intervencionista e deveria fundir-se a uma revolução espiritual em longo prazo, conquistada com a força do doutrinamento e da educação das massas. Mas, como destacamos, Alberto Torres defendia a separação entre religião e Estado e não poderia ser essa a aproximação pretendida por Salgado com o modelo estatal de Torres. Nesse sentido, houve mais uma apropriação dos significados pretendidos por Torres em seu modelo estatal.

Somado a isso, ressaltamos que os modelos explicativos referentes ao autoritarismo e ao totalitarismo podem contribuir para entender a apropriação do regime estatal proposto pelos integralistas e como poderíamos diferenciá-lo daquele proposto por Alberto Torres. Essa problemática é um tanto densa para resumir em poucas palavras, mas partiremos das informações desse trecho de Boris Fausto:

Em textos dos líderes mais expressivos do movimento – Plínio Salgado e Miguel Reale -, há uma clara intenção de distinguir a doutrina integralista das concepções totalitárias do fascismo italiano. Embora considere o integralismo um dos ramos do fascismo, distinguindo-se das concepções de juristas fascistas italianos como Alfredo Rocco, Reale sustenta que o integralismo defendia a existência de esferas autônomas de poder, insuscetíveis de serem absorvidas pelo Estado.¹⁵⁶

Acreditamos que há uma problemática mais complexa referente à teorização do Estado Integral, proposta pelos integralistas. Como afirma Boris Fausto, os integralistas

¹⁵⁴ SALGADO, Plínio. *A doutrina do sigma*, op. cit., p. 14.

¹⁵⁵ *Idem*, p. 22.

defendiam uma liberdade mais ampla, dentro do Estado, em relação às corporações e outras esferas sociais do que aquela apresentada no fascismo italiano. Esse detalhe é um elemento passível de maior atenção, pois revela aspectos fundamentais para que se possa enquadrar o Estado Integral em um modelo explicativo adequado, seja autoritário ou totalitário.

Outra questão pertinente se refere às peculiaridades apresentadas entre os diferentes teóricos integralistas. Plínio Salgado também discutia assuntos referentes à organização Estatal, mas o estudioso e articulador dos detalhes do Estado Integral no âmbito da AIB havia sido Miguel Reale. Diante disso, tentaremos enumerar os elementos mais relevantes para entender a inserção do integralismo de Salgado no modelo explicativo mais adequado. Além disso, devemos comparar o modelo de Estado de Alberto Torres com o modelo de Estado Integral apresentado por Reale.

Dessa forma, como uma questão teórica oportuna para a comparação entre os modelos de Salgado e de Torres, começaremos pela distinção entre os conceitos de autoritarismo e de totalitarismo. Tais conceitos surgiram da necessidade de enquadrar os regimes surgidos na primeira metade do século XX, caracterizados não apenas por adotar um “Estado forte”, para precaverem-se política e economicamente em relação às crises suscitadas pelo liberalismo (uso moderno do termo), mas, especialmente, para classificar os regimes não democráticos. Os diversos usos do conceito de autoritarismo, para nomenclaturar os regimes não democráticos, têm sido, muitas vezes, imprecisos e passíveis de variáveis políticas no estudo das diversas situações ditas “autoritárias” dentro dos regimes de governo.

De modo geral, “no campo das ideologias políticas, a área de significado do autoritarismo é incerta. Mas existe uma tendência significativa para limitar o uso do termo para as ideologias nas quais a acentuação da importância da autoridade e da estrutura hierárquica da sociedade tem uma função conservadora”.¹⁵⁷ Seguindo essa tendência, a ordem hierárquica a ser preservada é sempre a anterior à proposta de instaurar o regime autoritário e se fundamenta na desigualdade entre os homens, condicionada pelas potencialidades inerentes e naturais de cada um. Somado a isso, o sentido moderno do termo, que aqui nos interessa, tem seu significado intimamente ligado às reações contra o

¹⁵⁶ FAUSTO, Boris. *O pensamento nacionalista autoritário (1920-1940)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001, p.17.

¹⁵⁷ STOPPINO, Mario. Autoritarismo. In: BOBBIO, Norberto (et al). *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1986, p. 95.

liberalismo, a partir da primeira metade do século XX. E é essa reação autoritária que nos compete investigar.

Também necessitamos compreender o significado usual do conceito de totalitarismo e diferenciá-lo do conceito de autoritarismo. Embora semelhantes em alguns aspectos, o autoritarismo, no sentido que aqui nos interessa, tem a tendência de preservar a ordem política anterior (em casos de substituição para um modelo político autoritário), manifestando um elemento conservador, enquanto o totalitarismo prega o caráter revolucionário, negando o conservadorismo e o elencando como um elemento nefasto para a nação.

No Brasil, os diversos estudos feitos sobre o autoritarismo mencionam, na maioria das vezes, o elemento conservador como característica dos intelectuais político-reformistas das décadas de 1920 e 1930 e dos intelectuais católicos da vertente de Jackson de Figueiredo. O ponto em comum entre a intelectualidade dessa época foi, justamente, a imposição do limite para a participação dos corpos sociais na vida pública. Ou, em outras palavras, o desejo de se evitar a mobilização das massas.¹⁵⁸

Por outro lado, temos o integralismo como o primeiro movimento de massas do Brasil se afastando dessa tendência autoritária conservadora. Para Plínio Salgado, haveria a restrição da liberdade social somente quando essa representasse um elemento negativo, como o caso de organizações de esquerda próximas ao comunismo. Caso contrário, se defenderiam e se apoiariam os movimentos vistos como positivos, os quais viessem a se somar à idéia de organização política integralista.

Assim, essa perspectiva totalitária que Salgado manifestava, dá ao seu pensamento uma distinção significativa em relação ao conservadorismo autoritário dos intelectuais político-reformistas, como Alberto Torres, e dos conservadores católicos, como Alceu de Amoroso Lima e Octávio de Faria. No caso de uma organização totalitária, recordando de Leford, Ricardo Benzaquen Araújo diz que os militantes são em si mesmos os representantes do partido ou do movimento e, ao mesmo tempo, agregam em suas individualidades a representação do social.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Um estudo precursor que associou o pensamento autoritário brasileiro com o conservadorismo e a manutenção das elites através de uma ideologia de Estado foi o de Bolívar Lamounier: LAMOUNIER, Bolívar. "Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República". In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 2. São Paulo: Difel, 1977, p. 356.

¹⁵⁹ O militante nos remete "à formação de um novo tipo de agente social (...) em cuja figura se pode enxergar inscrição do sujeito no discurso que se supõe falado por ele. O militante não está no partido como num meio determinado com fronteiras visíveis; ele é em si mesmo um representante do partido; (...) [encarnando] em sua pessoa a generalidade do social". Leford, Claude. *Esboço de uma Gênese da Ideologia nas Sociedades*

Essa concepção totalitária de Salgado, que destaca a mobilização dos agentes sociais, também é a diferença mais sensível comparada às concepções autoritárias de outros intelectuais que se destacaram na década de 1930, como Oliveira Vianna e Azevedo Amaral. Nesse sentido, é possível apontar propostas divergentes entre o modelo político integralista e certos modelos autoritários brasileiros, especialmente por esses últimos apresentarem uma proposta de organização estatal mais conservadora e elitista, limitando muito a participação social devido ao verticalismo nas decisões políticas.

Pensando em termos gerais, a fórmula autoritária foi, e talvez ainda seja, um elemento cultural arraigado nos princípios políticos brasileiros. Entre outras explicações, essa marca política poderia ser exemplificada através da dificuldade encontrada pela sociedade civil de organizar representações estáveis e partidos para defender os interesses das diferentes classes sociais na disputa pelo poder, o que, por certo, ocasionou uma atração constante pelo viés autoritário, tanto pelos conservadores quanto pelos liberais e os representantes da esquerda.

As questões que envolviam democracia e representatividade estavam difusas em meio às disputas pelo poder nas décadas de 1920 e 1930. A esquerda, por diversas vezes, associava os adeptos do liberalismo aos membros das oligarquias e, por essa razão, desvalorizava a forma de elegibilidade democrática em voga no país. Somado a isso, os liberais, bem como a classe oligárquica, reforçavam esse sentimento em função de temer as reformas sociais e colaborar com a interrupção da democracia formal sempre que ameaçada a ordem então estabelecida. A subversão, desde cedo, foi o pretexto utilizado para a adoção do autoritarismo e a manutenção do elemento conservador no Brasil.

Por tudo isso, destacamos que a vertente do pensamento autoritário, inaugurada no país por Alberto Torres, tinha o objetivo de se servir do Estado para a resolução dos problemas e a transposição dos obstáculos de índole socioeconômica e política.¹⁶⁰ Nesse sentido, devemos voltar a atenção, dentro desse padrão autoritário geral, para os seus elementos característicos mais precisos. Dessa forma, essa corrente que se inseriu no

Modernas. In: Estudos Cebrap, no. 10, out./nov./dez., 1974, p. 39. Apud: ARAÚJO, Ricardo B. *Totalitarismo e Revolução*, op., cit., p. 82.

¹⁶⁰ Segundo Bolívar Lamounier, além de Torres, outros intelectuais como Gilberto Amado, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos compõem um grupo que colaborou com a ideologia de Estado, expressa em âmbito geral por um movimento que aspirava ou o seu benefício próprio na escala do poder burocrático, ou pelos sentimentos altruístas movidos através do nacionalismo, contrário ao colonialismo predatório estrangeiro, ou ainda pela tarefa de trazer a ordem para a classe burguesa, entre outros fatores. Dessa forma, determinados indivíduos (intelectuais, nesse caso) constituem agentes, definem interesses e projetam novas

organismo estatal da Era Vargas e que tinha a ideologia de Estado como elemento comum, assumiu a postura de uma modernização conservadora, fórmula que delegava ao Estado organizar a nação para constituir o desenvolvimento social e econômico, porém sem grandes alterações na ordem do sistema político vigente.

Essa característica conservadora, como já destacamos, foi um elemento de distinção fundamental dessa corrente em relação às correntes, tanto de esquerda quanto de extrema direita, como o integralismo. Apesar de haver alguns traços similares entre essa corrente autoritária conservadora e o totalitarismo do líder integralista, o pensamento de Plínio Salgado tentava uma reforma social através das massas, reforçando a concepção de uma articulação revolucionária. De maneira distinta, os conservadores não mencionavam a interatividade das massas e do Estado, mas uma atitude verticalizada, que punha o poder de Estado como uma espécie de poder esclarecido, como entendia Alberto Torres. Em suma, se defendia uma reforma que aumentasse o poder do executivo e que restringisse o poder de decisão nas mãos de um grupo fechado de agentes governistas.

Dessa forma, os autoritários se colocavam no interior do Estado, fortalecendo um grupo de poucos indivíduos na decisão direta das ações que tornavam possíveis o funcionamento da sociedade. Já a perspectiva totalitária, mais próxima à proposta de Salgado, sugeria a participação popular no cerne do Estado, ainda que sob rígida hierarquização, como o fundamento da aparelhagem de funcionamento do governo forte. Enquanto no autoritarismo há uma tendência de se preservar uma relativa autonomia das instituições, no totalitarismo não haveria independência dos organismos sociais em relação ao organismo governamental, estando todos eles vinculados, de uma forma ou de outra, buscando-se uma estrutura orgânica que represente uma unidade de ação.

No entanto, saindo do terreno das abstrações, em algumas situações, é controversa a classificação de alguns regimes em modelos totalitários. O único consenso, por exemplo, é o de classificar o nazismo como regime tipicamente totalitário. Além do nazismo, alguns autores, como Hanna Arendt, incluem o estalinismo soviético como totalitário, uma afirmação que encontra a oposição do historiador inglês Eric Hobsbawm.¹⁶¹ Em relação ao fascismo, Arendt e outros autores sustentam que apenas o movimento teve características

perspectivas de convivência social, tudo solucionado através do organismo estatal. LAMOUNIER, Bolívar, op, cit, pp. 351, 356 e 372.

¹⁶¹ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

totalitárias, contudo quando atingiu o poder acabou se transformando em um regime autoritário, apesar de mobilizador das massas.¹⁶²

No caso do integralismo e de suas feições totalitárias, nunca saberemos a diferença entre o movimento e a prática do poder exercido, já que o integralismo fracassou como projeto político na década de 1930. O integralismo que se rearticulou no período pós-guerra, através do Partido de Representação Popular (PRP), não serve para tirarmos essa dúvida, pois os membros dessa agremiação, entre eles Plínio Salgado, aceitaram a disputa pelo poder através do voto no período da chamada “democracia populista” e perderam muitas características ideológicas da fase anterior.¹⁶³

As principais características totalitárias do movimento são identificadas, principalmente, na produção teórica do líder integralista, como apontam os estudos de Ricardo Benzaquen de Araújo.¹⁶⁴ O ideal igualitário de Salgado, perseguindo a política da equidade social representada na raça cabocla, de eliminação das diferenças é um forte indício dessa perspectiva. Além disso, o líder integralista perseguia seu ideal de nação na conjugação de todos os indivíduos, que deveriam se conscientizar de seu papel dentro da nova ordem a ser estabelecida pelos camisas-verdes, ou seja, a necessidade de envolvimento total do indivíduo com a doutrina, outra condição para a caracterização totalitária.

No entanto, encontramos alguns elementos que se distanciam dessa visão orgânica de Salgado quando investigamos os escritos de Miguel Reale, o teórico do Estado Integral. Para compreendermos o pensamento de Reale temos de observar atentamente sua proposta de empregar na organização estatal um sistema baseado em corporações, semelhante às corporações da Itália fascista. Atentamos para o fato de uma escassez de estudos dos intelectuais autoritários brasileiros a respeito do corporativismo. Miguel Reale, o autor de *Estado Moderno*, foi um dos primeiros no Brasil a tentar teorizar um modelo governamental sustentado por forças corporativas. De fato, o sentido de corporativismo ganhara um novo significado depois de ter sido revigorado pelo fascismo, quando se insistia na designação de “Estado Corporativo”.

¹⁶² ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 395-397.

¹⁶³ Entre as mudanças ideológicas mais expressivas do PRP em relação à AIB podemos citar a perda do caráter revolucionário (tomada do poder pela ação das massas) e o enfraquecimento da crítica em relação ao liberalismo. Maiores detalhes podem ser encontrados no estudo de Gilberto Calil: CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, pp. 116-121.

¹⁶⁴ ARAÚJO, Ricardo B. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, op. cit. e *In médio virtus: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1988.

Há uma relevante diferença quando falamos de corporativismo e de Estado Corporativo. Corporativismo é uma expressão muito utilizada para designar os ofícios e as organizações de trabalho das épocas clássica, medieval e moderna, e que persistem mesmo além do século XVIII em alguns locais da Europa. Na época contemporânea, o corporativismo é muito associado aos sindicatos e aos grupos profissionais. Nessa linha, a corporação representa um grupo de pessoas que visa ao mesmo fim e está subordinado às mesmas normas e estatutos. Assim, podem figurar como um conjunto de pessoas que exercem a mesma profissão, ou estão no mesmo ramo, reunidas numa associação autorizada e regida por uma disciplina própria. Também pode representar um grupo que, coletivamente, administra ou dirige certos negócios de interesse público.¹⁶⁵

Já no Estado corporativo, no sentido empregado pelo fascismo, o corporativismo é uma ferramenta que utiliza o apoio das organizações sociais, dos grupos profissionais e econômicos para a sustentação econômica do Estado. As corporações seriam todos os corpos sociais, econômicos e culturais que formariam o organismo de funcionamento da nação. Geralmente, nas concepções dos intelectuais autoritários brasileiros, elas desempenhariam a organização que dirigiria os empregos, os cargos ou as funções profissionais, tudo sob a fiscalização do Estado.¹⁶⁶

Na verdade, as manifestações nacionalistas de cunho autoritário, especialmente da década de 1930, reivindicavam um pensamento autônomo, mas trouxeram para o Brasil concepções estranhas até então para a política nacional. São extraídos, até mesmo, traços do nacionalismo europeu da época, como a repulsa pelo individualismo, por exemplo. Repete-se a transferência que ocorreu com o condenado liberalismo, importado anteriormente para o Brasil, com a diferença de que, nesse momento, os regimes europeus congêneres aos modelos autoritários, estão ganhando forma a partir de teorias e conceitos, tão díspares e imprecisos como os apresentados em solo brasileiro.

Como o Estado autoritário estava renascendo, em uma formação eclética e em âmbito abstrato, não havia regras e experiências imediatas, concretas, de sucesso. Sendo assim, toda e qualquer soma e fusão de idéias e conceitos poderia ser tentada. Segundo Evaldo Vieira, apesar dos nomes de teóricos europeus como Manoilescu e Perroux serem mencionados entre os intelectuais autoritários da década de 1930, como se pode entrever

¹⁶⁵ Ver: INCISA, Ludovico. Corporativismo. In: BOBBIO (et al). *Diccionario de Política*. 5ª edição. São Paulo: UNB, 2004, pp. 287-291.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

nas obras de Oliveira Vianna,¹⁶⁷ as concepções a respeito dos elementos que articulariam o corporativismo de Estado tiveram origens variadas. Na prática, não havia nenhuma teoria acabada e nenhuma tentativa nesse sentido, a respeito de uma sistematização de como deveria funcionar esse corporativismo de Estado. Dessa forma, a imprecisão a respeito do modelo estatal e a generalização sobre a adoção das corporações foram as características mais perceptíveis entre os defensores do modelo autoritário conservador.¹⁶⁸

No caso de Alberto Torres, antecessor dos intelectuais autoritários da década de 1930, devemos apontar algumas ressalvas necessárias. Apesar de o pensamento torreano defender o Estado Intervencionista e os governos fortes, condenava a coletivização com a supressão do indivíduo às escalas do poder político e dos interesses econômicos. Portanto, não sacrificava os direitos individuais.¹⁶⁹ A nação, para Torres, tinha de ter unidade e este é um direito que deveria prevalecer sobre as reivindicações de autonomia dos Estados.

Poderíamos enquadrar Alberto Torres mais como um teórico e divulgador do Estado forte e intervencionista, pelo simples fato de o intelectual fluminense não ter se debruçado sobre o funcionamento da prática corporativista. De maneira geral, o corporativismo, para ele, representou apenas um elemento a mais para rejeitar a liberal democracia. Assim, empenhado no esforço de substituir o sufrágio universal, Torres propôs a utilização do critério corporativo para a escolha do Senado e do Presidente da República em *A Organização Nacional*, quando redigiu seu projeto de Constituição.¹⁷⁰

A exemplo de Torres, em relação ao corporativismo, o líder integralista não deixou suas impressões, e aos assuntos de funcionamento do Estado Integral, Plínio Salgado fez

¹⁶⁷ O esforço de Oliveira Vianna constituiu a única tentativa que foi um pouco além na teorização de conceitos corporativos do Estado autoritário. Ainda assim, não existiu uma formulação sistemática, faltando um sistema pormenorizado de explicações práticas de como organizar a produção. “A despreocupação com a montagem de um sistema teórico de corporativismo parece explicar-se em virtude da urgência em debater-se os inúmeros problemas da criação de um Estado Nacional, centralizado, eficiente e representativo dos interesses sociais. Os nacionalistas defensores do autoritarismo só se dirigem para a doutrina corporativa a fim de buscar uma solução para a desorganização dos agentes da produção no Brasil”. VIEIRA, Evaldo. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1981, p. 97.

¹⁶⁸ “O corporativismo é utilizado como uma das respostas ao momento brasileiro; torna-se fato corriqueiro, entre os nacionalistas adeptos do Estado autoritário, a referência a elementos da doutrina corporativa, aplicados sem qualquer sistematização”. VIEIRA, Evaldo. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1981, p. 96.

¹⁶⁹ “O papel dos governos contemporâneos, nas sociedades normalmente organizadas, consiste, neste ponto, em defender os indivíduos, contra os abusos do individualismo, a sociedade, contra seus déspotas espontâneos: em fazer a polícia da vida nacional e econômica, contra os privilégios, os monopólios, os açambarcamentos, dos ‘reis’ das soberanias argentarias”. TORRES, Alberto. *O Problema Nacional Brasileiro*, op. cit., p. 244.

¹⁷⁰ Torres sugeriu a composição de um colégio eleitoral especializado para a escolha do Presidente e do Vice-Presidente da República. Nesse colégio deveria haver membros de certas classes e corporações. Talvez esse

poucas explicações. Em seus livros da década de 1930, o líder integralista preferia os temas mais filosóficos relacionados à natureza do homem e do espírito. Apesar disso, podemos identificar alguns escritos políticos de Salgado, mesmo na fase anterior à constituição da AIB, em que ele destacou a necessidade de impor um governo forte com ênfase na organização do Estado:

No Brasil não há ainda um sentimento coletivo de interesse nacional. Cumpre-nos, ao iniciar a discussão dos problemas que nesse momento nos suscita, declarar, como base de uma orientação segura, que não há interesses estaduais diante dos supremos interesses nacionais. Colocando-nos neste ponto de vista de nacionalismo integral, é que iniciamos a nossa ação jornalística neste trepidante momento da vida brasileira.

Esse nacionalismo integral implica em uma concepção de Estado descrita assim:

É a força suprema interveniente nos rumos e finalidades sociais [que mantendo a propriedade e a iniciativa particular] saiba demarcar os limites gerais e nacionais, [fazendo com que] as classes se representem em corpos legislativos.¹⁷¹

Temos algumas pistas, nesse relato, do ponto de vista de Salgado em relação às corporações. Segundo ele, o Estado deveria fazer com que as classes se representassem em corpos (corporações). No entanto, não especifica como se daria esta organização. Seguindo essa linha, as sugestões de Salgado a respeito do funcionamento do Estado Integral são sempre muito vagas e imprecisas. Esse aspecto impede a análise do ideal de Estado de Plínio Salgado e o enquadramento dessa perspectiva em um viés conservador ou totalitário. Por essa razão, tentaremos encontrar essa relação na concepção de Estado de Miguel Reale e nas distinções mais protuberantes entre os pensamentos desse teórico integralista e o líder do movimento, Plínio Salgado.

Embora tenham nascido na mesma cidade, São Bento do Sapucaí, e militado na cúpula do mesmo movimento, o integralismo, Plínio Salgado e Miguel Reale ostentavam algumas diferenças sutis que podem ser apontadas, especialmente, na maneira como se dirigiam aos seus leitores e no destaque de determinados elementos da doutrina. Essas pequenas distinções podem não representar grandes contradições no seio do que denominamos genericamente “integralismo”, mas podem indicar os elementos característicos que se destacam no pensamento de cada um dos autores. Essa distinção é

seja o único vestígio de uma proposta para definir a função que desempenharia uma corporação específica. Vide: TORRES, Alberto. *A Organização Nacional*, op. cit., pp. 399-400.

¹⁷¹ SALGADO, Plínio. “Erros de hoje, Perigos de Amanhã”. In: *A razão*, de 5 de junho 1931; “A verdadeira concepção do Estado”. In: *A razão*, 4 de setembro de 1931. Apud: VIEIRA, Evaldo. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil*, op. cit., p. 94.

necessária para não cairmos na simplificação da doutrina integralista e, assim, menosprezar o grau de autonomia certamente presente nos escritos dos teóricos em questão.

3.6. O modelo de Estado: Plínio Salgado, Miguel Reale, Alberto Torres

Naturalmente, a posição de Chefe, ocupada por Salgado, já lhe dava um *status* diferenciado de Miguel Reale, que era o Secretário de Doutrina. Isso acarretava em seu estilo um tom mais inflamado, principalmente ao dirigir-se aos seus leitores. Havia a necessidade de uma voz de comando, de uma certeza de direção. Mas isso não impedia que Salgado também manifestasse uma ambigüidade, própria de sua personalidade. O líder integralista sempre viveu entre a literatura e a política, campos que se complementavam diante de sua produção escrita; entre o espiritual e o material, os elementos que eram compreendidos justamente pela própria natureza de sua oposição; e pela condição de líder e de ideólogo, contraposição que não o deixava em posição cômoda frente à tarefa de “condução das massas”. Como vimos no primeiro capítulo, Plínio Salgado certamente se sentia mais a vontade no papel de ideólogo do que de Chefe.

Miguel Reale não vivia entre essas ambigüidades. Seu estilo teórico é fortemente marcado pela formação jurídica. Após manter contato com a SEP e acompanhar o grupo que fundou a AIB, Reale decidiu entrar para o movimento alguns meses depois de sua fundação, tinha vinte e três anos quando se tornou integralista. Muito rapidamente tornou-se Secretário de Doutrina da AIB e não demorou a se tornar um dos teóricos mais importantes do movimento. A secretaria de doutrina teve diversas atribuições, como a coordenação e organização dos periódicos integralistas, órgãos especializados para a doutrinação interna, e a direção dos núcleos regionais de estudos integralistas. É na obra de Reale, em *O Estado Moderno*, que encontramos os principais indícios de como seria o Estado Integral, tão comentado pelos integralistas.

Encontramos no estilo de Reale um discurso mais explicativo, comparado com o de Salgado. Guiado por sua formação, ele constrói seu texto com termos mais técnicos, próximos do vocabulário jurídico e distante do estilo “romântico” de Salgado. A disposição do conteúdo exposto por Reale em *O Estado Moderno* deixa claro o seu objetivo de explicar e sistematizar o tema do Estado, procurando o sentido atual do “Estado Moderno” e o situando no momento político então vivenciado em âmbito mundial.

Dessa forma, introduzia as questões que eram discutidas na Europa e nos Estados Unidos diante da crise do liberalismo, bem diferente dos escritos de Salgado que, apesar de

não relegar os temas relacionados às políticas do Estado e da organização da nação, preferia dar ênfase na questão da transformação espiritual do homem. Na obra de Reale, há a crítica do capital como um produto inerente do sistema capitalista, produzido pelas contradições e crises do sistema; já para Plínio Salgado, a crítica do capital relaciona-se com a corrupção do homem e o abalo de sua moral. É um problema espiritual acima de tudo.

De maneira geral, podemos afirmar que Salgado descrevia o ideal de sociedade e organização política estatal utilizando elementos muito genéricos e os relacionando com o seu sentimento intuitivo, “romanceando” a análise da realidade. Reale, por sua vez, definia com maior precisão seus conceitos e utilizava mais a racionalidade para sistematizar o seu pensamento. O autor estava preocupado com o caráter político das instituições e menos com o caráter “místico” da ordem universal, como era o caso de Salgado.

É importante destacar que Miguel Reale não contradiz Plínio Salgado nos pontos importantes da doutrina integralista, principalmente nos temas relacionados à espiritualidade e à revolução interior. No entanto, não era prioridade para Reale, como era para Salgado, o elemento espiritual. O autor de *O Estado Moderno* adotava uma visão de mundo humanista, na qual o elemento cristão também estava imbuído, mas devido ao seu estilo rigoroso, esse elemento acabava subjugado por uma postura marcadamente acadêmica.

Essa postura moderada determina um certo ingrediente conservador nas análises de Reale, especialmente quando o autor se preocupa com uma possível desordem causada pelo mau proveito das forças individuais. Assim, a força governamental se reduz nocivamente, segundo sua ótica, pois a função do Estado se limitava em apenas arbitrar certas situações de crise da economia. Ao contrário, para ele, esse Estado deveria estar mais presente, desempenhando um papel preponderante junto à sociedade. Era exatamente o oposto do que pregava o liberalismo clássico que, segundo Miguel Reale, havia se transformado em um verdadeiro fantasma, corrompido por suas próprias contradições.

Para entender o verdadeiro proveito da individualidade e do “espírito corporativo”, Reale partiu do fascismo italiano, comparando como, ao contrário do liberalismo, o indivíduo era totalmente absorvido pelo Estado. Em outras palavras, o liberalismo deixava de lado o Estado, enquanto o fascismo desprezava os indivíduos quando esses estavam agrupados. Havia uma necessidade de totalidade que deveria diferir da concepção fascista. Essa necessidade era resumida pela “unidade orgânica” que articulasse os diferentes valores

sociais e, ao mesmo tempo, respeitasse a ação de esferas autônomas dentro do funcionamento da sociedade:

Uma das características da unidade orgânica é precisamente esta de integrar discriminando. O todo não deve absorver as partes (totalitarismo), mas integrar valores comuns respeitando os valores específicos e exclusivos (integralismo).¹⁷²

No entanto, a solução dessa integração de valores tem, para Miguel Reale, a essência na visão “qualitativa” do indivíduo, como nomeou Ricardo Benzaquen de Araújo.¹⁷³ O próprio Reale, lembrando de Aristóteles, admite que “o fim supremo do homem é a autarquia”, pois só assim o indivíduo alcançaria o limiar de suas potencialidades:

O homem, como indivíduo, é um fragmento, cujo significado só se revela inteiramente ao integrar-se no Estado. Somente como anel de uma cadeia de direitos e de deveres, é que o homem realiza plenamente os fins da existência. Estado e indivíduo são simultaneamente meio e fim: o indivíduo encontra no Estado os meios de alcançar a autarquia, isto é, o desenvolvimento completo da personalidade; e o Estado, mediante os indivíduos, realiza a síntese dos valores, dos deveres comuns.¹⁷⁴

Essa visão do indivíduo que deveria desenvolver os seus valores e as suas potencialidades se distancia da idéia de igualdade do indivíduo, tão cara a Plínio Salgado. Assim, “a igualdade, conseqüentemente, deixa de ter qualquer importância, e a liberdade adquire um significado puramente ‘interior’, confundindo-se com a noção de auto-realização, de expressão das ‘qualidades’ internas de cada indivíduo”.¹⁷⁵ Dessa forma, parece que Reale compreendeu melhor a proposta de Alberto Torres do “nivelamento das possibilidades” em detrimento do nivelamento das aptidões:

É impossível a igualdade entre os homens. Realizar a justiça não é nivelar as aptidões pessoais, mas sim dar possibilidades iguais a capacidades iguais, sem permitir que umas subjuguem as outras. É esse o ensinamento de Alberto Torres sobre o nivelamento das possibilidades e dos meios de ação a fim de alcançarmos a justiça distributiva.¹⁷⁶

De fato, Reale descarta o misticismo para interpretar e solucionar a questão social. O Estado cumpriria seu papel de mediador e complementaria a ação baseada na concepção qualitativa do indivíduo. Diante disso, se construiria a possibilidade de aliança desse Estado com esses homens que atuariam em fortes grupos organizados, intermediários entre o

¹⁷² REALE, Miguel. *O Estado Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934, p. 188.

¹⁷³ ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. *In médio virtus: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*, op. cit.

¹⁷⁴ REALE, Miguel, *idem*, p. 181.

¹⁷⁵ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen, *op. cit.*, p. 19.

indivíduo e o Estado: as corporações. Esse é outro ponto que distingue Miguel Reale de Plínio Salgado. O líder integralista não chegou a sugerir a forma de agrupamento dos indivíduos e como eles seriam aproveitados pelo Estado Integral.

As características designadas à individualidade, por Reale, portadora de potencialidades que poderiam ser expandidas, apontam para a especialização das atividades produtoras. Por isso, o autor propunha a formação de corpos intermediários, expressos nos sindicatos e nas corporações. Ele sugeria que, em cada setor da atividade produtiva, houvesse um sindicato abrigando patrões, e outro reunindo os empregados. No caso das corporações, seriam organizadas por setor produtivo, e agrupariam um representante do sindicato dos patrões e outro dos empregados. Somado a esses dois se juntaria um membro enviado pelo Estado, o qual coordenaria as discussões para a resolução dos problemas e as demandas dos sindicatos.

Observamos então uma ordem que pretendia arbitrar dentro de uma organização hierárquica. Cada corporação funcionaria como um grupo especializado que atenderia às reivindicações de duas classes distintas e se fundaria nas singularidades dos indivíduos, na aptidão pessoal e nas diferenças potenciais abarcadas por eles. A pretensão intervencionista do Estado de Reale, como se vê, era bem grande, abrangendo todas as esferas profissionais, complementando as diferenças e integrando as atividades produtivas.

É importante também que se destaque a importância dada por Reale à iniciativa individual e à manutenção da ordem social pela organização hierárquica das corporações. Ele defendia que a iniciativa individual deveria ser incentivada e preservada, porque seria ela que ergueria a produção e tornaria prazeroso o trabalho. Portanto, a organização das corporações e a intervenção sobre a sociedade produtiva não deveriam ser fundamentadas num estatismo absoluto, nem na liberdade total do indivíduo. Dessa forma, se conservaria a base de organização social da ordem anterior ao estabelecimento do Estado Integral, apenas se instaurando uma verticalização de participação e de decisão.

Ao compararmos essa caracterização mais conservadora de Miguel Reale, identificada na diferença de potencialidades entre os indivíduos e na verticalização da ordem social, concluímos que ele estava mais próximo de Alberto Torres do que Plínio Salgado, especialmente no que concerne ao elemento conservador e racional. No entanto, a concepção estatal de Reale vai além da concepção estatal de Torres ao especificar o papel das corporações na manutenção do organismo do Estado. Para Reale, o pensador

¹⁷⁶ REALE, Miguel, *In médio virtus: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*, op. cit., p 176.

fluminense não era a fonte principal para a inspiração do modelo estatal corporativo que ele formulara em *O Estado Moderno*. Alberto Torres representava mais uma espécie de precursor desse “Estado Moderno” e das formas de organização políticas modernas, as quais tinham o fascismo como a principal referência:

Pensando bem, não é muito lógico falar em criador do fascismo. A doutrina corporativa tem antecedentes no tempo e no espaço, tanto no domínio jurídico como no econômico-social. Precursores são, por exemplo, Dupont White, Sismondi, List, Le Play, Maurras, Sorel, Alberto Torres, etc., cada qual cooperando com uma especial contribuição. Mussolini orientou a síntese, realizou o sincretismo das teorias, algumas delas consideradas até então contraditórias ou irreduzíveis (...) Seu mérito é inexcelsível, mas só mesmo a paixão nacionalista poderia considerar todo o “corporativismo” um produto genuíno da Itália.¹⁷⁷

O corporativismo de Estado, tal qual o corporativismo fascista, não tinha sido explorado por Alberto Torres. Ressaltamos que a preocupação de Reale com as corporações reflete muito de sua referência às corporações fascistas, embora ele, da mesma forma que Salgado, considerasse o fascismo como um partido que não havia atingido ainda o caminho que o integralismo estaria trilhando. Reale nomeava o fascismo como o “totalitarismo” que suprimia as forças individuais, ao passo que o integralismo revitalizaria essas forças individuais por meio da ação do Estado e do poder de síntese.

Em contrapartida, o poder Coordenador, defendido por Torres tinha um caráter menos orgânico e mais verticalizado, pois não se apoiava nas corporações como o Estado Integral preconizado por Miguel Reale. Alberto Torres estava preocupado, essencialmente, com o esvaziamento do poder executivo federal que se concentrava nos poderes estaduais. Por essa razão, sua única preocupação foi estruturar os órgãos da administração central através do fortalecimento e capacitação do poder Executivo. Assim, o poder Coordenador seria o quarto poder, juntando-se com o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Uma espécie de poder Moderador, comparado com a Constituição do Império que teria o papel de “harmonizar” e “integrar” os outros poderes e seus membros seriam escolhidos, por votação, pela cúpula do poder executivo.¹⁷⁸

Da mesma maneira que Plínio Salgado e Miguel Reale, Alberto Torres era antiliberal. No entanto, não escondia seu objetivo de reformar o Estado dentro do sistema liberal, ao contrário dos integralistas. Seu conservadorismo aproxima-se de Reale quando ele condiciona o governo e a administração a um seleto grupo de indivíduos portadores de

¹⁷⁷ *Panorama*, nº 6, p. 14.

“capacidades muito conscientes”, ou seja, a proteção e o equilíbrio da nação seriam tutelados por pessoas capacitadas e não por instituições compostas e fortalecidas através de pessoas comuns. Miguel Reale também tinha esse pensamento ao sugerir o monitoramento de perto das corporações por interventores designados pelo Estado.

As características totalitárias do pensamento de Salgado o distinguem de Reale e, principalmente, de Alberto Torres. O líder integralista, como afirma Ricardo Benzaquen de Araújo, absolutiza a participação popular e prega uma espécie de “absolutização da liberdade positiva, a qual se manifesta tendo como base a total eliminação das diferenças quer no interior da sociedade civil quer na relação entre os diversos grupos sociais e o Estado”.¹⁷⁹ Para Salgado, os indivíduos deveriam se integrar totalmente aos preceitos da doutrina integralista para que não se cultivasse a corrupção e a decadência, tão conhecidas das instituições liberais. Assim, o cidadão agiria permanentemente como um militante consciente e o Chefe seria apenas mais um soldado, “que eventualmente exprime o princípio da autoridade”:

Cristalizando, dia a dia, uma unidade de pensamento, o Integralismo não se baseia num homem, porém num sistema de idéias. Seus alicerces, pois, são os mais sólidos possíveis. O Chefe não passa de um simples soldado, que eventualmente exprime o princípio da autoridade.¹⁸⁰

Além disso, o totalitarismo de Plínio Salgado exprime a idéia de valorização das raças brasileiras (a branca, a negra e a índia), a fim de que elas formem o caboclo, o resultado dessa mistura de raças e a conseqüente uniformização do indivíduo. Apesar de Alberto Torres também ressaltar o valor das raças negra e índia, o autor não menciona a uniformização do indivíduo e, assim como Miguel Reale, defende a escolha dos mais capacitados para exercer determinadas funções sociais.

Na leitura que Salgado fez das obras de Torres, ele se apropriou de certos elementos que foram objeto de estudo do intelectual fluminense, mas isso não significa a fidelidade dos conceitos e a interpretação despreziosa de seus postulados. A retomada da obra de Torres pela geração de 1930 foi sintomática de um período conturbado que ainda estava absorvendo os diversos acontecimentos políticos e culturais da década anterior. A apropriação com ressalvas das idéias expostas na obra de Alberto Torres não foi uma

¹⁷⁸ TORRES, Alberto. *A organização nacional*, op. cit., p. 489.

¹⁷⁹ ARAÚJO, Ricardo B. *Totalitarismo e Revolução*, op. cit., p. 71.

¹⁸⁰ SALGADO, Plínio. *A doutrina do Sigma*, op. cit., p. 30.

exclusividade de Plínio Salgado e dos integralistas, mas uma tendência da geração de 1930, como vimos em Cândido de Motta Filho, Oliveira Vianna, Tristão de Athayde, entre outros.

Mas, a despeito dessa tendência, Salgado ainda apresentava alguns elementos singulares, como um misticismo intrínseco que, segundo ele, o tinha guiado na leitura da obra de Torres. Em vista disso, temos o exemplo narrado pelo próprio líder integralista que, depois de expor suas leituras a respeito dos intelectuais brasileiros em *Despertemos a Nação*, utilizando como parâmetro de análise o estudo do índio, procurou o conteúdo que explicasse as origens e o desenvolvimento do povo brasileiro nas obras dos intelectuais nacionais. Diante dessa perspectiva é que notamos o curioso relato em que ele próprio descreve o cenário de sua leitura de Alberto Torres:

Lembro-me de que li a obra de Torres, viajando, de canoa e de navio gaiola pela Ribeira de Iguape. Ali, pude também meditar junto aos sambaquis, sobre a nossa etnografia pré-histórica e sobre o destino do Continente Americano.¹⁸¹

O cenário da leitura, dentro da canoa, em progressão pelo rio e cercado pela paisagem natural, somado à sua preocupação com o tema indígena, proporcionou um ambiente romantizado pelo líder integralista, em que ele supostamente pôde despertar para a realidade nacional. Esse relato ilustra muito bem a forma como os intelectuais brasileiros eram mencionados por Salgado, sempre com o elemento providencial, como uma espécie de verdade revelada além do conteúdo racional.

Diante desse quadro, avaliando os conceitos de nacionalidade, raça e modelo político estatal, nos parece que Plínio Salgado, muito mais do que descobrir as idéias de Alberto Torres, descobriu as suas idéias no pensamento do intelectual fluminense. Um aspecto bastante relevante quando nos questionamos sobre a distância das idéias entre ambos os pensadores. O fator “místico”, presente no pensamento de Salgado, talvez seja o principal fator de distinção, contrário ao pensamento mais racional de Alberto Torres. Essa característica, mais próxima ao pensamento de Farias Brito, provavelmente explique melhor certas idéias de Plínio Salgado. Sendo assim, partiremos a seguir para a análise de sua leitura das obras desse filósofo brasileiro.

¹⁸¹SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*, op. cit., p. 12 e 13.

4. CAPÍTULO 3 - PLÍNIO SALGADO E O ESPIRITUALISMO EM FARIAS BRITO

Farias Brito nasceu em São Benedito, Ceará, em 24 de julho de 1862. Em 1884, formou-se em Direito pela faculdade de Recife, em Pernambuco, onde recebeu a influência de Tobias Barreto. De volta ao seu Estado, exerceu as funções de Promotor Público e Secretário do Governo. Após a instauração da República, em 1889, foi candidato à Assembléia Constituinte, mas não se elegeu. Mudando-se para o Pará, foi nomeado professor de Lógica de um colégio local e Catedrático suplente da Faculdade de Direito. Em 1909 mudou-se novamente, desta vez para o Rio de Janeiro, onde foi aprovado para a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II, deixando em segundo lugar o célebre escritor Euclides da Cunha. Teve suas obras publicadas entre 1895 a 1914. Faleceu em 1917. Ele foi o primeiro escritor brasileiro, de destaque, a ocupar-se exclusivamente da filosofia.

Os elementos principais que iremos analisar sobre a apropriação de Plínio Salgado em relação ao pensamento britânico dizem respeito à idéia de finalidade, a crítica ao materialismo e a concepção espiritualista baseada no caráter introspectivo (intuição). Adiante, partiremos dessas noções, comuns a ambos, para demonstrar algumas discrepâncias que impossibilitam uma aproximação mais íntima de seus pensamentos. Antes disso, é importante que se mostre a controvérsia em torno dos escritos de Farias Brito nas diferentes gerações de estudiosos de sua obra, especificamente para, mais adiante, se compreender a utilização de sua biografia pela geração de católicos que compunham o Centro Dom Vital, bem como a relação de sua filosofia com o sistema filosófico do francês Henri Bergson.

4.1. Controvérsia na interpretação do pensamento britânico

A interpretação do pensamento de Farias Brito foi passível de muita controvérsia. Há, pelo menos, três fases distintas de percepção em relação às suas idéias. Farias Brito reprovava de maneira austera o espírito científico ligado ao positivismo. Condenava assim o materialismo que se contrapunha ao espiritualismo. Por essa razão, seu pensamento foi

apropriado, nas décadas de 1920 e 1930, por jovens intelectuais que constituíram um grupo produtor de uma ideologia própria, que defendia valores católicos e estava engajado socialmente na ascensão desse catolicismo.

O filósofo brasileiro foi utilizado como um referencial de orientação para esse grupo. Através da divulgação de seu nome e de suas obras, surgiram discípulos e simpatizantes de suas idéias. Sem dúvida, o maior responsável por essa acolhida a Farias Brito foi Jackson de Figueiredo, o criador do Centro Dom Vital, expressiva liderança desse grupo católico, sendo dele o primeiro ensaio a respeito das idéias do filósofo cearense, *Algumas Reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito* (1916).

Através da revista *A Ordem*, também criada por Figueiredo, eram publicados ensaios sobre o autor de *O Mundo Interior* e transcritos textos de sua autoria. Seguindo essa linha, que exaltava o pensamento de Farias Brito, diversos pensadores católicos, membros do Centro Dom Vital, também expressaram sua admiração pelo intelectual cearense, como Nestor Victor, Almeida Magalhães, Tasso da Silveira, Jonathas Serrano e Alceu de Amoroso Lima.

Já na década de 1940, outros intelectuais se interessaram pela obra britiana, demonstrando preocupação com as interpretações particulares do grupo católico em relação ao pensamento do filósofo brasileiro. Farias Brito foi depreciado por utilizar um ecletismo de idéias que não atendia ao apelo de alguns estudiosos, os quais consideravam que suas obras não traziam contribuição ao pensamento filosófico. Tal juízo foi formulado por autores como Sílvio Rabello, João de Cruz Costa e Gilberto Freire.¹⁸² Sílvio Rabello, em 1941, inaugurou a ala de críticos ao pensamento do filósofo nacional, publicando *Farias Brito ou uma Aventura do Espírito*. João de Cruz Costa parece ter sido influenciado por Rabello, pois utilizou esse mesmo título para criticar Farias Brito em sua obra *A Filosofia no Brasil*, de 1945.

Segundo Cruz Costa, o filósofo brasileiro edificara uma obra bastante confusa e copiara, fundamentalmente, os conceitos e as reflexões de filósofos estrangeiros, não formulando, portanto, um pensamento original: “A sua hesitante e prolixa ‘filosofia’, que é apenas o resumo, o comentário de doutrinas alheias, sufoca o pequeno cabedal de idéias

¹⁸² Embora Farias Brito fosse criticado mais sistematicamente na década de 1940, suas idéias tinham já opositores anteriores, como Sílvio Romero e Clóvis Beviláqua, principalmente em razão da severidade com que o filósofo julgou as doutrinas referentes ao materialismo, ao positivismo e ao evolucionismo. No entanto, apesar da oposição desses autores, ambos reconheciam a capacidade intelectual e filosófica de Farias Brito, ponto de vista contrastante com aquele revelado pelos autores da década de 1940.

próprias que talvez tenha possuído”.¹⁸³ A mesma opinião tinha Gilberto Freire, que confessadamente deixou-se levar pelas críticas de Rabello: “Do que tenho lido de Farias Brito ou acerca de Farias Brito – principalmente as páginas lúcidas e penetrantes que acaba de lhe dedicar o Sr. Sylvio Rabello – concluo que o autor de *O mundo interior* ainda não se firmara em idéias próprias e em métodos novos e seus de indagação filosófica”.¹⁸⁴

A crítica de Sílvio Rabello em relação à falta de originalidade do pensamento de Farias Brito havia sido realmente desconcertante. Para o autor, o filósofo apenas copiara as idéias estrangeiras e se afastara das preocupações nacionais, tão mencionadas pelos intelectuais católicos: “Era Farias Brito desses filósofos fechados às influências mais próximas” e, “excetuando as suas poesias em favor da emancipação dos escravos e uma ou outra referência aos erros da política positivista dos começos da República, nada mais existe na obra de Farias Brito sobre o Brasil e que o distinga como um pensador genuinamente brasileiro”.¹⁸⁵

Somado a isso, Rabello entendia que o filósofo fracassara em sua tentativa de elaborar um sistema universal de idéias e que o insucesso “viria sobretudo da falta de preparação clássica”. Seria Farias Brito “um homem profundamente ingênuo” e “o seu sistema de idéias” resultaria “não raras vezes em ridículo”.¹⁸⁶ Percebe-se no argumento de Rabello, ainda, uma depreciação em relação ao grupo católico, especialmente porque parte dos membros do Centro Dom Vital estavam em sintonia com o integralismo. No prefácio da segunda edição de seu livro, na década de 1960, Sílvio Rabello enfatizava a relação do Centro Dom Vital com a Ação Integralista Brasileira:

O Centro intencionalmente denominado Dom Vital foi o setor onde Jackson Figueiredo desenvolveu a sua propaganda que a princípio não ia além da filosofia e da religião. Mas os associados do Centro Dom Vital não permaneceram nessa situação de irmãos em Cristo, preocupados exclusivamente com a salvação das próprias almas. Vimos depois como os mais prestigiosos dentre eles se fizeram doutrinadores e mesmo adeptos da Ação Integralista Brasileira. E como, em certa altura, trocaram suas opas de devotos do Senhor pelas camisas verdes de milicianos do chefe Plínio Salgado.¹⁸⁷

¹⁸³ CRUZ COSTA, João. *A filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 97.

¹⁸⁴ FREYRE, Gilberto. Um mestre sem discípulos. In: *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 156.

¹⁸⁵ RABELLO, Sylvio. *Farias Brito ou uma aventura do espírito*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 192.

¹⁸⁶ *Idem*, pp. 101 e 102.

¹⁸⁷ *Idem*, p. 2.

Em tom de esclarecimento, o autor contava as motivações de sua crítica, na década de 1940, ao pensamento britânico, ressaltando a incompatibilidade das idéias de Farias Brito com o grupo católico e com os grupos políticos de direita:

Dizíamos naquele ensaio que não deixava de ser curioso como Farias Brito era explorado por certo grupo de católicos e por certa ala de políticos da direita, irmanados desde muito, no mesmo propósito de fazer vingar as mais obscuras forças da reação. Uns e outros tinham feito do autor da *Finalidade do Mundo* um filósofo que se aproximava da Igreja em suas tendências mais profundas e um filósofo que de algum modo preparara uma política direitista, sem ter intencionalmente orientado o seu pensamento nesta direção.¹⁸⁸

Ou seja, naquele momento, Sylvio Rabello expressava seu estranhamento quanto à suposta proximidade entre as idéias do filósofo cearense, o pensamento manifesto no grupo católico e a “política direitista”, subentendida no integralismo, argumentando que aquela junção não era possível. No mesmo sentido, Cruz Costa se referia a uma estranha e paradoxal referência de Farias Brito na doutrina integralista: “E que estranho, e também paradoxal sintoma o haver sido Farias Brito considerado, em certo momento, pelos *integralistas*, como o Chefe espiritual da vaga *ideologia*, que essa doutrina reacionária pretendeu impor ao país! No entanto talvez havia razões para isso”.¹⁸⁹

Embora certas críticas à apropriação das idéias do filósofo cearense tivessem procedência e fossem ratificadas em estudos posteriores, a leitura desses autores sobre o conjunto da obra de Farias Brito foi superada na década de 1960. O reconhecimento nacional às obras do filósofo cearense surgiu, apenas, a partir do IV Congresso Nacional de Filosofia, em 1962, realizado pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, em São Paulo e Fortaleza, promovido e incentivado por Miguel Reale, em função do centenário de nascimento de Farias Brito.¹⁹⁰ Esse interesse repentino pelo intelectual brasileiro é atribuído, paradoxalmente, ao estudo crítico de um estrangeiro. Em visita ao Brasil, durante a década de 1950, o professor norte americano Fred Gillette Sturm, da Universidade da Columbia, afirmava que havia similaridades entre o pensamento de Farias Brito e o desenvolvimento da filosofia existencialista e da fenomenologia, importantes movimentos intelectuais da época.

¹⁸⁸ *Idem*, p. 2 e 3.

¹⁸⁹ CRUZ COSTA, João. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, op. cit., p. 328 (grifos do autor).

¹⁹⁰ Além de ter feito parte da AIB e de ser reconhecido como um talentoso jurista, Reale também teve atuação destacada na área da Filosofia. Em 1954, fundou a Sociedade Interamericana de Filosofia. Também presidiu, foi secretário, relator, além de outras atribuições, de diversos Congressos Internacionais de Filosofia fora do Brasil.

Assim, ele sugeria uma releitura do pensamento britânico, sustentando que suas obras seriam uma proveitosa referência para os filósofos ligados a esses dois movimentos.¹⁹¹ Além disso, em contraposição às críticas que classificavam as obras de Brito como desprovidas de originalidade, Sturm situava o intelectual brasileiro dentro de uma problemática ocidental, não condenando o seu pensamento, como outros fizeram, por ele ter, teoricamente, ignorado a realidade sócio-cultural brasileira.

A grande e confusa polêmica feita em torno das obras de Farias Brito, sem dúvida, teve origem na apropriação das idéias do filósofo feita pelos intelectuais católicos nas décadas de 1920 e 1930. Construindo uma interpretação estreita aos seus interesses ideológicos, eles consideraram o intelectual cearense como um intérprete da realidade brasileira, tarefa que ele não se propôs a fazer, segundo opinaram de modo consensual os estudiosos que, posteriormente, se ocuparam da análise de seu pensamento, em especial aqueles da década de 1960. Entre os autores que se empenharam no resgate do pensamento de Farias Brito, após o Congresso Nacional de Filosofia, em 1962, destacam-se, entre outros, Carlos Lopes de Mattos, Djacir Menezes e Alcântara Nogueira. Esse último ressaltava com muita propriedade a polêmica em torno das obras do filósofo brasileiro:

Não têm sido pequenas as divergências em torno de Farias Brito. Já não se trata do que se refere à interpretação de seu pensamento propriamente dito, mas ao julgamento do que ele representa, o qual vai desde a exaltação da obra, considerada de alto nível, ainda que não aceite a doutrina, à negação do próprio mérito da produção, tida como construção falha sob vários aspectos.¹⁹²

Segundo o autor, uns encontraram no pensamento de Farias Brito “um sentido idealista” e procuraram “descobrir condições para mais ou menos acomodar aquele a uma forma de espiritualismo”, para chegarem, enfim, “à conclusão de que se o pensador prosseguisse na sua obra, vivendo mais anos, escreveria uma obra que seria o encontro do caminho da verdade...”, enquanto outros não tinham meios termos: reduziam a obra do intelectual “a um conjunto confuso de idéias, totalmente desvalioso”.¹⁹³

Djacir Menezes também segue essa linha crítica às interpretações dadas à obra do filósofo. O autor destaca que “os problemas universais” não mudariam com o clima, a raça ou devido às condições do solo, pois Farias Brito pensaria, principalmente, nos “problemas supremos”. Segundo Menezes, o intelectual cearense “caminhava pelas vias abertas na

¹⁹¹ Em sua visita ao Brasil, Sturm deixou publicado, nos anais do IV CNF, as suas impressões a respeito do pensamento de Farias Brito: STURM, Fred Gillette. “O significado actual do pensamento britânico”, *Anais do IV Congresso Nacional de filosofia*. São Paulo/Fortaleza, IBF-MEC, 1962.

¹⁹² NOGUEIRA, Alcântara. *Farias Brito e a filosofia do espírito*. São Paulo: Freitas Bastos, 1962, pp. 7 e 8.

cultura européia. Esta, a paisagem que o interessava”.¹⁹⁴ Diante disso, Farias Brito recuperaria os méritos de sua obra, menos por ter realizado a leitura da realidade nacional, mas por ter sido um expositor e intérprete dos sistemas modernos que lhe despertavam interesse.

Essas novas interpretações deixaram de procurar um sistema filosófico único no conjunto das obras do autor, publicadas entre 1895 e 1914, pressupondo fases distintas e considerando que seus estudos não seguiram uma só orientação. O conjunto de suas obras representaria o depoimento de uma alma inquieta, que havia procurado nos livros o sentido de sua própria existência.¹⁹⁵ Segundo Carlos Lopes de Mattos, o pensamento britiano não seguiu um mapeamento planejado. Esse desordenamento seria em função da “evolução” das idéias do filósofo cearense entre os anos de 1895 e 1914.¹⁹⁶

Sob o mesmo viés, Djacir Menezes afirma que Farias Brito promovia a crítica do positivismo, “não do ponto de vista do progresso científico – mas dos preconceitos metafísicos, que não descobre de uma vez. Seu pensamento, nesse passo, é reticente, como pressentindo a vacilante debilidade da tese”.¹⁹⁷ Portanto, sua obra caracteriza-se por posições de pouca nitidez e de alguma incerteza. Por isso sua obstinação em retomar idéias e sistemas de outros filósofos e de ter sido alcunhado de “Historiador da Filosofia Moderna”.¹⁹⁸

Embora os estudos contemporâneos da década de 1960 atestem certos excessos nas críticas que estudos realizados na década de 1940 fizeram ao filósofo, alguns aspectos dessas críticas merecem nossa atenção. Cruz Costa, por exemplo, insiste na ausência da preocupação com a realidade nacional em Farias Brito e destaca o desenvolvimento do pensamento britiano a partir de idéias estrangeiras.¹⁹⁹ Julgamos que, em parte, a crítica do

¹⁹³ *Idem.*

¹⁹⁴ MENEZES, Djacir. *Evolucionismo e positivismo na crítica de Farias Brito*. Fortaleza: Impr. Universitária / UFC, 1962, p. 9.

¹⁹⁵ CARVALHO, Laerte Ramos de. *A formação filosófica de Farias Brito*. 2ª edição. São Paulo: Saraiva/USP, 1977, p. 32.

¹⁹⁶ MATTOS, Carlos Lopes de. *O pensamento de Farias Brito*. São Paulo: Herder, 1962, pp. 11-47.

¹⁹⁷ MENEZES, Djacir, *op. cit.*, p. 36.

¹⁹⁸ RABELLO, Sylvio, *op. cit.*, pp. 101-114.

¹⁹⁹ “Pouco tempo depois da Revolução de 1924, aparecia, no Rio de Janeiro, um livro original e significativo (...) Intitulava-se: *À Margem da História da República* (...) Em um dos capítulos do livro, ao estudar o problema da nossa consciência nacional, o escritor Tasso da Silveira designara o filósofo cearense Farias Brito como sendo o verdadeiro intérprete da nossa consciência nacional. Tal afirmação excitou a minha curiosidade (...) Procurei conhecer as obras do pensador cearense (...) Não encontrei, depois, na folhuda obra de Farias Brito, nada que me determinasse a mudar de idéia. Farias Brito não era o intérprete da nossa consciência nacional. Talvez traduza uma certa inquietação a hesitação da nossa inteligência. Mas só isso (...) A sua hesitante e prolixa ‘filosofia’, é apenas o resumo, o comentário de doutrinas alheias”. CRUZ COSTA. *A filosofia no Brasil*, *op. cit.*, pp. 93, 94 e 97.

autor se justifica. O pensador brasileiro desenvolveu toda sua filosofia seguindo os clássicos da filosofia mundial e, paralelamente, se interava das novas teorias filosóficas de seu tempo, como o chamado “bergsonismo”, corrente de idéias que destacava, entre outras questões, a utilização da intuição como uma ferramenta para se perceber o espírito. Nesse sentido, uma “contribuição estrangeira” marcante em Plínio Salgado, a partir do pensamento de Farias Brito, foi o pensamento de Henri Bergson, como bem destaca o depoimento do próprio Cruz Costa no prefácio que fez à obra de Héglio Trindade:

[Plínio Salgado] escrevia possuir uma “intuição secreta” que lhe daria a “chave para decifrar a psicologia do povo brasileiro”... Essas idéias vagas, essa linguagem, por vezes apocalíptica, essas atitudes que me pareciam carnavalescas, não conquistaram a minha simpatia. Via naquilo tudo um produto nebuloso e ingênuo, mal digerido, da então incipiente vulgarização da psicanálise e de resquícios de bergsonismo mal amanhado – em suma, uma pantomima”.²⁰⁰

Cabe não esquecer que, entre os intelectuais precursores do movimento fascista, Sorel foi um dos que mais utilizou os preceitos de Bergson, justamente para superar o marxismo e revigorar o pensamento socialista. O pensamento sorelista abandonou os elementos racionalistas e positivistas do socialismo, reduzindo-o através de uma filosofia da revolução, em que imperavam os mitos revolucionários baseados em uma espécie de irracionalismo das ações movidas pela intuição.

É necessário destacar que o texto inaugural do fascismo, escrito por Giovanni Gentile e assinado por Mussolini, evocava os franceses Georges Sorel, Charles Peguy e Hubert Lagardelle como as fontes inspiradoras do movimento. Tanto Sorel como Peguy foram influenciados por Bergson, evidenciando a referência do filósofo europeu para o partido de extrema-direita italiano. Se, de um lado, o fascismo europeu apreendeu o bergsonismo através de Sorel, de outro, o integralismo brasileiro, em grande medida, se abasteceu de idéias similares através de Farias Brito.

Por si só, isso evidencia que o pensamento de inspiração brasileira, presente no integralismo e reivindicado por Plínio Salgado, também se abasteceu de idéias estrangeiras que deram origem ao fascismo, mesmo tendo sido, na origem, de referência nacional. Nessa mesma direção, em virtude dessa semelhança, o intelectual brasileiro era, por vezes, comparado ao pensador francês ou a teóricos do fascismo, como indicava Miguel Reale:

²⁰⁰ CRUZ COSTA. Prefácio. In: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30*. 1ª edição, op. cit., p. 6.

Costuma-se dizer que a obra realizada por Farias Brito no sentido de salvaguardar os valores espirituais contra o dominante dogmatismo materialista, lembra a desenvolvida por Bergson na França, ou por Benedetto Croce na Itália. É de se notar, porém, que Bergson e Croce tiveram antecessores da altura de um Bontroux e de um Spaventa, enquanto que a obra do filósofo cearense não tem entre nós antecedentes de vulto, é impressionantemente inédita. Isto lança uma luz forte sobre a personalidade poderosa daquele que foi o mais original de nossos pensadores e o mais lúcido expositor e crítico dos grandes sistemas filosóficos.²⁰¹

No entanto, embora haja semelhanças entre Sorel e Farias Brito, pois ambos utilizaram Bergson e serviram de parâmetro para os fascismos italiano e brasileiro, respectivamente, não podemos classificá-los numa mesma corrente de pensamento.²⁰² Farias Brito não foi e nunca pretendeu ser o “Sorel integralista”. Além disso, o pensamento britiano centrou-se fundamentalmente na filosofia, sendo escassas as suas opiniões e as suas divagações a respeito dos temas que envolviam diretamente a política, sendo que o oposto se deu com o pensador francês.²⁰³

4.2. A filosofia de Farias Brito: Uma atividade permanente do espírito

A produção intelectual de Farias Brito tem início ainda no final do século XIX e tem seu fim na segunda década do século XX, abrangendo um período de, aproximadamente, vinte anos. A série intitulada *Finalidade do Mundo* compõe-se de *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano*, de 1895, *A Filosofia Moderna*, de 1899, e *A*

²⁰¹ REALE, Miguel. In.: *Cadernos Da Hora Presente*, Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, outubro de 1939, p. 98.

²⁰² Ao contrário de Alberto Torres, que em vários estudos foi enquadrado em uma determinada vertente do pensamento autoritário brasileiro, numa espécie de consenso, Farias Brito, como vimos, tem sido motivo de controvérsias e o seu pensamento, igualmente, é de controversa classificação. Na historiografia brasileira, costumamos mencioná-lo como um intelectual precursor da renovação católica das primeiras décadas do século XX. Entretanto, na filosofia, o autor tem sido referido como um precursor das idéias existencialistas, ou elencado como mais um dos discípulos da chamada “Escola do Recife”, tendo como referência o pensamento de Tobias Barreto. O autor Carlos Lopes de Mattos, ainda em 1962, manifestou essa preocupação com a falta de um estudo que contemplasse o conjunto das obras do filósofo e que permitisse a compreensão de seu significado para a História das Idéias no Brasil: “A obra de Farias Brito, já examinada sob vários aspectos por um bom número de críticos e historiadores, do Brasil e até do estrangeiro, carece ainda, quero crer, de um estudo de conjunto, que venha apresentar-nos o pensamento vivo do filósofo cearense, seu significado na história das idéias no Brasil e mesmo seu lugar na história da filosofia universal”. MATTOS, Carlos Lopes de, *op. cit.*, p. 11.

²⁰³ Embora o estudo de Sylvio Rabello ateste uma certa ausência de temas relacionados diretamente à política nas obras de Farias Brito, Djacir de Menezes observa que o filósofo não deve ser visto como alguém que foi indiferente à política: “Se o filósofo fosse abastado ou filho de pai alcaide, poder-se-ia dar ao gozo do isolamento e das leituras, sem quaisquer contatos com a política. Farias Brito era pobre – e a pobreza não admite a indiferença. Há que arranjar emprego, concorrer, solicitar, reivindicar, acotovelar, abrir lugar ao sol. Ele foi secretário de governo, maçom, professor de Faculdade, advogado. Não podia ser político tangido pela ambição de mando, mas esteve de olhos voltados para a liça onde os homens politicavam”. MENEZES, Djacir, *op. cit.*, p. 11.

Verdade como Regra das Ações, de 1905. Em 1912 foi publicada a primeira edição de *A Base Física do Espírito* e, em 1914, o último livro do filósofo cearense, o *Mundo Interior*, encerra a produção da filosofia britânica.

Segundo Carlos Lopes de Mattos, houve uma insistente reelaboração das idéias de Farias Brito em seu esforço de pensar sua filosofia, razão pela qual existem descontinuidades no conjunto de sua obra. Esse pensamento, que parece descontínuo e inacabado, já havia sido problematizado por Clóvis Beviláqua e Nestor Víctor, os quais identificaram fases distintas que influenciaram o filósofo cearense. Esses autores afirmavam que Farias Brito teria sido naturalista até 1905 e, desde então, tornara-se espiritualista. No entanto, Mattos reinterpreta essa classificação:

As duas grandes fases de Farias Brito não devem, pois, ser caracterizadas como a do naturalismo e a do espiritualismo, seguindo-se Beviláqua, e sim como monismo e teísmo, sendo que o filósofo sempre foi espiritualista (como em parte afirmava Nestor Víctor), de um espiritualismo que poderia chamar perfeitamente “paralelista” até 1899, e espiritualista na acepção mais própria desde 1905. A grande transformação que se operou em suas idéias foi a passagem do monismo (sempre espiritualista em certo sentido) para o teísmo pluralista.²⁰⁴

Em suas obras, a partir de 1905, o monismo do filósofo cearense tornava-se espiritualista, na concepção mais bem definida do termo, principalmente em *A Base Física do Espírito* e *O Mundo Interior*.²⁰⁵ A mudança mais evidente é percebida na ênfase, em sua última obra, do pensamento como “coisa-em-si”, na concepção kantiana, resultando daí o pressentimento do fenômeno da natureza. A “coisa-em-si” era a existência verdadeira, aquela consciente de si própria. Esse seria um princípio fundamental da existência, a confirmação do espírito. Da mesma maneira que fez Bergson, Farias Brito tomava o kantismo para retomar a idéia de que o conhecimento das coisas só seria viável a partir de determinados raciocínios ou de atividades resultantes da constituição do espírito.

A evolução de seu pensamento foi gradativa, de modo que percebemos os elementos de continuidade em suas obras, pautadas pelos questionamentos e investigações progressivas. No primeiro volume que compunha a série *Finalidade do Mundo*, e que tinha como título *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito*, o autor afirmava que as ciências representariam o pensamento organizado, enquanto a filosofia seria “o

²⁰⁴ MATTOS, Carlos Lopes de, *op. cit.*, p. 46.

²⁰⁵ Genericamente, o monismo procura reduzir a realidade última a uma substância primordial, quer material, quer espiritual, ao passo que o espiritualismo é um sistema filosófico que se funda na essência espiritual, uma doutrina metafísica que preconiza o primado do espírito sobre a matéria.

conhecimento em formação”.²⁰⁶ Nesse sentido, a indagação filosófica estaria no processo de constituição do saber científico, sendo parte de uma primeira etapa de apreensão abstrata dos dados.

Entretanto, a atividade da filosofia prosseguiria, agora com o auxílio das ciências, para desvendar o desconhecido. O movimento de busca aos aspectos da realidade seria o estímulo pelo qual estaria condicionado o espírito, atraído pelo fascínio em relação ao conhecimento. Em função dessa procura incessante, a filosofia seria o próprio espírito humano em sua atividade permanente.

Em *A Verdade como Regra das Ações*, de 1905, e *A Base Física do Espírito*, de 1912, Farias Brito expôs seu pensamento fundamentando princípios como a verdade e a moral relacionadas à importância não apenas para a elaboração do saber, mas da própria existência. A filosofia cumpriria este papel de dar um significado para a existência através da compreensão da totalidade das coisas, auxiliada em grande medida pelas descobertas da ciência. Era preciso dar um sentido para os atos dos homens, cujo comportamento e escolhas orientariam o caráter ético de suas atividades. Tal caráter ético, relacionado com a moral entre os homens, estaria em comunhão com a finalidade do mundo.²⁰⁷

Aproximando-se do pensamento de Spinoza,²⁰⁸ Farias Brito concebia sua ética e sua metafísica no plano de conscientizar o homem a respeito de si mesmo e de defrontá-lo com a realidade que o cerca. Diante da necessidade de disseminar a moral, o pensador brasileiro relacionava a religião, no primeiro e segundo volumes de *A Finalidade do Mundo*, à manutenção da ordem. Apesar disso, rejeitava as religiões de seu tempo, pois considerava mistificação as explicações referentes à transcendência e à divindade do ser.

Para o autor de *Finalidade do Mundo*, Deus seria a força luminosa que atua no exterior do ser e a luz interior que representaria a consciência, idéias similares ao conceito

²⁰⁶ “Penso assim: a ciência é o conhecimento já feito, o conhecimento organizado e verificado; a filosofia é o conhecimento em via de formação”. BRITO, Farias. *Finalidade do mundo*. 1º Volume. 2ª edição. Rio de Janeiro: INL, 1956, p. 76.

²⁰⁷ Segundo Benedito Nunes, a relação entre o problema da finalidade do mundo e o conceito de filosofia como atividade permanente do espírito “se traduz por um encadeamento circular de conceitos, pois que a finalidade do mundo não pode ser concebida independentemente da finalidade da filosofia, e que dá ao pensamento de Farias Brito, tão dispersivo e hesitante, quanto prolixo e retórico, por vezes, uma certa unidade teórica que, se não chega a conferir-lhe um arcabouço doutrinário sistemático, imprime-lhe os traços inequívocos da universalidade e do propósito de fundamentação racional, com os quais Dilthey caracterizou as concepções filosóficas do mundo”. NUNES, Benedito. *Farias Brito: Trechos escolhidos*. Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro: AGIR, 1967, p. 10.

²⁰⁸ Nascido em Amsterdam, Benedictus de Spinoza (1632-1677), mais conhecido como Baruch de Espinosa (seu nome hebraico), Bento de Espinosa ou Bento d’Espiñoza, foi um dos grandes racionalistas da filosofia moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz. Considerado o fundador do criticismo bíblico moderno.

espinozista de substância infinita. A idéia de Deus concebida pelo filósofo, embora desprovida dos caracteres transcendental e sobrenatural, continha o elemento integral, a perfeição em seu estado puro. Em outras palavras, todas as coisas se encontrariam em Deus e a evolução, assim como a gradativa apreensão do saber, seguiria a marcha para a compreensão do real e o esclarecimento da verdade.

Em *A Verdade como Regra das Ações*, ele avançou sobre o conceito de verdade, o qual parecia já estabelecido em seu estudo precedente, relacionando a concepção divina como a verdade superior. Assim, Farias Brito voltou novamente à problemática filosófica da finalidade do mundo, desfazendo o absolutismo da verdade e retomando-a como objeto do conhecimento. Porém, o filósofo não terminaria de explanar sobre o espírito. Todavia ter-se abastecido das filosofias de Kant²⁰⁹ e Spinoza e tomado essas idéias por referência em todas as suas obras, Farias Brito faria ainda um avanço significativo em suas investigações sobre o espírito, especialmente após o contato com as obras de Renouvier, Hamelin e Bergson.

Em suas duas últimas obras, *A Base Física do Espírito*, de 1912, e *O Mundo Interior*, de 1914, é que se percebem acréscimos decisivos em relação às obras que constituem a série de *Finalidade do Mundo*. Nelas o filósofo destacou a metafísica como método de investigação dos fenômenos psíquicos, em que “a filosofia era a psicologia, a ciência do espírito”.²¹⁰ O espírito seria uma impressão atestada pela consciência. Seria impossível, segundo Farias Brito, compreender a existência dos diferentes fenômenos sem o domínio da consciência. Ela representaria o ser que reage, por meio de sua atividade, diante dos fenômenos naturais, ou seja, o ser consciente seria guiado pelo espírito.

A referência a Bergson em *O Mundo Interior* é marcante. O próprio Farias Brito reconhece a importância do filósofo francês para a sua época: “é uma influência extraordinária que começa a exercer, a tal ponto que já não se pode filosofar sem tratar de

²⁰⁹ Embora tenha tentado superar a filosofia kantiana, Farias Brito partiu do kantismo para refletir sobre a teologia e o espírito religioso: “É preciso determinar as condições da experiência, de modo a ficarem definitivamente lançados os limites do conhecimento; é preciso saber o que se pode conhecer para que se possa firmar a verdade do que se conhece: tal é o espírito geral do kantismo, de onde vê-se que é exatamente no kantismo que mais logicamente se pode fazer a crítica da teologia, como do sentimento religioso em geral, porquanto a religião é também uma das formas fundamentais do conhecimento e o kantismo sendo a crítica do conhecimento é por isto mesmo igualmente a crítica da religião”. BRITO, Farias. *Finalidade do mundo* (1º volume), op. cit., p. 158.

²¹⁰ “A filosofia é a psicologia, a ciência do espírito. Tal é, por conseguinte, a nossa tese fundamental”. BRITO, Farias. *O mundo interior (ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito)*. 3ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 75

Bergson”.²¹¹ Diante disso, o filósofo cearense articulava suas impressões sobre sua temática relacionada ao espírito e elaborava sua filosofia em torno do “conhecimento de si”, como afirma Cerqueira:

Compreende-se que com o conhecimento de si mesmo há modificação interna no ser pensante (...) Não se resolve, pois, em conceitos ou generalização de princípios, mas em intuição da vida e em governo de si mesmo (...) Nisto claramente se vê não somente a distinção essencial que existe entre a ciência do espírito e as ciências da natureza (...) As ciências da natureza, ou mais precisamente as ciências da matéria, são realmente, como pretende o pragmatismo, e como sustenta, por seu lado, Bergson, e com Bergson todos os representantes atuais da reação anti-intelectualista, instrumentos de ação.²¹²

Segundo Luiz Alberto Cerqueira, Farias Brito já herdara de Tobias Barreto a idéia de que o homem moderno, consciente de si como energia ou força, era aquele capacitado a exercer um domínio sobre as coisas, e que esse domínio deveria iniciar através de si, ou seja, do próprio eu. No entanto, “a idéia de que a mesma força ou energia, que do ponto de vista da ciência física só se conhece externamente como movimento ou corpo deslocando-se no espaço, revela-se internamente como consciência, ele encontrou-a em Bergson”.²¹³ Pondo-se de acordo com o filósofo francês, o intelectual cearense entendia que era insuficiente indagar se o conhecimento das coisas dependeria da constituição de nosso espírito e acrescentava a necessidade de distinguir o *eu fenomênico*, aquele que apenas toca o mundo, do *eu interior*, aquele que sente, pensa e se apaixona. Além disso, segundo Farias Brito,

pensar, só por si, é já fazer teoria psíquica, e agir, só por si, é já fazer dessa teoria aplicações práticas. A psicologia é uma ciência intuitiva e concreta, uma espécie de visão interior consubstancial com o sujeito, e deste modo não é somente conhecimento mas energia e vida.²¹⁴

A coisa em si, para a filosofia britiana, só poderia ser conhecida por observação interior, ou seja, por introspecção. Assim, somente na distinção entre o mundo interno, ou entre a subjetividade e a objetividade, que estaria a base ou o critério para distinguir os fenômenos e a “coisa em si”. Durante a introspecção devia-se manifestar o conhecimento e o sentimento (na forma de emoção e paixão) para desenvolver a energia psíquica. Dessa forma, em um momento íntimo e profundo se revelaria a realidade verdadeira, a existência

²¹¹ BRITO, Farias. *O mundo interior*, op. cit., p. 211.

²¹² *Idem*, p. 64.

²¹³ CERQUEIRA, Luiz Alberto. Maturidade da filosofia brasileira: Farias Brito, *in.*: *O Mundo Interior*, op. cit., pp. 28-29 (Prefácio à terceira edição).

fundamental; numa palavra: o espírito. Essa seria a essência de todas as coisas e o conjunto de todas as coisas seria a manifestação desse mesmo espírito: “a eterna fenomenalidade em que este se desenvolve indefinidamente através do espaço e do tempo”. É “o espírito manifestando-se exteriormente, desdobrando-se sob uma variedade infinita de aspectos, desenvolvendo, na sucessão sem fim das idades, o drama eterno de sua existência”.²¹⁵

4.3. Plínio Salgado e o espiritualismo de Farias Brito

No limiar do século XX, alvorece a Civilização Atlântica. É a voz da América pela voz da Pátria Brasileira. É a Quarta Humanidade, que vai aparecer no Novo Mundo. Em 1914, antes da Grande Guerra, Farias Brito profetizou o advento do Integralismo Brasileiro, escrevendo estas palavras: “Ouve-se como que o ruído de uma música distante, a harmonia longínqua de um canto de guerra, como a anunciar a invasão de um exército salvador, em campo de batalha onde já começavam a fazer sentir os efeitos desastrosos da desolação e do terror, a previsão e certeza da vitória do inimigo. Despertam energias ocultas que dormiam ignoradas no fundo da consciência”. Esse exército são os camisas-verdes, batedores dos Tempos Novos, anunciadores da próxima alvorada humana.²¹⁶

As apropriações e a romanceação referentes às idéias do filósofo não diferiam muito em relação ao mesmo tratamento que Plínio Salgado dispensava a Euclides da Cunha e a Alberto Torres. Mesmo assim, e embora no trecho descrito acima o intelectual fosse utilizado como um “profeta do advento integralista”, Salgado costumava se deter mais no espiritualismo de Farias Brito adaptando-o ao seu pensamento nacionalista-cristão.

A referência ao espiritualismo é constante nos textos de divulgação da AIB. Como afirma Trindade, “o integralismo, sensível à tradição religiosa do povo brasileiro e estimulado pelo catolicismo de Salgado, incorpora à doutrina uma concepção espiritualista do homem e da história”.²¹⁷ Em sua cartilha de divulgação do integralismo, em 1933, Plínio Salgado perguntava: “Qual o destino do homem e da Sociedade?”. Segundo ele, a grande questão “desde que o mundo é mundo” reside no “grande problema da *finalidade do Homem*”.²¹⁸ A concepção integralista do mundo agregava o universo, o homem, a sociedade e as nações, somando e submetendo todos os elementos a um enfoque espiritual.

²¹⁴ BRITO, Farias. *O mundo interior*, op. cit., p. 64.

²¹⁵ “O que há, atrás de tudo o que vemos e percebemos, o que constitui o fundo e a realidade íntima de todas as coisas, é, pois, o ser sensível e ativo, o ser consciente, ou numa palavra, o espírito. Este é que rigorosamente constitui o que se chama existência, o ser verdadeiro”. *Idem*, p. 352.

²¹⁶ SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*, op. cit., p. 133.

²¹⁷ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, op. cit., p. 272.

²¹⁸ SALGADO, Plínio. *O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933, pp. 16 e 17.

Dessa forma, teoricamente, o elemento materialista se agruparia com o sentido da idéia (pensamento) e ambos estariam subordinados a um ritmo supremo (espiritual). Como dizia Salgado:

Consideramos que a finalidade do Homem é transcendental, é superior, é intelectual e moral. Consideramos, entretanto, que nem por isso o Homem deixa de ser um índice biológico, isto é, o Homem é um ser complexo, com aspirações na Terra, como corpo, e aspirações no Infinito, como centelha da Luz Eterna.²¹⁹

Essa interpretação do líder integralista a respeito do “destino superior” do homem tem a referência na concepção de finalidade em Farias Brito.²²⁰ Para o filósofo cearense a existência somente faria sentido e teria valor se houvesse um princípio de finalidade, tanto do homem quanto do universo. O conhecimento do homem seria o fator que animaria a realidade, a força que daria vida a tudo que existe. Exemplo disso é quando Brito se apropria do pensamento de Lastarria, atestando que “o fim geral do homem e da sociedade não pode ser outro senão a vida em toda a sua intensidade no espaço e no tempo”.²²¹

Segundo Carlos Lopes de Mattos, para Farias Brito, “a natureza deveria ser concebida como um todo orgânico” e a idéia de finalismo vigoraria na humanidade, assim como na natureza. A humanidade se desenvolveria “sempre para um estado superior, à maneira de um todo orgânico. E na consciência humana, a evolução finalista refletir-se-ia do mesmo modo, obedecendo às mesmas leis”.²²²

Em suma, para o pensamento britiano, próximo às idéias de Plínio Salgado de finalidade do homem, o destino do ser humano, bem como o destino do espírito, “era aperfeiçoar-se e dar a maior extensão possível às suas energias, e alcançar em todas as manifestações de sua atividade o mais alto grau de desenvolvimento”.²²³ Essa característica, comum a ambos, foi o ponto de partida para o líder camisa-verde desenvolver seu ideário espiritualista. No entanto, como veremos adiante, a condição de “finalidade” em Farias Brito e Salgado diferia no pensamento do primeiro em relação à concepção cristã do segundo.

²¹⁹ *Idem*, p. 29.

²²⁰ Salgado, ao explicar o Manifesto de Outubro, em 1957, dizia o seguinte sobre a concepção de finalidade: “E aí se encontra a influência de Farias Brito quando, no seu livro ‘A verdade como regra das ações’, mostra que não podem existir normas de moralidade, sem que preliminarmente adotemos uma noção precisa da origem e da finalidade do Ser Humano”. SALGADO, Plínio. *O Integralismo na vida brasileira*, in.: *Enciclopédia do Integralismo*. Vol. I. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1958, pp. 23-24.

²²¹ BRITO, Farias. *Finalidade do Mundo: A filosofia como atividade permanente do espírito*. 2ª edição. 1º Volume. Rio de Janeiro: INL, 1957, p. 123.

²²² MATTOS, Carlos Lopes de, *op. cit.*, p. 18.

²²³ BRITO, R. de Farias. *O Mundo Interior (ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito)*, *op. cit.*, p. 64.

Além da noção de finalidade, esteve presente também na simpatia do líder integralista pelas idéias de Farias Brito a sua crítica ao materialismo: “Farias Brito, nas páginas de *A Verdade como Regra das Ações*, desdobra de maneira impressionante a confusão a que a filosofia, escravizada à volúvel ciência, lançou o mundo contemporâneo”.²²⁴ O filósofo brasileiro, em síntese, condenava o cientificismo calcado unicamente pelas “explicações materialistas”. Como dizia Salgado, o filósofo cearense viveu em uma época propensa às explicações puramente científicas, em que era estimulada, em toda a sua extensão, a compreensão do elemento material e, muitas vezes rechaçando-se o elemento espiritual:

Ele, Farias Brito, viveu numa época de materialismo, isto é, num tempo em que os intelectuais, na maioria, só acreditavam na matéria e negavam a alma e até a existência de Deus. Essas idéias eram nefastas ao povo brasileiro, pois saindo desses intelectuais os governantes e administradores, eles não enxergavam o Brasil como Nação Espiritual, moral, voltada para as superiores finalidades, porém como uma simples casa de negócio, dentro de cuja prosperidade material podiam gozar a vida todos os aventureiros e velhacos, sem fé, sem Pátria, sem delicadeza de sentimentos.²²⁵

Em *Psicologia da Revolução*, Plínio Salgado chamava a atenção para essa preocupação do filósofo e acrescentava que a “concepção totalista do mundo” havia sido substituída pelo “conceito científico do universo”. Isso acarretaria “a quebra do sentido de unidade espiritual”. No entanto, saindo do terreno meramente filosófico, Salgado avançava em direção à economia e à política. Dizia ele que a quebra da unidade espiritual determinara “a fragmentação da Inteligência Humana e seu conseqüente desprestígio em face de uma unidade econômica, cada vez maior”.²²⁶

A crítica ao materialismo, por parte do líder camisa-verde, objetivava a condenação do “liberalismo burguês” e do regime comunista, o qual comparava, paradoxalmente, aos regimes de índole burguesa. Salgado dizia em *Páginas de Combate*: “Onde estão as fontes do comunismo? No materialismo burguês (...) O comunismo é apenas um sintoma do materialismo grosseiro de que o burguês é a fonte originária”.²²⁷ Em *A Quarta Humanidade*, ele considerava o materialismo russo e burguês antifinalistas e, em especial ao “fenômeno russo”, acusava a negação pela finalidade da existência do regime comunista

²²⁴ SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1935, p. 29.

²²⁵ SALGADO, Plínio. *Nosso Brasil*, op. cit., p. 140.

²²⁶ *Idem*, p. 28, 29 e 30.

²²⁷ SALGADO, Plínio. *Páginas de Combate*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1937, pp. 8-9.

como uma prova do empirismo e do positivismo presente em seu pragmatismo:²²⁸ “Esses [burgueses e comunistas] é que constituem, na forma aparente de suas atividades pragmáticas, os legítimos representantes do materialismo”.²²⁹

Portanto, a condenação ao capitalismo burguês, alicerçado no materialismo, era intimamente correlacionado ao pensamento marxista que, para enfrentar a prática burguesa, procurava as ferramentas de combate no próprio materialismo. Plínio Salgado manifestava repulsa ao regime comunista especialmente pela negação do sentimento religioso ou espiritual. Em vista disso, relacionava essa forma de materialismo do regime inimigo a uma espécie de aberração, pois os comunistas russos considerariam as religiões como incentivadoras de misticismo, o que supostamente alienaria as pessoas e impediria a formação de uma consciência crítica. A apropriação do pensamento do filósofo cearense servia de sustentação para condenar a esquerda política, embora, em nenhum momento, Farias Brito estivesse em oposição ao comunismo russo ou criticado o regime bolchevique, até porque Farias morreu ainda em 1917, ano marco da Revolução Russa.

Essa utilização do pensamento britânico para se opor ao comunismo é reveladora do significado da obra de Farias Brito para Plínio Salgado. A partir do que conhecemos de sua biografia, ele teria tomado contato com a obra do filósofo logo após ter descoberto o marxismo. Segundo ele, por volta de 1927, o grupo de amigos composto por Plínio Melo, Fernando Callage, Jaime Adour da Câmara, Augusto Frederico Schmidt, Raul Bopp, Mário Pedrosa e Araújo Lima trocava idéias e lia a respeito de Marx. Diante disso, afirmava Plínio Salgado:

Nossas leituras eram todas marxistas. Não cheguei a ficar comunista, porque “as novidades” do materialismo histórico já me tinham fascinado aos dezessete anos, quando lia Buchner, Lamarcke, Haeckel, Le Bon, devorando a filosofia burguesa de Spencer, na qual encontrava, agora, tanta afinidade com a obra de Marx. A recordação das páginas de Farias Brito despertava porém no meu espírito.²³⁰

Segundo Salgado, a presença do pensamento britânico já estaria inclusa nos seus primeiros escritos políticos e até mesmo no seu primeiro romance, de 1926, pois em 1927,

²²⁸ Ao criticar a falta de espiritualismo no regime comunista, Salgado utiliza-se do argumento do filósofo cearense: “Farias Brito escreve, em *O Mundo Interior*: ‘Mas como afirmar ou negar qualquer coisa, sem reconhecer-se a si próprio como espírito, aquele que nega ou afirma, uma vez que só um espírito, isto é, uma consciência, pode afirmar ou negar?’ E, aos que repelem Deus e a Alma, replica: ‘A matéria pode ser negada, porquanto o que se nos apresenta no espaço e aí ocupa um lugar e se move, pode ser uma ilusão, como acontece no delírio da febre ou nos fantasmas do sonho’”. SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*, op. cit., p 48.

²²⁹ *Idem*, p 49.

recordava da leitura do filósofo brasileiro em meio ao grupo que estudava o marxismo. Indo por essa direção e retomando algumas análises já realizadas sobre o líder camisa-verde, encontramos algumas referências sobre o “irracionalismo” de Salgado que podem nos dar pistas relevantes para encontrar a referência mais significativa ao espiritualismo de Farias Brito.

Nesse aspecto, José Chasin, preocupado com o intuicionismo do líder integralista, nos dá um bom panorama desse “irracionalismo”, traduzido no método da intuição, presente não apenas no romance *O estrangeiro* mas em grande parte do pensamento da geração modernista.²³¹ Segundo o autor, alguns personagens de Salgado deslocavam-se para “além” da consciência transcendental ou da razão absoluta, como é o caso de Juvêncio (personagem de *O estrangeiro*) que presente o verdadeiro significado de sua existência ao fixar-se no campo.²³²

Com um enfoque semelhante, Leonardo Padilha, em estudo recente, fez um paralelo entre esse irracionalismo, visto na fase modernista de Plínio Salgado, e as referências de Farias Brito e Graça Aranha, os quais teriam influenciado a geração modernista. Segundo o autor, ao passo que Graça Aranha foi uma influência para toda essa geração, Farias Brito teria influído mais diretamente no grupo verde-amarelo e no pensamento do líder integralista, o qual teria apreendido através do filósofo brasileiro o elemento intuitivo presente no método filosófico de Henri Bergson.²³³

A partir dos “romances plinianos”, Padilha constata que há uma enfática repetição das idéias de Salgado como se a concretização das mesmas fosse inevitável e que “os personagens, principalmente aqueles que captam o sentido da pátria, vão expor essa ‘constatação’ aos que não a compreendem, num claro esforço de convencimento destes últimos a partir dos indícios da *fatalidade* que se configurava”.²³⁴

Além da utilização da intuição em sua obra literária, Plínio Salgado a utilizava em sua doutrina política, como veremos adiante. Essa apropriação da “introspecção”, “intuição” ou “irracionalismo”, seja qual for o termo empregado para designá-la, somente será entendida se compreendermos o ambiente propenso aos “racionalismos” positivista e naturalista da virada do século XX e a reação espiritualista que se processou nessa mesma

²³⁰ SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*, op. cit., p. 13.

²³¹ CHASIN, José, *op. cit.*, pp. 186-187.

²³² *Idem*, ver páginas 243 a 265.

²³³ PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o Hinterland: O pensamento modernista de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2005. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação da PUCRJ.

²³⁴ *Idem*, p. 94.

época, na Europa e, em seguida, no Brasil. Dessa forma, é importante situar o ideário da geração católica reunida em torno do Centro Dom Vital em relação ao pensamento de Farias Brito e de Plínio Salgado. Além disso, em seguida, será necessário mencionarmos a relevância do sistema filosófico de Henri Bergson para o intuicionismo do líder integralista.

4.4. A geração católica e a apropriação das obras de Farias Brito

O primeiro livro que cobrou o despertar e a atenção para as obras de Farias Brito foi *Algumas Reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito*, de Jackson de Figueiredo, de 1916. Já destacamos anteriormente que Jackson foi um dos precursores da reação espiritualista brasileira e um dos mais destacados intelectuais do grupo católico reunido em torno do Centro Dom Vital. Sua interpretação das obras do filósofo cearense representou o elo de ligação com a apropriação feita do pensamento britânico pelo grupo católico.

Da mesma maneira que Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo dizia-se materialista até o momento em que lera obras que questionavam o cientificismo e o materialismo, entre elas as do filósofo brasileiro.²³⁵ A simpatia em relação a Farias Brito é denotada por Jackson de Figueiredo nos seguintes termos: “Eu o ponho entre os que pensam que ‘a filosofia é força, é movimento, é vida’, e não como os pragmatistas para quem a melhor é aquela ‘que exerce mais influência sobre a prática’”.²³⁶

No entanto, não faltava a ele a discordância com determinados termos da filosofia britânica. Jackson, após citar um trecho de *O Mundo Interior*, em que Farias Brito comentava a essência da religião como “a mais alta manifestação da intelectualidade”, dizia: “Se a religião é a aplicação do pensamento filosófico na ordem prática, ela não será ‘a mais alta manifestação da intelectualidade’ e sim o apurado, o aproveitado (*sic*) de todo o esforço da filosofia como atividade do espírito para a interpretação universal”.²³⁷

O intelectual católico entendia que essa idéia de Farias Brito subjugava a religião “como uma serva da filosofia”, porém, em sentido oposto, ele acreditava que a religião, ou o sentimento religioso, era anterior a todas as filosofias.²³⁸ Da mesma forma, não concebia o sentimento religioso como supersticioso ou relacionado à moral – como fizera o filósofo cearense – e sim um estado de sensibilidade, simplesmente, proporcionado pela fé: uma

²³⁵ FIGUEIREDO, Jackson de. *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*: profissão de fé espiritualista. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1916, pp. 15-24.

²³⁶ *Idem*, pp. 26-27.

²³⁷ *Idem*, p.29.

contraposição à ênfase dada à razão pelo autor de *Finalidade do Mundo*.²³⁹ Mesmo assim, Jackson de Figueiredo, ao mesmo tempo em que tecia a crítica, penitenciava-se dos julgamentos que ia fazendo sobre o pensamento britiano:

Mas Deus me livre de querer impor o meu pensamento, pensamento de um pobre cético, de um pobre pessimista cujo único refúgio é a fé, e se compraz em demonstrá-la algumas vezes com maior ou menor absurdo. Farias Brito será o primeiro a perdoar-me; ele saberá ver que eu só quis render-lhe a homenagem que merece de todos nós, os intelectuais que ainda não esmoreceram nesta tremenda crise que vai atravessando o pensamento contemporâneo.²⁴⁰

Vemos que, acima de tudo, havia uma grande admiração de Jackson por Farias Brito. E a admiração era recíproca, como nos atesta a carta do filósofo ao intelectual católico, datada de 30 de setembro de 1915, em que o primeiro confessava a satisfação de ter encontrado no segundo uma afinidade de pensamentos, apesar de alguns pontos de vista contrastantes:

[Citando Jackson] “O homem, por si mesmo, é o homem (no sentido usual da palavra); o homem com o homem, a unidade do *eu* e do *tu*, é Deus”. Foi o que claramente pela vida nova de que me senti inundado, só pelo fato de ter encontrado uma consciência que se identificou perfeitamente comigo, na mesma corrente de idéias. Veio-me então, à mente, esta reflexão: será este o meu discípulo desejado? Discípulo, não. Encontrei-o, como sabe, espírito feito, aos vinte e três anos de idade.²⁴¹

Jackson de Figueiredo, quando conheceu Farias Brito, já tinha sua independência intelectual consolidada. Contudo, devido à similitude de interesses em certas questões filosóficas, de pontos de vista em comum e, principalmente, em função da amizade construída por ambos, o intelectual católico carregou consigo a referência do pensamento britiano e a disseminou através dos veículos de divulgação criados por ele: O Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*.

A interpretação de Jackson em relação às idéias do filósofo cearense, por vezes discordando do mesmo, também foi seguida pelos discípulos do Centro Dom Vital nas

²³⁸ “Creio que a religião é anterior a todas as filosofias. Não sei se digo bem dizendo religião, pois quero falar do sentimento religioso livre ainda das suas sistematizações, quero referir-me ao sentimento religioso no indivíduo”. *Idem*, p. 30.

²³⁹ “Eis o que me diferencia essencialmente de Farias Brito. Ele pensa que todo o domínio da vida pertence à razão. Para mim só a fé nos dá a certeza de que somos alguma coisa de divino que se debate no cenário do mundo, e procura voltar à sua perfeição, que é Deus mesmo, impossível de ser raciocinado ou pensado, porque a razão só tem como campo de ação o problema do mundo, do mundo que nos contém e é como uma sombra interposta entre a nossa ansiedade e a glória eterna, a infinita glória de Deus”. *Idem*, p. 208.

²⁴⁰ *Idem*, p. 58.

²⁴¹ BRITO, Farias. Uma carta de Farias Brito. In.: FIGUEIREDO, Jackson de. *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, idem, p. 223.

décadas de 1920 e 1930. Embora reconhecessem nas obras do autor de *Finalidade do Mundo* as idéias precursoras do novo espiritualismo que era propagado naquele momento, os intelectuais desse grupo católico discordavam de certas posições de Farias Brito.

O exemplo mais contundente dessa tendência, influenciada por Jackson de Figueiredo, foi a de seu discípulo Alceu de Amoroso Lima, intelectual que liderou o grupo católico após a morte do mestre. Amoroso Lima dedicou algumas páginas à “estética de Farias Brito” em *Estudos*, de 1926. Fica evidente, nessa obra, alguma discordância, que chegou a classificar como pensamento absurdo,²⁴² quando identificou uma certa depreciação no valor da arte por parte do filósofo.

Em contrapartida, também fez ressalvas sobre as qualidades do filósofo, as quais se sobrepunham aos seus supostos deslizes estéticos. Segundo o autor, apesar de ter depreciado a importância da arte, “isso não alteraria, entretanto, a importância fundamental que a estética representa em seu sistema do mundo. Sempre, até o fim, considerou o espírito como essência da realidade”.²⁴³

Outros intelectuais que escreveram para a revista *A ordem*, depois da morte de Jackson de Figueiredo, continuaram reproduzindo a leitura do criador do Centro Dom Vital a respeito da incredulidade cristã de Farias Brito. Em 1934, J. Vieira Coelho, no artigo intitulado *A concepção do direito e da moral na filosofia de Farias Brito*, argumentava que o intelectual cearense, apesar de culto e versado nos sistemas filosóficos, não foi um “pensador que tivesse ultrapassado o período da crítica”. Faltaria a ele “a convicção, que é sempre ou uma graça de Deus ou o produto de uma idéia amadurecida”:

Farias Brito foi um [filósofo] que ficou no meio da carreira. Ele só seria filósofo, o filósofo que faltava na história do pensamento humano, no dia em que abraçasse o cristianismo, para onde marchava com a sua consciência límpida, e com ele ingressasse na síntese de sua filosofia perene. A melhor prova disso nós podemos encontrar no seguimento católico que quiseram dar suas idéias e tendências espiritualistas os seus discípulos de maior caráter.²⁴⁴

Segundo essa interpretação, o progresso e a continuidade das idéias do filósofo só foram possíveis graças à acolhida das mesmas pelo grupo seguidor de Jackson de Figueiredo. Assim, o pensamento britiano foi passível de correção e essa tarefa coube, em

²⁴² “Chegou mesmo a escrever essa coisa absurda: ‘No dia em que se fizer definitiva e completa sobre o mistério interior, a arte tornar-se-á desnecessária e deixará de ser, por falta de destino’. ATHAYDE, Tristão de. *Estudos*: 1ª série. 2ª edição (1ª ed. de 1926). Rio de Janeiro: Ed. de A Ordem, 1929, p. 368.

²⁴³ *Idem.*

²⁴⁴ COELHO, J. Vieira. A concepção do direito e da moral na filosofia de Farias Brito. *In.: A Ordem*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, julho de 1934, p. 13.

primeiro momento, aos integrantes do Centro Dom Vital. Isso indica que esse grupo não negava a falta de crença cristã em Farias Brito e, aliado a isso, o diagnosticava como um filósofo vacilante, defeito que lhe teria sido corrigido pelo acréscimo da fé, segundo o receituário católico.

Coincidindo com o pensamento desse grupo, Plínio Salgado confirmava a referência de suas idéias espirituais no pensamento de Farias Brito, contudo somava a isso o elemento cristão, desprestigiado no ideário do filósofo cearense. O próprio líder camisa-verde declarava sua simpatia pelas idéias de Jackson de Figueiredo. Segundo Salgado, o Deus integralista era cristão, e o integralismo a “confraternização de ‘todos os que, acreditando num Deus, fazem dele o fundamento indestrutível de toda ordem social’, conforme diz a Encíclica de Pio XI”. Esse texto teria sido compreendido pelos Integralistas “tanto católicos como luteranos, presbiterianos ou espíritas”.²⁴⁵ Dessa forma, no que se trata da concepção espiritual, o pensamento de Plínio Salgado se aproximava intimamente do grupo católico, pois, da mesma maneira que esse grupo, tinha referência filosófica em Farias Brito, acrescida com a fé no cristianismo.

Uma evidência dessa aproximação entre Salgado e o grupo católico, na tentativa de impor determinada visão sobre o pensamento de Farias Brito, foi a criação, no final da década de 1930, dos *Cadernos da Hora Presente*, sob a gerência de Tasso da Silveira. O primeiro número desse periódico mensal foi publicado em maio de 1939, época em que os integralistas já estavam na ilegalidade. O plano das atividades propagandeado na revista aponta para uma tentativa de reedição das obras de Farias Brito, em que participariam Plínio Salgado e intelectuais membros do Centro Dom Vital.

No primeiro número da revista, destaca-se o artigo de Almeida Magalhães, *É preciso reeditar Farias Brito*. O autor abre, com esse texto, a intensificação da campanha de reconhecimento do valor do filósofo cearense, impressa em todos os números da revista. Nesse sentido, insistia na necessidade de reeditar o conjunto de suas obras: “Impõe-se a reedição das obras do filósofo patricio, a fim de que seu espírito e a essência de sua filosofia sejam conhecidos dos que estudam e pensam”.²⁴⁶ Segundo o planejamento publicado na revista, participariam do trabalho de reedição, incluindo a elaboração de prefácios e comentários sobre as obras, intelectuais como Tasso da Silveira, Jônathas Serrano, Leonel Franca, Santiago Dantas e Plínio Salgado.

²⁴⁵ SALGADO, Plínio. *A doutrina do Sigma*, op. cit., p.37.

*Obras completas de Farias Brito*²⁴⁷

Em edição definitiva, incluindo os inéditos e a correspondência do grande pensador.

8 Volumes, caprichosamente confeccionados, com a harmoniosa e inteligente distribuição da matéria em 14 tomos:

1ª Série: - Finalidade do Mundo

Volume primeiro – “A filosofia como atividade permanente do espírito humano”.

(Introdução geral sobre a figura e a obra de Farias Brito, por **Tasso da Silveira**).

Volume segundo – “A filosofia moderna”.

(Prefácio de **Jônatas Serrano**)

Volume terceiro – “O mundo como atividade intelectual”.

(Prefácio do **Padre Leonel Franca**)

Volume quarto – “A verdade como regra das ações”.

(Prefácio de **Barreto Filho**)

2ª Série: - Filosofia do Espírito

Volume quinto – “A base física do espírito”.

(Prefácio de **Tristão de Ataíde**)

Volume sexto – “O mundo interior”.

(Prefácio de **Santiago Dantas** e **Almeida de Magalhães**)

3ª Série: - Complementar

(Poemas. Auto-biografia. Conferências. O Panfleto. O Concurso de Lógica. Correspondência. Esparsos. Inéditos).

Volume sétimo (Prefácio de **Andrade Murici**)

Volume oitavo (Prefácio de **Plínio Salgado**)

Farias Brito, como veremos, nos excertos que publicaremos no próximo número, foi consagrado pela crítica como uma das celebrações pinaculares do Brasil.

Tal projeto seguia o impulso do livro *Farias Brito: o homem e a obra*, publicado no mesmo ano, por Jônathas Serrano, em que o autor deu ênfase à biografia de Farias Brito, além de incluir os principais pontos do pensamento do filósofo. A partir desse livro, a vida pessoal do intelectual foi objeto de referência. Depois dele, a exaltação da figura de Farias Brito podia ser remetida aos seus pequenos feitos pessoais, entre eles, o de ter passado em primeiro lugar, na frente de Euclides da Cunha, no concurso para a Cadeira de Lógica do Colégio Pedro II.²⁴⁸

Assim como no livro de Serrano, os intelectuais que escreveram para os *Cadernos da Hora Presente* insistiram na exaltação da biografia do autor de *Finalidade do Mundo*. Uma reação a essa evocação ao nome do filósofo e que exemplifica bem o conteúdo da revista foi a de Sylvio Rabello, que dizia: “O nome de Farias Brito vem necessariamente como o autor de uma filosofia que não se conhece, mas de que se tem notícia por tradição.

²⁴⁶ MAGALHÃES, Almeida. É preciso reeditar Farias Brito. In.: *Cadernos da Hora Presente*. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, maio de 1939, p. 65.

²⁴⁷ *Idem*, contracapa mostrando o planejamento da reedição das obras de Farias Brito.

²⁴⁸ SERRANO, Jônathas. *Farias Brito: o homem e a obra*. São Paulo: Nacional, 1939.

Um mito nacional. E mito que vem sendo explorado por um sectarismo religioso e até por um sectarismo político”.²⁴⁹

A exploração desse mito, no entanto, não se deu de forma repentina. O diretor dos *Cadernos*, o poeta Tasso da Silveira, era grande admirador de Farias Brito, mas não apenas do filósofo cearense. Além desse último, Alberto Torres e Euclides da Cunha compunham uma tríade que era muito divulgada por Silveira. O poeta já havia declarado sua admiração por Farias Brito e por Torres em seu artigo para a conhecida obra *À Margem da História da República*, de 1924, organizada por Vicente Licínio Cardoso.²⁵⁰ Bem mais tarde, 1937, em texto publicado para a revista católica *A ordem*, Tasso da Silveira elencava os três pensadores como precursores da poesia simbolista no Brasil:

Poderíamos, no Brasil, escrever igualmente volumes inteiros, e haveremos de fazê-lo, a respeito da significação nova da poesia de um Cruz e Souza, de um Emiliano Pernetta, de um Silveira Netto, de um Alfonsus de Guimarães, ou da sensibilidade diferente de um Gonzaga Duque, de um Graça Aranha, ou das revelações inesperadas do pensamento de um Alberto Torres, de um Nestor Víctor, de um Euclides da Cunha, de um Farias Brito. Os nomes que citei e que não citei por acaso, são, de fato, com mais alguns, os que definem e delimitam, de maneira mais perfeita, o movimento simbolista no Brasil. Muitos perguntarão: que têm que ver com o simbolismo o criador da sociologia brasileira, o paladino de “Os Sertões”, o filósofo de “O Mundo Interior”? Têm que ver simplesmente o seguinte: é que nasceram do mesmo inesperado ambiente de pulsação nova do espírito.²⁵¹

Em sintonia com Plínio Salgado, Tasso da Silveira procurava explicar o ambiente favorável para a atuação intelectual de sua geração em função do “pensamento precursor” da tríade de autores da geração anterior. Essa consideração ímpar em relação a esses três intelectuais não ficava restrita somente ao líder integralista e ao poeta católico. Nos citados *Cadernos da Hora Presente* encontramos subsídios para pensar que a referência a essa tríade de autores era comum a outros pensadores.

O exemplo mais candente pode ser visto nas idéias de Geraldo Silos ou mesmo nos dizeres de Vicente Licínio Cardoso. Geraldo Silos, dizia “que de três fontes iniciais se

²⁴⁹ RABELLO, Sylvio, *op. cit.*, p. XI.

²⁵⁰ “Parece-nos que se poderia traçar assim a curva do desenvolvimento da consciência brasileira (...): o verdadeiro despertar da consciência nacional em Farias Brito e (inscrevamos agora o nome de outro genial precursor) Alberto Torres; e finalmente, na geração mais nova, na geração dos que nasceram com a República, a afirmação de um espírito que claramente vê, que profundamente sofre porque a realidade é amarga, mas que, sobretudo, infinitamente espera, porque confia na vitória da Inteligência”. SILVEIRA, Tasso da. A consciência brasileira. In.: *À margem da História da República*. Tomo II. 2ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1981, p. 45.

²⁵¹ SILVEIRA, Tasso da. Parnasianismo e simbolismo. In.: *A ordem*, Rio de Janeiro, Centro Dom Vital, Janeiro de 1937, pp. 58-59.

originou todo o esforço em prol da construção espiritual e política do Brasil: Farias Brito, Alberto Torres e Euclides da Cunha”.²⁵² Por sua vez, Licínio Cardoso considerava-os como “os três marcos iniciais decisivos da independência espiritual do pensamento e da cultura brasileiras”:

Admiro com fervor puríssimo e álaque a expressão artística de Euclides da Cunha, a concepção política de Alberto Torres e o pensamento filosófico de Farias Brito, os três marcos iniciais decisivos da independência espiritual do pensamento e da cultura brasileiras (...) Se Euclides conhecesse a obra de Farias Brito, não teria entrado naquele concurso célebre de lógica.²⁵³

Esses excertos e textos, que encontramos na revista *A ordem* e nos *Cadernos da Hora Presente*, indicam a harmonia de pontos de vista, não apenas sobre o filósofo Farias Brito, mas também sobre a tríade de pensadores tão mencionada por Plínio Salgado. Não é por acaso também a referência a Licínio Cardoso, o organizador de *À Margem da História da República*, obra em que se viam vários intelectuais que partilharam, à época, de certas idéias de Plínio Salgado, como Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Oliveira Vianna e Jonathas Serrano. Todos eles criticando, em maior ou menor medida, o rumo tomado até então pelo regime republicano.

Da mesma forma, muitos deles viram em Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito os intelectuais-símbolo de exceção de uma incipiente República, os quais teriam destoadado de alguma forma, justamente por terem se ocupado dos problemas nacionais, como Euclides e Torres, ou por terem rompido com o positivismo dominante, como foi o caso de Farias Brito.

A geração de ideólogos católicos, a qual Salgado acompanhou de perto, foi uma das fontes que abasteceu o pensamento do líder integralista no que se refere ao seu ideal cristão. A boa relação entre o grupo católico e os integralistas era fruto de uma aproximação das idéias oriundas do Centro Dom Vital e do pensamento de Plínio Salgado. As apropriações das obras de Farias Brito são um bom exemplo disso, pois em ambos os lados, católico e integralista, revelam, em relação ao filósofo cearense, a exaltação das mesmas virtudes.

Em suma, o intercâmbio de idéias propiciado a partir de sua geração, seja por livros de autores do grupo verde-amarelo, seja pelos autores do Centro Dom Vital ou de outros intelectuais autoritários e nacionalistas, no sentido de pensar “a realidade nacional”, impulsionou suas reflexões a respeito da nacionalidade brasileira. Da mesma forma,

²⁵² SILOS, Geraldo. Pensador da Nova Geração. In.: *Cadernos da Hora Presente*, Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, outubro de 1939, p. 137.

propiciou uma interpretação semelhante aos autores de sua época em relação aos intelectuais em questão.

4.5. A intuição em Bergson

A filosofia de Henri Bergson (1859-1941) esteve relacionada com o positivismo do século XIX e com a tentativa de superar essa corrente de idéias através do espiritualismo. O intelectual francês buscou na relação entre o conhecimento científico e a metafísica os princípios para a explicação da realidade. O real seria evidenciado pela consciência e seria sinônimo de duração. No interior da consciência é que se revelaria a percepção verdadeira, em que somaria a experiência e a intuição. Assim, para Bergson, o elemento intuitivo representava o significado da verdadeira experiência, a chave para se desvendar as lacunas, o ato que colocava o ser humano no interior das coisas, em suma, uma atividade viva.

Bergson está inserido na tendência do espiritualismo francês, alavancado por uma filosofia voluntarista e personalista, que teve entre seus precursores nomes como Maine de Biran, Ravaisson-Mollien, Jules Lachelier e Émile Boutroux, de quem Bergson fora discípulo. Além disso, o filósofo partiu do evolucionismo de Spencer, numa tentativa de aprofundar os fundamentos desse sistema, realizando seus estudos que, por vezes, se aventuravam pela chamada “crítica da ciência”. Entre as obras do autor, a que mais especula sobre os princípios de ética e religião é *As Duas Fontes da Moral e da Religião* (1932), embora tenha constituído, em três obras escritas anteriormente, as bases de sua filosofia sustentada pelo espiritualismo: *Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência* (1889), *Matéria e Memória* (1896) e *A Evolução Criadora* (1907). Nessas obras, encontramos a sua teoria do conhecimento, sua psicologia e sua metafísica.

Uma das principais noções dessa filosofia espiritualista era condicionada pelo *élan vital*, o impulso vital, traduzido pela própria vontade de Deus.²⁵⁴ Diante dessa idéia, o ser humano seria dotado da qualidade de superar o dom da inteligência através do impulso criador, ultrapassando mesmo os níveis da moral e da religião. O impulso vital na vida do homem desenvolve a inteligência. Na filosofia, a inteligência, genericamente, é a

²⁵³ *Idem*, p. 159.

²⁵⁴ “Se a vida realiza um plano, deverá manifestar uma harmonia mais elevada à medida que avançar mais. Assim, a casa desenha cada vez melhor a idéia do arquiteto à medida que as pedras se erguem umas sobre as outras. Pelo contrário, se a unidade da vida se acha por inteiro no impulso que a impele ao longo da estrada do tempo, a harmonia não se acha em frente, mas atrás. A unidade vem duma *vis a tergo*: é dada no início como impulso, e não afirmada no fim como atrativo”. BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Delta, 1964, p. 126.

capacidade de conhecer, de forma geral e abstrata, os objetos materiais a fim de se chegar à compreensão dos objetos espirituais.

Para Bergson, necessariamente, a faculdade humana que corresponde à matéria é a inteligência, a qual se orienta em direção à ação, e esse estímulo ao movimento é que comandaria a forma que o intelecto iria assumir. Como o domínio dessa inteligência é a matéria, ela a captura para instrumentalizar os corpos. Em razão disso, além de captar os fenômenos, a inteligência apreende também a essência das coisas.

Bergson explicava a compreensão da essência da matéria pela utilização da inteligência, pois, segundo ele, ela teria a capacidade de analisar algo minuciosamente para que se pudesse conhecer a natureza de um objeto ou sua constituição. Ademais, ela poderia decompor e recompor esse objeto para a busca de sua clareza e de sua distinção. Por outro lado, a inteligência não teria a capacidade de compreender a duração real, ou seja, a vida, o tempo real, aquele que é pressentido pela consciência e que tem como característica essencial exatamente a duração. Essa condição da inteligência lhe seria imposta pela própria natureza, em que o intelecto relacionaria erroneamente as formas materiais, passíveis de cálculo, com o mundo da duração, representado pelo espaço.²⁵⁵

Na época de Bergson, especialmente na virada do século XX, em que havia a tendência a um pensamento hegemônico vinculado ao cientificismo, a noção de tempo tinha também uma concepção científica e positivista, de modo análogo à noção de espaço. A idéia de tempo era homogênea e atrelada às posições em que se davam os acontecimentos. Nesse sentido, o tempo passado diferiria dos tempos presente e futuro somente pela razão de anteceder a ambos. Bergson argumentava que a consciência era de caráter contínuo e não tinha intervalos marcados, a exemplo de uma febre de característica intermitente.

Por isso, nenhum estado de consciência se revelaria semelhante ao outro e, por consequência disso, as sucessões desses estados se apresentariam de maneira diversificada e representariam a verdadeira noção de tempo, ou seja, de duração. Vale dizer que a duração não se reduziria apenas ao estado da consciência, sendo estendida para o

²⁵⁵ Nas palavras de Bergson: “é possível perceber, no tempo, e apenas no tempo, uma sucessão pura e simples, mas não uma adição, isto é, uma sucessão que viesse a dar numa soma. De fato, se uma soma se obtém pela consideração sucessiva de diferentes termos, ainda é necessário que cada um destes termos persista quando se passa ao seguinte e espere, por assim dizer, que lhe acrescentemos os outros: como esperaria ele, se não passasse de um instante da duração? Onde esperaria, se não o localizássemos no espaço? Involuntariamente, fixamos num ponto do espaço cada um dos momentos que contamos, e é apenas com esta condição que as unidades abstratas formam uma soma (...) É possível perceber os movimentos sucessivos do tempo independentemente do espaço”. BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 59-60.

significado da realidade (a vida). Dado que o estado real representaria a própria vida, tornava-se necessário um método que fosse capaz de decifrá-la. Sendo assim, para o filósofo francês, a única forma de se conhecer a duração seria através do método da intuição.

A intuição, ao contrário da inteligência, não estaria a mercê da ação e da prática. Ela não analisaria minuciosamente a partir da constituição do raciocínio laborioso, e sim perceberia por meio da mera visão, de um pressentimento. Em outras palavras, ela viveria a realidade da duração através da memória.²⁵⁶ Essa capacidade de intuir, contudo, não seria de fácil apreensão e somente poderia ser adquirida em determinados momentos, intrínsecos a certas situações e, necessariamente, em instantes ou ocasiões íntimas de cada pessoa. Em razão dessa particularidade íntima, seria possível conhecer a realidade do próprio eu, uma unidade que comporia os vários estados da duração real.

Segundo a premissa de que as forças atuantes em todas as coisas seriam percebidas pelo ser humano, Bergson defendia a idéia de que os sentidos do homem interagiam com essas forças. Haveria uma participação do ser humano na dinâmica de tudo o que está diante da vista, daquilo que se cheira ou do que se toca. Deveríamos, por esse raciocínio, penetrar no interior de nós mesmos – quanto mais profundo fosse o ponto a que se tivesse chegado, mais intenso o impulso que nos levaria à superfície. Seria a intuição filosófica este contato e seria a filosofia este impulso. A vantagem do método intuitivo estaria presente na forma de perceber de imediato o objeto e todo o seu dinamismo, em que se poderia entrever mesmo suas nuances e modificações.

4.6. A Intuição em Plínio Salgado

Embora insistisse na negação do messianismo, Plínio Salgado utilizava, sem dúvida, uma retórica em tom profético. Embora o estudo de seus romances seja importante para captar as situações de fatalidade e de caráter inevitável do finalismo intuitivo de seus personagens, como o fez José Chasin ao analisar o irracionalismo de Salgado, o estudo de suas obras políticas revela mais claramente a natureza do intuicionismo do líder camisa-verde. Nesse sentido, detendo-nos em alguns trechos de *Despertemos a Nação* fica explícita

²⁵⁶ “No que concerne à memória, ela tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil. Mas não é tudo. Ao captar numa intuição única momentos múltiplos da duração, ela nos liberta do movimento de transcorrer das coisas, isto é, do ritmo da necessidade. Quanto mais ela puder condensar esses momentos num único, tanto mais sólida será a apreensão que nos proporcionará da matéria”. BERGSON, Henri. *Matéria e Memória (ensaio sobre a relação do corpo com o espírito)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 266-267.

a intenção de Salgado de profetizar a sua trajetória, ou seja, anunciar por conjecturas, antecipadamente, o futuro, que lhe teria sido dado por inspiração divina: “Uma intuição secreta me dizia, porém, que eu tinha na mão a chave para decifrar a psicologia de um povo, que seria necessário conhecer, antes de pretender dirigi-lo”.²⁵⁷

A intuição, como vimos em Bergson, se aproxima do espiritualismo apresentado em *O Mundo Interior*, revelado por Farias Brito. Em outras palavras, de modo geral, representa a introspecção, o sentimento interior que não é dado pela exterioridade ou pelo meio material. O próprio líder integralista reconhecia que para ele, lembrando de sua trajetória no verde-amarelismo, se criou a necessidade de um outro modelo de nacionalismo, que deixasse o pictório, o exterior, de lado e se voltasse para o interior, para o elemento intuitivo:

Pela mesma maneira como, com os verde-amarelos rompi contra os chamados modernistas porque se desviavam do rumo de uma revolução necessária, também senti que o verde-amarelismo se estacionava num nacionalismo demasiadamente “exterior” e pictório. Urgia um nacionalismo “interior”, intuitivo.²⁵⁸

Como um ideólogo, aos moldes fascistas, Plínio Salgado recomendava a utilização da consciência interior para se implementar um movimento revolucionário em Psicologia da Revolução. Nessa obra, o principal conceito que permeia o seu raciocínio é o de “idéia força”, referência ao filósofo italiano Adriano Tilgher (1887-1941), aliado à noção bergsoniana do arbítrio dado pela consciência em contato com o meio material, como ele mesmo confessa em *A Quarta Humanidade*:

Sem chegarmos aos exageros de Nietzsche, ou ao conceito absoluto da Idéia Força, desse magnífico pensador da Itália nova, que é Adriano Tilgher, nós ampliamos o pensamento de Bergson, quando afirma que cada um de nossos atos indica certa inserção de nossa vontade na realidade. “São as linhas da ação-possível”, diz ele. É a permanência da revolução, dizemos nós.²⁵⁹

A idéia-força seria condicionada pela oportunidade histórica determinada através da interpretação de um sentido social oportuno, ou seja, entre a relação do homem com a sociedade, entre a idéia humana e o fato histórico.²⁶⁰ Assim, o momento de implementar a idéia força seria pressentido e as ações corretas seriam dadas também pela consciência: “Entre o bem e o mal, só a consciência esclarece e só o livre arbítrio decide”.²⁶¹ Mas, ao

²⁵⁷ SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*, op. cit., p. 12.

²⁵⁸ *Idem*, p. 10.

²⁵⁹ SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*, op. cit., p. 116.

²⁶⁰ SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*, op. cit., p. 22.

²⁶¹ *Idem*, p. 24.

mesmo tempo, Salgado, procurava relativizar o uso da idéia-força, considerando a possibilidade do erro que estaria fora da vontade interior:

Se o mundo inorgânico e os seres organizados, mas sem consciência, errassem, isso significaria que Deus errava. Só o homem erra, porque tem consciência e livre arbítrio. O inconsciente não é movido por uma vontade interior, mas pela vontade exterior de um interferente, que é de um modo absoluto, Deus, e de um modo relativo, o homem.²⁶²

A finalidade do homem, no sentido dado por Farias Brito, seria o princípio buscado por Salgado através das revoluções para estabelecer o equilíbrio de uma sociedade sem angústias. Segundo o líder camisa-verde, os integralistas “aceitavam a precedência, a permanência e a prevalência de um conceito moral supremo, fonte da energia revolucionária e expressão da finalidade superior do homem”.²⁶³

Salgado, dessa forma, negava a capacidade absoluta da Idéia-Força, mas afirmava o seu valor relativo e predominante sobre o determinismo compreendido pelos evolucionistas e pelos críticos materialistas. Em síntese, considerava a inteligência, por si mesma, um erro de cálculo e não um erro moral. Por isso, a inspiração sobrenatural só poderia vir do interior e nunca do exterior, das leis imperantes na natureza que, por vezes, confundiriam o sentido dos homens.

O finalismo de Salgado estava articulado com a sua idéia de revolução. Nesse sentido, traduz-se um caráter de transformação, típico do totalitarismo. Seu misticismo é comparável às correntes revolucionárias inspiradas no intuicionismo de Sorel que levaram o fascismo ao poder na Itália. A intuição do “chefe”, do “condottiere”, é aquela que move a direção da ação. A trajetória de Plínio Salgado é marcada por uma espécie de missão espiritualista e nacionalista, a qual ele considerava tarefa de sua geração, mas que lhe deu enfim a responsabilidade, segundo ele mesmo afirmava, de conduzir os destinos da nação: “Só o chefe deverá saber, no instante supremo em que o destino dos povos lhe falar aos ouvidos”.²⁶⁴ O discurso ambíguo de Salgado, que em certas situações não assumia a responsabilidade da chefia, é contraposto por outras declarações em que ele assumia a postura messiânica, o que evidencia, uma vez mais, a racionalização de sua liderança.

A intuição, sob o ponto de vista descrito acima, funcionava como uma estratégia carismática, pois, ao mesmo tempo em que a filosofia de Salgado propunha uma ruptura na ordem política, buscava a conciliação no sistema integral, de síntese. Em suma, uma

²⁶² *Ibidem*, p. 20.

²⁶³ *Ibidem*, p. 33.

verdadeira dubiedade na práxis teórico-política do Chefe integralista. Da mesma forma, funcionava como a ferramenta reguladora de suas ações. Isso condicionava a irracionalidade das atitudes “teórico-práticas”, como o norteamento da mentalidade direcionada ao homem do sertão em detrimento do homem do litoral.

A presença de Farias Brito no finalismo imposto ao sertão foi uma soma ao estudo precursor de Euclides da Cunha. Farias Brito, talvez, foi para Salgado o que Sorel representou para Mussolini. Se o pensamento do último agiu decisivamente para a construção do corpo da doutrina fascista, a filosofia do primeiro seguiu o mesmo rumo com relação à constituição do ideário integralista, com a diferença de que o pensador cearense não foi contemporâneo à Ação Integralista Brasileira e não apoiou tal movimento.

O filósofo brasileiro, ao contrário de Salgado e dos integrantes do Centro Dom Vital, não era católico e sequer dizia-se cristão. Da mesma maneira não assumia uma postura anticomunista, mesmo porque a época em que viveu não conheceu o sucesso da Revolução Bolchevique. Entretanto, de modo geral, percebemos também as semelhanças entre Farias Brito e Plínio Salgado, como a idéia de finalidade e a introspecção interior, embora, talvez chamem mais atenção as diferenças entre ambos pensadores.

Isso, porque, de certa forma, a maneira como a sua obra foi apropriada demonstre a utilização política estratégica não apenas de suas idéias, mas, principalmente, de sua biografia. Aproveitando-se do momento oportuno, em que os integrantes do Centro Dom Vital construíram o prestígio que o filósofo brasileiro nunca tivera até então, Salgado pôde integrar-se no meio católico e mesmo compartilhar de uma sociabilidade no que diz respeito às idéias do pensador cearense. Depois de tudo, e apesar das diferenças, o pensamento de Farias Brito talvez seja o que mais se aproxime do ideário de Plínio Salgado entre a tríade de pensadores por ele citada.

²⁶⁴ SALGADO, Plínio. *Páginas de Combate*, op. cit, p. 89.

5. APONTAMENTOS FINAIS

Mais do que uma simples referência para o pensamento de Plínio Salgado, os intelectuais aqui mencionados foram objetos de uma racionalização imposta pelo líder camisa-verde através de suas idéias e biografias. Havia um desejo de síntese (como foi peculiar na doutrina integralista) expresso não apenas na forma como foi lida a tríade de pensadores mencionada, mas também na aproximação com as idéias de certos autores contemporâneos à geração de Salgado e na maneira como eram reportadas outras personalidades históricas que, de uma maneira ou de outra, eram lembradas como “os heróis brasileiros” do passado.

É necessário dizer que não podemos prescindir, em hipótese alguma, do fenômeno fascista para explicar o advento do integralismo. Em certo sentido, essa racionalização feita em torno dos “heróis da pátria” pelos integralistas se identificava com o modelo nacionalista italiano da mesma época, pois o mesmo retomava o passado de forma idealizada e romanceada. Somado a isso, não eram poucas as analogias feitas pelos próprios dirigentes camisas-verdes entre o seu movimento e os demais movimentos de característica fascizante. O próprio Gustavo Barroso chegou a considerar a AIB como uma alternativa que se colocava ao lado de outros partidos que poderiam ser classificados como fascistas, tendo como o principal elemento em comum o nacionalismo.²⁶⁵

É verdade que há distinção entre os pensamentos dos homens que compuseram o primeiro escalão de comando integralista, mas é preciso compreender que a ênfase dada por Salgado às referências nacionais de seu pensamento foi fundamental para constituir uma das importantes premissas dos movimentos fascistas, a caracterização pelo nacionalismo. Dessa forma, é necessário considerar as idéias de Plínio Salgado, e a sua busca de

²⁶⁵ Embora considerasse o integralismo um co-irmão do fascismo Gustavo Barroso destacava uma pretensa originalidade de seu movimento, posição semelhante às assumidas por Plínio Salgado e Miguel Reale: “Essa doutrina não vem de fora, através de traduções, como a dos marxistas. Ela nasce do sentimento, da compreensão e do amor à realidade brasileira. Ela vem da tradição cristã da nossa vida. Ela se projeta em dezenas de volumes de autores nacionais integralistas. Não é um empréstimo; é uma criação”. BARROSO, Gustavo. *Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 17.

racionalização da doutrina da AIB, interligadas tanto ao parâmetro fascista, quanto aos subsídios de suas leituras nacionais, além da referência aos intelectuais de sua geração. Ao interpretar as idéias de Euclides da Cunha, de Alberto Torres e de Farias Brito, Salgado teve a influência (no sentido de que suas leituras dialogaram com a interpretação de terceiros) dos intelectuais do movimento verde-amarelo, dos pensadores católicos, conservadores e autoritários. Isso mostra a presença em suas idéias de correntes de pensamento atuantes no Brasil, mas não esconde o fato de que essas mesmas correntes eram simpatizantes dos modelos autoritários europeus.

Ao utilizar a biografia e o pensamento dos três intelectuais brasileiros junto às manifestações intelectuais de sua geração, Plínio Salgado promovia um esforço de síntese que contemplava diversos elementos do pensamento nacional. Da mesma maneira, esse esforço de síntese deixava de contemplar, muitas vezes, o significado das obras dos intelectuais, uma vez que apreendia conteúdos de destaque desses livros em detrimento de outros, igualmente significativos. Devemos estar cientes de que esta prática não foi, e não é, exclusiva do líder integralista. Entretanto, ressaltamos que a utilização dos intelectuais assumia, por vezes, o caráter estratégico, como uma espécie de propaganda e respaldo para a doutrina do sigma. Esse ponto foi fundamental para a mescla entre as idéias integralistas e as idéias dos pensadores brasileiros que foram analisados.

A obra máxima de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, representou para Plínio Salgado a descoberta do Brasil interiorano, abandonado, destoante dos grandes centros. O confronto entre sertão e litoral foi um dos elementos mais mencionados pelos primeiros comentadores da obra como uma significativa contribuição de Euclides para elucidar aspectos da realidade nacional. As apropriações de Salgado, e de outros intelectuais de seu tempo, como Cassiano Ricardo, não foram diferentes, até porque o líder integralista sempre deixou clara a sua referência no pensamento euclidiano.

No entanto, embora houvesse esse ponto em comum, Plínio Salgado fez alguns acréscimos à idéia de confronto entre sertão e litoral exposta na obra *Os Sertões*. Em nenhum momento Euclides da Cunha idealizou o sertão. Ao contrário, o sertanejo é que era um forte por resistir às dificuldades impostas pelo meio físico. Para Salgado, o sertão era o lugar onde a inocência ainda se guardava, em que imperavam as esperanças futuras. Um lugar livre das nefastas influências das grandes cidades, as quais se abririam para toda a espécie de males oriundos do estrangeiro.

O determinismo (ciência) foi o fator preponderante na escrita do autor de *Os Sertões*, enquanto a intuição (espírito) foi o fator de maior relevância para Salgado. Exemplo disso é a caracterização dos personagens de Plínio Salgado no romance *O estrangeiro*, em que Juvêncio era o “destinado à felicidade”, pois achara a nacionalidade em contato com a terra, com o sertão, enquanto Ivã, apesar de enriquecer, não encontrou o significado de sua existência com sua mentalidade cosmopolita. Nesse sentido, para Salgado, o verdadeiro “espírito” (a satisfação interior) se encontraria no sertão e não no litoral.

O líder integralista deixava clara essa rejeição pelo cientificismo de Euclides da Cunha, mas não perdia a oportunidade de exaltar a obra e a biografia do intelectual. Em relação à figura do autor de *Os Sertões*, Salgado somava o mérito de grande escritor ao suposto valor moral do mesmo, exaltando-o como um “herói da pátria”. E mais: segundo o Chefe dos camisas-verdes, se o pensador estivesse vivo, seria integralista, bem como Alberto Torres e Farias Brito.

Um sintoma da apropriação da figura de Euclides por Plínio Salgado em consonância com o movimento verde-amarelo foi a comparação do escritor com Machado de Assis. A mesma comparação de ambos intelectuais foi feita anos depois por Cassiano Ricardo, uma evidência da sociabilidade de idéias presente naquela corrente modernista, em que participaram além de Salgado e Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho.

Motta Filho foi quem melhor descreveu a retomada de Alberto Torres por sua própria geração. No livro prefaciado por Plínio Salgado, *Alberto Torres e o tema de nossa geração*, o autor apresentava uma apropriação da obra torreana em consonância com Salgado. Ambos apontavam algumas restrições às idéias do intelectual fluminense, especialmente ao que concernia à proposta de organização do Estado dentro da ordem liberal.

Embora houvesse uma retomada das obras de Alberto Torres, na década de 1930, os intelectuais daquela geração seguidamente chamavam a atenção para supostos equívocos do autor de *O problema nacional brasileiro*. Além de Motta Filho e Salgado, pensadores como Oliveira Vianna e Tristão de Athayde teciam elogios, ao mesmo tempo em que corrigiam as idéias do intelectual fluminense.

É certo que havia também concordâncias entre os pensamentos de Torres e Salgado. O líder camisa-verde aproximava-se de Alberto Torres no tocante ao ideal de raça,

concordando com ele em relação à idéia de que o homem brasileiro não seria inferior a nenhum outro. Também estavam de acordo quanto ao nacionalismo, representado na noção de evidenciar os reais problemas do País. Além disso, ambos eram a favor de um poder coordenador e verticalizado. Mesmo assim, apesar das tentativas de comparar o pensamento de Alberto Torres com o integralismo, Plínio Salgado não conseguiu esconder as divergências com o autor.

Um dos pontos de divergência foi na maneira como era vista a religião. Para Salgado, o elemento religioso deveria estar presente na organização política da nação, enquanto que, para Torres, dever-se-ia separar a religião do Estado. Além disso, como já destacamos, outra discordância foi a idéia da forma de implantação do Estado centralizado, o qual deveria ser instituído dentro da ordem liberal para o intelectual fluminense.

Somado a isso, é relevante lembrar que os estudos que se debruçam sobre os pensamentos de Alberto Torres e Plínio Salgado nos dão subsídios para distingui-los, respectivamente, segundo as noções de autoritarismo e de totalitarismo. As características proeminentes do autoritarismo no ideário torreano ficavam por conta de um maior conservadorismo, diferente do caráter revolucionário presente no conjunto das idéias de Salgado. O racionalismo do intelectual fluminense aproximava-se muito mais de Miguel Reale, um autor que exprimia também conceitos de ordem conservadora.

No pensamento do líder integralista percebia-se um irracionalismo intuitivo, semelhante à introspecção interior proposta por Farias Brito, com o propósito de se estabelecer contato com o sentido espiritual. Tal irracionalismo foi transmitido pela obra do filósofo cearense a Plínio Salgado através da noção de intuição em Henri Bergson, autor que foi referência aos teóricos, oriundos da França e da Itália, que serviram de inspiração ao fascismo.

Ao lado da intuição a idéia de uma finalidade superior do homem, calcada em suas atividades espirituais, teve uma importância significativa para o integralismo de Salgado. A partir daí, o líder integralista relacionou essa finalidade espiritual ao contraponto da idéia material. O materialismo criticado por Plínio Salgado era lido na obra britânica e relacionado com o materialismo comunista, encadeamento que Farias Brito nunca construiu, mesmo porque ele faleceu antes da consolidação do novo regime soviético.

Da mesma forma que nos casos anteriores, as discordâncias de Plínio Salgado com esse intelectual iam ao encontro das posições ostentadas por certos pensadores de sua geração que se apropriaram das idéias do filósofo. Esse grupo se constituiu em torno do

Centro D. Vital e realizou a leitura do autor conforme a interpretação do fundador do Centro: Jackson de Figueiredo.

Esse intelectual, autor da obra *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* reconhecia sua divergência em relação ao filósofo, a quem prestava grande respeito e admiração, mas cuja obra era julgada como desprovida do elemento que Figueiredo considerava indispensável: o cristianismo. Da mesma maneira, Plínio Salgado absorvia a intuição do intelectual cearense, mas acrescentava a ela o ideal cristão, indo ao encontro da apropriação feita do pensamento do filósofo por Jackson de Figueiredo, estando em perfeita sintonia com a utilização da obra e da biografia de Farias Brito feita pelos intelectuais do grupo Dom Vital.

Há de se destacar também que a apropriação em conjunto dessa tríade de pensadores não foi restrita a Plínio Salgado. Autores como Licínio Cardoso e Tasso da Silveira também mencionavam os três intelectuais como uma espécie de síntese. Esse é mais um indício de que as principais referências nacionais de Salgado não se limitavam à citada tríade de autores, e sim, abrangiam em maior medida, os intelectuais das décadas de 1920 e 1930 que também fizeram a leitura das obras de Euclides da Cunha, de Alberto Torres e de Farias Brito.

Tal apropriação, também, não seguiu apenas uma orientação, porque as idéias estão condicionadas ao ambiente em que são criadas e ao receptor que as recria. Por essa razão o pensamento dos intelectuais caros ao Chefe dos camisas-verdes, na década de 1930, foi transformado e recriado, condicionado ao contexto histórico brasileiro e ao contexto europeu com a ascensão dos novos modelos políticos autoritários, ajudando a dar um sentido nacional à doutrina liderada por Plínio Salgado. Da mesma maneira, esse pensamento teve de ser repensado no cenário pós-guerra. Além disso, os elementos próprios presentes em determinados meios da geração do líder integralista é que parecem ter propiciado a apropriação particular das obras pertencentes à tríade dos intelectuais mencionados, sugerindo que a interpretação dada pela geração de Salgado às idéias de Euclides, Torres e Farias Brito teve mais peso em seu pensamento do que as próprias obras dos referidos pensadores.

6. APÊNDICE

A apropriação dos intelectuais brasileiros no movimento integralista

Ultrapassando o espaço restrito às obras do líder da AIB, os intelectuais brasileiros apropriados por Plínio Salgado serviram como subsídio teórico para a doutrina integralista em outros meios de disseminação do movimento. Apesar das diferenças entre os intelectuais mencionados e o pensamento do líder camisa-verde, as semelhanças que havia entre as obras dos autores e os elementos defendidos na doutrina do sigma eram amplamente exploradas na imprensa da AIB. Os colunistas que escreviam para os jornais integralistas seguidamente embasavam suas opiniões sobre política, economia, raça e religião com idéias oriundas de Alberto Torres, Farias Brito, Euclides da Cunha e de autores contemporâneos à época, como Oliveira Vianna e Tristão de Athayde. Além disso, excertos das obras dos “intelectuais mortos” eram comumente expostos nas revistas e nos jornais da AIB.

Até o momento, havíamos privilegiado a apropriação dos intelectuais nas obras de Plínio Salgado. Contudo, julgamos que é importante mostrar, ainda que por meio de uma breve noção, como os citados pensadores brasileiros apareciam na propaganda doutrinária da AIB. Mesmo que, nesse instante, estejamos no apêndice do trabalho, a seguinte amostra serve como uma justificativa e como um atestado da relevância da utilização daqueles intelectuais brasileiros pelos integralistas. Além disso, este acréscimo elucidada um pouco mais o uso feito deles, através da manipulação de suas idéias e de suas biografias pelo líder camisa-verde, e a relação da apropriação dos mesmos articulada com a doutrina da AIB.

Um exemplo muito ilustrativo da prática alusiva à utilização dos intelectuais brasileiros na Ação Integralista Brasileira pode ser observado na revista *Panorama*. Entre os anos de 1936 e 1937, a AIB dispunha de duas revistas de circulação nacional destinadas a públicos distintos. Além da revista *Panorama*, os integralistas publicavam uma revista

chamada *Anauê!*. Essa última, de característica quase oposta à primeira, reunia grande propaganda anticomunista, mostrava muitas ilustrações e era escrita de maneira simples e direta, evidenciando a feição mais popular do periódico, direcionado claramente para as grandes massas.²⁶⁶ Uma curiosidade interessante nessa revista é notar como, por vezes, apareciam pequenos “plinianos”, parentes de grandes personalidades brasileiras, como uma forma de prestigiar o movimento. A figura de Euclides da Cunha foi utilizada, através de seu neto, como um sinal de que os descendentes dos “heróis” seguiriam o exemplo virtuoso de seus progenitores quando aderissem ao integralismo.²⁶⁷

Já a revista *Panorama* se destinava ao público letrado. Nela apareciam textos e idéias dos integralistas, mesclados a artigos de pensadores não integralistas, mas autoritários e conservadores, contemporâneos ou não ao movimento dos camisas-verdes. As discussões registradas nesse periódico abrangiam temas como “concepção de Estado governamental”, “origens do povo brasileiro”, “espiritualidade”, “história brasileira” e a questão da “nacionalidade”. Nesse aspecto, a revista tinha um caráter menos popular que a revista *Anauê!*, tratando questões de maior densidade e que exigiam dos leitores uma certa “bagagem” de cultura.

Em seu primeiro número, a revista *Panorama* destacava um espaço chamado *Mentores da Nacionalidade*, tendo a seguinte nota explicativa: “Páginas dedicadas às grandes figuras de pensadores brasileiros, há muito desaparecidos do cenário nacional e que devem ser lembrados pelos ensinamentos e previsões que nos deixaram”. A primeira “grande figura” contemplada nesse espaço foi Alberto Torres, através de um excerto retirado de *O Problema Nacional Brasileiro*, que discutia a situação do proletariado no Brasil e a suposta ilusão do regime democrático de sua época. Tema que, evidentemente, ia ao encontro das pretensões integralistas de denunciar uma “falsa democracia”, a qual estaria em voga no Brasil. Em números posteriores, foram também apresentados textos de Torres versando sobre os benefícios de um Estado forte, planejado, dirigido por um líder igualmente forte.²⁶⁸ Ou seja, reflexões que se aproximavam dos ditames expressos na doutrina integralista.

²⁶⁶ A revista *Panorama* foi um periódico mensal de circulação nacional. Suas edições foram de 1936 até 1937. A revista *Anauê!* teve vida mais longa: foi editada de 1935 a 1937.

²⁶⁷ Ver anexo: foto do neto de Euclides da Cunha, vestindo a camisa-verde. *Anauê!*, Rio de Janeiro, setembro de 1936, nº 12, p. 5.

²⁶⁸ Ver especialmente os números 3, 8 e 13 da revista, em que o pensamento do intelectual fluminense foi novamente posto à mostra.

As palavras de Euclides da Cunha também tiveram sua vez no espaço reservado aos *Mentores da Nacionalidade*, no segundo número da revista. Em trecho retirado de *Os Sertões*, nos poucos parágrafos escolhidos, mostrava-se um Euclides otimista com o futuro da raça brasileira, a qual estava relacionada à “evolução social” do país. Além disso, havia o destaque para a variedade étnica que compunha essa raça:

O assunto assim vai derivando multiforme e dúbio. Acreditamos que isto sucede porque o espaço essencial destas investigações se tem reduzido à pesquisa de um tipo étnico único, quando há, certo, muitos. Não temos unidade de raça. Não teremos, talvez, nunca. Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. A nossa evolução biológica reclama a garantia de evolução social.²⁶⁹

Esse excerto é parte de um sub-capítulo de *Os Sertões* intitulado “Complexidade do problema etnológico do Brasil”, que antecede a explicação sobre o homem do sertão, por parte de Euclides da Cunha. Era um enfoque pertinente aos integralistas, porque o texto sugeria que o cruzamento de raças levaria à unidade racial, a qual conduziria o Brasil a um destino mais promissor quanto ao desenvolvimento social. Idéia próxima a de Plínio Salgado quando idealizava a composição do brasileiro representada pela mistura do índio, do negro e do branco, embora saibamos que o pensamento de Euclides primava pelo determinismo do meio e da raça e o de Salgado romantizava esses elementos, expressando um ideal finalista e intuitivo presente nos mesmos.

O filósofo Farias Brito também foi utilizado no segundo número de *Panorama* com um pequeno recorte que ilustrava a presença do espírito em sua filosofia. Porém, mais do que isso, o texto era um trecho de *O Mundo Interior*, preferido de Plínio Salgado, que já o havia citado, resumidamente, em duas de suas obras, *A Quarta Humanidade* e *A Doutrina do Sigma*. O excerto do filósofo cearense dizia: “Ouve-se como que o ruído de uma música distante, a harmonia longínqua de um canto de guerra, como anunciar a invasão de um exército salvador”.²⁷⁰

Em suas obras, Salgado afirmava que esse “exército salvador” era o integralismo e insistia no tom profético da suposta previsão de Farias Brito.²⁷¹ Essa evidência torna claro o fato de que os trechos escolhidos entre os escritos do filósofo eram os sinônimos da preferência do líder camisa-verde. Dessa forma, é patente afirmar que a escolha dos trechos, e mesmo a leitura feita através da revista *Panorama* das obras dos intelectuais

²⁶⁹ *Panorama*, São Paulo, 1936, n. 2, pp. 4-5. Apud: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, op. cit., p. 52.

²⁷⁰ *Idem*, p. 72.

²⁷¹ SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*, op. cit, p. 133 & *A Doutrina do Sigma*, op. cit, pp. 182-183.

brasileiros, era uma interpretação dirigida por Plínio Salgado, ou pelo menos refletia a leitura feita por ele daqueles pensadores.²⁷²

Esses três exemplos estão estampados nos dois primeiros números da revista e são parte de um conjunto de outros que também poderiam ser mencionados. O importante é estar ciente de que os textos dos intelectuais em questão eram objeto de manipulação feita pela AIB e que a leitura dos mesmos era representativa das idéias de Plínio Salgado. Talvez à exceção de Miguel Reale, como vimos no capítulo dois, não houve nenhuma interpretação a respeito desses intelectuais, entre os membros da AIB, que destoasse significativamente das leituras feitas por Salgado.

Ademais, é necessário acrescentar que os intelectuais brasileiros, tanto “os mortos” quanto os pertencentes à geração do líder da AIB cumpriram o papel de “fontes para a doutrina integralista” especialmente no início do movimento, quando os principais teóricos camisas-verdes não possuíam ainda um número significativo de produções escritas próprias. Os pensadores não-integralistas, no entanto, jamais foram dispensados da área doutrinária, mesmo depois que a fileira de obras integralistas começou a crescer, já no início de 1935.

O indício dessa perspectiva pode ser observado no jornal *O Monitor Integralista*, em que se desenhava um quadro de indicações de leituras destinadas aos militantes do movimento do sigma. É possível observar que, ao longo do tempo, os intelectuais que não pertenciam à AIB foram sendo substituídos nas indicações de leitura feitas através do jornal, pelos autores integralistas.²⁷³

²⁷² De modo geral, muitos textos publicados nos periódicos da AIB eram retirados, através de trechos *ipsis litteris*, dos livros de teóricos integralistas, especialmente de Plínio Salgado, sem a citação da fonte. Como observa a professora Rosa Cavalari, ao analisar a imprensa integralista, “com relação à transcrição sem referência à fonte, é importante destacar que, neste caso, evidencia-se o caráter autoritário do movimento. A palavra não precisa ser situada, ela paira acima das contingências de tempo e lugar. Deixa de ser uma fala particular, para ser a fala, o “Verbo”. Representa a voz onipresente da autoridade”. CAVALARI, Rosa M. F. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 97.

²⁷³ Como afirma Rosa Cavalari, a *Bibliografia Integralista* não permaneceu a mesma durante o período em que foi publicado o *Monitor*. Ao contrário, “passou por um processo de alteração, cujo objetivo parece apontar para a necessidade de mantê-la constantemente atualizada. Essa atualização ocorria de duas maneiras: em um primeiro caso, ela se dava de modo a contemplar publicações integralistas mais recentes, isto é, à medida que o Movimento se consolidava e novas publicações a respeito do [integralismo] iam sendo produzidas, estas passavam a ocupar o lugar de obras mais gerais, que serviam, até então, de “subsídios” ao Movimento”. *Idem*, p. 111.

Biblioteca Integralista

Plínio Salgado - Psicologia da Revolução
 - O que é Integralismo
 - Deveres do Integralista
 - O estrangeiro
 - O esperado
 - O Cavaleiro de Itararé
 - Federação e Sufrágio (no prelo)

Alberto Torres – O Problema Nacional Brasileiro
 Alberto Torres – A Organização Nacional
 Alcides Gentil – As Idéias de Alberto Torres
 Gustavo Barroso – Integralismo em Marcha
 Octávio de Faria – Maquiavel e o Brasil
 Octávio de Faria – Destino do Socialismo
 Virgínio Santa Rosa – Desordem
 Virgínio Santa Rosa – O sentido do Tenentismo
 Estudos Integralistas – 1ª Série
 Miguel Reale – O Estado Liberal
 Tristão de Athayde – Estudos, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries
 Tristão de Athayde – Problema da Burguesia
 Tristão de Athayde – Populações Meridionais do Brasil
 Oliveira Vianna – Problemas de Política Objetiva
 Oliveira Vianna – Evolução do Povo Brasileiro
 Tenente Severino Sombra – O ideal Legionário
 Olbiano de Mello – Comunismo ou Fascismo
 Gottfried Feder – As Bases do Nacional Socialismo
 Henry Ford – O judeu Internacional
 – Os Protocolos dos Sábios de Sion
 Leon de Ponsins – As Forças Secretas da Revolução
 Almir B. de Andrade – A Verdade contra Freud

Monitor Integralista, 1ª quinzena de dezembro de 1933, nº 1

Esse quadro, publicado no primeiro número de *O Monitor Integralista*, é a primeira referência das indicações literárias para os militantes camisas-verdes. Nele podemos observar a mistura das obras de pensadores integralistas, como Plínio Salgado e Miguel Reale, de autores nacionais não integralistas, como Alberto Torres e Octávio de Faria, de intelectuais contemporâneos ao movimento, como Oliveira Vianna e Tristão de Athayde e de autores estrangeiros, como Henry Ford. As indicações se alteraram um pouco no final daquele ano e no princípio do ano seguinte:

Livros recomendados aos Integralistas

Plínio Salgado - Psicologia da Revolução
 - O que é Integralismo
 - Deveres do Integralista
 - O estrangeiro
 - O esperado
 - O Cavaleiro de Itararé
 - Federação e Sufrágio (no prelo)

Gustavo Barroso – Integralismo em Marcha
 Miguel Reale – O Estado Liberal (Prelo)
 Oliveira Vianna – Populações Meridionais do Brasil
 Oliveira Vianna – Problemas de Política Objetiva
 Oliveira Vianna – Evolução do Povo Brasileiro
 Tenente Severino Sombra – O ideal Legionário
 Alberto Torres – O Problema Nacional Brasileiro
 Alberto Torres – A Organização Nacional
 Alcides Gentil – As Idéias de Alberto Torres
 Farias Brito – Finalidade do Mundo
 Farias Brito – Mundo Interior
 Farias Brito – Base Física do Espírito
 Farias Brito – A Verdade como Regra das Ações
 Octávio de Faria – Maquiavel e o Brasil
 Octávio de Faria – Destino do Socialismo
 Virgínio Santa Rosa – Desordem
 Virgínio Santa Rosa – O sentido do Tenentismo
 Estudos Integralistas – 1ª Série
 Tristão de Athayde – Estudos, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries
 Tristão de Athayde – Problema da Burguesia
 Motta Filho – O Tema da Nova Geração
 Olbiano de Mello – Comunismo ou Fascismo
 Gottfried Feder – As Bases do Nacional Socialismo
 Henry Ford – O judeu Internacional
 – Os Protocolos dos Sábios de Sion
 Leon de Ponsins – As Forças Secretas da Revolução
 Almir B. de Andrade – A Verdade contra Freud

Monitor Integralista, 2ª quinzena de dezembro de 1933, nº 2 & 2ª quinzena de fevereiro de 1934, nº 5.

Os acréscimos feitos ficaram por conta das indicações dos livros de Gustavo Barroso e de Farias Brito, ausentes no primeiro quadro. Os autores não integralistas eram ainda, a exemplo da relação anterior, agrupados juntamente com os adeptos do movimento. Em publicações posteriores, no entanto, esse quadro se alterou novamente.

Livros Recomendados aos Integralistas

I - Obras Integralistas

Plínio Salgado, O que é o Integralismo
 Plínio Salgado, Psicologia da Revolução
 Plínio Salgado, O Sofrimento Universal
 Plínio Salgado, O Integralismo perante a Nação (no prelo)
 Gustavo Barroso, O Integralismo em Marcha
 Gustavo Barroso, O Integralismo de Norte a Sul
 Gustavo Barroso, Brasil, Colônia de Banqueiros (no prelo)
 Miguel Reale, O Estado Moderno
 Olbiano de Mello, República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil.
 Olbiano de Mello, Comunismo ou Fascismo?
 Vários, Estudos Integralistas - 1 série

II - Principais Subsídios no Brasil

Alberto Torres, O Problema Nacional Brasileiro
 Alberto Torres, A Organização Nacional
 Oliveira Vianna, A Evolução do Povo Brasileiro
 Oliveira Vianna, Populações Meridionais do Brasil
 Oliveira Vianna, Pequenos Estudos de Psicologia Social
 Oliveira Vianna, O Idealismo na Evolução Política
 Oliveira Vianna, O Idealismo da Constituição
 Oliveira Vianna, Problemas de Política Objetiva
 Tristão de Athayde, Introdução à Economia Moderna
 Tristão de Athayde, Preparação à Sociologia
 Tristão de Athayde, Política
 Tristão de Athayde, O Problema da Burguesia
 Pontes de Miranda, Fundamentos Atuais do Direito Constitucional
 Contreiras Rodrigues, Novos Rumos Políticos e Sociais
 Alcides Gentil, As Idéias de Alberto Torres
 Octavio de Faria, Destinos do Socialismo
 Octavio de Faria, Machiavel e o Brasil
 Virginio Santa Rosa, A Desordem
 Virginio Santa Rosa, O Sentido do Tenentismo
 A.A. de Mello Franco, Preparação ao Nacionalismo
 Farias Brito, Finalidade do Mundo
 Farias Brito, Mundo Interior
 Farias Brito, Base Física do Mundo
 Farias Brito, A verdade como regra das ações

Monitor Integralista, ano II, n. 7, agosto de 1934.

A partir do segundo semestre de 1934 os autores integralistas foram separados dos não integralistas, classificados agora como “Principais Subsídios no Brasil”. Nota-se também que foram descartados os autores estrangeiros, presentes até então. Ainda nos primeiros meses de 1935, o *Monitor* passou a recomendar apenas livros de autores integralistas. Contudo foi no segundo semestre daquele ano que o quadro dos livros indicados aos camisas-verdes ganhou uma configuração mais ou menos definitiva, com algumas poucas alterações até a extinção do periódico, em 1937:

Bibliografia Integralista

Iniciação Integralista

Plínio Salgado, O que é o Integralismo
 Gustavo Barroso, O que o Integralista deve saber
 Miguel Reale, Perspectivas Integralistas
 Miguel Reale, ABC do Integralismo
 Ferdinando Martino, Pela Revolução Integralista
 J. Venceslau Júnior, O Integralismo ao alcance
 Vários, Estudos Integralistas (1ª Série)

Filosofia Social e Política

Plínio Salgado, Psicologia da Revolução
 Plínio Salgado, O Sofrimento Universal
 Miguel Reale, O Estado Moderno
 Gustavo Barroso, O Integralismo de Norte a Sul
 Olympio Mourão F., Do Liberalismo ao Integralismo

História e Filosofia da História

Plínio Salgado, A Quarta Humanidade
 Gustavo Barroso, O Quarto Império
 Miguel Reale, Formação da Política Burguesa
 Hélio Vianna, Formação Brasileira

Economia

Miguel Reale, O Capitalismo Internacional
 Gustavo Barroso, Brasil, Colônia de Banqueiros

Para a História do Integralismo

Plínio Salgado, Despertemos a Nação
 Plínio Salgado, Carta aos Camisas-Verdes
 Olbiano de Mello, Razões do Integralismo

Ensaaios Diversos

Plínio Salgado, A Doutrina do Sigma
 Plínio Salgado, Palavra Nova dos Tempos Novos
 Gustavo Barroso, O Integralismo em Marcha
 Gustavo Barroso, A Palavra e o Pensamento Integralistas
 Custódio de Viveiros, Camisas-Verdes
 Olbiano de Mello, República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil.
 Olbiano de Mello, Comunismo ou Fascismo?
 Olbiano de Mello, Concepção do Estado Integralista
 Ovídio da Cunha, Integralismo e Americanidade
 Victor Pujol, Rumo ao Sigma (só a 2ª parte)

Monitor Integralista, RJ., ano III, n. 11, Agosto de 1935.

Nesse momento, como podemos observar acima, além da exclusão de autores não integralistas da relação, as recomendações de leitura eram organizadas por temáticas. Dessa forma, o militante não precisaria mais recorrer aos “subsídios no Brasil”, pois teria à sua disposição um quadro completo que englobaria, além da compreensão do ideário da AIB, noções de “História”, “Economia”, “Filosofia Social e Política”. Em todas essas áreas, se encontravam livros produzidos por militantes integralistas. Essa atualização reflete a

consolidação da doutrina do sigma, a qual poderia, a partir de então, “promover a cultura” apenas com obras escritas por seus correligionários.

No entanto, isso não tirou a importância dos intelectuais brasileiros em estudo para o integralismo, pois os mesmos já estavam incorporados à doutrina. Em certa medida, a utilização dos autores nacionais voltou a ter peso e cumpriu o papel de justificar uma suposta raiz brasileira do integralismo, especialmente quando a defesa da doutrina se tornava mais difícil, depois da derrota dos modelos fascistas europeus na Segunda Guerra. Assim, de 1945 a 1964, o integralismo pôde se sustentar, rechaçando a inspiração fascista, pregando o espiritualismo e o anticomunismo através do Partido de Representação Popular (PRP), sob a liderança de Plínio Salgado. Nesta nova fase, não faltaram referências aos intelectuais brasileiros, que teriam sido os únicos a inspirar o integralismo, conforme a visão de Plínio Salgado:

O Integralismo é uma doutrina independente, sólida, patriótica, humana e não se inspirou em qualquer movimento totalitário. Suas fontes abastecedoras são as obras de Farias Brito, pelo seu espiritualismo, de Euclides da Cunha, pelo contraste revelado entre a civilização litorânea e o vasto interior abandonado, de Alberto Torres, pela crítica realista que faz das instituições baseadas na constituição de 91, de Olavo Bilac, pelo sentimento nacionalista e patriótico, de Oliveira Viana, pelos seus profundos conhecimentos de sociologia.²⁷⁴

Embora retomasse os intelectuais para legitimar a referência nacional do integralismo, Plínio Salgado parece ter mudado de idéia na apropriação que fez da obra de Euclides da Cunha. Na década de 1950, em *A inquietação espiritual na Literatura Brasileira*, o agora líder perrequista descrevia Euclides como um “fanático da ciência”. Assim, na obra euclidiana sentir-se-ia “a superstição dominadora do experimentalismo do século e o misticismo às avessas” que faria da “técnica” a “divindade contemporânea”.²⁷⁵ Salgado sempre disse que descartava o “cientificismo” de Euclides, mas jamais o havia condenado, como nesse momento. No mesmo livro destacava com ênfase as virtudes de Alberto Torres e Farias Brito.

O período pós-guerra não é objeto de nosso estudo, mas lembramos que a apropriação das idéias dos intelectuais brasileiros obedeceu a fases distintas no pensamento de Plínio Salgado, talvez menos por opção unicamente sua e mais por exigência do

²⁷⁴ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 18 de janeiro de 1961; *A Marcha*. Rio de Janeiro: 27 de janeiro de 1961 (reproduzindo a mesma entrevista antes publicada no *Correio da Manhã*).

²⁷⁵ SALGADO, Plínio. *A Inquietação Espiritual na Literatura Brasileira*. In: *Obras Completas*. Volume 17. São Paulo: Editora das Américas, 1956, p. 306.

contexto em que se apresentavam as idéias políticas. Nesse sentido, sempre que houve menção às idéias, por exemplo, de Alberto Torres no período pós-guerra, Salgado não aludia nem ao autoritarismo do autor, nem à concepção de Estado forte. Esse comportamento mostra, claramente, um esforço de se adequar ao pensamento de uma época em que esses intelectuais não repercutiam de uma maneira tão positiva quanto na década de 1930.

Assim, pode-se perceber uma perspectiva paradoxal na apropriação dos intelectuais como uma espécie de prova das referências nacionais do integralismo. Na década de 1930, os mesmos cumpriram um papel importante para o conjunto ideológico da doutrina da AIB; já no período pós-guerra, no momento em que os integralistas mais precisavam daquela referência nacional, aqueles autores eram revisados de modo bastante crítico e, por vezes, esquecidos. Além disso, quando eram lembrados, na maioria das vezes, faziam-se apenas citações nominais, sem uma reflexão mais apurada de suas obras e de seus pensamentos. O integralismo, bem como Plínio Salgado, cumpria, assim, em parte, uma trajetória de dizeres e desdizeres, em uma perspectiva ininterrupta de buscar raízes nacionais e tentar edificar certas brasilidades. O que se percebe, no entanto, é uma doutrina que se modificou no período pós-guerra, tentando camuflar, justamente, suas semelhanças com os regimes estrangeiros rejeitados e derrotados em solo europeu.

7. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. As classificações de Plínio: Uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938. In: *Revista de Ciência Política*. Rio de Janeiro: 21 (3): 161-180, jul./set., 1978.

_____. *In médio virtus: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1988.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. “La notion de génération: usages sociaux et concept sociologique”, *L’homme et la société*, nº 90, XXII année, 1988.

AZÉMA, Jean-Pierre. “La clef générationnelle”, *Vingtième siècle: revue d’histoire*, nº 22, avril-juin 1989.

BARTHES, Roland. Leitura. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

BASTOS, Elide Rugai; RIDENTE, Marcelo; ROLLAND, Denis (Orgs.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

BERGOUNIOUX, Alain. “Généralisations socialistes?”, *Vingtième siècle: revue d’histoire*, nº 22, avril-juin 1989.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2001, v. 21, nº 40, p. 85-105.

_____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCR, 2001.

BILAC, Olavo. *A defesa nacional (discursos)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965 [1ª edição de 1917].

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: PIERUCCI, Antônio F. Oliveira [et al]. 3ª edição. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, V. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

_____. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Matéria e Memória (ensaio sobre a relação do corpo com o espírito)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 5ª edição. São Paulo: UNB, 2004.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1982.

BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS.

BRANDI, Paulo. “Plínio Salgado”. In: ABREU, Alzira e BELOCH, Israel et al. (coords.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (Pós-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, vol. V, pp. 5195-5206.

BURON, Thierry. *Os Fascismos*. 1ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1980.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

CARDOSO, Claudira S. C. *Partido de Representação Popular: política de alianças e participação nos governos estaduais do Rio Grande do Sul de 1958 e 1962*. Porto Alegre:

PUCRS, 1999. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

CAREY, John. *Os intelectuais e as massas*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

CARNEIRO, Márcia Regina S. Ramos. *Memória e integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Niterói: UFF/ICHF, 2002. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano I – A arte de fazer*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHÂTELET, François. *História das idéias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. [1ª edição de 1982]

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A celebração dos 25 anos do integralismo: O caso da Enciclopédia do Integralismo (1957-1961)*. Assis/SP: UNESP, 2002. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UNESP.

CRUZ COSTA, João de. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da USP.

DE FELICE, Renzo. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1976.

DOTTA, Renato Alencar. *O integralismo e os trabalhadores: As relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938)*. São Paulo: USP/FFLCH, 2003. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da USP.

DOTTA, Renato; POSSAS, Lídia; CAVALARI, Rosa (Orgs.). *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1997.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 16ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

_____. O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964) In: GOMES, Ângela Maria de Castro et al. *História Geral da Civilização Brasileira*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. *O Pensamento nacionalista autoritário (1920-1940)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FEBVRE, Lucien. “Généralisations”, *Revue de synthèse historique*, juin 1929.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIELDS, Belden. “Aperçus du problème des générations: Mentré, Ortega et Mannheim”, *L’Homme et la société: générations e mémoires*, nº 111-112, 1994.

FLACH, Ângela. *Os vanguardistas do anticomunismo: o PRP e os perrepistas no Rio Grande do Sul (1961-1966)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). *Karl Mannheim*. São Paulo, Ática, 1982.

FURET, François. *Le passé d’une Illusion*. Paris: Robert Laffont, 1995.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil. Germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.

GERTZ, René; PADRÓS, Enrique S. & RIBEIRO, Luis Dario T. *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB-PRP/ Palmarinca, 2000.

GONZALES, Horácio. *O que são intelectuais*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 3ª edição. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Por uma história ultramontana: Afonso Celso. In: *Intellectus*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003, Ano II, nº 1. Disponível em: <www2.uerj.br/~intellectus/textos/TEXT0 LÚCIA.pdf> Acesso em: 31 de agosto de 2005.

GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o criador do integralismo na literatura brasileira*. Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940. Dissertação de Mestrado, defendida em 22/12/1938 na Ludvig-Maximilian / München.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira (Parte III – O Brasil Republicano): Sociedade e Instituições (1889 – 1930)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

LINZ, Juan. Prefácio à segunda edição. In: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

_____. *O Integralismo e o fascismo internacional*. Porto Alegre: Revista do IFCH - UFRGS, 1980.

LOPES, Marcos Antônio. *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: contexto, 2003.

LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (organizadoras). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A Igreja e o integralismo no Brasil (1932-1939). *Revista de História*, São Paulo, v. 54, nº. 108, out./dez. 1976.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICS, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília

(orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.

MEDEIROS, Jarbas. *A ideologia Autoritária no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MILKE, Daniel. *Integralismo na capital gaúcha: Espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

MILMAN, L. e VIZENTINI, P. *Neo-nazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS)/CORAG, 2000.

MOTTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José M. Gouvêa. “A Igreja na Primeira República”. *In: História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 2. São Paulo: Difel, 1977.

NOLTE, Ernst. *Lês Mouvements fascistes: l’Europe de 1919 à 1945*. Paris: Calmann-Lévy, 1969.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. “Perante o tribunal da história”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o Hinterland: O pensamento modernista de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2005. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da PUCRJ.

PAYNE, Stanley. *História del fascismo*. Barcelona, ed. Planeta, 1995.

PARENTE, Josênio C. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1986.

PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a Revolução Mundial e o Brasil (1922-1935)*. 2ª ed. São Paulo: Cia. da Letras, 1992.

PINSKY, Jaime. O Brasil nas relações internacionais: 1930-1945. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

PRADO, Antonio Arnoni. *1922 - itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A Crise do Poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

_____. A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980. In: A Revolução de 30 (seminário realizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas). Brasília: Editora da UNB, 1982, p. 527-548.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa no fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem Burguesa e Liberalismo Político*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939. In: Boni, Luis de (org.). *A presença italiana no Brasil*. Vol. II. Porto Alegre/Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SIRINELLI, Jean-François. *Intellectuels et passions françaises. Manifestes et pétitions au XX^e siècle*. Paris: Fayard, 1990.

_____. “Génération et histoire politique”, *Vingtième siècle: revue d’histoire*, nº 22, avril-juin 1989.

_____. Génération intellectuelle, Khâgneux et normaliens dans l’entre-deux-guerres. Paris: Fayard, 1998.

_____ Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003 [1988].

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SKINNER, Quentin. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lucia (org.). *As muitas faces da História*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SILVA, Hélio. *1938 - Terrorismo em campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

SOUZA, Francisco Martins de. O integralismo. In: *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro*. Unidade IX e X. Brasília: Editora da UNB, 1982.

STERNHELL, Zeev. *La droite révolutionnaire: origines françaises du fascismo (1885-1914)*. Paris. Ed. Seuil, 1978.

STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. *O nascimento da ideologia fascista*. Lisboa, Liv. Bertando, 1996.

TONINI, Veridiana M. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1957)*. Passo Fundo: UPF, 2003.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.

_____ *O Nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____ *Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

_____ Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (coord.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 3º volume (tomo III). Rio de Janeiro: Difel, 1981.

WINOCK, Michel. “Les générations intellectuelles”, *Vingtième siècle: revue d’histoire*, nº 22, avril-juin 1989.

VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A ordem: uma revista de doutrina política e cultura católica. *In: Revista de Ciência Política*. Rio de Janeiro: FGV, 21 (3):117-160, jul./set., 1978.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

VIEIRA, Evaldo. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1981.

8. FONTES IMPRESSAS

8.1. Obras de Plínio Salgado

SALGADO, Plínio. *A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Editora Verde-Amarelo, 1935.

_____ *A Inquietação Espiritual na Literatura Brasileira. In: Obras Completas. Volume 17.* São Paulo: Editora das Américas, 1956.

_____ *A Quarta Humanidade*. 2^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____ *Carta aos camisas-verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____ *Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____ *Nosso Brasil*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1937.

_____ *O estrangeiro*. São Paulo: Hélios, 1926.

_____ *O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

_____ *O sofrimento universal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1934.

_____ *Páginas de Combate*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1937.

_____ *Psicologia da Revolução*. 2^a edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1935.

_____ *Sentimentais. In: Obras Completas. Volume XX.* São Paulo: Editora das Américas, 1954.

8.2. Obras de Miguel Reale e Gustavo Barroso

BARROSO, Gustavo. *Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

BARROSO, Gustavo. *Integralismo, Fascismo, Nazismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

REALE, Miguel. *O capitalismo internacional*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.

REALE, Miguel. *O Estado Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

8.3. Obras e Estudos Sobre os Intelectuais

ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998.

ATHAYDE, Tristão de. *Estudos*: 1ª série. 2ª edição (1ª ed. de 1926). Rio de Janeiro: Ed. de A Ordem, 1929.

_____ *Política*. Rio de Janeiro: Edição da livraria católica, 1932.

BRITO, Raimundo de Farias. *A base física do espírito*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Inl, 1953.

_____ *Finalidade do mundo*. 1º, 2º, e 3º Volumes. 2ª edição. Rio de Janeiro: INL, 1956.

_____ *Inéditos e dispersos: Notas e variações sobre assuntos diversos*. São Paulo: Editora Grijalbo Ltda, 1966.

_____ *O mundo interior (ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito)*. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

CARDOSO, Licínio (org.). *À margem da História da República*. 2ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

CARVALHO, Laerte Ramos de. *A formação filosófica de Farias Brito*. 2ª edição. São Paulo: Saraiva/USP, 1977.

CRUZ COSTA, João de. *A filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2002 [1ª Edição de 1902]

ESTEVES, Fernando Segismundo. Venâncio filho, Fernando de Azevedo e Euclides da Cunha. In: *Revista da Faculdade de Educação (São Paulo)*. São Paulo: Vol. 20, n. 1/2 (jan./dez. 1994), p. 52-72.

FÉLIX, Loiva Otero. *O modelo político de Alberto Torres*. Porto Alegre: UFRGS, 1977. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS.

FIGUEIREDO, Jackson de. *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito: profissão de fé espiritualista*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1916.

FREYRE, Gilberto. Um mestre sem discípulos. In: *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GENTIL, Alcides. *As idéias de Alberto Torres*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. Atualidade de Farias Brito. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, vol. 35, n.144 (out./dez. 1986), p. 293-302.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginação no ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARSON, Adalberto. *A ideologia nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo: Duas cidades, 1979.

MATTOS, Carlos Lopes de. *O pensamento de Farias Brito: sua evolução de 1895 à 1914*. São Paulo: Herder, 1962.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil (1930/1945)*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 1978.

MEDEIROS, Mario Ferreira de. *Alberto Torres*. Porto Alegre: A Nação, 1941. Coleção Heróis Brasileiros.

_____. *Alberto Torres e a revolução de São Paulo*. Porto Alegre: Globo, 1934.

MENEZES, Djacir. *Evolucionismo e positivismo na crítica de Farias Brito*. Fortaleza: Imprensa Universitária / UFC, 1962.

MOTTA FILHO, Cândido. *Alberto Torres e tema de nossa geração*. Rio de Janeiro: Schimidt, 1931.

NOGUEIRA, Alcântara. *Farias Brito e a filosofia do espírito*. São Paulo: Freitas Bastos, 1962.

NUNES, Benedito. *Farias Brito: Trechos escolhidos*. Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro: AGIR, 1967.

RABELLO, Sylvio. *Farias Brito ou uma aventura do espírito*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste*. Volume II. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959.

RICARDO, Cassiano. *Viagem no Tempo e no Espaço: Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.

SERRANO, Jônathas. *Farias Brito: o homem e a obra*. São Paulo: Nacional, 1939.

SILVEIRA, Tasso da. *Estado corporativo*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1937.

SIMÕES, Teotônio. *Repensando Alberto Torres*. São Paulo: Semente, 1981.

SABÓIA LIMA, A. *Alberto Torres e sua obra*. São Paulo: Editora Nacional, 1935.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Presença de Alberto Torres: Sua vida e pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

STURM, Fred Gillette. “O significado atual do pensamento britânico”. In: *Anais do IV Congresso Nacional de filosofia*. São Paulo/Fortaleza, IBF-MEC, 1962.

TORRES, Alberto. *A organização nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. [1ª Edição de 1914]

_____. *Problema nacional brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. [1ª Edição de 1914]

VIANNA, Oliveira. *Raça e Assimilação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

WEBER, Thadeu. *A filosofia como atividade permanente em Farias Brito*. Canoas: La Salle, 1985.

8.4. Jornais

- *A razão*, São Paulo, 1931.
- *A ofensiva*, Rio de Janeiro, 1934 a 1937.*
- *Monitor integralista*, Rio de Janeiro, 1933 a 1937.*

8.5. Revistas

- *A Ordem*, Centro Dom Vital, Rio de Janeiro, 1934 e 1937.
- *Anauê!* Editor Sigma Jornais Reunidos, Rio de Janeiro, 1936 - 1937.*
- *Cadernos da Hora Presente*, RJ / SP / BH, 1939 – 1941.

- *Panorama*, “Coletânea Mensal do Pensamento Novo”. São Paulo: 1935 – 1936.*

* Periódicos Integralistas.

9. ANEXOS

9.1. Anexo 1

"ANAUE!" — Setembro de 1936

5



Ahi está, de camisa-verde, o netinho de Euclides da Cunha, que honra a memoria de seu avô juntamente com os netos de Ruy Barbosa, Floriano, Caxias, Juvenal Galeno e tantos outros heroes da Patrial

O Brasil precisa de você!

Cartões postaes em polychromia para correspondencia entre os "camisas-verdes".

A revista, "Anauê!", em cujo studio foi feito pelo companheiro Thompson o bello cartaz publicado neste numero, resolveu reproduzil-o em cartão postal a QUATRO CORES, collocando-o, por preço insignificante, ao alcance de todos os camisas-verdes interessados na propaganda do nosso Movimento.

Esses cartões estão á venda na redacção da revista, á razão de \$200 cada um, havendo um desconto especial de 30 % para as pessoas ou para os nucleos que adquirirem quantidade não inferior a 5 milheiros, e de 20 % para menor quantidade.

Os pedidos só serão attendidos quando acompanhados da respectiva importancia, em cheque ou vale postal, ao director-gerente

Casa Gomes

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

COMPLETO SORTIMENTO DE CANETAS TINTEIRO — AS MAIS MODERNAS — EXECUTAMOS QUALQUER TRABALHO TYPOGRAPHICO COM URGENCIA. OS MELHORES PREÇOS — CARTÕES DE VISITA COM SIGMA

VIDIGAL & Cia.

RUA SETE DE SETEMBRO, 53

Telephone 23-2333

RIO DE JANEIRO

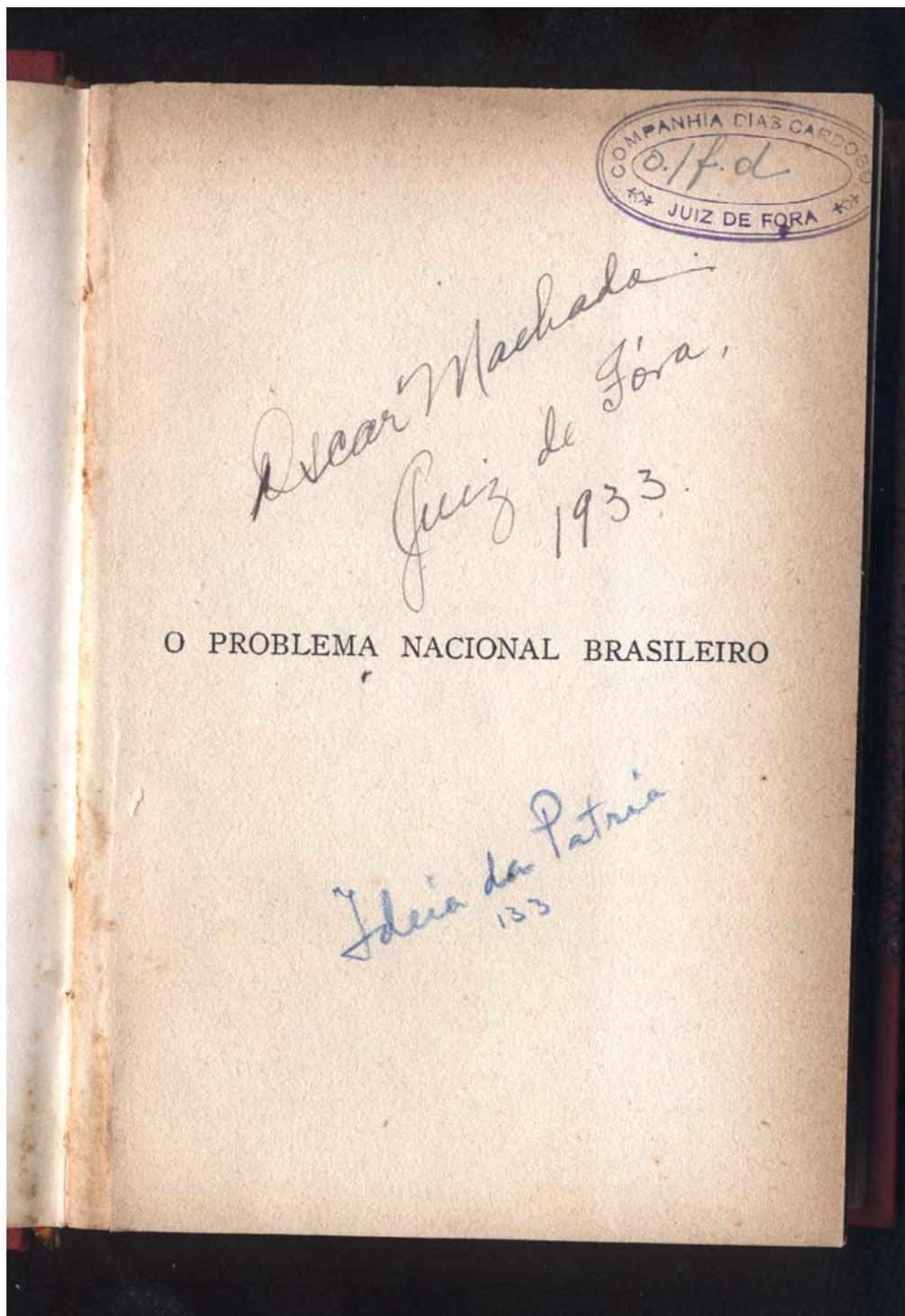
Leo L. Monteiro

Rua do Carmo, 29

Rio de Janeiro

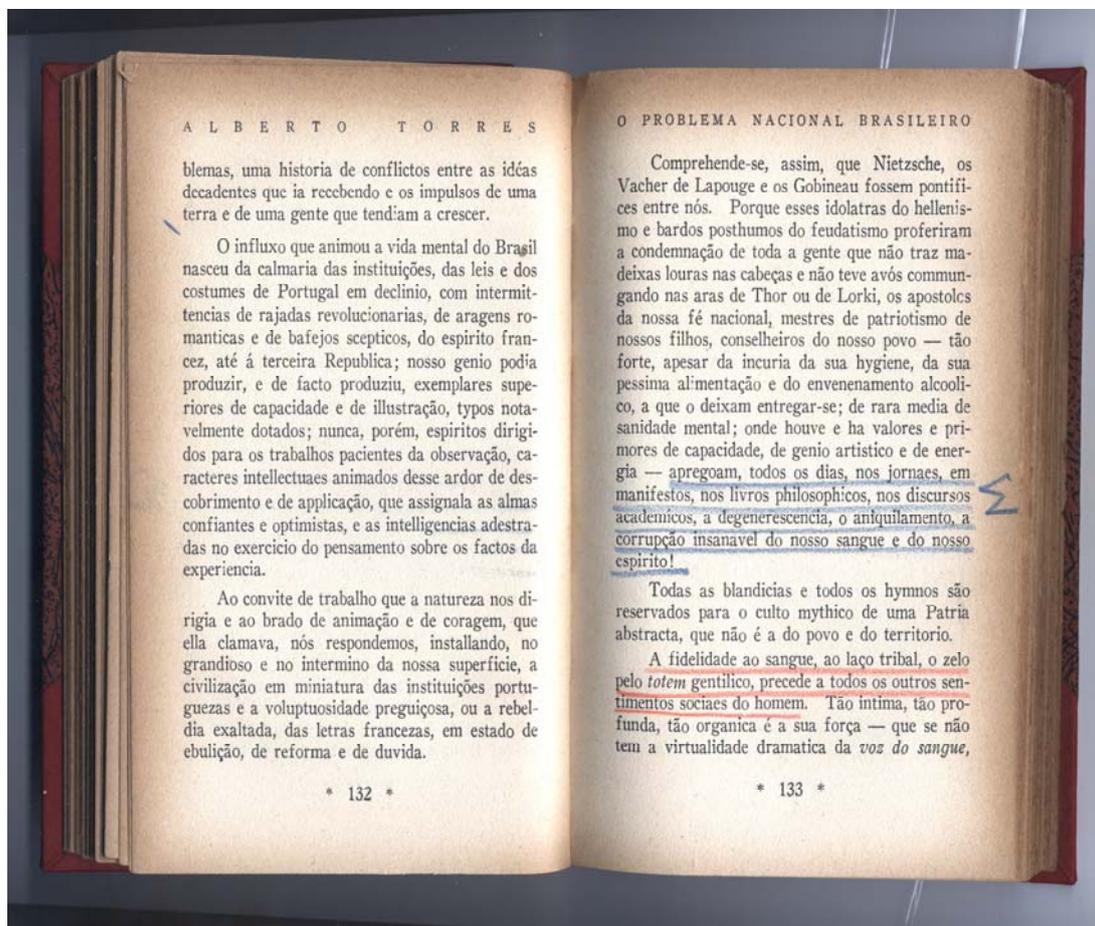
Nota: Acima, à esquerda, foto do neto de Euclides da Cunha, de camisa-verde. Fonte: *Anauê!*, Rio de Janeiro, setembro de 1936, nº 12, p. 5.

9.2. Anexo 2



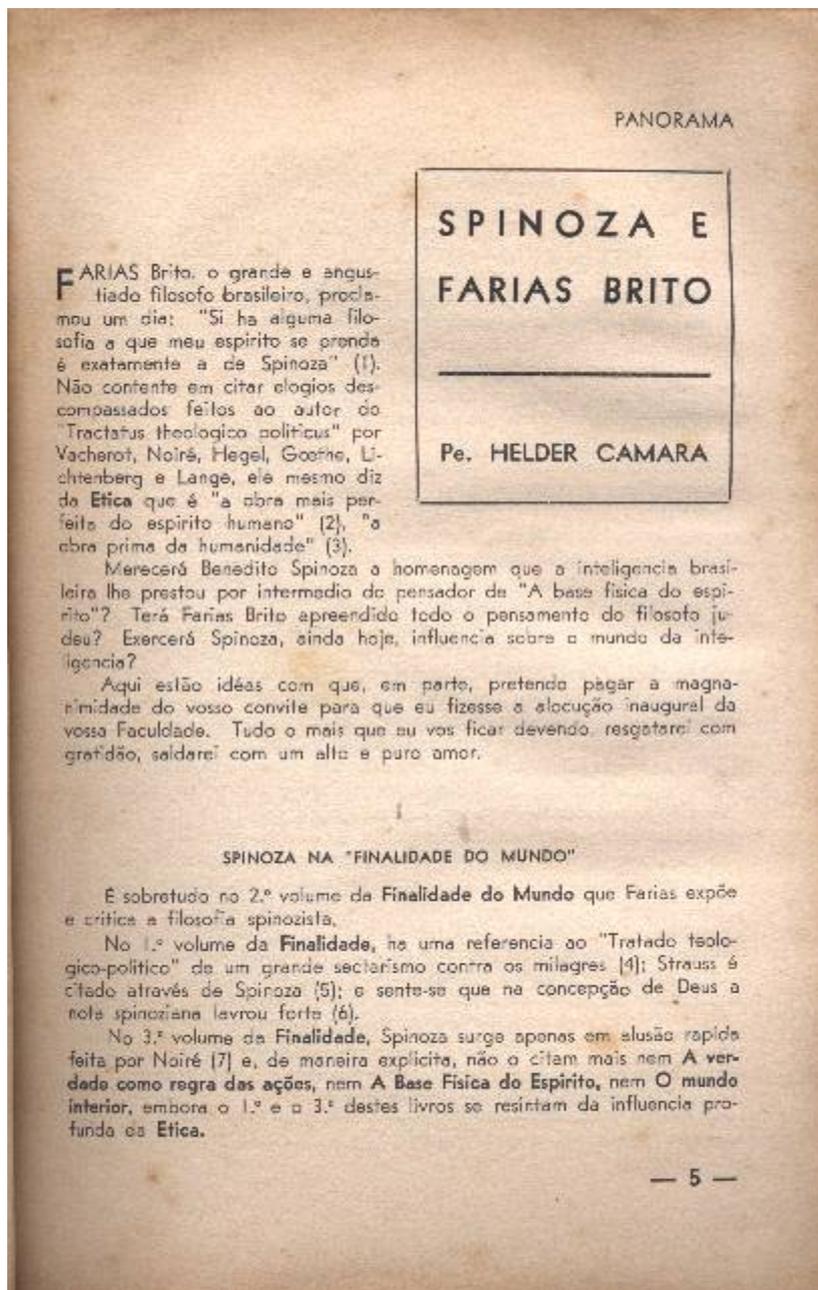
Nota: Livro de Alberto Torres, *O Problema Nacional Brasileiro*, rabiscado pelo integralista gaúcho Oscar Machado. Na folha de rosto, vê-se a anotação “Idéia de Pátria (página) 133”. Exemplar do CD-AIB/PRP, doado por Beatriz Machado.

9.3. Anexo 3



Nota: Dois documentos em um: reedição de *O Problema Nacional Brasileiro*, em 1933, e o vestígio deixado pelo integralista gaúcho Oscar Machado, relacionando a “Idéia de Pátria” integralista ao pensamento de Torres, indicada na folha de rosto (ver figura anterior), grifada e assinalada com um “sigma” na página 133.

9.4. Anexo 4



Nota: Artigo do Pe. Helder Câmara na Revista Integralista *Panorama*, descrevendo suas impressões sobre o pensamento de Farias Brito. *Panorama*, Rio de Janeiro, 1937, nº 13, p. 5.

9.5. Anexo 5

Mentores da Nacionalidade

PÁGINAS DEDICADAS AS GRANDES FIGURAS DE PENSADORES BRASILEIROS, HÁ MUITO DESAPARECIDOS DO SCENARIO NACIONAL, E QUE DEVEM SER RELEMBRADOS PELOS ENSINAMENTOS E PREVISÕES QUE NOS DEIXARAM.

UNIDADE NACIONAL, QUESTÃO CULMINANTE DO NOSSO FUTURO

PARA documento desta natureza política oferece um quadro extremamente expressivo a base das nossas organizações partidárias e políticas locais. Sobre a influência dos conselhos eleitorais das aldeias e que se a pyramide das colligações transmittidas de interesses políticos, mais fracas a representação dos Estados, dependentes dos estratos interesses locais; tenues, no governo da União, subordinado ao arbitrio e capricho dos governadores.

Fóra da sociedade official, onde senadores, deputados, governadores, e os grandes homens da politica mantêm relações frequentes — sujeitos, aliás, ás fluctuações e crises das rivalidades — e além das relações commerciaes, cada vez mais limitadas com a emancipação dos portos e praças dos Estados que abram relações directas com o estrangeiro e se constituam em emporios independentes de exportação e importação, as relações propriamente sociaes,



ALBERTO TORRES

mortidas, em toda parte, ao interesse das pessoas entre as provincias e a capital da peña, diminuem sensivelmente. De certo filho do país para o norte, os homens de fortuna frequentam mais assiduamente a Europa do que o Rio de Janeiro; os grandes proprietarios de S. Paulo vão a Paris de dois em dois annos e mal conhecem a nossa capital; muitos riograndenses a matogrossenses tratam com Buenos-Aires e Montevideo relações mais intimas do que com a nossa cidade.

Diante deste quadro, o problema da UNIDADE NACIONAL APRESENTA-SE COMO A QUESTÃO CULMINANTE DO NOSSO FUTURO. No entanto, é curioso notar, este problema quasi se não define mostra-se apenas aos mais indagadores, no trem da nossa vida: é que a illusão da unidade politica obnubra-nos a vista á realidade da desunião moral, social, e economica.

Nota: Texto de Alberto Torres publicado no espaço da revista *Panorama* intitulado “Mentores da Nacionalidade”, em que eram recuperadas as idéias dos intelectuais já falecidos. Acima, logo abaixo do título, era descrita a intenção expressa no conteúdo do texto publicado: “Páginas dedicadas às grandes figuras de pensadores brasileiros, há muito desaparecidos do cenário nacional, e que devem ser lembrados pelos ensinamentos e previsões que nos deixaram”. *Panorama*, Rio de Janeiro, 1936, nº 8.